

POR UMA INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DE UM URBANO INTERIOR

FLÁVIA SILVA DE SOUZA





UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



FLÁVIA SILVA DE SOUZA

**POR UMA INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DE UM
URBANO INTERIOR**

Salvador

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

**POR UMA INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DE UM
URBANO INTERIOR**

FLÁVIA SILVA DE SOUZA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Geociências, da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito do grau de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa.

Salvador

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologias Prof. Omar Catunda, SIBI – UFBA.

S729 Souza, Flávia Silva de

Por uma interpretação fenomenológica de um urbano interior.
/Flávia Silva de Souza. – Salvador, 2024.

290 f.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa

Tese de (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia,
Instituto de Geociências, 2024.

1. Geografia. 2. Geografia Urbana. I. Serpa, Angelo
Szaniecki Perret. II. Universidade Federal da Bahia. III. Título.

CDU 911

TERMO DE APROVAÇÃO

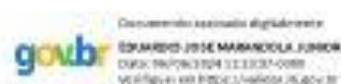
BANCA DE DEFESA - TESE

**POR UMA INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA
DE UM URBANO INTERIOR**

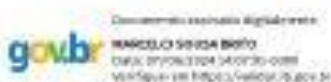
FLÁVIA SILVA DE SOUZA



Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa (Orientador/Presidente)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Dr. Eduardo Marandola Júnior
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)



Dr. Marcelo Sousa Brito
Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Dra. Patricia Chame Dias
Secretaria de Planejamento (SEPLAN-BA)/Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Dra. Juliana Maddalena Trifilio Dias
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Aprovada em Sessão Pública 05 de junho de 2024.

EPÍGRAFE

RUA DO MUNDO

A Eucanaã Ferraz

Uma rua no mundo
é minha. Toda rua
tem um mundo que é seu.

Quando o mundo
na rua caminha, a rua
sozinha

sou eu. Na rua
e no mundo,
procuro o que é meu
(Victor Loureiro – 2010)

AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma expressão terna e profunda de uma ação intersubjetiva e, já que é assim, vou expressar nas próximas palavras, o quão sou grata as pessoas que me proporcionaram uma troca imprescindível para a feitura desta tese. Antes de pensar em um tema ainda em 2018, algumas pessoas já estavam ali, produzindo situações de abrigo para que eu pudesse dizer – “vou escrever uma tese”. Por isso e por tanto, agradeço às pessoas da minha família, aos professores e às professoras, aos amigos e às amigas e àquelas pessoas que destinaram um pouco do seu tempo para conversar comigo sobre suas experiências.

Agradeço a Jana, meu amor e minha companheira de vida, com quem compartilho as angústias e as alegrias do viver. Foi meu alicerce para seguir realizando este trabalho. Partilhou comigo tantos momentos vividos e também a sua criatividade, já que me presenteou os croquis feito à mão, os quais permitiram ludicidade ao meu texto. Sou grata por sua existência e por seu amor!

Agradeço ao meu pai – Hunaldo, por sua presença em minha vida inteira, por seus esforços para me oferecer uma vida digna e por ter sido um dos incentivadores para minha formação. Por me dizer: “vá lá e estude” e assim eu fiz. Sou extremamente grata a Alice (Licinha), minha segunda mãe, por todo carinho e preocupação dedicada a mim ao longo da minha vida. Agradeço a minha mãe – Doralice por sua existência e por ter me dado a vida. Essas três pessoas são as responsáveis por parte da pessoa que sou.

Aos meus irmãos e irmãs (Márcio, Marcelo, Rebeca, Raabe, Raiane e Ronnie) também expressei minha gratidão, pois, mesmo seguindo caminhos diferentes, já que cada um (a) traçou a sua trajetória dentro das condições possíveis, eles (as) também são parte da minha história. Faço um agradecimento especial às minhas irmãs caçulas (Lais e Larissa), porque com elas aprendi as travessuras, o amor e as responsabilidades da vida. Agradeço a Jailza, Jarilma e Rivam pelas conversas, pelas trocas e pela amizade de uma vida inteira. Ao meu sobrinho Arthur e a minha sobrinha Cecilia por compartilhar comigo os momentos de brincadeira e descontração. Sou grata à minha família.

Além da minha família, também celebro outros significativos encontros e, em um desses acasos da vida, encontrei Angelo Serpa, ainda no quarto semestre da minha graduação em Geografia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). A partir daquele momento a minha vida acadêmica

ia mudar em uma proporção que eu não imaginava. Angelo me ensinou, no sentido mais profundo, a viver a Geografia. Não bastava estudar, era necessário viver e sentir esta ciência tão fundamental para o nosso existir. Angelo me fez aprender uma Geografia vivida, pois me apresentou os caminhos, a partir de inúmeras leituras e da Pesquisa-Ação ativa. Por tudo isso, é o meu professor.

Agradeço as amigas Caroline Vaz e Renata Silva por compartilhar as agonias e alegrias de viver um processo formativo como esse, já que partilhamos de muitas leituras, debatemos, ficamos confusas e seguimos confiantes na continuidade dos nossos trabalhos científicos. Às amigas, Patrícia Ponte, Patrícia Pena, Aline, Arlene, Jessica, Edilaine, Dolores e Romária e aos amigos Cleber, Leonardo, Bruno Lourenço, Célio e Caê pela escuta durante os meus muitos desabafos e pelo incentivo para a continuidade das reflexões.

A Flávia, Priscila, Amanda e Tiago agradeço pelas andanças pelas cidades estudadas, nas quais foram apresentando aspectos importantes de suas próprias trajetórias associadas às histórias dessas cidades que também são suas. Agradeço também às vizinhas – Juceli, Elizete e Eliete pelo acolhimento, cuidado e atenção em muitos momentos, desde que cheguei em Santa Inês.

Sou grata a todos e todas os (as) integrantes do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação pelos momentos de estudo; agradeço à Universidade Federal da Bahia (UFBA) por todos os anos de aprendizagem; e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IF Baiano Campus Santa Inês pelo afastamento para a realização do doutorado.

Agradeço à banca examinadora – Patrícia Chame Dias, Marcelo Sousa Brito, Eduardo José Marandola Jr. e Juliana Maddalena Trifilio Dias pela orientação e direcionamentos assertivos, os quais foram imprescindíveis para a minha condução e decisão sobre os caminhos e os alinhamentos que procurei seguir ao longo desses anos de campo e escrita.

Uma gratidão imensurável às pessoas que me concederam as entrevistas, os momentos de conversas e o tempo dedicado a me ouvir e compartilhar suas experiências comigo...

RESUMO

A escrita desta tese foi inspirada em existências, narrativas vividas e escuta atenta, as quais são conectadas ao meu ser-e-estar-no-mundo. Neste sentido, busquei histórias de vida inerentes a realidade geográfica. As experiências, histórias e movimentos vividos foram interpretados a partir das relações interpessoais dos (das) habitantes das cidades de Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês, localizadas no Vale do Jiquiriçá – Bahia. As trocas intersubjetivas construídas no contexto das relações produziram questionamentos: é possível traçar reflexões que permitam alcançar o urbano interior, através da emoção, da imaginação e da admiração? É possível delinear este urbano a partir de geograficidades performáticas? Como conduzir a investigação para a identificação de performances geográficas? Como viver, sentir e captar, reflexivamente, esse urbano? Como as ações corporais ocorridas no cotidiano expressam uma leitura fenomenológica da vida urbana? A metodologia aplicada para alcançar estas respostas, esteve relacionada às pesquisas bibliográficas, à análise de dados quantitativos, as entrevistas semiestruturadas e narrativas, conversas informais e observação das ações em campo, após escutar, viver, sentir e narrar histórias, a partir da espacialidade do meu corpo. Utilizando a narrativa memorialística como metodologia, buscou-se reconstruir lembranças, proporcionar outros sentidos a elas e, dessa forma, aguçar a escuta, sentir os relatos e entrecruzar a realidade e o discurso. Investiguei o urbano interior a partir de perspectivas fenomenológicas, orientadas, pelos estudos de Dardel, Heidegger, Merleau Ponty e Bachelard, dentre outros (as) autores (as). Associado a este processo, conectei a geograficidade, entendida aqui e expressada por Dardel, como uma categoria ontológica pautada na existência do ser -, à performance como uma possibilidade de manifestação de geograficidades. Um caminho que une a Geografia à Arte. As trilhas do vivido evidenciaram corpos em ação ocupando e produzindo o espaço urbano, por meio de uma apropriação integrada às suas próprias vivências, anseios e objetivos que em conjunto desvelam performances geográficas em coletividade. Estes contextos transbordam a ludicidade, a poesia e a luta social, uma vez que os corpos em ação podem vivenciar e sentir de forma orgânica. Ali a arte imprime um caminho para um fazer geográfico aberto às sensações, aspirações e experiências permitindo a imaginação de curvas, ciclos e estradas entrecruzadas.

Palavras-chave: Geograficidade. Intimidade. Experiência. Performances geográficas. Urbano interior.

RESUMEN

La redacción de esta tesis se inspiró en existencias, narrativas vividas y escucha atenta, que están conectadas con mi ser-y-estar-en-el-mundo. En este sentido, busqué historias de vida inherentes a la realidad geográfica. Las experiencias, historias y movimientos vividos fueron interpretados a partir de las relaciones interpersonales de los habitantes de las ciudades de Cravolândia, Jaguaquara y Santa Inês, ubicadas en el Valle de Jiquiriçá – Bahía. Los intercambios intersubjetivos construidos en el contexto de las relaciones produjeron preguntas: ¿es posible perfilar reflexiones que permitan acceder al interior urbano, a través de la emoción, la imaginación y la admiración? ¿Es posible delimitar esta área urbana a partir de geografías performativas? ¿Cómo realizar investigaciones para identificar desempeños geográficos? ¿Cómo vivir, sentir y capturar reflexivamente este entorno urbano? ¿Cómo las acciones corporales que ocurren en la vida cotidiana expresan una lectura fenomenológica de la vida urbana? La metodología aplicada para lograr estas respuestas estuvo relacionada con la investigación bibliográfica, análisis de datos cuantitativos, entrevistas semiestructuradas y narrativas, conversaciones informales y observación de acciones en el campo, luego de escuchar, vivir, sentir y narrar historias, a partir de la espacialidad de mi cuerpo. Utilizando la narrativa memorialista como metodología, buscamos reconstruir memorias, dotarlas de otros significados y, de esta manera, agudizar la escucha, sentir los relatos y entrelazar realidad y discurso. Investigué el interior urbano desde perspectivas fenomenológicas, guiado por los estudios de Dardel, Heidegger, Merleau Ponty y Bachelard, entre otros autores. Asociado a este proceso, conecté la geografía, aquí entendida y expresada por Dardel, como categoría ontológica basada en la existencia del ser -, con la performance como posibilidad de manifestación de las geografías. Un camino que une la Geografía con el Arte. Los senderos de experiencia resaltaron cuerpos en acción, ocupando y produciendo espacio urbano, a través de una apropiación integrada de sus propias experiencias, deseos y objetivos que en conjunto revelan desempeños geográficos colectivos. Estos contextos rebosan alegría, poesía y lucha social, ya que los cuerpos en acción pueden experimentar y sentir de manera orgánica. Allí, el arte imprime un caminho para una práctica geográfica abierta a sensaciones, aspiraciones y experiencias, permitiendo la imaginación de curvas, ciclos y caminos que se cruzan.

Palabras clave: Geografía. Intimidad. Experiencia. Actuaciones geográficas. Interior urbano.

RESUMÉ

L'écriture de cette thèse s'est inspirée des existences, des récits vécus et de l'écoute attentive, qui sont liés à mon être-et-être-au-monde. En ce sens, j'ai recherché des récits de vie inhérents à la réalité géographique. Les expériences, histoires et mouvements vécus ont été interprétés depuis des relations interpersonnelles des habitants des villes de Cravolândia, Jaguaquara et Santa Inês, situées dans la vallée de Jiquiriçá – Bahia. Les échanges intersubjectifs construits dans le contexte des relations ont produit des questions: est-il possible d'esquisser des réflexions qui permettent d'accéder à l'intérieur urbain, à travers l'émotion, l'imaginaire et l'admiration? Est-il possible de délimiter cet espace urbain depuis de géographies performatives? Comment mener des recherches pour identifier les performances géographiques? Comment vivre, ressentir et capturer de manière réflexive cet environnement urbain? Comment les actions corporelles de la vie quotidienne expriment-elles une lecture phénoménologique de la vie urbaine? La méthodologie appliquée pour obtenir ces réponses était liée à la recherche bibliographique, à l'analyse de données quantitatives, à des entretiens semi-structurés et narratifs, à des conversations informelles et à l'observation d'actions sur le terrain, après avoir écouté, vécu, ressenti et raconté des histoires, basées sur la spatialité de mon corps. En utilisant le récit mémorialiste comme méthodologie, nous avons cherché à reconstruire les souvenirs, à leur donner d'autres significations et, ainsi, à aiguïser l'écoute, à ressentir les histoires et à entrelacer réalité et discours. J'ai étudié l'intérieur urbain d'un point de vue phénoménologique, guidé par les études de Dardel, Heidegger, Merleau Ponty et Bachelard, entre autres auteurs. Associée à cette démarche, j'ai relié la géographie, comprise ici et exprimée par Dardel, comme catégorie ontologique fondée sur l'existence de l'être -, à la performance comme possibilité de manifestation des géographies. Un chemin qui unit la Géographie à l'Art. Les parcours d'expérience ont mis en lumière des corps en action, occupant et produisant l'espace urbain, à travers une appropriation intégrée de leurs propres expériences, désirs et objectifs qui, ensemble, révèlent des performances géographiques collectives. Ces contextes débordent de jeu, de poésie et de lutte sociale, puisque les corps en action peuvent expérimenter et ressentir de manière organique. Là, l'art trace le chemin d'une pratique géographique ouverte aux sensations, aspirations et expériences, permettant d'imaginer des courbes, des cycles et des routes qui se croisent.

Mots-clés: Géographie. Intimité. Expérience. Performances géographiques. Urbain intérieur.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Localização das cidades estudadas – território de Identidade do Vale do Jiquiriçá/BA.....	19
Figura 02: Roda de Capoeira – Festa da Padroeira - Santa Inês/BA.....	31
Figura 03: Uma mulher e uma tese: escritas conectadas!.....	33
Figura 04: Manhã em Cravolândia/BA.....	70
Figura 05: População à espera da carreta do “time do prefeito” durante o período da eleição – Santa Inês/BA.....	77
Figura 06: Vendedor de frutas – Santa Inês/BA.....	83
Figura 07: Praça Pública – Cravolândia/BA.....	85
Figura 08: Rua Barão do Rio Branco – Santa Inês/BA.....	86
Figura 09: Grupo de pessoas dançando em frente ao bar – Santa Inês/BA.....	88
Figura 10: Festa do Vaqueiro – Cravolândia/BA.....	88
Figura 11: Onça na entrada de Jaguaquara/BA.....	89
Figura 12: E, assim, chegar e partir. Espera do ônibus na rodoviária – Santa Inês/BA.....	102
Figura 13: Vista do mirante do Cruzeiro – Cravolândia/BA.....	107
Figura 14: Senhora varrendo a própria calçada – Cravolândia/BA.....	108
Figura 15: Letreiro da entrada da cidade – Cravolândia/BA.....	110
Figura 16: Ruínas da Fazenda Palestina - Cravolândia/BA.....	113
Figura 17: Proprietário do sítio apresenta a produção agrícola – Cravolândia/BA.....	115
Figura 18: Parede-poesia – Cravolândia/BA.....	119
Figura 19: Parede-poesia – Cravolândia/BA.....	120
Figura 20: Estudantes durante o processo criativo dando vida a parede-poesia – Cravolândia/BA.....	122
Figura 21: Estudantes das escolas municipais homenageiam moradores antigos - Cravolândia/BA.....	126
Figura 22: Canteiro central de uma rua. A chuva está a caminho - Santa Inês/BA.....	133
Figura 23: Portal da entrada de Santa Inês/BA.....	135
Figura 24: Grupo se prepara para a apresentação – Santa Inês/BA.....	136
Figura 25: Samba de roda – Santa Inês/BA.....	138
Figura 26: Réplica da Urna Funerária Indígena em Lagoa Queimada – Santa Inês/BA.....	141
Figura 27: Transição entre o entardecer e o anoitecer – Santa Inês/BA.....	144
Figura 28: Ocupação das serras da cidade – Santa Inês/BA.....	145

Figura 29: A resistência da religiosidade – Santa Inês/BA.....	154
Figura 30: Serras ocupadas em Jaguaquara/BA.....	160
Figura 31: Centro comercial de Jaguaquara/BA.....	162
Figura 32: Colégio Luzia Silva - Jaguaquara/BA.....	164
Figura 33: Vista aérea da comunidade quilombola Ocridio/Orquidio Pereira – Jaguaquara/BA.....	169
Figura 34: Casamento de Kelry - Santa Inês/BA.....	171
Figura 35: Protótipo de dinossauro na entrada da cidade – BR 420 – Santa Inês/BA.....	182
Figura 36: Roda de conversa à beira da fogueira – Santa Inês/BA.....	184
Figura 37: A caminho da feira, 4h da manhã – Santa Inês/BA.....	189
Figura 38: Feira de Cravolândia/BA.....	190
Figura 39: Grupo de pessoas manifestam por morte de jovem – Santa Inês/BA.....	194
Figura 40: Manifestação na feira – Santa Inês/BA	200
Figura 41: Caminhada no ato contra as ações do Governo Federal – Santa Inês/BA.....	201
Figura 42: Seria o início de uma reflexão? – Santa Inês/BA.....	202
Figura 43: Samba de roda no coreto - Santa Inês/BA.....	205
Figura 44: As mulheres entoam o samba de roda – Santa Inês/BA.....	205
Figura 45: Manifestação de mulheres contra o feminicídio – Santa Inês/BA.....	207
Figura 46: Manifestação contra o feminicídio – Santa Inês/BA.....	209
Figura 47: Ciclistas ocupam as ruas - Santa Inês/BA.....	212
Figura 48: Coreto organizado para o casamento de Kelry - Santa Inês/BA.....	217
Figura 49: Chegada dos (das) convidados (as) ao coreto – Santa Inês/BA.....	218
Figura 50: Batalha do centro - Santa Inês/BA.....	221
Figura 51: Apresentação – Os Gonzagas – Santa Inês/BA.....	222
Figura 52: A estrada e paisagem – BR 420.....	224
Figura 53: Mapa de localização das cidades do Vale da pesquisa.....	225
Figura 54: Traçado da Estrada de Ferro Nazaré – estações.....	231
Figura 55: O Vale e seus adjetivos.....	242
Figura 56: Encosta com trecho coberto de Lona – Mutuípe/BA.....	250
Figura 57: Rio Jiquiriçá após a inundação – Mutuípe/Ba.....	260

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Apresentação dos dados da população.....	36
QUADRO 02: Panorama da população – trabalho.....	240

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. OS PASSOS DE UM ENCONTRO: A PESQUISA GANHA CORPO.....	29
1.1. Minhas referências teóricas: os de antes, durante e os que estão por vir.....	41
2. O URBANO INTERIOR: REFLEXÕES SOBRE O HABITAR CIDADES PEQUENAS.....	70
2.1. Os de antes: abrindo atalhos para pensar a cidade e o urbano.....	73
2.2. O urbano interior refletido a partir das relações cotidianas.....	82
2.3. O urbano na esfera das conexões vividas.....	97
3. O URBANO INTERIOR NA PERSPECTIVA DA EXPERIÊNCIA.....	102
3.1. As trilhas do vivido em Cravolândia – Cidade aconchego.....	106
3.2. As trilhas do vivido em Santa Inês – “cidade dos dinossauros”	127
3.2.1. O fato de migrar.....	157
3.3. As trilhas do vivido em Jaguaquara – A Toca da Onça.....	159
4. AO PERFORMAR, PRODUZIMOS ESPAÇO?.....	171
4.1. O corpo como obra: performando espacialidades.....	185
4.1.1. Enredados com/pelas feiras.....	187
4.1.2. Os rodopios do samba.....	203
4.1.3. Na rua.....	206
4.1.4. A vida anima as praças.....	216
5. O VALE DO JIQUIRIÇÁ: EXPRESSÕES E NARRATIVAS.....	224
5.1. Narrativas cruzadas – Laje, Mutuípe, Jiquiriçá, Ubaíra e Itaquara.....	243
5.1.1: A curiosidade começou por Laje.....	243
5.1.2: A chegada a Mutuípe.....	249
5.1.3: As placas anunciam Jiquiriçá e suas cachoeiras.....	253
5.1.4: O portal de Ubaíra.....	256
5.1.5: Entre Santa Inês e Jaguaquara encontra-se Itaquara.....	259
5.2 - O vale e o episódio com as chuvas.....	260

6. TRILHAS: SÃO TUAS CURVAS QUE ME LEVAM.....	266
REFERÊNCIAS.....	274
Apêndice A: Roteiro de entrevista estruturada.....	282
Apêndice B: Questionário híbrido.....	283
Apêndice C: Roteiro de entrevistas-Vale do Jiquiriçá.....	284
Apêndice D: Samba poesia.....	285
Apêndice E: Uma carta para minha tese.....	286

INTRODUÇÃO

As inspirações para escrever esta tese foram frutos de conexões vividas que, neste momento, relacionam a minha experiência e suas nuances a tudo o que sou e ainda serei. Considero necessário descrever quem é a pessoa que escreve esta tese, por ser a mesma que fará as interpretações e as mediações presentes aqui. Sou uma mulher preta, nascida e criada na periferia de Salvador/BA. Trago comigo marcas sensíveis de viver e sentir a periferia, por meio de um corpo que levou tempo para refletir o que significa existir neste mundo¹. Minha trajetória foi e continua sendo composta por diversas influências teóricas e práticas.

Ao longo destes anos de pesquisa, me apropriei de leituras e, portanto, de outras formas de interpretar a realidade, as quais, naturalmente, remetem a quem eu sou e como sou lida neste mundo. Ressalto, ainda, as influências provenientes das relações familiares e das escolhas dos caminhos da minha formação acadêmica, os quais se apresentavam como uma possibilidade real de acreditar que, por meio dos estudos, eu teria uma situação socioeconômica diferente daquela que viveu os meus pais.

Por conta das trajetórias vividas por meus pais, o interior da Bahia já se revelava através das suas narrativas, contadas a partir de memórias profundas e mescladas de alegrias e tristezas. São histórias de carências afetivas, de precário acesso à educação e à saúde, insegurança alimentar e exploração da força de trabalho, as quais marcaram suas vidas em suas cidades de origem. A pobreza feriu as experiências dos meus pais: filho de Itapebi/BA e filha de Ubatã/BA. Mesmo que tenham vivido uma infância e uma adolescência pobres, as suas cidades permanecem em suas lembranças como lugares da saudade e de reencontros possíveis. A lembrança é o que resta hoje, porque ambos foram obrigados a migrar em busca de melhores condições de sobrevivência.

¹ SOMOS CORPO ENCARNADO. Esta reflexão de Marandola Jr. (2018), fundada na fenomenologia de Merleau-Ponty, versa por duas conexões indissociáveis: mente-corpo e corpo-mundo. Ambas são máximas pontuadas por Merleau-Ponty como uma antologia do sensível, a partir da qual Marandola Jr. (2018) realiza a sua análise para uma definição do ser no mundo. “Como dobra, a carne se realiza nas ambiguidades das implicações desta dupla cumplicidade, que permite dois movimentos importantes para o geográfico: o corpo, destituído de sua condição objetual, se torna ser-no-mundo, como ente geográfico. Não de forma metafórica, mas como amálgama e dobra do próprio corpo que é a Terra (como emergência do mundo); o olhar também se converte em geográfico à medida que ele é corporificado e encarnado, ou seja, ele deixa de ser um sentido de captação para se tornar uma ação ambivalente de reunião” (Marandola Jr., 2018, p. 244).

Após muitas idas e vindas por outras cidades pequenas, meus pais acreditaram que a capital – Salvador/BA, seria o melhor pouso para ampliar as condições de trabalho. Para o meu pai, acabou sendo a área que o proporcionou um emprego como operador de máquinas no Polo Petroquímico de Camaçari/BA. Por outro lado, para minha mãe, trabalhadora doméstica, Salvador/BA não atendeu às suas expectativas e um novo deslocamento a levou até São Paulo/SP. No caso dela, a existência foi sufocada pelo trabalho, com longos períodos em pé em muitos meios de transporte, além do pouco tempo destinado ao descanso e ao lúdico. Essas histórias de vida e outras tantas semelhantes são inerentes à realidade geográfica e indicam corpos diversos, frequentemente, manipulados pelas exigências de um sistema capitalista desigual.

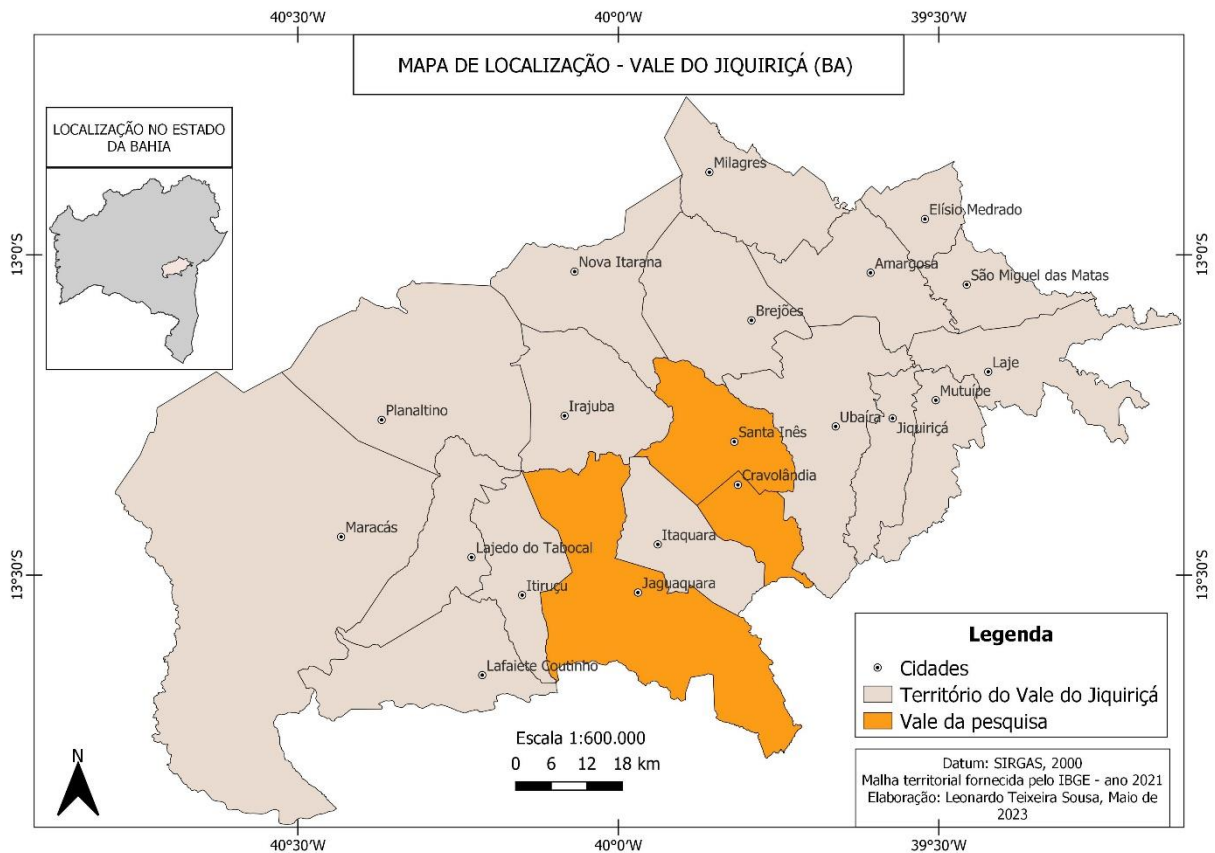
Na busca por experiências, histórias e ações vividas, o tema abordado aqui tomou forma a partir de uma interpretação fenomenológica do urbano. Nesta tese, referencio de urbano interior, pois busquei o intrínseco e o íntimo presentes nas relações interpessoais dos (das) habitantes de Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês², como embasamento para a realização da pesquisa. Estes três municípios integram a Região Administrativa Estadual do Território de Identidade³ do Vale do Jiquiriçá⁴ (figura 01 – território 09), o qual é composto por vinte (20) municípios.

² Com base em critérios demográficos e territoriais, residem em **Cravolândia** 4, 415 habitantes distribuídos por uma área de 182,585 Km², com densidade demográfica de 24,18 hab/Km²; em **Jaguaquara** habitam 45.964 pessoas, distribuídas por uma área de 924, 512 Km², com 49,72 hab/ Km², esta é a cidade mais populosa das três; e **Santa Inês** abriga 10.300 pessoas, distribuídas em uma área de 379, 270 Km² e a densidade de 27,16 hab/Km². A maioria da população reside na zona urbana (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2022).

³ De acordo com a Secretária de Planejamento Estadual (SEPLAN) a implementação de 27 territórios de identidade na Bahia visa identificar e desenvolver um planejamento pautado na especificidade de cada território relacionando a noções de pertencimento e representatividade. Este reconhecimento foi definido a partir do Plano Plurianual (PPA) 2008-2011 e ao longo desses anos há a tentativa de integração e aproximação de políticas públicas em direção aos territórios, entretanto, de acordo com Serpa (2015), mantém-se ainda a centralização dos recursos financeiros nos territórios que possuem cidades-polo com expressivos contingentes populacionais, além da dificuldade de operacionalização do planejamento nestes territórios.

⁴ Segundo os dados da Superintendência de estudos econômicos e sociais (SEI, 2017; 2023), o Vale do Jiquiriçá é um dos vinte e sete Territórios de Identidade, inserido no centro sul do estado da Bahia e do qual fazem parte os seguintes municípios: **Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafaiete Coutinho, Laje, Lagedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra**. Ainda de acordo com a SEI (2017), a maioria da população destas cidades vive economicamente da agropecuária, do comércio e dos serviços. É presente a produção de flores, extração de minérios, agricultura de subsistência e hortifrutigranjeiros. Além disso, a BR 420, principal via de circulação das cidades do Vale, interliga duas outras movimentadas rodovias federais no Estado de Bahia, a BR 101 e a BR 116, este fato não indica grandes fluxos de circulação pela mesma, mas uma possibilidade de acesso às rodovias citadas. Vale citar que o Território de Identidade Vale do Jiquiriçá possui extensão territorial de 10,287 mil km², correspondente a 1,8% do território baiano. De acordo com os dados do censo demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, 2022), o território tem uma população absoluta de 292,946 habitantes. Seus municípios encontram-se em níveis de baixo a médio potencial aquisitivo com IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,590 (IBGE 2010; 2022/ SEI 2023).

Figura 01: Localização das cidades estudadas - Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá – Bahia, 2023.



Elaboração: Leonardo Teixeira Sousa.

Desde 2013, me direciono para o Vale do Jiquiriçá devido às demandas do trabalho no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano)⁵, localizado no município de Santa Inês/BA. Nesta trajetória pelo Vale, tenho estabelecido contato direto com Laje, Mutuípe, Jiquiriçá, Ubaíra, Santa Inês, Cravolândia, Itaquara e Jaguaquara. Além de passar por essas localidades semanalmente, são também pontos de parada para o almoço, para o lanche, para a busca por diversão, principalmente em seus balneários e cachoeiras. No entanto, a principal aproximação ocorreu por meio do trabalho. Por isso, essas localidades, compõem o Vale da familiaridade, da proximidade com estudantes, suas famílias e com professores e professoras das redes públicas de ensino. Trabalhei aqui o encontro com este “Vale”, a partir da minha percepção e das experiências de quem o habita.

⁵ O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) *campus* Santa Inês é parte da expansão dos Institutos no Brasil, a partir de 2008. Era uma das antigas escolas agrotécnicas com oferta de cursos integrados de nível médio. A partir de 2010, foram implantados os cursos de Graduação, a saber: Licenciatura em Geografia e em Ciências Biológicas e o Bacharelado em Zootecnia, todos reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC) em 2014. O Curso de Licenciatura em Geografia, do qual faço parte como docente, tem um papel fundamental para o Vale do Jiquiriçá, pelo fato de atender a maior parte dos seus municípios e pela atuação dos (das) discentes em formação e também egressos (as) nos contextos das escolas de educação básica do referido Território.

Em contrapartida, retornando ao termo “interior”, é sabido que o mesmo é usado, comumente, para designar municípios distantes de uma capital ou de um centro. Na Bahia, então, temos 417 municípios distribuídos em um território de 564.760,429 km² (IBGE, 2022). A maioria deles é tratada, economicamente, a partir de uma lógica capitalista regional e social estigmatizada pelos atrasos e pelas distâncias. Na perspectiva do planejamento urbano estatal, estes municípios integram uma rede urbana hierarquizada e verticalizada, a qual define as ações públicas e as decisões inseridas nos planos de desenvolvimento econômico do Estado⁶. As áreas que analisei estão inseridas nesta rede urbana e compõem este interior em sua materialidade.

E assim se dava a minha observação sobre as três cidades de pesquisa, em uma perspectiva comparativa e influenciada por essa hierarquia. Não era esse o caminho que almejava trilhar, pois estava pesquisando experiências urbanas pautadas na intimidade⁷, na proximidade das relações e na movimentação corporal das pessoas. Além disso, a busca por histórias e experiências estava entrelaçada à minha própria história e trajetória. Por isso, utilizei uma escrita também narrativa e trabalhada a partir das memórias que atravessam o passado e o presente. Acionei a minha memória em muitos momentos desta tese com o objetivo de conduzir as interpretações iniciais do que foi vivido nos encontros com o outro. Utilizei a narrativa memorialística como metodologia para reconstruir lembranças e proporcionar outros sentidos às mesmas, em uma tentativa de entrecruzar a realidade e o discurso (Costa, 2022).

Tratava-se, então, de aguçar a escuta e, para tanto, foi fundamental estar inteira nos momentos de ouvir e sentir os relatos, mesmo sabendo que “a letra não agarra tudo o que o corpo diz” (Evaristo, 2022, p. 09). A escrita pode não captar os gestos, os olhares, os cheiros, a intensidade

⁶ A Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia – SEDUR elaborou a sistematização da rede urbana da Bahia (2022) e neste documento estão apresentadas, além da sistematização, as diretrizes e políticas gerais, baseadas no Termo de Referência (TR). A elaboração da revisão do Estudo da Rede Urbana da Bahia integra o Projeto BRA/16/011 – “Projeto de Apoio à Formulação e Implementação do Plano de Desenvolvimento Econômico da Bahia para um Futuro Sustentável e Inclusivo” e serve de base para o Plano de Desenvolvimento Integrado – PDI Bahia 2035 e à Política de Desenvolvimento Estadual. As definições da rede estão pautadas na concentração de produção e serviços geradores de fluxos que retraem ou ampliam as densidades urbanas. A disponibilidade e a qualidade de oferta dos bens e serviços atraem os fluxos nos núcleos urbanos e no seu entorno. Com base nesta concentração e interligação são formadas as redes polarizadas, as quais se hierarquizam da seguinte maneira: Metrópole; Capital Regional (A, B e C); Centros Sub-regionais (A e B); Centros de Zona (A e B); e Centros Locais. No contexto desta hierarquia, **Cravolândia** está classificado como **centro local**, no qual o raio de influência se restringe aos limites de seu território, já **Jaguaquara e Santa Inês** estão enquadrados como **centro de zona B**, os quais atuam em níveis de atividades de menor proporção. No comparativo do nível hierárquico de centros urbanos entre os anos de 2007 a 2018, Cravolândia e Jaguaquara ficaram estáveis no nível, enquanto Santa Inês apresentou uma elevação no nível, passando de centro local para centro de zona B.

⁷ Para Dunker, “a intimidade tem estrutura de um diálogo. No interior desse diálogo, a experiência subjetiva se particulariza, comparativamente ela se especifica numa espécie de anatomia subjetiva regida por várias vozes” (Dunker, 2017, p.84).

de uma pausa ou um grito entalado na garganta, por isso, busquei narrar o que foi captado e sentido por mim nos momentos de escuta e relatei aqui as minúcias memorialísticas destes encontros.

Se contar e recontar são atos marcados por sinais de incompletude, pois difícil é traduzir os intensos sentidos da memória, imaginem escrever. Imaginem perseguir uma escrevivência. Agarrar a vida, a existência, e escrevê-la em seu estado de acontecimentos. Mas, persisto nesta intenção. Só falarei do brilho das estrelas, das árvores frondosas que habitam em determinada esquina e debulharei as palavras, da raiz até as suas derivações, se tudo me vier agarrado à vida (Evaristo, 2022, p. 09).

Neste desafio de escutar, viver, sentir e narrar histórias, a espacialidade do meu corpo (Merleau-Ponty, 2004) conduziu os meus objetivos, com a proposta de analisar outras significações e permitir a reflexão de um urbano experienciado e integrado, pautado no habitar cidades pequenas. A minha experiência metropolitana gerava interpretações sobre as pessoas e suas cidades, algumas vezes de maneira superficial. Por isso, foi necessário abraçar as reflexões de Heidegger quando indica que interpretar o *ser-em*, ou melhor ser “em um mundo” de forma óbvia nos distancia do ser aí, pois

nos vemos tentados a compreender o ser-em como um estar “dentro de...” (N10). Com esta última expressão, designamos o modo de ser de um ente que está num outro, como a água está no copo, a roupa no armário. Com este “dentro” indicamos a relação recíproca de ser de dois entes extensos “dentro” do espaço no tocante a seu lugar neste mesmo espaço. Água e copo, roupa e armário estão igualmente “dentro” do espaço “em” um lugar. Esta relação de ser pode ampliar-se, por exemplo: o banco na sala de aula, na sala da universidade, a universidade na cidade e assim por diante até: até o banco “dentro do espaço cósmico”. Esses entes, que podem ser determinados como estando um “dentro” do outro, têm o mesmo modo de ser do que é simplesmente dado, como coisa que ocorre “dentro” do mundo (Heidegger, 2020, p. 99).

Entender-se no mundo em uma condição de reciprocidade, ou seja, como parte integrante deste algo, não é suficiente para experienciar a organicidade da proposta fenomenológica existencialista de Heidegger (2020), ao abordar o *dasein* – ser aí. Por que, então, me aproximo das ideias de Heidegger para interpretar a minha opinião metropolitana sobre as cidades que busquei estudar? A princípio, porque anteriormente as percebia apenas como parte de uma composição de estado da Bahia. Logo, à distância desta outra experiência, a Região Metropolitana se empodera, centraliza as rendas e os serviços e as demais cidades ficam em uma condição de dependência, principalmente, aquelas objeto deste estudo.

Para Heidegger, essa tentação de “compreender o ser em como um estar “dentro de...”, não é caminho para um encontro existencial. É necessária a exposição para ser aí e ser com o outro. Neste sentido, Bernardes afirma que

O nosso interesse está centrado em entender a situação que se encontra o Dasein, que é o pesquisador lançado no mundo, em campo para a pesquisa, no mundo circundante e co-pertencente de outro Dasein, buscando compreendê-lo (Bernardes, 2016, p. 42).

Este co-pertencer exige uma imersão no mundo do objeto pesquisado e, para tanto, o passo foi estar aberta a novas relações resultantes de outros encontros. Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês passaram, então, a fazer parte do meu interesse, através dos contatos que nelas começavam a se consolidar. A partir daí, comecei a vivenciar relações intersubjetivas⁸, por meio das redes sociais do trabalho e das amizades timidamente construídas. Mas, o imergir se fez mais presente quando, em 2021, Santa Inês passou a ser minha morada. Assim, para Heidegger

O ser-em, ao contrário, significa uma constituição de ser da presença e é um *existencial*. Com ele, portanto, não se pode pensar no ser simplesmente dado de uma coisa corpórea (o corpo vivo do humano) “dentro” de um ente simplesmente dado. O ser-em não pode indicar que uma coisa simplesmente dada está, espacialmente, “dentro de outra” porque, em sua origem, o “em” não significa de forma alguma uma relação espacial desta espécie; em deriva-se de *innan-*, morar, habitar, deter-se: “*an*” significa: estou acostumado a, habituado a, familiarizado com, cultivo alguma coisa; possui significado de *colo*, no sentido de *habito e diligo*. O ente, ao qual pertence o ser-em, neste sentido, é o que sempre eu mesmo sou. A expressão “sou” conecta-se a “junto”; “eu sou” diz, por sua vez: eu moro, detenho-me junto...ao mundo, como alguma coisa que, deste ou daquele modo, me é familiar. Como infinitivo de “eu sou”, isto é. Como existencial, ser significa morar junto a, ser familiar com. *O ser-em é, pois, a expressão formal e existencial do ser da presença que possui a constituição essencial de ser no mundo* (grifos do autor) (Heidegger, 2020, p. 100).

A abordagem Heideggeriana, complexa em sua interpretação, me coloca nesta perspectiva de me situar e conduzir a minha análise a partir deste meu habitar - “eu moro, detenho-me junto...ao mundo”, cada dia mais íntimo com Santa Inês, Cravolândia e Jaguaquara, na expectativa de viver e sentir um cotidiano de cidade e urbano outro. No entanto, aqui concordando com Marandola Jr. (2012), esse habitar, morar, deve ser a “expressão do próprio

⁸ Para Buttimer (1982), “a noção de intersubjetividade, tomada tanto no sentido da herança cultural como no de interação social, poderia ajudar a unir as dimensões pessoais e coletivas da experiência humana” (Buttimer, 1982, p.193). Logo, percorrer por estas interpretações, amplia as nossas perspectivas para articular abordagens geográficas mais humanas.

ser-e-estar-no-mundo, constituindo-se enquanto fundamento do ser-no-mundo, envolvendo lugares, territórios e espaços de vida” (Marandola Jr, 2012, p. 86). Conheci, vivi e senti as relações sociais que fazem estas cidades pulsarem. Me envolvi diretamente com os significados que fundam histórias e trajetórias, vinculadas às transformações do espaço, para assim conceber que “enquanto expressão da existência, do modo de ser-no-mundo, habitar envolve ações e sentidos espaciais experienciados que dão sentido ao geográfico” (Marandola Jr, 2012, p.86).

Neste sentido, o urbano interior proposto aqui germina das existências erguidas a partir das intersubjetividades que formam as realidades geográficas. O termo é um apelo a intimidade presente nas relações interpessoais, as quais estão baseadas em híbridos que conformam o nosso existir. Logo, brota das ações que extrapolam o íntimo e se tornam exposições do ser-no-mundo. Tomando Bachelard como referência, é prudente tratar como mais valioso um estudo do ser que percorra “todos os circuitos ontológicos das diversas experiências do ser” (Bachelard, 1993, p. 217). Portanto, é importante destacar que não se trata de uma “dialética interior-exterior”, baseada em uma perspectiva geométrica e hierárquica, mas sim de uma abordagem na qual “fechado no ser, será necessário sempre sair dele” (Bachelard, 1993, p. 217), em uma condição de saída e de volta ao ser

Assim, no ser, tudo é circuito, tudo é rodeio, discurso, tudo é uma romaria, tudo é refrão de estrofes sem fim. E que espiral é o ser do homem! Nessa espiral quantos dinamismos se invertem! Não se sabe mais imediatamente se corremos para o centro ou se nos evadimos (Bachelard, 1993, p. 217).

É significativo evitar as pressas interpretativas! Por isso, Bachelard, Heidegger e outros tantos autores e suas fenomenologias despontam para uma abordagem ontológica profunda e lenta. Se o fenômeno precisa acontecer, também é possível experimentar novas formas de abertura do ser. Aqui senti e compartilhei fenômenos por meio de sentimentos, emoções e experiências, originárias de uma Geografia vivida fundada nas nossas relações com a Terra (Dardel, 2015).

Dardel representa uma referência significativa nesta abordagem. Sou uma mulher-pesquisadora que encontrou em Dardel uma conexão afetuosa para experienciar a realidade geográfica de maneira poética. Porém, a presença do meu corpo, aqui, não me permite analisar os (as) sujeitos (as) dessa pesquisa como corpos universais, como talvez tenha sido a proposta de Dardel em sua escrita em 1950. O fato é que não era a sua intenção debater corpos em sua diversidade, já que apresenta ao (a) leitor (a) a sua própria geograficidade. Entretanto, a sua obra proporciona uma abertura de horizontes, uma possibilidade de fazer uma Geografia plural e, como bell hooks

(2017)⁹ afirma, encontrar uma obra capaz de transformar a maneira como interpretamos a realidade é um alento para o nosso conhecimento.

A leitura de Dardel, as observações da realidade e a escuta atenta permitiram avançar na perspectiva da diversidade para investigar o urbano de Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês que, para além dos estigmas, são também lugares de potencialidades. Nestes lugares, imergi nas construções/desconstruções do existir e experienciei o urbano vivido. Logo, Dardel afirma que

[...] a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que revê sua experiência humana, interior ou social [...] a terra é apelo ou confiança, que a experiência do rio, da montanha ou da planície é qualificadora [...]. Entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser. Há uma visão primitiva da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar (Dardel, 2015, p.6).

A Geografia vivida relatada por Dardel (2015) aborda uma poesia da natureza composta por sensações e aspirações para desbravar o desconhecido e marcar a sua própria existência. A experiência com a Terra é fruto da profundidade dessa integração que, para além de ser simples, possui uma qualidade que não deve ser ocultada. Ao considerar essa experiência profunda e singela com a natureza, entendo que, ao focar neste contato direto, Dardel (2015) não ignora o urbano, pelo contrário, o autor elabora uma crítica sobre como a urbanização, nos moldes da especulação imobiliária e normatização, inibe a relação humana qualificadora com a Terra.

A fenomenologia de Dardel é um significativo aporte teórico, mas principalmente metodológico. Ao avançar na sua escrita, foi possível viver e sentir as cidades aqui analisadas. Um sentir que como afirma Merleau-Ponty “é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida” (Merleau-Ponty, 2006, p.84).

Assim, foi conduzida a investigação/interpretação fenomenológica do urbano interior, fundamentada na geograficidade como uma categoria ontológica, pautada na existência do ser (Dardel, 2015) e na performance como uma possibilidade de manifestação da geograficidade. Sentir, admirar e imaginar como as ações corporais individuais e coletivas são capazes de

⁹ Uma autora feminista que viu nos escritos de Freire (criticado por ter uma obra sexista), potencialidades para conduzir os seus estudos voltados para uma educação libertadora. “Encontrei Freire quando estava sedenta, morrendo de sede (com aquela sede, aquela carência do sujeito colonizado, marginalizado, que ainda não tem certeza de como se libertar da prisão do *status quo*) e, encontrei na obra dele (e na de Malcon X, de Fanon, etc.) um jeito de matar essa sede” (hooks, 2017, p.71).

aguçar os mais variados sentidos humanos. Isso é, então, avançar na perspectiva de uma Geografia Fenomenológica, proposta tão organicamente por Dardel. Para Holzer (2015), o livro de Dardel - “O Homem e a Terra”, é uma obra primordial para o fortalecimento da conexão da Geografia com a Fenomenologia¹⁰.

Já as performances foram analisadas aqui como pontos de exposição do ser-no-mundo e permitiram também a união entre a Geografia e a Arte. Estudar a performance foi significativo para responder algumas questões balizadoras desta tese. Para Schechner (2006), a vida cotidiana é fruto de performances que marcam a presença dos indivíduos, a partir do existir por si mesma e do desempenho individual e coletivo, além de ser, no século XXI, objeto de muitos estudos na área das artes, porque toda ação humana pode ser considerada como um ato performático. Logo, como presença, uma performance pode mostrar outras formas de apropriação do espaço, emergindo de corpos que transpõem suas existências e resistências neste mundo. Se, como afirma Schechner (2006), as “performances marcam identidades, dobram o tempo, remodulam e adornam o corpo, e contam histórias” (Schechner, 2006, p. 02), estas histórias e adornos podem nos impactar de maneira a ampliar debates e nos confrontar com tensões que resultam em enfrentamentos, já que as performances “existem apenas enquanto ações, interações e relações” (Schechner, 2006, p. 4).

Logo, propus a ideia de uma geograficidade performática: um corpo em ato no contexto de sua diversidade, um corpo que ocupa e se apropria do espaço. Este corpo individual e contextualizado em ação se depara com outros corpos com interesses comuns e isso reconfigura

¹⁰ O livro de Dardel – “O Homem e a Terra”, compõe a trajetória da Geografia Humanista, a qual integra o cenário científico desde a década de 1960, a partir da influência de geógrafos norte-americanos como Carl Sauer e John K. Wright. Sauer realizou estudos no âmbito da geografia cultural e na perspectiva da fenomenologia da paisagem como método capaz de alcançar a relação entre os seres humanos e a natureza, materializada em paisagem cultural e nas suas análises destacam-se a importância do mundo vivido para a perspectiva geográfica e questiona-se a condução das categorias e conceitos no contexto da geografia quantitativa. John Wright elaborou abordagens da geografia histórica e introduziu a possibilidade de utilizar a imaginação como ponto de partida para discussões acadêmicas mais subjetivas e relacionadas a outras áreas do conhecimento que se propõem mais sensíveis (Holzer, 1997; 2016). Holzer considera que Sauer e Wright foram precursores da Geografia Humanista e que David Lowenthal e Yi-Fu Tuan são os seus verdadeiros idealizadores. Ambos elaboraram análises fundamentais para possibilitar os avanços que culminaram na efetivação da Geografia Humanista, a qual se propunha mais completa ao inserir a subjetividade humana nas discussões científicas, já que, para ambos, estava sendo negligenciada em vários aspectos, a exemplo do valor simbólico da natureza e das atitudes dos indivíduos no ambiente. Vale destacar também a obra “O Homem e a Terra” de Eric Dardel, considerada por Holzer (2016) como uma “leitura obrigatória para quem quiser trilhar os caminhos da teoria da geografia, principalmente sob a ótica da fenomenologia e do humanismo” (Holzer, 2016, p. 69). Destacam-se também as contribuições dos geógrafos humanistas como Edward Relph, David Seamon, Anne Buttimer, Livia de Oliveira, Marandola Jr e Werther Holzer, nas aproximações e questionamentos sobre os conceitos e categorias geográficas a partir da experiência dos fenômenos.

e produz novos atos, pois provoca outras subjetividades e cria novos fenômenos. Quando isso acontece, estamos diante de performances geográficas coletivas.

As performances geográficas são aquelas que se espacializam; que coletivamente ocupam os espaços da vida urbana – ruas, praças e largos; que marcam momentos, abraçam causas e despertam outras ações sociais. Nesta circunstância, o próprio cotidiano é performático, pois é o que aparece quando observado, vivido e apropriado por nós. Essa vivência transparece os modos como o vivido se desenvolve e como as pessoas produzem a cidade e o urbano.

São ações corporais dialéticas e escalares. As geograficidades ao performar estão expostas ao mundo, situando-se, inteiramente, frente ao outro. Este encontro pode ampliar os sentidos do vivido para quem está observando e produzindo um saber científico. Assim, quando, coletivamente, as performances geográficas saltam aos nossos sentidos, há ali a expressão dos anseios, das vontades e das necessidades daqueles que estão praticando algo em conjunto. Por este motivo, as manifestações corporais inerentes ao cotidiano dão “asas” a vida urbana.

Esta pauta se assemelha ao que já foi analisado por Brito (2017), ao elaborar a noção de *teatricidade*. Para este autor, a elaboração desta noção era fundamental para a sua interpretação da vida urbana, a partir do encontro entre o teatro, a geografia e a fenomenologia. *Teatricidade* é uma noção pautada na interação entre o corpo e a cidade. Interação que ocorre como condição para a existência do mundo da vida. O autor nos diz que

quando “algo” acontece no nosso cotidiano e nos coloca na posição de observador ou de observado e se esse “algo” (fenômeno) é tão intenso que faz com que outra(s) pessoa (s) se conecte (m) a essa ação, aí acontece a *teatricidade* da vida e do cotidiano. Para isso, não precisamos de diretor nem de atuação (fingimento), mas sim de atuação no sentido literal da palavra: agir – viver – se colocar – tomar posição (Brito, 2017, p. 105).

Uma atuação humana literal, como diz Brito (2017), é o que deu energia à perspectiva de interpretar esse urbano interior, a partir das experiências humanas que são condutoras da vida nas cidades pequenas. Para conduzir a análise, a observação, a descrição, a sensação, a vivência e a experiência com o meu tema, parti de alguns questionamentos: É possível traçar reflexões que permitam alcançar um urbano interior, através da emoção e da admiração propostas por Eric Dardel? É possível delinear este urbano interior a partir de geograficidades performáticas? Como conduzir a investigação para a identificação de performances geográficas? Como viver,

sentir e captar, reflexivamente, esse urbano? Como as ações corporais ocorridas no cotidiano podem conduzir para uma leitura fenomenológica da vida urbana?

Investiguei o urbano interior a partir de perspectivas fenomenológicas, orientadas, como já visto, pelos estudos de Dardel, Heidegger, Merleau-Ponty e Bachelard e, além dos referidos autores, outros e outras autoras e autores orientaram esta caminhada de descobertas, reflexões e análises críticas da sociedade. Deste modo, os vários percursos traçados aqui tiveram a intenção de evidenciar o máximo que esse urbano transbordou, a partir das vivências e das conversas formais e informais com os (as) habitantes. Analisei as bases teóricas que permitem uma investigação fenomenológica do urbano; analisei a partir das experiências dos (das) habitantes de Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês como as performances podem desvelar geograficidades; investiguei a partir das histórias de vida e dos discursos do cotidiano as relações construtoras da cidade e do urbano; e, por fim, analisei os deslocamentos e as articulações entre as cidades.

Trata-se, portanto, de uma tese com cinco capítulos, além desta introdução. No capítulo 01, indico as primeiras inspirações para decidir escrever uma tese. Os motivos foram diretamente relacionados ao meu processo formativo, o qual tem importante vínculo com a família, o trabalho e as leituras que fiz ao longo dos meus estudos geográficos. Estão apresentados os percursos metodológicos e os referenciais que embasaram a escrita e as descrições ao longo de toda a tese.

No capítulo 02, apresento o urbano interior, a partir das reflexões sobre o habitar cidades pequenas. Nesta escrita, busquei referenciais basilares para a mundaneidade da pesquisadora, pautada em um corpo metropolitano, geograficamente situado em um processo formativo dialético, capaz de integrar experiências vividas cotidianas e acadêmicas e realizar um salto escalar para refletir e interpretar as cidades. A minha geograficidade entra em um processo de reflexão que tensiona e media escalas, autores (as) e, principalmente, encontra possibilidades de uma leitura urbana, nos moldes lefebvrianos, para afinal tornar relevantes os sentidos e significados de fazer pulsar a cidade e o urbano como obra humana. Uma obra estritamente ligada aos nossos corpos, ativos coletivamente, dando vida a este urbano diferente e possível.

O capítulo 03 vem permeado por trilhas. Foram estas trilhas que iniciaram o pensar desta tese e por elas materializo as minhas interpretações sobre as cidades estudadas. Viver em cidades

tão íntimas gera ruídos, repetições de violências, ausências severas, ao mesmo tempo em que são presentes a solidariedade, a empatia e o cuidado entre as pessoas. A escrita deste capítulo segue estas trilhas e apresenta as problemáticas que atingem diretamente os corpos que produzem estas cidades, de maneira não reflexiva e cotidiana, juntamente com aqueles e aquelas que se apropriam e se baseiam nas suas relações de poder para perpetuar mandos e desmandos, os quais afligem diretamente a população mais carente, socialmente.

O capítulo 04 parte de uma indagação presente nas minhas análises desde quando comecei a refletir as cidades e me propus mediar termos complexos para a Geografia e a Arte. De um lado a geograficidade e do outro a performance. Meu papel aqui foi destituir os lados e trabalhar na conexão destes termos, os quais estão diluídos na tese, já que a minha geograficidade aparece aqui e é através dela que conduzi a minha pesquisa e, muitas vezes, performei ações. Assim, questioneei: se performamos, produzimos espaço? E, a partir daí, materializei ações que animam a vida cotidiana, na qual as performances geográficas coletivas revelam o urbano interior.

O capítulo 05 apresenta o Vale das caminhadas e dos encontros. Aqui a intenção foi expor as sensações e constituir uma ligação sobre as expressões geográficas, pautadas nas ideias de Dardel (2015), as quais despertaram sensações e curiosidades. Escuto as narrativas de quem habita lugares, historicamente constituídos com marcas de um passado que oscila entre prosperidade econômica e decadência e que permeia o imaginário das pessoas. As histórias demonstram afago, tranquilidade, insatisfação e decepção e, na faixa etária dos (das) mais jovens, beira a tristeza, o cansaço e a revolta de ser lugares repetitivos, sem expectativa de crescimento, com uma população de atitudes invasivas que inibem os comportamentos dos (das) jovens e pelo desejo de sair desse contexto, que, para alguns, é de atraso. As principais relações afetivas são conduzidas pelas existências familiares e pelos laços criados desde a infância com estas cidades.

As considerações finais conectam/reconectam o ser-e-estar-no-mundo com os cruzamentos inerentes ao mundo da vida. Algumas trilhas se encerram, outras ficam entreabertas e os direcionamentos indicam a possibilidade de novos roteiros.

1. OS PASSOS DE UM ENCONTRO: A PESQUISA GANHA CORPO

Um turbilhão de ideias povoa minha cabeça.
 Não se conectam, não se encontram...
 talvez não seja o momento.
 Espero um pouco, me perco e me encontro!
 Talvez esse momento aconteça como um estalo.
 Um acontecer!
 Um fenômeno!
 A união de foco e dispersão;
 Angústia e motivação;
 Conectam-se nessa construção.

Flávia Souza.

O primeiro corpo a aparecer nesta tese é o meu, já que é através dele que realizo todas as etapas presentes nesta pesquisa. É um corpo em constante transformação. Um dos passos desta mudança, foi decidir fazer um doutorado em Geografia no POSGEO - UFBA¹¹ em 2018, já com 38 anos de idade e, além disso, desenvolver um projeto e assistir aulas quando ainda estava em atividades letivas no trabalho. O afastamento para qualificação só saiu após 1 ano.

O ano de 2019 foi produtivo, proporcionando-me a oportunidade de aprofundar as reflexões sobre o projeto. Participei de eventos e me dediquei à disciplina concentrada – “Lugar, territorialidade e mobilidades contemporâneas”, ofertada pelo Professor Eduardo Marandola Jr. na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a partir da qual tive contato com um conjunto de referências, indispensáveis para a análise proposta aqui, a exemplo de Dardel, Buttimer, Relph, Marandola Jr, Holzer, Serpa, dentre outros.

Eis, então, que em 2020, me dirijo ao campo de pesquisa para obter as primeiras impressões, agora com mais informações, as quais poderiam iniciar as respostas às questões orientadoras. As respostas começaram a surgir, timidamente, mas já notava que estar em situação me conduzia a interpretações mais profundas. Eram as dimensões dialéticas da minha existência que o interpretavam, pois se mesclavam emoções diferenciadas. O pesquisar ganhava um significado e fôlego a cada andança nas cidades estudadas.

Os estudos teóricos e metodológicos começavam ali a ganhar corpo e o meu próprio corpo começou a delinear o ser parte intrínseca da pesquisa ao me distanciar de uma possível

¹¹ Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia.

neutralidade. O meu processo de pesquisa não é neutro, pois tem meu corpo, o ser-e-estar-no-mundo, presente em cada linha escrita nestes papéis, uma intencionalidade operante, explicada por Merleau-Ponty (2006), embasado em Husserl:

Husserl distingue entre a intencionalidade de ato, que é aquela de nossos juízos e de nossas tomadas de posição voluntárias, a única da qual a Crítica da Razão Pura falou, e a intencionalidade operante, aquela que forma a unidade natural e antepredicativa do mundo e de nossa vida, que aparece em nossos desejos, nossas avaliações, nossa paisagem, mais claramente do que no conhecimento objetivo, e fornece o texto do qual nossos conhecimentos procuram ser a tradução em linguagem exata. A relação ao mundo, tal como infatigavelmente se pronuncia em nós, não é nada que possa ser tornado mais claro por uma análise: a filosofia só pode recolocá-la sob nosso olhar, oferecê-la à nossa constatação (Merleau-Ponty, 2006, p. 16).

Uma intencionalidade operante que me conduzia para a vida e para o estudo de lugares agora cada vez mais vividos. Após o campo e com algumas reflexões iniciais, os procedimentos metodológicos, que são sempre parte de um processo em construção, passaram por uma reviravolta.

As situações podem nos surpreender e os planos podem mudar, mas nada perto do que foi 2020. Esses planos foram interrompidos, pelo cenário da pandemia da COVID 19¹² que atingiu o mundo e o Brasil de maneira devastadora, ceifou muitas vidas, nos deixou estarecidos (as) e impotentes. Interrompidos (as) mesmo, porque assim me senti quando comecei a entender o que significava o momento pandêmico. Ocorriam sucessões de surpresas, avanços e retrocessos no mundo da vida. Os panoramas eram caóticos. O certo é que o potencial de transmissão se espalhou e, a partir de então, o medo foi um sentimento presente na vida de muitas pessoas. Medo do desemprego, da fome, da pobreza, da loucura e da morte. A pandemia provocou muitas tensões e preocupações com a continuação da vida e foi agravada pelo contexto político e social irresponsável que assolava os nossos dias. Tudo isso impactou, significativamente, todas as condições necessárias para a continuidade da pesquisa de campo.

**Ahhh! Pandemia...
Quem diria que o mundo pararia.
Que nós iríamos sentir a agonia no dia a dia.
Que sofrimento e esperança lado a lado caminharíamos.**

¹² Segundo informações obtidas na Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) o alerta dos primeiros casos da doença ocorreu na cidade de Wuhan na China, ainda em 2019, como uma nova cepa de coronavírus. Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde passou a tratar o surto como uma situação de emergência de saúde pública de relevância internacional e em março de 2020 a doença foi caracterizada como uma pandemia, em virtude do seu potencial de transmissão a nível global (OPAS, 2022).

E, que a vida com muito esforço, resistiria.
Ahhh! Pandemia...

Flávia Souza.

O ano de 2020 foi, certamente, um ano angustiante. Mas, em janeiro, quando estava em campo, nem de longe concebia que a pesquisa, que parecia promissora, iria cair em fosso de medo e desespero. Santa Inês em janeiro de 2020 era uma cidade em expectativa para o acontecer da festa da Padroeira/Festival de Cultura que teria várias atrações musicais e artísticas diversas. As suas ruas e praças estavam envoltas por ações artísticas tais como roda de capoeira (figura 02), encontro de jovens conversando e dançando, samba de roda e a lavagem da igreja.

Figura 02: Roda de capoeira – Festa da Padroeira – Santa Inês/BA – 19/01/2020.



Foto: Flávia Souza.

Na figura 02, as pessoas estavam acomodadas e contornavam a parte interna do coreto com a aspiração de realizar uma roda. Ao som das palmas, dos berimbaus e do atabaque, a energia era produzida em uma interessante sintonia. A ginga era formada a partir de uma dinâmica circular, ora com as pernas, ora com o tronco e ora com o corpo inteiro e ali, diante de nós, se constituía uma roda de capoeira, realizada em conjunto e a partir de ações coletivas que lhe dera vida e, assim como descrevem Amaral e Santos,

os capoeiristas em uma grande roda são convocados a dar início a um jogo de vaivém de luta e dança de corpos ágeis dispostos em duplas – em que se combinam a ginga, o rabo de arraia e o chapéu de couro, entre outros

movimentos – dando ensejo a uma performance coletiva e comunitária, em que músicos, cantores e jogadores da capoeira mais e menos experientes se desafiavam uns aos outros e se confraternizam (Amaral e Santos, 2015, p. 56).

Diante deste jogo, deste vaivém, havia envolvimento das pessoas em participar das atividades. Por essa e por outras tantas ações, a cidade estava transbordando alegria e o comércio estava receptivo para os ganhos que seriam alcançados pela passagem de uma multidão de gente nos dias da festa. Pessoas de todas as cidades do Vale e até de fora do Vale estavam em Santa Inês. Nestes dias, fiz também muitos percursos a pé e de carro por Cravolândia e Jaguaquara, nos quais estabeleci trocas interessantes com os (as) estudantes e suas famílias.

A pandemia então se instalou. Era um enigma que amedrontava as nossas cabeças e que destilava impotência. A pergunta gritante era: e agora? O que faremos? Como vamos sobreviver a isso? Como vamos salvar vidas e evitar que mais vidas se percam? E as respostas eram confusas! Muita angústia, muito receio e o desafio era: como encontrar a principal conexão da pesquisa? AS PESSOAS!

Havia uma sensação de que não tínhamos mais futuro e a pesquisa começava a perder sentido. Mas, o meu ato de viver, sentir, observar e escrever precisava estar em prática. Em julho de 2020, a qualificação do projeto se tornou um respiro de reflexão. Era a hora de repensar a tese, refletir agora com base nas indicações realizadas pela banca e ainda retomar as leituras dos autores (as). Era o momento de responder as perguntas da banca sobre a tese e viver tudo isso com medo de sair de casa, de aglomerar, usando máscara, álcool gel e álcool 70, morando no bairro da Graça e indo, às vezes, em Paripe (bairro do subúrbio de Salvador) visitar a família.

Neste contexto, os (as) moradores (as) da Graça e de Paripe estavam vivendo a pandemia de maneiras diferentes, o que não era uma surpresa, já que são realidades economicamente opostas e vivendo a partir de necessidades desiguais. Popular como é Paripe, o contexto era de ruas movimentadas, com pessoas caminhando de um lado para o outro e apresentando um ar de medo no olhar e na pressa dos passos. O Paripe estava agora diferente, pois estávamos todos (as) mascarados (as). Na Graça, vivíamos uma pandemia de isolamento e de recuo em casa com o *home office*. Em Paripe, também, porém a rua não se apagava, havia um fluxo, havia uma resistência ou descrédito sobre a potência do vírus. Muita coisa aconteceu no contexto de um país desgovernado e eu me via ali entre a Graça e Paripe, pensando na pesquisa. Mas, eu iria pesquisar o Vale do Jiquiriçá. E agora? O Vale que também passava por regras rígidas de

distanciamento social e algumas vidas perdidas. Perguntava-me: como eu ia estudar uma Geografia em ato, se eu estava completamente fora do ato. Mídias digitais? seria essa a solução? Não! Não dava para ter prazer nesta pesquisa à distância. Portanto, não foi nada fácil tomar a decisão de mudança, de deixar Salvador e ser então uma nova moradora do Vale do Jiquiriçá, mesmo diante de pouca mudança na conjuntura da pandemia e com o fato de que todos (as) devíamos nos cuidar ainda mais com a identificação de novas variantes do vírus.

Além da qualificação, durante o ano de 2020, o grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação iniciou um ciclo de leituras em caráter virtual, o qual novamente foi um alento. Iniciei ali leituras que diziam muito sobre a minha existência e, algumas vezes, me confortavam, mas, na maioria das vezes, causavam revolta, pois refletir sobre as mazelas que atingem diretamente a minha existência, dói. Foi um ciclo com leituras antirracistas, majoritariamente escritas por autores e autoras negras. Estas leituras exigiram situar ainda mais o meu corpo como ponto de conexão com corpos diversos, pois muitas questões estão conectadas neste corpo (figura 03).

Figura 03: Uma mulher e uma tese: escritas conectadas!



Elaboração: Flávia Souza.

A figura 03 é uma combinação de palavras que dizem sobre mim e minha trajetória. Quando estou me concentrando ou quando estou angustiada, gosto de desenhar essas formas orgânicas e emaranhadas em uma folha vazia. Por isso, optei por fazer formas orgânicas preenchidas por palavras que definem/indefinem a mulher que sou, que interpreta o urbano e que escreve essa tese.

O meu ser-e-estar-no-mundo traz em si situações sociais que reverberam diretamente no meu existir. O colocar o meu corpo na rua me faz sentir que todos os dias são de luta, porque me exponho em uma sociedade racista, homofóbica, gordofóbica, dentre outras questões estruturais. Esta mulher captada a partir das palavras da figura 03 tem um corpo que está pautado em inúmeros debates resultantes de um arcabouço teórico que trata de como é ser mulher, negra e periférica e que, por necessidade de trabalho, se torna migrante. O meu corpo é diverso, em virtude, de inúmeras conexões que me constituem. Portanto, concordo com Rosa (2022), quando nos apresenta que as relações sociais passam por um processo de imbricação que envolve sexo, raça e classe. Para a autora,

as dificuldades encontradas na concepção de uma teoria que englobe as relações sociais de sexo, de raça e de classe é algo que aparece antes, nos movimentos, quando as lutas se constroem de modo fragmentado, na busca por um “inimigo” único, mas não um “inimigo comum”, o que, a propósito, tem se tornado ainda mais frequente nos últimos anos com o profundo estilhaço dos movimentos sociais no que se refere à construção das suas pautas. A preocupação com a realidade das mulheres negras tem sido central apenas nos movimentos de mulheres negras, mas esta luta já surge numa imbricação entre relações sociais de sexo, de raça e de classe, uma vez que suas condições são produzidas na amarração entre elas, tornando o seu reconhecimento central para uma articulação efetiva na luta de classes – que, para mim, ou é concomitantemente antirracista e antissexista, ou é uma abstração eurocêntrica apartada da realidade brasileira (Rosa, 2022. p. 46).

Sua abordagem teórica feminista, negra e materialista não é o caminho que busco nesta pesquisa. Mas, trago sua abordagem aqui neste momento metodológico, por ter encontrado as nuances que abarcam o meu corpo em sua escrita. Agora, em virtude de uma série de conexões, também não posso mais interpretar a realidade geográfica que me proponho estudar, sem refletir sobre o meu próprio corpo e sobre os demais corpos que passo a analisar.

Os inúmeros estudos e referências bibliográficas embasadas e exemplificadas denunciam que as interpretações das relações sociais, sob o ponto de vista eurocêntrico, colonizador, já não podem ser as únicas formas de leitura da realidade. As escritas de Grada Kilomba (2019),

Angela Davis (2016), Conceição Evaristo (2016), bell hooks (2017, 2019), dentre tantas outras autoras, clamam que os nossos corpos individuais e coletivos também sejam as referências para a interpretação da sociedade.

Desta maneira, contínuas e novas estratégias foram criadas para responder as questões e os objetivos específicos da pesquisa para se adequar ao momento pandêmico. Uma das primeiras foi morar, efetivamente, em Santa Inês/BA, já que o momento não era propício para permanecer no trânsito entre a capital e as cidades da pesquisa. Esta mudança produziu transformações na minha existência, pois novas e antigas articulações sociais precisaram se ajustar. Para a pesquisa, então, era necessário avançar nas estratégias.

A metodologia caminhou, lado a lado, com as imersões teóricas, mas precisou se adequar ao processo de fazer pesquisa com a realização de entrevistas virtuais; entrevistas presenciais; conversas informais; observação livre e observações baseadas em roteiros pré-definidos; visitas despretensiosas aos lares dos (das) estudantes, conversas com seus (suas) familiares sobre as suas rotinas; caminhadas cotidianas pela cidade; escrita cotidiana – diário de bordo; aplicação de questionários nas ruas, praças e largos e via google forms. Esses passos abriram caminhos para interpretar o urbano. Para Lefebvre,

[...] a análise dos fenômenos urbanos (da morfologia sensível e social da cidade ou, se se preferir da cidade e do urbano e de sua conexão mútua) exige o emprego de todos os instrumentos metodológicos: forma, função, estrutura – níveis, dimensões – texto, contexto – campo e conjunto, escrita e leitura, sistema, significante e significado, linguagem e metalinguagem, instituições, etc. Sabe-se, aliás, que nenhum desses termos tem uma pureza rigorosa, que nenhum é definido sem ambiguidade, que nenhum escapa a polissemia (Lefebvre, 2001, p. 59).

Como instrumento metodológico também foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais; pesquisa participante, através da observação e da descrição dos objetos estudados; e entrevistas narrativas – “não estruturada (s), de profundidade, com características específicas. Ela (s) emprega (m) um tipo específico de comunicação cotidiana, o contar e escutar história para conseguir este objetivo” (Bauer; Gaskel, 2007, p. 95).

Assim, a metodologia considerou as informações coletadas a partir da observação, da vivência, das sensações e das experiências urbanas. As conversas com os (as) moradores (as) foram

realizadas em espaços livres de edificação¹³, em especial nas ruas e praças. As conversas ocorreram também onde os (as) entrevistados (as) estavam e alguns critérios foram estabelecidos como definição por sexo, faixa etária, tempo de moradia na cidade, migrantes, não migrantes, um (a) entrevistado (a) indicou o (a) próximo (a), entrevistado (a) que tinham algum tipo de relação com alguma das cidades estudadas e outras estratégias para ampliar as bases da pesquisa. Estas informações foram também associadas aos dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) e do IBGE - 2010 e atualizadas, conforme, censo demográfico do IBGE – 2022 (Quadro 01).

Quadro 01: Apresentação dos dados da população

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO						
Dados da SEI e IBGE – 2010; 2022						
	População IBGE: 2010	Renda per capita	Sexo	Faixas etárias	Raça e cor	Origem
CRAVOLÂNDIA	Urbana: 63% Rural: 37%	52%: renda de 1 a 2 salários mínimos.	M: 49,28%. F: 50,72%.	0 – 14: (27,30%). 15 – 59 (60,70%). +60 (12%).	0,10%: indígenas. 0,80%: amarela. 15%: preta. 22,90%: branca. 61,10%: parda.	Natural: 72,76%. Não-natural: 27,24%.
SANTA INÊS	Urbana: 92% Rural: 8%	50,90%: renda de 1 a 2 salários mínimos.	M: 49,55%. F: 50,45%.	0 – 14: (25,10%). 15 – 59 (61%). +60 (13,90%).	0,10%: indígenas. 0,30%: amarela. 14%: preta. 20,70%: branca. 65%: parda.	Natural: 68,68%. Não-natural: 31,32%.
JAGUAQUARA	Urbana: 76% Rural: 24%	47,80%: renda de 1 a 2 salários mínimos.	M: 49,09%.	0 – 14: (28,50%).	0,20%: indígenas. 0,90%: amarela.	Natural: 76,37%.

¹³ São marcados pela ausência de áreas edificadas a exemplo de ruas, praias, praças, terrenos baldios, parques, áreas verdes, campos de futebol, dentre outros (Queiroga; Robba; Macedo et al., 2006).

			F: 50,91%.	15 – 59 (60,20%). +60 (11,30%).	14,50%: preta. 26,20%: branca. 58,20%: parda.	Não- natural: 23,63%.
--	--	--	---------------	--	--	-----------------------------

Elaboração: Flávia Souza.
Fonte: SEI e IBGE – 2010; 2022.

O quadro 1 apresenta alguns dados quantitativos, os quais demonstram aspectos da demografia, das questões etárias, de raça e de renda e permitem um conhecimento prévio sobre as cidades. É possível inferir com base nos dados do gráfico, por exemplo, que há uma expressiva porcentagem de habitantes com renda de 1 a 2 salários mínimos, o que demonstra um frágil poder aquisitivo e um perfil concentrador de renda. Ambos serão tratados em outros momentos dessa escrita.

Logo, os percursos traçados aqui partiram das experiências das pessoas com seus lugares, com e sem roteiro de pesquisa pré-definido, sem indicar caminhos, para então compreender a dinâmica que relacionava suas vidas ao acontecer das cidades. Estive em situação com estudantes, moradores (as) e suas famílias em suas casas e caminhando pela rua, por lugares da sua rotina nas suas cidades. Os momentos mais descontraídos e livres ocorreram dentro de suas casas, em conversas com outras pessoas da família, ao contar experiências de vida.

Assim, a investigação das relações urbanas associadas à performance exigiu a ampliação das análises teóricas dos temas tratados aqui. Para analisar a dinâmica urbana, foram realizadas entrevistas estruturadas (Apêndice A) com moradores (as) das cidades – comerciantes, líderes de associação de bairros, grupos de jovens que desenvolvem atividades culturais, agentes de limpeza e agentes de saúde, servidores públicos e estudantes. As entrevistas permitiram instantes de importante reflexão.

O observar e viver o fenômeno caminharam lado a lado e proporcionaram a identificação do lúdico, do criativo presente na ação das pessoas ao se divertir e no desenrolar da vida cotidiana. Estão presentes nas histórias de vida das pessoas e são parte das relações construtoras do urbano. Caminhei com pessoas escolhidas a partir do seu lugar de moradia e observei como seus corpos estão integrados à cidade. Estes caminhos levaram à identificação das performances

cotidianas na condução da vida urbana. Como identificar? Sendo parte intrínseca da vida na cidade. Provida de leituras sobre performance foi o momento de identificar se elas acontecem e quem são esses corpos em performance.

Também foi relevante entender como as três cidades se relacionam entre si, a partir da circulação de seus (suas) habitantes. Para tanto, foi importante analisar o contexto histórico e a dinâmica econômica, migratória, acesso aos serviços básicos: saúde, educação, saneamento básico, segurança, transporte, agropecuária, a partir de pesquisa documental, bibliográfica e aplicação de questionários (Apêndice B). Com base nestas informações, foi possível identificar como as cidades podem ser consideradas num contexto de descoberta de novas ou de outras centralidades¹⁴.

Algumas questões presentes nas entrevistas e nos questionários tiveram como referência o método para design urbano elaborado por Lynch (1997) para a realidade de Boston (Estados Unidos). Como foi uma referência, foram utilizadas indagações que podiam levar as pessoas a refletir sobre suas cidades, a partir das trajetórias relacionais com as mesmas. Lynch almejava uma leitura da imagem pública da cidade. Aqui, as questões produziram as possibilidades de seguir por trilhas vividas e construtoras das cidades pequenas. Algumas questões foram adaptadas e outras foram criadas com base na intencionalidade de pesquisa para dar conta do referencial teórico e prático. Lynch (1997) indica questões como: - “O que primeiro lhe traz a mente, o que simboliza a palavra (nome da cidade) para você?” (Lynch, 1997, p. 162); - Descreva seus percursos diários; - “Você sente alguma emoção específica no tocante a

¹⁴ A teoria das localidades centrais elaborada por Walter Christaller em 1933, nos levou a reflexão sobre as dinâmicas capitalistas que promovem uma diferenciação entre as áreas. Sua obra se destinou a trabalhar esta dinâmica a partir dos países desenvolvidos e industrializados, os quais produziram uma nova organização espacial da sociedade, principalmente a partir da definição de uma rede de cidades hierarquizadas. As contribuições de Christaller, permitiram uma definição para o conceito de centralidade, o qual passou a ser debatido e contextualizado por muitos autores, a partir de outras realidades geográficas. Embasado por estas questões, Córrea (1997) indica que para os países subdesenvolvidos há outros caminhos para abordar e aplicar o conceito de centralidade e apresenta a formação das redes dendríticas, os mercados periódicos e a teoria dos dois circuitos da economia. Daí o referido autor trabalha com as noções de áreas que atraem mais ou menos pessoas por maiores ou menores distâncias, a partir das medidas de alcance espacial máximo e mínimo. Além disso, indica que as redes dendríticas são formadas por uma cidade primaz em posição estratégica por concentrar funções políticas e econômicas com outras cidades em situação de troca e dependência no contexto da hierarquia urbana; os mercados periódicos são localidades centrais temporárias; e os dois circuitos da economia – superior e inferior (ver espaço dividido – Milton Santos – 2018) resulta do desenvolvimento tecnológico, o qual hierarquiza os circuitos: superior e voltado para atividades de elevado incremento tecnológico e inferior criado para atender diretamente a população e distante desse arcabouço de tecnologia. Apesar da hierarquia, os circuitos podem ocorrer de forma concomitante. Estes últimos aportes teóricos voltados para o debate da centralidade orienta as observações realizadas no contexto da minha pesquisa, mas a busca mais coerente com as minhas aspirações, encontra-se na ocorrência das centralidades lúdicas (Lefebvre, 2001), tendo o lúdico como parte da nossa existência, o qual pode ser acessado no cotidiano a partir das brincadeiras, dos sorrisos e dos encontros intersubjetivos (Souza, 2009).

diferentes partes do seu trajeto?” (Lynch, 1997, p. 162); - Descrever a (nome da cidade) para mim.

Estas questões e outras mais proporcionaram momentos reflexivos interessantes, já que ao solicitar a descrição da cidade para quem nunca a visitou, acontecia uma mudança no ato: em alguns momentos ouvia-se risos; em algumas pessoas os olhos brilhavam e a fala era emocionada; e havia também uma defesa poética para convencer a quem pergunta ou a algum visitante fictício, que surgia na imaginação do (a) entrevistado (a) naquele momento, o quanto a cidade é admirável. Mas, daí podia também surgir um estalo para apontar as falhas e as problemáticas que atingem este dia a dia, porém nada que pudesse condenar a qualidade da cidade.

As reflexões foram realizadas com cuidado, sensibilidade e respeito por aqueles e aquelas que contavam suas histórias. O ato de estarmos juntos (as) neste momento de indagações e assertivas expuseram o vivido permitindo acompanhar sua existência. A associação das metodologias foi parte do constructo de uma temática que clama por uma Geografia vivida e pelo desejo nato de desbravar a realidade.

Todos devem conhecer lugares, responder aos espaços e participar na criação (destruição) da paisagem, meramente para ficar vivo; desta maneira a geograficidade é central nas experiências como, por exemplo, em admirar o pôr-do-sol ou cenário agradável, em conduzir um carro através das ruas da cidade, ou em escolher uma área na qual comprar uma casa (Relph, 1979, p. 18).

Todos os objetivos partiram de uma aproximação com o Lugar, o ser-e-estar-no-mundo e com a pandemia era necessário fazer algo para não perder estas relações e a maneira encontrada foram os aplicativos de mensagens instantâneas e as plataformas virtuais. Para debater e dialogar sobre o “Vale”, foram realizadas algumas entrevistas virtuais. Entre os meses de abril e maio de 2021, já residindo em Santa Inês, ainda haviam alguns impasses para a continuidade da pesquisa de campo, em virtude do contexto pandêmico que permanecia intenso. Havia ali muitos registros de casos e mortes em todo o Brasil. Aqui nas cidades do Vale não era diferente e haviam decretos estaduais e municipais que inibiam a circulação das pessoas com o intuito de reduzir a circulação do coronavírus. Em Santa Inês, no mês de março de 2021, praticamente inteiro, foram registrados 3 casos ativos. Em abril de 2021, os casos começaram a aumentar e, no dia 01, a prefeitura decretou toque de recolher das 18 às 5h da manhã, o que durou até o dia

05 de abril e o número de casos chegou a 10 em todo o mês. Em maio, os números aumentaram, chegando a 48 casos ativos para o coronavírus. Estes dados eram informados pela Secretaria de Saúde de Santa Inês. Esse aumento coincide com aumento em todo o Brasil, em virtude da variante ômicron.

Neste ínterim, segui as estratégias que se ampliaram no contexto pandêmico, de utilizar plataformas de reuniões online (Zoom) para alcançar pessoas em seus lares e lugares. Um período conflitante, porém, de aprendizado. Para tanto, o passo foi chegar nestas pessoas e solicitar a entrevista e o tempo para pensarmos juntos (as) sobre as suas histórias interligadas com as suas cidades. O ponto de partida foi buscar aquelas pessoas que me apresentaram suas cidades, seja contando suas histórias em sala de aula, seja nas visitas de campo ou nas visitas durante os estágios supervisionados. Contactei os (as) estudantes com quais tinham alguma familiaridade e alguma confiança, baseada na relação professora-estudante. Foi este binômio que me fez ter curiosidade sobre trajetórias e, por isso, também foi um caminho possível para encontros intersubjetivos.

Naquele contexto, o objetivo era conversar com os (as) estudantes entrevistados (as) sobre as suas experiências e a vida cotidiana em suas cidades. São homens e mulheres que passaram ou ainda estavam no IF baiano e que durante a sua trajetória por lá, através de suas ações, reverberaram o desejo de aprender mais. Neste contexto, foram realizadas seis entrevistas especializadas pelas cidades do Vale (Ubaíra, Laje, Mutuípe, Jiquiriçá e Itaquara). As entrevistas (Apêndice C) foram realizadas com base nas disponibilidades dos (as) estudantes e ocorreram em horários diferentes: algumas pela manhã, outras pela tarde e outras à noite por conta da rotina de trabalho dos (as) entrevistados (as). As entrevistas foram autorizadas, gravadas e, posteriormente, transcritas e proporcionaram uma condução metodológica diferente, pois a tela causava um estranhamento inicial, que bem aos poucos foi se diluindo, em um contato com menor frieza.

Com a tentativa de alcançar o mais próximo de uma relação, descrevi para além das falas, a vivacidade corporal a partir do toque das mãos, o balançar dos braços, a direção e a maneira de olhar, as reações do rosto a cada resposta e as minhas próprias reações ao ouvir um determinado depoimento. O tempo passou e as estratégias de observação, experiência e conexão com o vivido começaram a retomar o fôlego. Já podia estar na rua e, assim, propus entrevistas

presenciais em áreas predefinidas pelos (as) entrevistados (as). Daí as áreas escolhidas e os (as) próprios (as) entrevistados (as) viabilizaram encontros em diversidade.

Essa diversidade foi presente nas entrevistas, a princípio sem muita pretensão, mas depois a intencionalidade conduziu algumas escolhas. Para as três cidades, foram realizadas 40 entrevistas, as quais foram baseadas em uma amostra representativa. Pessoas com idades entre 18 a 70 anos, em sua maioria negros (as). Na labuta diária alguns (as) lidam com a terra; outros (as) são servidores (as) ou contratados (as) da prefeitura e atuam em diferentes secretarias; outros (as) vinculados (as) à educação; trabalham no comércio local; pessoas de diversas religiosidades; e pessoas trans. Todas foram identificadas aqui pelo primeiro nome, já que, ao solicitar a entrevista, não houve resistências para a identificação.

A partir das entrevistas, dos questionários, diários de campo, da imersão nas ações, as cidades em suas configurações e seus contextos históricos despontavam. Foram cruzadas as experiências humanas com as minhas expressões sobre algumas das cidades que compõem esse Vale e que através destas trocas tornou-se parte do meu viver e da minha própria “experiência geográfica, tão profunda e tão simples” (Dardel, 2015, p.06). A finalidade foi pesquisar experiências corporais diversas, a partir das quais são realizados os percursos e, coletivamente, são responsáveis por formar as centralidades e as redes de familiaridade. Nestas cidades partilhei experiências!

1.1. Referências teóricas e práticas: os de antes, de durante e os que estão por vir

Os antecedentes desta tese foram as bases para o acontecer das reflexões que permitiram a elaboração da temática. A curiosidade foi a motivação para transformar as trocas vividas em um processo de pesquisa, inspirado em um movimento corporal que tinha como reflexo a dialética urbano interior-urbano metropolitano. Como dito anteriormente, os meus sentidos espaciais, minhas experiências de cidade e do urbano estavam fundadas na metrópole baiana, por ser parte de toda a minha existência. O urbano estava tão intrínseco à minha presença no mundo, que não o refletia com frequência, até encontrar o conhecimento geográfico e suas possibilidades de criar conexões e desconexões operacionalizadas em seus conceitos e categorias.

E tudo começa no contexto da cidade de Salvador/BA e, mais uma vez, a Geografia permitiu uma aproximação escalar significativa para adentrar na dimensão espacial da metrópole a partir do cotidiano vivido em seus bairros populares, mais precisamente, no Subúrbio Ferroviário. A trajetória entre viver e analisar o Subúrbio Ferroviário resultou em uma compreensão diferenciada da cidade e do urbano. Ao refletir as problemáticas e as experiências de alguns/algumas moradores (as) do Subúrbio foram questionados e construídos atos reflexivos capazes de me fazer argumentar e contextualizar a minha própria experiência. Para Heidegger,

Todo questionar é um buscar. Toda busca retira do que se busca a sua direção prévia. Questionar é buscar cientemente o ente naquilo que ele é e como ele é. A busca ciente pode transformar-se em “investigação” se o que se questiona for determinado de maneira libertadora (Heidegger, 2020, p. 40).

Na busca por pesquisar os bairros do Subúrbio, foram estreitadas as trocas de ideia com o outro, a partir de fatos importantes das suas trajetórias, associadas às histórias de formação dos bairros analisados. Nestes encontros trocávamos emoções, sorrisos e revolta, ou seja, muitos sentimentos imbricados. Na rua ou dentro de suas casas, havia ocasiões em que a entrevista se transformava em um “bate-papo”, uma intimidade momentânea presente e um contato real. Porém, tinham também aqueles (as) que não queriam conversar e que não se interessavam em falar sobre o seu bairro e até mesmo que nem gostava de viver ali. Os sentimentos eram de raiva, medo e tristeza, por não haver outras opções para sair dali e viver a vida em outro lugar.

Conheci novas histórias e vivi um cotidiano diferente do meu. Assim, as aprendizagens se somaram a cada dia e se manifestaram em cada nova situação por questões de trabalho; a cada novo contato com a educação e com os (as) estudantes dos bairros populares, já que me formei professora de Geografia; em cada viagem e cada novo lugar a ser explorado; e tudo isso aguçou o meu interesse pelo cotidiano vivido na cidade e pelo contato interpessoal presente. Por este motivo, as trilhas que conduzem minha vida, principalmente a acadêmica, me induzem a priorizar escalas geográficas de análise mais horizontais, por tratá-las como capazes de desvelar as outras escalas e de identificar a cidade e o urbano de um modo mais orgânico¹⁵ e intrínseco.

Ainda no curso das pesquisas realizadas em Salvador/BA, foram identificadas ações humanas ocorridas em áreas intersticiais, as quais eram realizadas, habitualmente, como parte da vida de

¹⁵ Orgânico aqui entendido a partir da essência de ser. Algo que é inerente ao indivíduo e que, portanto, é fundamental para o acontecer de suas relações em contextos diversos; pode ser reflexo de uma qualidade presente nas relações cotidianas de maneira dialética.

cada indivíduo. As ações das pessoas eram pautadas na relação das mesmas com alguns espaços livres de edificação e foram comprovadas por meio da observação contínua e das entrevistas com quem usava esses espaços livres e buscavam incorporá-los como parte da sua existência cotidiana¹⁶.

A rua¹⁷ é, então, um espaço livre de edificação assim, pois nela as pessoas praticam caminhadas, corridas e param para abstrair, para contemplar a natureza e para encontrar alguém; nela as pessoas jogam baralho, dama ou dominó em duplas ou grupos e, muitas vezes, sem refletir, se apropriam da cidade e do urbano a partir dos seus corpos em todos os sentidos, e aqui os sentidos são literais, pois a depender do jogo, há muito toque, cheiro e sabor, sensações que só quem sente pode descrever. Borges (2019) nos convida a se expor à cidade, uma exposição que, segundo o autor, nos faz atravessar experiências potentes, apoiadas em histórias instigantes, as quais animam a vida. Para tanto, suas reflexões caminham por narrativas em direção ao desconhecido e nos apresenta, sensitivamente, como realizar uma conexão entre observar e ser, a partir de “um encantamento e sedução pelo corpo” (Borges, 2019, p.30).

Mudamos nossa perspectiva de entrar em contato com as coisas, com alguém, passamos a prestar mais atenção em todos os sentidos, mas não só isso, começamos também a relacioná-los, a criar conexões entre o que vemos, ouvimos, sentimos, cheiramos, tocamos, degustamos. Degustar não só no sentido estritamente gustativo, o da boca, uma degustação corpórea, no sentido de experimentar com atenção e deleite o sabor de algo, provar, apreciar com suavidade, atenção. Saborear com os olhos, ouvir com a boca, ver com a pele, tatear com os ouvidos, e todas os outros entrelaçamentos possíveis a serem feitos. Cada nova relação, cada nova interligação são experimentações novas que vão potencializando sua visão e sua experiência com ela (Borges, 2019, p.30).

Estar na rua de corpo inteiro é degustar, é experimentar novas relações, é o despertar do lúdico, da resistência e da festa, cada vez mais urgentes para qualificar as condições de nossa existência.

¹⁶ Dados identificados durante a minha pesquisa de mestrado (2007 a 2009) realizada nas áreas populares da cidade de Salvador/BA, a partir das quais busquei possíveis centralidades lúdicas no contexto dos espaços livres de edificação, principalmente, naqueles mais intersticiais das referidas áreas.

¹⁷ Vaz (2022) realiza uma ampla discussão teórica sobre a rua, no contexto da modernidade e nos dá uma ideia sobre sua importância para a ciência geográfica. “No âmbito de uma pesquisa geográfica, pensamos que a compreensão da rua, manifesta individual e intersubjetivamente, se dá a partir de uma perspectiva de estranhamento diante do fenômeno. A rua, no entanto, se manifesta na vida cotidiana na cidade, na necessidade dos deslocamentos, no comércio de rua, nos encontros, na necessidade de acesso a serviços, nos conflitos, na exclusão social crescente (desvelada por aqueles que ocupam as ruas da cidade) e até na fuga de um encontro consigo mesmo ou com o outro. Portanto, a rua aparece a partir da experiência de cidade, do habitar, entre a memória do que já foi e o anseio do que está por vir” (Vaz, 2022, p.76).

Nestas pesquisas anteriores, portanto, foram identificados espaços livres de edificação como centralidades lúdicas¹⁸, as quais foram manifestadas a partir da ocorrência de ações que permitiam o despertar do lúdico em corpos diversos que ali se encontravam. No contexto da busca por diversão e lazer ou por se inserir num processo de manifestação popular, as pessoas se conectavam de forma, expressivamente, corporal.

Ao observar uma manifestação popular mais atentamente, percebia-se que havia uma apreciação por quem as planejava, mas também por aqueles (as) que não estavam participando diretamente, pois estavam nas varandas, nas lajes, nas janelas, assistindo e sendo observados (as) por quem acompanhava o cortejo. Estas pessoas se permitiam integrantes de um processo contemplativo e lúdico, traduzido a partir da agitação e da curiosidade. E, provavelmente, saboreavam com os olhos e experimentavam sons e sabores naquele contato (Borges, 2019).

O acontecer da Lavagem de São Braz em Plataforma, um dos bairros pesquisados no Subúrbio de Salvador, foi um exemplo. Naquele momento buscava a inter-relação da manifestação das pessoas com as ruas, praças e largos e o trajeto até igreja de São Braz. No caminhar e nas conversas com os (as) participantes, muitas ações repercutiram algo em mim. Como parte, acompanhava a agitação dos corpos e me agitava também, dançava junto e me divertia. Parava de acompanhar para fotografar, intencionalmente, os de fora da manifestação. As baianas paravam e faziam poses para as fotografias, muitas das quais solicitadas e outras não. Elas queriam mostrar a beleza de suas indumentárias brancas e seus turbantes; o colorido dos colares e das flores; e o cheiro que exalava daquele pote de barro afagado, carinhosamente, entre seus braços. O impacto das batidas dos tambores na fanfarra era indescritível e gerava arrepios na pele.

Eram muitas ações de ocorrência variadas, pois para alguns/algumas havia o anseio de que tudo deveria estar ocorrendo como esperado; e, para outros corpos envolvidos, havia ali uma entrega em nome da fé, da espiritualidade e da diversão. Havia corpos animados com figurinos diversos e envolvidos em suas danças e os curiosos que saíram de suas casas para contemplar a passagem da lavagem, na procura de uma posição ideal para acompanhar o cortejo.

¹⁸ Caracteriza-se pela existência de ações que permitam a identificação de um conteúdo original pautado na essência do jogo lúdico na constituição do espaço urbano e encontradas através da busca por diversão e por descanso que é inerente aos indivíduos e estes a superam através dos processos de ludicidade. Deste modo, a centralidade lúdica tem a implicação de restituir o sentido da obra trazido pela arte (Lefebvre, 2001).

Estes antecedentes indicaram que as ações são/estão perceptíveis no cotidiano e promoveram um alicerce para continuar estudando o cotidiano, o qual é considerado aqui como uma referência socioespacial do acontecer da vida e de seus tons. Um desenrolar da vida animado pelo aflorar de sentimentos variáveis, refletidos em relações de amizade, solidariedade e tantas outras trocas intersubjetivas. Se no cotidiano se desenvolve a vida, estamos diante de uma existência que é humana e, portanto, possui uma essência, a qual Dardel (2015) denomina de geograficidade, “amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma Geograficidade (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino” (Dardel, 2015, p. 1-2).

As existências se cruzam a partir dos encontros interpessoais, das trocas de olhares, dos corpos que participam, mutuamente, de uma ação; mas, se cruzam também ao viver, sentir e refletir como a ação repercute e, posteriormente, descrever as sensações e concretizar a escrita. Sou impactada pelas ações das outras pessoas, mas também produzo impactos e sensações para quem me observava. Sou o encontro e parte intrínseca do fenômeno estudado, ou seja, eu me desnudo e os papéis passam a ocupar funções que se mesclam, ou seja, eu sou a pesquisadora, sou a mulher, sou a professora do IF Baiano, sou a pessoa de fora (no caso das cidades da Bahia). Só posso me desnudar dos meus a priori porque tenho o método fenomenológico como um significativo aporte na minha formação. Por ter tido a possibilidade de conhecer o método e suas diferentes fenomenologias é que me permito escrever sobre intersubjetividades, experiência, imaginação, viver, sentir e investigar a cidade e urbano¹⁹ a partir da essencialidade dos fenômenos por conta de uma consciência intencional (Husserl, 2000).

Situações vividas e, posteriormente, analisadas como orientadoras das reflexões sobre um urbano interior a partir de uma Geografia em ato realizada pelos habitantes de Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês. Vale salientar que o uso do termo – município – ocorreu sempre que a abordagem aqui proposta tivesse um cunho político-administrativo. Porém, para o decorrer da tese, em virtude dos caminhos escolhidos, os quais são baseados em experiências urbanas,

¹⁹ Ao longo das últimas décadas foram realizados importantes estudos no âmbito do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação (Coordenado pelo Professor Dr. Angelo Serpa), nas quais foram traçadas uma diversidade de análises pautadas na compreensão da fenomenologia como aporte teórico e metodológico, considerando-o como uma possibilidade de investigar a organicidade de ações humanas na perspectiva do urbano. Há também uma busca por integrar os métodos fenomenológico e dialético, para assim, alcançar a dinamicidade dos fenômenos geográficos.

Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês são consideradas como cidades pequenas com base nas observações, leituras, análises de campo e na interpretação de todo esse conjunto de ideias.

Como é uma investigação fenomenológica, foi necessário se perguntar: que urbano é esse? Foi necessário imergir neste urbano. Mesmo imersa, esta pergunta esteve quase sempre presente, mas, às vezes, se perdia em meio ao que era novo, enquanto o repetitivo e o corriqueiro perduravam. Outras vezes, dava uma pane na inspiração e tudo ficava em suspensão. Ao investigar estas cidades trago perspectivas de análises, assim como fizeram vários pesquisadores e pesquisadoras que demonstraram estar abertos para análises sobre as dinâmicas das cidades médias e pequenas a partir da década de 1990. Para Brandão,

Vale dizer que tal abertura não se deu ao acaso. Ao contrário, busca responder a certas transformações ocorridas no Brasil contemporâneo (e, de igual modo, em outros países da América do Sul), geradoras de novas dinâmicas e configurações nos papéis desempenhados pelas cidades médias e pequenas, seja no âmbito do intraurbano ou na escala urbano-regional. Assim, como consequência da modernização do/no campo, ampliação e difusão da produção e do consumo, crescimento populacional e surgimento de novos fluxos de migração, entre outros fatores que incidiram, direta ou indiretamente, na intensificação da urbanização da sociedade em que espaços pouco densos em técnicas e pessoas, as cidades não metropolitanas passaram a ser cada vez mais importantes em seus respectivos contextos regionais e, em alguns casos, até mesmo em escalas e circuitos nacionais e internacionais. Por outro lado, diante de tão profundas transformações, questões tipicamente atinentes às grandes cidades e regiões metropolitanas, como, por exemplo, o recrudescimento de problemas socioambientais, ampliação das diferenças e das desigualdades do/no espaço, incremento das funções urbanas, complexificação das relações entre as cidades, apropriação e ressignificação de cultura(s) e deslocamentos intra e interurbanos, se tornaram mais presentes nas cidades médias e pequenas, suscitando, assim, maior atenção dos pesquisadores (Brandão, 2019, p. 5-6).

Ao considerar as cidades desta análise com base neste escrito de Brandão, é possível situá-las, previamente, a partir do que autor relata após o “Por outro lado [...]”. Neste momento, o autor descreve condições que se aproximam mais dos processos urbanos que marcam as cidades de Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês. As três cidades não apresentam características significativas para posicioná-las, integralmente, nos intensos processos de especulação imobiliária, normatização e adequação das formas da cidade a modelos hegemônicos pré-estabelecidos e nem abrigam parcelas significativas de capital e consumo. Já as condições urbanas de desigualdades, os deslocamentos intra e interurbanos e os problemas ambientais são presentes.

São cidades vividas com suas problemáticas, avanços e retrocessos. As dificuldades de deslocamento são efetivas e as pessoas buscam alternativas para seguir suas vidas em meio a dinâmicas de tensões e alegrias, comodismos e resistências, diversão e violência. São também cidades desiguais e, ao mesmo tempo, dotadas de relações de familiaridade marcantes, pois os contatos se dão a partir de uma “árvore genealógica popular” – *esta é a filha de dona Zete, irmã de Pito, sobrinha de Cal – dono da mercearia* e, assim, é posta a rede de relações interpessoais, pois se não conhece a pessoa diretamente, é fundamental conhecer seus familiares e, assim, se edificam as relações de proximidade nestas cidades.

Minha identificação individual gera, prontamente, a indagação - *Sim, mas de quem você é filha?* E, essa é uma resposta importante para a continuidade do encontro. Para Goffman (2014) isso se dá porque

Quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem. Estarão interessados na sua situação socioeconômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece etc. embora algumas destas informações pareçam ser procuradas como um fim em si mesmo, há comumente razões bem práticas para obtê-las. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada (Goffman, 2014, p. 13).

Assim me senti com as indagações, estou sendo observada, avaliada. Como pessoa sem vínculos familiares sanguíneos na cidade de Santa Inês, a pergunta só cessa quando respondo: - *sou professora do IF Baiano*. Aí, pronto! As relações podem agora ter sua continuidade com a devida “tranquilidade”, característica cara para uma cidade pequena. Goffman (2014) considera que, como observadores, as conclusões e os estereótipos extraídos dessa interação imediata resultam de uma avaliação da conduta, da aparência e de experiências anteriores com outros similares e, no caso aqui, essa presença de professores do IF baiano é fato comum em Santa Inês e, portanto, pode ser iniciada o que Goffman (2014) define como interação²⁰face a face.

As análises realizadas por Goffman, ao tratar da representação do Eu na vida cotidiana, aprofundam o tema a partir dos nossos objetivos, intenções, anseios, quando nós desempenhamos o papel social de estar em presença imediata com o outro. O que buscamos

²⁰ Na abordagem de Goffman (2014) seria aquela “que ocorre em qualquer ocasião, quando, um conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros” (Goffman, 2014, p.28).

colher dessas relações? Para o autor, nós temos o principal interesse em regular também as impressões dos outros sobre nós. Talvez, por isso, seja tão importante, para os cidadãos, obter esta informação no primeiro contato. Ao se apresentar também demarcam a sua rede de familiaridade, para também conduzir a minha impressão sobre eles, quando isso acontece, Goffman (2014) indica que o indivíduo “estará agindo calculadamente, mas terá em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim” (Goffman, 2014, p. 18).

Essas interações conduzem os encontros nas cidades pequenas, as quais são reais e concretas como nos indica as análises de Endlich (2019). A autora tem outros objetivos ao analisar as cidades pequenas, pois sua abordagem pretende comprovar as dinâmicas urbanas que as formam, em uma perspectiva histórica, territorial e em rede. Aborda, assim, como são marcadas pelos casos de violência e por um sentimento de insegurança que se torna cada vez mais presente.

Neste aspecto, apresento aqui uma breve sensação ao viver em uma cidade pequena e se atentar para esse sentimento de insegurança. A experiência a partir da metrópole me faz até desacreditar essa insegurança, pois parto de índices de violência mais elevados e com informações sobre ações trágicas mais evidenciadas em mídias digitais diversas, impressa, escrita e falada e nas conversas cotidianas também, logo, a sensação de medo é mais acentuada. Em algumas falas, compartilhadas durante a pesquisa, os (as) moradores (as) não relatam insegurança e ainda indicam este descrédito – *“Não admito assalto aqui, é improvável. Todos se conhecem e se vier me assaltar é porque quer”*; - *“O assalto é algo inédito, um assalto é um evento, quando acontece a gente fica abismada”*.

No entanto, uma caminhada rápida pela cidade permite a visualização de uma significativa presença de grades em portas, janelas e casas com muros altos que provocam uma impermeabilidade visual externa e interna. Fato associado a uma necessidade de segurança que se pauta em poucos casos de violência²¹, se comparados às cidades maiores, porém são casos que ganham uma notoriedade significativa no âmbito das cidades. As informações de violência são rapidamente difundidas por “boca a boca”. Há uma rede de comunicação com circulação

²¹ Os dados da violência pesquisados entre os anos de 2018 a 2022 (período desta pesquisa), demonstram que o número de mortes violentas, tipificadas como homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal com morte e feminicídio, foram: 3 em Cravolândia, 11 em Santa Inês e 55 em Jaguaquara (Mortes violentas ano a ano por município – SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DA BAHIA).

constante, a partir da qual, a cidade conta os fatos diários e, se o fato é violento, as dimensões variam do medo a revolta, por conta da alteração deste cotidiano de “sossego”. Estas grades, os muros, concertinas, câmeras e interfones também são marcadores de classes sociais²². As famílias com maior poder aquisitivo investem nestes itens de segurança, como argumento para a proteção de um patrimônio. Algumas famílias investem em todos os itens listados acima e outras instalam as grades em portas e janelas. Em contrapartida, as residências que abrigam famílias mais pobres estão voltadas para a rua sem nenhum marcador de segurança e, comumente, mantêm portas e janelas abertas.

Para além dessa abordagem da violência, Endlich (2019), tomando como referencial as reflexões teóricas de Lefebvre, também elabora uma análise destas cidades sob um viés concreto e utópico. Segundo a autora:

Ao trabalhar com pequenas cidades procuramos compreendê-las como uma das formas possíveis para a vida urbana. Compreendemos quando trabalhamos com pequenas cidades que lidamos com espacialidades urbanas, mesmo que em nível elementar, e concebemos como perspectiva o que denominamos de utopias urbanas, ou seja, mantemos uma expectativa de condição social e humana de vida vindoura, baseada nos avanços tecnológicos e científicos, superior a atual e que tem condições de realização nas cidades (Endlich, 2019, p.19).

Torna-se complexo acreditar nesta condição de vida vindoura e utópica, se estamos diante de gestores (as) e profissionais que produzem a cidade, se pautando nos mesmos elementos técnicos que produzem uma metrópole. Pouco se vê de práticas que priorizem a redução dos impactos socioambientais, pois não há extensos projetos de saneamento básico ou de enfrentamento pela redução do barramento de rios, da extração de matas ciliares e do desmatamento. A prioridade é construir e concretar a cidade. Produzir uma ambiência urbana que atenda circulação do transporte automotivo com a ampliação do pavimento asfáltico. O utópico talvez ainda seja a permanência de uma existência humana, integrada à manutenção de

²² Dias (2016) elabora uma densa busca teórica para destacar os caminhos de sua tese no que tange a interpretação das classes sociais e alcança critérios para sua delimitação. Para tanto, trabalha com os critérios de maneira articulada e, assim, considera a ocupação, a renda, o grau de escolaridade e a posição na ocupação como parâmetros para uma identificação das classes sociais como classes populares, classes médias e classes (médias) superiores. A análise dos domicílios seria agregada a estes critérios, quando fosse necessário, partindo de elementos como a situação da conservação, padrão físico do domicílio e estrutura de lazer e segurança. A investigação das classes sociais, para esta autora, leva “em conta a articulação de atributos individuais e do domicílio, ou melhor, possibilidades de inserção no mundo social a partir do trabalho e das condições de vida no âmbito da unidade doméstica, espaço ‘íntimo’ da reprodução social” (Dias, 2016, p. 82). Vale ressaltar que, a autora não aborda as classes sociais, articulada a estrutura dos domicílios, às questões de segurança e a violência, mas apresenta a forma e a estrutura domiciliar como um critério de definição de classe.

uma vida cotidiana sossegada, com poucos agentes externos produtores de tensões e estresses elevados. Há poucos encontros forçados com o outro, pois boa parte se dá por conta das relações de vizinhança e, se estas foram lesadas por fatores de tensão, há um distanciamento corporal significativo.

Compondo o debate sobre as análises que envolvem as cidades pequenas, Santos (2019) indica a necessidade de cuidado com os percursos a serem tomados para entendê-las tal como são. Há uma solicitação de analisá-las a partir das escolhas do método e dos motivos que nos leva a querer adentrar nas descobertas sobre estas cidades. Qual contribuição teórica e metodológica será dada a partir dos anseios que nos encaminha para a pesquisa? Esta é uma pergunta importante e ainda bem que há pesquisas mais próximas das cidades, das experiências e das possíveis leituras de mundo. Para Santos (2019):

Sob a ótica da Ciência Geográfica, há inúmeras possibilidades de leitura do mundo contemporâneo, e isso é crucial para entender as transformações pelas quais a sociedade e a natureza passam. Como as cidades pequenas também estão envoltas nessas mudanças, portanto, pesquisas que reflitam sobre dinâmicas espaço-temporais são seminais, seja porque permitem entender a organização territorial, seja porque alicerçam outras necessidades locais, como: elaboração de propostas de planejamento, preservação da memória urbana, análises ambientais, atividades didático-pedagógicas etc. (Santos, 2019, p.70 -71).

Por isso, estes caminhos tornam-se profícuos cada vez que os estudos das cidades sejam tratados com cuidado pelo (a) pesquisador (a) ao escolher a temática e a motivação por trabalhar determinada cidade, em qual abordagem teórica trará as dúvidas, as angústias e as respostas que se almeja alcançar com a pesquisa. E, aqui, é importante sinalizar que os estudos sobre cidades pequenas se ampliam, porém ainda são necessárias as investigações e as constatações existentes, especialmente sobre o estado da Bahia.

Nas cidades pequenas, pensar o urbano ainda é um desafio acadêmico instigante e a Geografia nos apresenta possibilidades para partir da elaboração de abordagens escalares afeitas à vida cotidiana para escalas mais regionais. Neste sentido, a intencionalidade aqui foi também analisar a mobilidade e a circulação dos (as) habitantes das três cidades, para assim traçar uma perspectiva de uma rede urbana inter e intrarregional, condição que conduz para a identificação de alguma centralidade.

Ao ser afeita à vida cotidiana, a abordagem parte da identificação e da desconstrução de um cotidiano urbano cada vez mais evidente. Parece que tudo já está dito e pronto no decorrer desse dia a dia. Não há surpresas?! Será que não há surpresas ou descobertas que permitam viver e sentir esse urbano interior, na profundidade que esta palavra nos permite viver e sentir? Ainda hoje é possível se ater a algo de inusitado e efêmero que possa sentido no urbano? E, nas cidades pequenas, como imaginar a possibilidade de um urbano outro? Por isso, a vivência desse urbano aguça a minha curiosidade e parto do entendimento que os significados da vida precisam ser revelados em nossas pesquisas. Relph nos faz refletir que

Os significados originais do mundo vivido estão constantemente sendo obscurecidos por conceitos científicos e pela adoção de convenções sociais; e apesar de vivermos nele, o mundo vivido não é absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentam por si mesmos, mas têm de ser descobertos. A dificuldade é como fazer isso sem destruir a riqueza e a complexidade dos significados. A descrição e a interpretação fenomenológicas oferecem métodos bem desenvolvidos para se realizar essa tarefa (Relph, 1979, p. 04).

A condução da pesquisa a partir experiência aproxima desses “significados originais do mundo vivido” citados por Relph (1979) e por uma perspectiva que permite participar e imergir no acontecer do urbano nas três cidades e apresentar a integração entre ser e terra em suas variadas nuances.

Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês estão próximas e interligadas por estradas que atravessam uma cobertura natural vegetal diversa. Em Cravolândia e Jaguaquara, observa-se uma formação vegetal com espécies que se adaptam aos períodos de seca e, portanto, mantêm água em seu caule para garantir a sua sobrevivência. Isto decorre das variações de temperatura que, comumente, marcam a área com inverno frio e seco e um verão quente e chuvoso e ainda sob a influência das altitudes. Este comportamento fitogeográfico origina uma floresta estacional semidecidual, no caso de Cravolândia, e uma floresta estacional decidual, no caso de Jaguaquara. Mas, é importante citar que esta cobertura vegetal muda quando adentramos o campo, já que em ambos passamos a observar uma floresta mais densa e úmida, denominada de Floresta Ombrófila Densa. Já em Santa Inês, o comportamento fitogeográfico apresenta características semiáridas, porque aqui encontramos uma floresta estacional decidual e semidecidual em toda sua extensão (Informações sobre vegetação dos municípios baianos - Sistema de Dados Estatísticos (SIDE) - SEI – Fonte: RADAMBRASIL, 1983).

Além das características da vegetação podem ser identificados nos percursos do campo, algumas lagoas, espécies de animais, lotes de terra de pequeno e médio portes e fazendas (latifúndios). Pela BR 420, no sentido Jaguaquara, primeiro encontramos Santa Inês, com uma fachada e alguns canteiros ornados com protótipos de dinossauros em tamanho real. Ao adentrar a cidade, passamos pelo seu centro comercial e de serviços e, por esse caminho, seguimos até Cravolândia.

O caminho entre Santa Inês e Cravolândia é uma estrada reta de 8 Km com algumas poucas depressões na via. Ao sair da cidade, em direção a Santa Inês, a BA 120 tem algumas referências de localização, a exemplo do posto de gasolina, a Escola Estadual de Cravolândia e a área que abriga a feira livre. Neste percurso há trechos com solo exposto, desmatado e árvores de pequeno e médio portes. Há uma espécie que se repete bastante, denominada, popularmente, pelos (as) moradores (as), de “Jerema”, mas o nome científico é *Acacia Jurema*, espécie característica da floresta decidual e muito utilizada pelos (as) moradores (as) como lenha. A estrada é pavimentada e margeada por perfis rochosos, há um trecho de rio e de barragem. Há uma presença de sítios e fazendas, a exemplo da Fazenda Mandacarú no lado esquerdo sentido Santa Inês. São propriedades privadas que ocupam uma significativa faixa de terra e, portanto, há poucas áreas de habitação.

A depender do horário, a estrada é pouco movimentada para circulação de veículos, mais comuns nos turnos matutinos, porém, nas primeiras horas da manhã e nos fins de tarde, amplia-se a circulação de pessoas para caminhadas e ciclismo. A estrada não tem acostamento, o que torna a circulação perigosa, entretanto, para os (as) moradores (as), é mais uma rua, as quais, por serem retas, auxiliam nesta circulação e atendem uma meta – andar ou pedalar de Santa Inês até Cravolândia.

Não há uma integração da mancha urbana entre as duas cidades, pois o que se vê é uma presença de elementos da natureza e aspectos do campo. Vindo de Cravolândia, o final da BA 120 é sinalizado por uma placa informando a chegada ao perímetro urbano de Santa Inês. No que tange a práticas sociais, o entorno dessas cidades e, em alguns trechos, o entorno imediato, apresenta aspectos de um modo de vida rural. Logo, constata-se que a integração entre estas cidades, para além dos aspectos territoriais, se dá a partir das condições de circulação das pessoas e suas motivações.

Já no sentido da BR 420, a estrada segue tortuosa e nela passamos por Itaquara. Para conhecê-la é preciso adentrar. Seguindo direto, chegamos em Jaguaquara. Aqui busquei descobrir como seus (suas) habitantes, em sua ação social, se apropriam e desenrolam um modo de vida urbano e daí refleti estas cidades como resultado de uma obra humana, assim como define Dardel,

A geografia encontra um espaço construído, um espaço que é obra do homem. [...]. Porém, a forma mais importante do espaço construído está ligada ao habitat do homem. [...] entre a vila e a grande cidade, entre a pequena cidade provençal adormecida e a vasta cidade industrial atarefada, não há mais que uma diferença de grau, de nome ou de extensão. Trata-se de espaços que, para o homem, diferem em qualidade e significado. A vila encontra seu sentido no trabalho nos campos, que impõe ao homem seu ritmo lento e seguro. A pequena cidade compreende-se como um centro de relações para um grupo de vilas, centro de comércio local e de feiras. A grande cidade é uma intervenção do homem sobre a Terra, um desenvolvimento circundando de um ponto, um porto, um cruzamento, uma exploração mineral e manufatureira (DARDEL, 2015, p.27).

Para Dardel, a cidade pequena está conectada em uma rede que a integra a outras cidades, mas essa integração se torna vital a partir da qualidade e dos significados que conduzem essa centralidade. Assim, tratá-la como obra humana já reduz a possibilidade de uma interpretação hegemônica. Nos relatos dos (das) habitantes, resultantes de suas histórias de vida, essa obra surge viva e potente, dando sentido a sua própria vida e, assim, “os fenômenos da experiência são a substância de nossos envolvimento no mundo” (Relph, 1979, p.01).

Desta maneira, pensar o urbano como obra humana nos aproxima de uma leitura mais qualitativa das ações nas cidades. Brito (2012) considerou importante entender em sua pesquisa que, para relacionar a cidade e o teatro, a primeira deve ser

uma cidade aberta, pronta para ser invadida, ocupada por seus moradores. A cidade vista como um cenário rico em informações e dados para se pensar o teatro. O lugar onde circulam vida, relações e sentimentos. A cidade é um modo de viver, de pensar, mas também de sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura (Carlos, 2005). A cidade como fonte inesgotável de inspiração para atores e encenadores que buscam novas formas de composição e novos espaços para abrigar suas criações. O ser humano tem a capacidade de imaginar, de reter informações, de perceber e de se relacionar com o outro e com o mundo. Nesta rede de ligações, surgem os fenômenos que vão ajudar a contar a história deste indivíduo, do lugar que habita e ocupa (Brito, 2012, p. 28).

Nas palavras do autor, o mais importante no contexto de sua análise são as criações humanas vitais, as quais permitem observações interessantes e são fontes de inspiração para práticas vividas e compartilhadas na constituição do teatro. Mas, por que não pensar a cidade como obra humana, colhendo daí que o próprio acontecer do urbano é fruto de criações corporais que conduzem para o existir da vida a partir de relações intersubjetivas? As pessoas se encontram e deixam marcas umas nas outras, exatamente como nos faz entender Merleau-Ponty

É preciso que o pensamento de ciência – pensamento de sobrevoo, pensamento do objeto em geral – torne a se colocar num “há” prévio, na paisagem, no solo do mundo sensível e do mundo trabalhado tais como são em nossa vida, por nosso corpo, não esse corpo possível que é lícito afirmar ser uma máquina de informação, mas esse corpo atual que chamo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sob meus atos. É preciso que com meu corpo despertem *os corpos associados*, os “outros”, que não são meus congêneres, como diz a zoologia, mas que me frequentem, que frequente, com os quais frequente um único ser atual, presente, como animal nenhum frequentou os de sua espécie, território ou seu meio. Nessa historicidade primordial, o pensamento alegre e improvisador da ciência aprenderá a ponderar sobre as coisas e sobre si mesmo, voltará a ser filosofia... (Merleau-Ponty, 2004, p. 14 e 15).

Como é se sentir despertado pelo encontro com o (a) outro (a)? Como podemos então sentir e descrever um fenômeno, geograficamente?

Em uma rua residencial, reta e com o piso de paralelepípedos, alguns corpos caminham e outros se mantêm sentados em suas portas, calçadas ou debruçados em suas janelas. De repente, um grito se destaca no ar. É a voz de uma criança. Esta criança chama outra criança, em uma ação onde a voz emana um som alegre que nos chama atenção. É a alegria de um encontro que estava em suspensão, já que ambos não se viam há algum tempo (efeitos da pandemia). Eles se olham a certa distância e uma das crianças corre animada para alcançar a outra e se envolver em um abraço forte. Eles são observados e quem assiste o fato também se sente abraçado pela emoção que transbordou desse encontro intersubjetivo. É espacial? É geográfico? Sim. É uma inspiração geográfica. A realidade geográfica (Relph, 1979) monta um encontro no qual as trocas de experiências são vividas. É um momento de criação/produção de um espaço urbano performático.

Estava, antes, parcialmente vivenciando as cidades da pesquisa através dos percursos inerentes as demandas do trabalho, ora distante e focada no trabalho, ora envolvida e próxima das pessoas que habitam estas cidades. A princípio, as entendia como cidades com baixa circulação de

peessoas, principalmente, no horário do almoço e nos finais de tarde. Comumente, os horários de intervalo do trabalho condiziam com este esvaziamento ou a sensação de vazios. Para Dardel, essa possibilidade de interpretação sobre a vida de uma cidade é dialética, pois,

o afastamento e a direção definem a situação. Esse termo evoca apenas a imobilidade e a permanência: é um sitio estável e inerte. A situação de um porto ou de uma cidade vincula-se a uma liberdade de escolha entre vinte situações possíveis, a um movimento que se detém em um lugar, que para lá se dirige ou de lá parte, que o atinge ou o ultrapassa (Dardel, 2015, p.

Neste sentido, estar em situação permitiu interpretar as cidades aqui estudadas em algumas orientações, indo além da minha observação particularizada como alguém “de fora”, que aguarda uma densa circulação, a exemplo de como acontece nas metrópoles. Este movimento apresenta variações de tempo e espaço, por conta de interesses que ora são particulares e ora são coletivos. Portanto, a importância de atentar para o dinamismo próprio destas cidades. Se estamos em busca da dinâmica destas cidades e da possibilidade de refleti-las como obra humana, então Dardel nos convida a explorar os “diversos modos de construção do espaço que exaltam a realidade geográfica” (Dardel, 2015, p. 27).

A cidade, como realidade geográfica, é a rua. A rua como centro e como quadro da vida cotidiana, onde o homem é passante, habitante, artesão; elemento constitutivo e permanente, às vezes quase inconsciente, na visão de mundo e no desamparo do homem; realidade concreta, imediata, que faz do cidadão “um homem da rua”, um homem diante dos outros, sob o olhar de outrem, “público” no sentido original da palavra [...] (Dardel, 2015, p. 28).

Quando estou e integro uma rua, observo e sou observada, percebo olhares curiosos e indagadores da minha ação. Nas trocas de olhares e sensações corporais nos identificamos e ocupamos a rua com nossas ações práticas e rotineiras. Em Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês, a sensação de apreciar a rua é parte do cotidiano e isso é prontamente percebido a partir dos corpos sentados nas portas, nos batentes das calçadas, na conversa de janela para janela, no corpo debruçado na janela e no outro em pé do lado de fora, ambos ali com o intuito de conversar, às vezes, ao pé do ouvido e para observar e sentir a rua. Toda essa ação torna essas pessoas públicas “no sentido original da palavra” (Dardel, 2015, p. 28).

As cidades pequenas, portanto, expressam um pulsar cotidiano que é importante viver para sentir e entender esta pulsação. Logo, comunicam-se aqui as narrativas e os argumentos das pessoas e suas trajetórias com a dinâmica de elaboração teórica proposta por Dardel e outros

tantos autores e autoras, na tentativa de viver a relação mais íntima entre os seres humanos e a Terra. Portanto, a abordagem não pode ser hierarquizada. Foi necessário evitar uma leitura vertical destas cidades, para assim interpretar as nuances do vivido. Além disso, conduzi a leitura e observação do urbano a partir das obras de Lefebvre e aqui se expressa um desafio significativo de conectar estes dois autores a partir da interpretação do urbano interior e ainda inserir suas narrativas teóricas em contextos não hegemônicos e não hierarquizados.

Neste desafio, busquei nas escritas dos dois autores citados acima, orientações possíveis para refletir a cidade e o urbano e parti, principalmente, das suas experiências teóricas. É, precisamente, por uma crítica ao distanciamento científico sobre o mundo da vida que Dardel, por exemplo, enfatiza que os modelos hegemônicos de abordagem teórica e conceitual camuflam as existências e nosso potencial de produzir e interpretar a terra. Não há como negar que Cravolândia, Santa Inês e Jaguaquara precisam ser interpretadas a partir de si mesmas e daí avançar para as demais escalas que estão imbricadas em seu existir. Os exemplos da vida cotidiana trazidos por Dardel e Lefebvre buscam desnudar as existências que há muito tempo vinham sendo desconsideradas por modelos científicos de base positivista e, por isso, suas pesquisas são um alento para a reflexão de um mundo outro, assim, busquei interpretá-los a partir de uma releitura possível. Tal interpretação não é dada e não está fielmente descrita pelos autores, já que precisam ser contextualizados.

Essa contextualização é uma exigência para esta pesquisa, pois nossos estudos precisam estar preparados para a não continuidade de interpretações hegemônicas da realidade. Estas interpretações hegemônicas se perpetuam em algumas análises por aí, mas é imprescindível que o estudo proposto aqui mantenha a tentativa de incorporar outras interpretações possíveis, situadas e em busca de outros caminhos. Marandola Jr. (2018) elabora uma crítica a um pensar geográfico colonizador e nos diz que:

A Geografia, como disciplina moderna, esteve associada a esta forma de olhar colonizadora, impondo uma perspectiva ao mundo e aos lugares a partir de um olho-razão orientado por um afã de construção de identidade. Na esteira, a diferença era sistematicamente apagada. Os paradigmas, a forma de compreender os conceitos e, em última análise, a própria ideia de “olhar geográfico”, como uma forma específica e própria (identitária) do geógrafo produzir sua ciência, podem ser arrolados como meios de sobre-determinação e de negação da alteridade (Marandola Jr. 2018, p. 243).

Justamente para sair de uma armadilha teórica universal, foram necessários caminhos outros que não estão iluminados, aqueles que nos conduzem para a multiplicidade própria de existência do mundo, carnal e vivida (Marandola Jr., 2018). Aqui considero importante a crítica de Souza (2018) quando reflete sobre as interpretações repetidas do urbano. Para este autor, temos o dever de elaborar uma condução teórica cuidadosa em nossas pesquisas e em nossas escritas, por isso, indica que é necessário refletir sobre a “situacionalidade cultural de nossas teorias” (Souza, 2018, p. 395). Tal reflexão tem sido conduzida aqui a partir de um referencial teórico que se pauta na presença em situação no campo e na experiência daqueles (as) que ocupam e se apropriam de suas cidades. Ainda para Souza (2018) é imprescindível retirar, de nossas reflexões, os enraizamentos teóricos que nos colocam diante de um pensamento hierarquizado, para interpretar abordagens urbanas e também deve se atentar para a universalidade do urbano ou uma totalidade.

E, no caso desta pesquisa, já foi sentido na prática que o urbano se constitui em situação, não digo particular, nem única, nem generalista, mas de Cravolândia que em alguns elementos se assemelha ao de Santa Inês e que chamo aqui de urbano interior. Porém, como são experiências diferentes produzindo a cidade, estamos diante também de intencionalidades diferentes e, por isso, não se pode perder a atenção. Como disse Souza (2018),

Com a sensibilidade cultural um tanto embotada pelo peso do eurocentrismo, não lhes ocorre – como tampouco ocorre a Merrifield (2014), na mesma coletânea, e a outros tantos autores – que, em muitos lugares, não é apenas o urbano que se faz presente em tantos espaços, mas o inverso também pode se concretizar: o urbano, em continentes como a América Latina, a África e a Ásia, pode carregar e reproduzir marcas culturais, tradições, comportamentos etc. não ocidentais e associados às experiências e modos de vida rurais (Souza, 2018, p. 398-399).

A assertiva é presente e vivida em Cravolândia, pois há experiências rurais expostas na paisagem urbana e nos relatos que demonstram a importância da Fazenda Palestina (elemento destacado nas falas sobre a sua constituição) na vida das pessoas, como experiência passada de geração em geração. A análise segue o que diz Souza (2018), pois se aproxima da realidade de cidades pequenas em um contexto de Bahia, as quais também se enquadram em sua abordagem sobre a perspectiva do urbano na América latina, a partir de escalas diferentes, porém imbricadas. Cravolândia já aparece, assim, pois há uma fragilidade nas/das questões políticas; efeitos do “coronelismo”; exploração da força de trabalho da população; frágil interpretação da

política local; pobreza; troca de favores; perpetuação e aumento das desigualdades; ruralidades presentes.

Tais questões, infelizmente, persistem nas cidades pequenas. A investigação conduzida por Bacelar (2008) confirma estas situações. A sua proposta era traçar uma abordagem geográfica escalar – “A pequena cidade nas teias da aldeia global” - para interpretar três cidades em Minas Gerais. Para o referido autor, o que há de mais problemático na realidade de cidades pequenas é a administração pública, a qual está pautada na conjugação de condições como a proximidade das relações sociais e políticas entre a população e os (as) gestores (as) municipais e a presença de uma crise administrativa, já que há um conflito entre um administrar “moderno” e a manutenção de um patrimonialismo como fruto de uma herança colonial (lusitana). Para alguns (algumas) gestores (as) a cidade é sua propriedade. Sendo assim, a crise e o conflito que se instaura nessas cidades são “decorrentes do embate que se estabelece entre a tradição ou herança cultural ibérica de administrar o bem público e a modernidade [...] que acaba por produzir na pequena cidade, o Estado-município social” (Bacelar, 2008, p.50).

Além disso, o autor apresenta as articulações entre a oferta de trabalho, a demanda de consumo e o tempo em cidades pequenas, indicando que “há menor oferta de trabalho, especialmente, o especializado e de maior qualificação e, ao mesmo tempo, menor demanda de consumo e, por isso, há mais tempo sobrando” (Bacelar, 2008, p 87). Estas condições combinadas geram, segundo o autor, as reproduções vinculadas às cidades pequenas, sendo àquelas do atraso e da lentidão. Estas condições acabam sendo as justificativas de gestores (as) e até de cidadãos para almejar o progresso e desviar-se da imagem de estagnação.

No contexto do capital, Bacelar (2008) chega à constatação de que é na tentativa comparativa entre as cidades pequenas e as cidades ditas modernas que surgem as noções de atraso e de uma vida bucólica, vinculadas às cidades pequenas. Com base nestas noções, os (as) gestores (as) se apropriam, mantendo a população em condições de não enfrentamento político, para continuar absorvendo “somente aquilo que lhe é satisfatório ou que lhe é forçado pela lei” (Bacelar, 2008, p. 117). Por isso, perpetua-se um

modo de fazer o urbano, calcado na ótica lusitana, sem muito apreço ao planejamento, no comum apadrinhamento político, nas noções de compadrio, nas relações de amizade, nos laços familiares que levam ao máximo a lógica do nepotismo, na relação direta com o patrimonialismo e nas relações difusas de poder, são resquícios mais que suficientes para a compreensão de que, nas

pequenas cidades o modo de se fazer política e de administração pública choca-se com a modernidade (aqui vista como sinônimo de globalização) (Bacelar, 2008, p.117).

As análises realizadas por Bacelar são também, infelizmente, identificadas nas cidades aqui presentes. As reflexões traçadas aqui não seguem as mesmas linhas do autor, mas como foram circunstâncias acessadas em campo, contextualizo-as, pois, sigo por uma pesquisa vinculada a situações inerentes à realidade geográfica - um urbano onde as questões hegemônicas estão diluídas, principalmente, nas relações de poder.

Neste quesito e, em muitos outros que contornaram esta tese, pautar-se na escrita de Lefebvre permitiu possibilidades reais de analisar a cidade como obra. Assim, considero o que o autor chama de necessidades sociais e antropológicas, as quais são caras a esta interpretação. Lefebvre (2001) elabora uma crítica sobre a forma como as investigações do urbano foram manipuladas ao longo de tantas análises mundo afora. O autor indica que houve uma sobreposição das necessidades individuais - por conta do consumo dirigido - sobre as necessidades sociais/antropológicas e estas últimas são para o autor

opostas e complementares, compreendem a necessidade de segurança e a de abertura, a necessidade de certeza e a necessidade de aventura, a da organização do trabalho e a do jogo, as necessidades de previsibilidade e do imprevisto, de unidade e de diferença, de isolamento e de encontro, de trocas e de investimentos, de independência (e mesmo de solidão) e de comunicação, de imediatividade e de perspectiva a longo prazo. O ser humano tem também a necessidade de acumular energias e a necessidade de gastá-las, e mesmo de desperdiçá-las no jogo. Tem necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir essas percepções num “mundo” (Lefebvre, 2001, p. 103-104).

São necessidades fundadas na inventividade, na criação, no degustar, na produção de informação, nas construções simbólicas, imaginárias e lúdicas e são, sobretudo, coletivas. Essa necessidade social/antropológica, tão dialética em sua escrita, indica a expectativa do autor de conduzir para um debate interdisciplinar, pois os parcelamentos teóricos inibem a compreensão sobre a organicidade do fenômeno urbano. Há também uma ênfase no cuidado com a distinção entre as terminologias - cidade e urbano e, neste caso, deve-se evitar definições rígidas e fragmentadas. A cidade e o urbano devem ser entendidos como um par dialético, pois não se separam e nem se confundem, pode até haver a necessidade de definição, porém esta será fragilizada, se não houver uma consciência de que essas terminologias são correlatas, pois “a

vida urbana, a sociedade urbana, numa palavra ‘o urbano’ não podem dispensar uma base prático-sensível, uma morfologia. Elas a têm e não a têm” (Lefebvre, 2001, p. 49).

A vida urbana, a sociedade urbana e “o urbano”, separados por uma certa prática social (cuja análise continuará a ser feita) de sua base morfológica já meio arruinada e procurando uma nova base: assim é que se apresentam os arredores do ponto crítico. “O urbano” não pode ser definido nem como apegado a uma morfologia material (na prática, no prático-sensível) nem como algo que pode se separar dela. Não é uma essência a-temporal, nem um sistema entre os sistemas ou acima de outros sistemas. É uma forma mental e social, a forma da simultaneidade, da reunião, da convergência, do encontro (ou antes, dos encontros). É uma qualidade que nasce de quantidades (espaços, objetos, produtos). É uma diferença ou sobretudo um conjunto de diferenças (Lefebvre, 2001, p. 81 e 82).

O autor baliza sua análise, indicando que o urbano está contido numa produção industrial e técnica, compreendido nas relações tempo e espaço e repleto de significados que almejamos encontrar. Defende, portanto, que a realidade urbana se encontra em formação, neste sentido, conceitos e teorias devem ser conduzidos na perspectiva de abertura de horizontes, para acompanhar este processo e superar as análises teóricas fechadas que perpetuam discussões engessadas. Foi necessário seguir por uma abertura de horizontes como uma maneira de apresentar um outro urbano, no qual esta característica industrial é praticamente rarefeita. E, neste ponto, Lefebvre elabora uma crítica à ciência da cidade que se propõe síntese e totalidade da realidade, porém não dá conta de uma cidade “real”. Assim, estudar a cidade como objeto-síntese conduz a sua morte, mas persiste o “urbano” “num estado de atualidade dispersa e alienada, de embrião, de virtualidade” (Lefebvre, 2001, p. 105).

Vale pensar o que importa nas análises sobre o urbano é “quem ainda pensa, quem age, quem fala e para quem?” pois, acreditar que as capacidades humanas já se perderam ou enfraqueceram, não nos permite avançar em direção a um “novo humanismo... na direção de uma nova práxis” humana (Lefebvre, 2001, p. 107). E não são os possuidores do conhecimento técnico das diversas áreas (arquitetos, sociólogos, filósofos, políticos, dentre outros) quem detêm o “poder de criar relações sociais...em condições favoráveis podem auxiliar certas tendências a se formular [...]. Apenas a vida social (a práxis) na sua capacidade global possui tais poderes. Ou não os possui” (Lefebvre, 2001, p. 107). Então, a compreensão dessa práxis social que constitui o urbano e o caminho aqui escolhido uniu uma abordagem escalar e interdisciplinar a partir de uma integração coerente e dialogada. Se junta nessa união a filosofia

e a arte na tentativa de abordar o fenômeno urbano, para assim viver as situações que apontem as rotas que permitam conhecê-lo.

Lefebvre (2001) argumenta sobre a importância da filosofia como instrumento de compreensão, oferecendo uma possibilidade de refletir sobre uma fenomenologia do urbano – proposta que conduz a minha investigação, já que para o autor ainda cabe “conceber uma descrição fenomenológica da vida urbana” (Lefebvre, 2001, p. 34), pois daí se argumenta a necessidade de viver. Para o referido autor, seria uma possibilidade de análise da realidade no “que diz respeito ao mundo, à história, ‘ao homem’” (Lefebvre, 2001, p.34).

Se diz respeito ao mundo, ou melhor, ao ser-e-estar-no-mundo (Marandola Jr., 2018) está baseado na relação mais íntima e dialética proposta por Dardel, entre humanos e a Terra. Dardel viu e viveu as brechas para a descoberta, as surpresas, as estranhezas e o contato direto e íntimo com a natureza. Uma intimidade encantadora! A sua proposta, é partir do envolvimento profundo com a terra, para assim, constituir o espaço geográfico.

Por toda parte o espaço geográfico é talhado na matéria ou diluído em uma substância móvel ou invisível. Ele é a falésia, a escarpa da montanha; ele é a areia da duna ou a grama da savana, o céu morno e esfumaçado das grandes cidades industriais, a grande ondulação oceânica. Aérea, a matéria permanece ainda matéria. O espaço puro do geógrafo não é o espaço abstrato do geômetra: é o azul do céu, fronteira entre o visível e o invisível; é o vazio do deserto, espaço para a morte; é o espaço glacial da banquisa, o espaço tórrido do Turquestão, o espaço lúgubre da landa sob a tempestade. Há ainda algo aqui, uma extensão a atravessar ou a evitar, a areia que fustiga, as fornalhas naturais, o vento que uiva. Uma resistência ou um ataque da Terra. Mesmo o silêncio ou a desoluição, é também uma realidade do espaço geográfico, uma realidade que oprime, uma realidade que exclui (Dardel, 2015, p. 8).

Nesta citação, somos conduzidos (as) a imaginar como cada fenômeno citado pelo autor impacta e permeia existências. Podemos nos envolver com a Terra, a partir de sentimentos múltiplos, porque somos corpos múltiplos. Somos tentados (as) pelo conhecido e pelo desconhecido e se isso aguça nossa imaginação e nosso desejo de desbravar, estamos diante da constituição do espaço geográfico, lido aqui fenomenologicamente.

Para abordar o espaço geográfico, é importante sinalizar as análises de Serpa (2019), quando propõe e executa um diálogo pertinente entre os métodos fenomenológico e dialético, este

último sendo considerado a partir da abordagem dialética Lefebvriana²³. Serpa elabora - tomando como base os seus longos anos de estudos sobre a Geografia dos espaços vividos - uma abordagem que busca relacionar a imbricação dos dois métodos para compreender os fenômenos geográficos, no que tange o acesso teórico e metodológico ao conceito de espaço. Assim, o autor reafirma

a importância de uma Geografia dos espaços vividos, cujas bases devem e podem ser construídas a partir de uma abordagem dialética e fenomenológica das relações sociedade-espaço. Poucos estariam dispostos a contestar o papel central do “espaço” enquanto conceito-chave na produção do conhecimento geográfico, sua razão de ser perante as outras ciências. Os estudos da dimensão espacial da sociedade e da dimensão social do espaço colocam a Geografia diante da árdua tarefa de operacionalização do conceito de “espaço” em sua dimensão empírica (Serpa, 2019, p. 94).

Ainda concordando com Serpa (2019), é imprescindível refletir sobre a escolha das teorias e dos métodos para conduzir à identificação do que o autor denomina de

outros modos de produzir, criar e representar espaço, com paisagens, lugares e regiões vernaculares, enraizados na sabedoria e na experiência populares, com as filosofias espontâneas e as histórias vividas, buscando prospectar outros mundos e futuros possíveis (Serpa, 2019, p. 96).

Marandola Jr. (2018), Souza (2018) e Serpa (2019) clamam por essas aberturas para alcançar esses outros modos de produzir, encontrados quando buscamos fugir do que está à tona, à luz das análises, e fazemos isso em um contexto de situacionalidade. Relph (1979), baseado em Dardel (1952), indica que este modo corresponde às diversas formas de sentir e reconhecer os “ambientes”, através de inúmeras relações e entre as várias nuances da nossa existência, impressa e expressa em nossos corpos. Ainda segundo Relph (1979), os comportamentos, atitudes, escolhas e experiências nos espaços, lugares e paisagens se fundem nesta geograficidade, a qual “se constitui a base fenomenológica mais completa” (Relph, 1979, p. 22).

²³ Para Serpa (2019), baseado em Schmid (2012), trata-se de uma dialética original pautada no diálogo entre Hegel, Nietzsche e Marx. O próprio Lefebvre (1991) enfatiza a importância da obra de Hegel por introduzir no pensamento humano novas possibilidades de análises para além de uma perspectiva apenas racional e objetiva. Assim, define a dialética como o “movimento mais elevado da razão, no qual essas aparências separadas passam umas nas outras... e se superam”. O método dialético é pautado em leis, as quais são importantes para sua efetividade, são elas: Lei da interação universal - nada é isolado – cada fenômeno deve ser considerado no conjunto de suas relações com os demais fenômenos; Lei do movimento universal - reintegração do fenômeno em seu movimento interno e externo – inseparáveis. Conexão das coisas; Lei da unidade dos contraditórios - a contradição dialética é uma inclusão plena e concreta; Lei dos saltos e Lei da ação - Transformação da quantidade em qualidade; e a Lei do desenvolvimento espiral – superação (Lefebvre, 1991, p.171).

Geograficidade é, assim, um termo que encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes no qual vivemos, antes de analisarmos e atribuírmos conceitos a essas experiências. Todos devem conhecer lugares, responder aos espaços e participar na criação (ou destruição) da paisagem, meramente para ficar vivo; desta maneira a geograficidade é central nas experiências (Relph, 1979, p. 18).

Assim, é possível afirmar que a Geografia é vivida e que o papel dos (das) detentores (as) do conhecimento é formular e apontar caminhos, a partir de um exercício incessante do fazer científico (Lefebvre, 2001). No que tange esta relação entre experiências vividas e aquelas reflexivas pautadas no saber científico, Dardel indica que

antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva (Dardel, 2015, p. 01).

Há uma necessidade contínua da descoberta e nada deveria inibir a nossa curiosidade. De acordo com Dardel, somos inquietos (as) e, por isso, vivemos em nossos percursos diários, uma rotina pré-reflexiva com a Terra. A partir do momento que indagamos e questionamos o nosso modo de vida, estamos buscando novas possibilidades de ampliar ou não nossas experiências. Para Dardel, “o rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante” (Dardel, 2015, p. 03). Saber admirar a animação do corpo é um exercício interessante para quem observa e é observado (a), pois “um corpo humano está aí quando, entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e o outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do senciente – sensível” (Merleau-Ponty, 2004, p. 17 e 18).

Na tentativa de estabelecer uma conexão palpável, conduzi a aventura interpretativa para a arte da performance e seu papel de revelar a poética de ser-e-estar-no-mundo e para tanto, trabalho a ideia das performances como rotas possíveis para interpretar um urbano interior, a partir do despertar para as coisas triviais, habituais e efêmeras que se desdobram no acontecer do cotidiano. Sabe-se que os estudos da performance têm seu ápice o âmbito dos movimentos de arte ao longo do século XX, principalmente no contexto europeu. Seu acontecer teve como base a possibilidade de questionar os fazeres artísticos destacados à época e que enraizavam e engessavam regras e limitavam em alguns casos a capacidade artística das pessoas. Desenvolve-

se justamente para contrapor estes elementos e esteve relacionada ao uso do corpo como veículo de expressão, o qual era capaz de inúmeras atividades artísticas, sem limitações.

A performance expressa liberdade de ação e pode ser realizada por qualquer pessoa que queira se entregar de corpo inteiro à arte. Com este espírito de entrega, influenciou muitos temas de relevância social que marcaram as sociedades da década de 1960. Os artistas questionavam, através do corpo, temas como sexismo, preconceitos social e de raça, dentre outros, para os quais as performances eram carregadas de humor, aflição e sarcasmo (Dempsey, 2010).

Penso brevemente em um corpo que dança, que anda ou que sobe em uma escada para podar uma árvore, são movimentos práticos diferentes, mas paro e observo como produzem seus sons e seus toques e despertam algo em seu (sua) observador (a). Este corpo produz uma expressão que passa a ser compartilhada, inconscientemente ou não, com o outro que o assiste. As ações despertam sempre algo para quem executa e para os encontros e ainda podem ser capazes de extravasar emoções diversas: medos, anseios, ludicidade, revoltas e tensões. Este conjunto de emoções faz aflorar a intersubjetividade, a qual faz pensar de alguma maneira o nosso existir.

No decorrer da vida estas tensões estão presentes e cada pessoa experiencia, a partir do seu próprio corpo, as suas diversas demandas. Por isso, ainda é atual e vívido que corpos múltiplos carreguem profundas marcas das pressões hegemônicas da sociedade patriarcal, machista, sexista, racista, homofóbica e gordofóbica. Estas temáticas são fundamentais para os debates atuais dos diversos movimentos sociais antirracistas, feministas e contra a LGBTQIAP+fobia, pois são gritantes no contexto da vida e as cidades pequenas, apesar de não esconder suas mazelas e preconceitos, são, ao mesmo tempo, híbridas, pois, corpos negros, gordos e trans realizam suas vidas cotidianas, a priori, em “paz”. Corpos trans caminham pelas ruas, ocupam, desfilam, se alimentam em praças, trazem ali transcrito suas trajetórias. Mas, uma observação mais atenta permite perceber que outros corpos se incomodam e demonstram com olhares tortos, bocas retorcidas e cochichos ao pé do ouvido de outra pessoa que participa, talvez, da indignação. Por isso, uma mulher trans andando com suas roupas que esbanjam feminilidade é, nessa pesquisa, um ato performático, já que concordo com Schechner que, na vida cotidiana, ‘realizar performance’ é exhibir-se, chegar a extremos, traçar uma ação para aqueles que assistem. E estas ações são palpáveis em Santa Inês, Cravolândia e Jaguaquara.

Logo, executar uma performance é também parte da vida, é espacial, é ação, é repetição, é manifestação, mas é também o inusitado, o inédito e deve ser entendida em vários tons - uma Geografia em ato, identificada em Dardel como forma de Ser/Terra, a partir do vivido, da curiosidade, da descoberta e da realidade geográfica que salta aos nossos sentidos e ela é diversa como um arco-íris:

O bom é a diversidade,
 a falta de sequência,
 as cores infinitas,
 as várias tendências,
 o singular,
 a diferença,
 o que somos,
 o que vem de dentro
 verdadeiro...
 Tudo que é bom ecoa do peito.
 Verseja com amar,
 tem temperamento, paz
 e sementeira tolerância.
 A moda do momento é ser
 o que se é por dentro
 (ARCO IRIS - Marluce Persil, 2019, p. 34).

A diversidade, o que vem de dentro, o vivido todos os dias pelos (as) habitantes de Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês escancara os roteiros de uma Geografia em ato e me fez aprender como apreciar e sentir os fenômenos. Assim, como descreve Dardel:

Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência. “Perder a localização” é ser desprovido de seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”, de suas “relações”, se encontrar, sem direções, reduzido a impotência e à imobilidade. Novamente a geografia, sem sair do concreto, empresta seus símbolos aos movimentos interiores do homem (Dardel, 2015, p.14).

As situações de campo transbordam os movimentos no espaço e o conjunto de relações e de trocas, como sinaliza Dardel (2015). Ao investigar os conteúdos que emergem a partir das dinâmicas que compõem o vivido nas cidades, concordo com Relph, quando afirma que

Os espaços-vividos da experiência geográfica são os *desta* rua da cidade, *deste* vale, *desta* paisagem. Todo espaço geográfico é idiossincrático para nós por causa da singularidade de suas formas, superfícies e cores, e devido às características das nossas associações com ele. Todo espaço geográfico

também possui inumeráveis formas, porque nossos modos e propósitos se modificam e porque as estações e climas variam. Mas todo espaço geográfico tem propriedades comuns com outros espaços, porque há uma referência humana comum, porque nossas intenções e experiências possuem consistência e porque há similaridades na aparência e no contexto. Em resumo, os espaços geográficos que experienciamos são únicos e não-únicos, persistentes, porém mutáveis, parte de nós, porém aparte de nós – isso nós sabemos e não há contradição (Relph, 1979, p. 12).

A assertiva de Relph (1979) nos insere em nossos espaços vividos, porque eles são parte da nossa experiência constituída por um conjunto de aconteceres e trocas sociais que compõem nossas histórias com a realidade geográfica. Por este motivo, Dardel chama nossa atenção para essa aproximação como sujeito (a) e como pesquisador (a):

A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. [...]. Mas a realidade não toma forma senão em uma irrealdade (irrealité) que a ultrapassa e a simboliza. [...]. A realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica (Dardel, 2015, p. 33-34).

Uma adesão total entre corpo e realidade geográfica (“corpo-mente e corpo-mundo” – Marandola Jr., 2018). Para Merleau-Ponty (2006), “é na ação que a espacialidade do corpo se realiza, e a análise do movimento próprio deve levar-nos a compreendê-la melhor” (Merleau-Ponty, 2006, p. 149). Pautada na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (2006) foi possível interpretar as várias leituras filosóficas que envolvem o retorno aos fenômenos, ao corpo, ao mundo percebido, ao ser-para-si e ao ser no mundo. Partir da fenomenologia é um esforço para retomada de um “contato ingênuo com o mundo” (Merleau-Ponty, 2006, p. 1), o qual é bastante analisado pelo referido autor, quando indica que

a reflexão não se retira do mundo em direção à unidade da consciência enquanto fundamento do mundo; ela toma distância para ver brotar as transcendências, ela distende os fios intencionais que nos ligam ao mundo para fazê-los aparecer, ela só é consciência do mundo porque o revela como estranho e paradoxal (Merleau-Ponty, 2006, p. 10).

Deste modo, a reflexão é resultante de um estranhamento, das curiosidades que marcam o existir, e, portanto, gera inquietudes e indagações capazes de dinamizar as possíveis vivências de mundo. Em suas análises e, de maneira detalhada, Merleau-Ponty traz à tona a espacialidade do corpo, sugerindo que a forma organiza o conteúdo e o conteúdo constitui a forma. Os indivíduos se apropriam do espaço através de movimentos, considerados pelo autor como

abstratos e concretos²⁴; já não existe perceber e movimentar de maneira isolada, mas como partes intrínsecas de um sistema que só se modifica por completo. Nas palavras do autor,

se o conteúdo pode verdadeiramente ser subsumido sob a forma e aparecer como conteúdo *desta* forma, é porque a forma só é acessível através dele. O espaço corporal só pode tornar-se verdadeiramente um fragmento do espaço objetivo, se em sua singularidade de espaço corporal, ele contém o fermento dialético que se transformará em espaço universal. Foi isso que tentamos exprimir dizendo que a estrutura ponto-horizonte é o fundamento do espaço. O horizonte ou o fundo não se estenderiam para além da figura ou para as cercanias se não pertencessem ao mesmo gênero de ser que ela, e se não pudessem ser convertidos em pontos por um movimento do olhar. Mas a estrutura ponto-horizonte só pode ensinar-me o que é um ponto dispondo diante dele a zona de corporeidade de onde ele será visto, e em torno dele os horizontes indeterminados que são contrapartida dessa visão. A multiplicidade dos pontos ou dos “aqui” por princípio só pode constituir-se por um encadeamento de experiência em que, cada vez, um só dentre eles é dado como objeto, e que se faz ela mesma no coração deste espaço. E, finalmente, longe de meu corpo ser para mim apenas um fragmento de espaço, para mim não haveria espaço se eu não tivesse corpo (Merleau-Ponty, 2006, p. 148-149).

A forma-conteúdo é dotada de significados, símbolos e contradições que precisam ser considerados no contexto de diversos estudos, inclusive, no que tange ao urbano. Neste entendimento, as dimensões das inerências corpóreas para a consolidação do espaço e do lugar é algo importante para os estudos da Geografia, para, a partir daí, produzirmos leituras de como através do corpo interagimos com nossas intersubjetividades.

As experiências condutoras do desenrolar do urbano no cotidiano das cidades estudadas corporificam os conceitos de espaço e lugar. Ambos foram a ponte para ir e para voltar durante as peregrinações teóricas e práticas nas cidades. Dardel sinaliza que a ciência geográfica deve interpretar a realidade a partir de experiências dotadas de vida afetiva e de hábitos diversos. Neste sentido, “a Geografia trata do que me importa ou do que me interessa no mais alto grau: minha inquietação, minha preocupação, meu bem-estar, meus projetos, minhas ligações” (Dardel, 2015, p. 33).

²⁴ Merleau-Ponty explica então que “o movimento abstrato cava, no interior do mundo pleno no qual se desenrolava o movimento concreto, uma zona de reflexão e de subjetividade, ele sobrepõe ao espaço físico um espaço virtual ou humano. O movimento concreto é, portanto, centrípeto, enquanto o movimento abstrato é centrífugo; o primeiro ocorre no ser ou no atual, o segundo no possível ou no não-ser; o primeiro adere a um fundo dado, o segundo desdobra ele mesmo seu fundo. A função normal que torna possível o movimento abstrato é uma função de ‘projeção’ pela qual o sujeito do movimento prepara diante de si um espaço livre onde aquilo que não existe naturalmente possa adquirir um semblante de existência” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 160).

A assertiva aponta que estudos geográficos devem partir dos nossos interesses e da nossa experiência na tentativa de se distanciar de pesquisas que engessam e generalizam as questões voltadas para a compreensão da vida humana. Tais pesquisas produziram uma desvalorização de alguns conceitos imprescindíveis para a Geografia, como é o caso do conceito de lugar. Holzer (2003) apresenta então a crítica ao abandono do conceito de lugar, seu uso muitas vezes banalizado e com referências locacionais e indica em qual período a fenomenologia passa ser considerada como um método possível para a condução das análises geográficas, entendendo que este fato pode ser visível na obra “A morfologia da paisagem” (1925) de Carl Sauer. Ao contextualizar os caminhos da Geografia, até consolidar a Geografia Humanista, o autor parte para os escritos de Tuan (2013) ao longo de sua trajetória acadêmica. Para Tuan, os estudos positivistas e humanistas sobre o lugar podem ser associados e autores (as) que se direcionam para uma das vertentes nada têm a perder, se tentarem um diálogo coerente. Porém, credita ao lugar um papel central para os estudos humanistas, sendo analisado como um lar a partir de diferentes escalas, ou seja, o lugar caracterizado a partir da experiência.

Tuan (1975, 2013) possui, portanto, uma trajetória teórica fecunda, traduzida no arcabouço analítico fundante das noções de experiência, intersubjetividade e inserção do corpo como marco referencial, para construir as bases dos conceitos de lugar e espaço. Para tanto, sistematiza, em sua perspectiva experimental, a consolidação de suas análises vinculadas a uma formação peripatética, conduzida a partir de um diálogo amplo com uma diversidade de áreas do conhecimento, por isso, emana uma Geografia fundada na imaginação e na criatividade, para, assim, ser possível sua existência mais humana. Deste modo, trata a experiência, como a maneira pela qual nós conhecemos e construímos a realidade a partir do corpo e do uso de todos os nossos sentidos, os quais materializam as sensações, as percepções e as concepções de uma vida dotada de emoção.

Relph (1976) também é uma referência importante para uma abordagem qualitativa do conceito de lugar. Para compreender a profundidade teórica de Relph sobre o tema, Seamon (1996) contextualiza as análises de Relph e parte dos termos *insideness* (imerso, dentro, profundo) e *outsideness* (fora, exterior), os quais conduzem à dialética fundamental da vida humana e ao ponto crucial da compreensão fenomenológica de lugar para Relph. Marandola Jr. também enfatiza que:

A saída de Relph é propor uma sistematização das possibilidades de envolvimento com os lugares derivados dos tipos de relação estabelecida, na relação e combinação destes três elementos. Assim ele propõe os conceitos de interioridade (*insideness*) e exterioridade (*outsideness*), que são advérbios de modo de estar dentro ou de estar fora dos lugares (Marandola Jr., 2016, p.8).

A sistematização dialética destes conceitos era para Relph (1976) a condição para destacar o lugar como conceito basilar na Geografia. Sua importância vem à tona a partir de 1990, quando o lugar passa a ser “interpretado a partir das perspectivas comportamental, humanista e fenomenológica” (Relph, 2012, p. 18). Um fenômeno da experiência, contextualizado a partir da perspectiva fenomenológica de Husserl e Heidegger e balizado por Tuan, Seamon, Buttimer e Relph.

Relph (2012) elabora uma crítica sobre a perda do sentido de lugar nos projetos urbanísticos ocidentais, os quais produzem cidades repetitivas, algo muito próximo da nossa realidade e também reproduzido por gestores (as) em cidades pequenas. O acúmulo desses projetos gera esvaziamentos e distanciam aos poucos as pessoas. Para avançar no debate, Relph contextualiza as nuances inerentes ao conceito e o relaciona com a compreensão de habitar de Heidegger e, assim, constata que o lugar é fruto das relações inextricáveis com o ser, base de nossa própria existência corporal.

Então, produzimos lugar e espaço através do corpo. É complexo pensar geograficamente na escala do corpo, principalmente no que tange aos aportes teóricos e metodológicos coerentes para alcançá-la, se refletimos a partir de uma ciência que sempre pretendeu percorrer do todo para a parte. Ao mesmo tempo, é perceptível que na vida cotidiana este corpo, em contato com outros corpos, constrói relações que constitui materialidades – daí caminho para a exposição da nossa geograficidade performática.

O meu corpo na vida cotidiana habitual, não traz, em si, reflexões se estou produzindo espaço ou se estou constituindo lugar. Estes conceitos geográficos estão presentes no cotidiano e nós, pesquisadores (as), estamos interessados (as) em despertar nas nossas análises como se constitui este corpo e como este produz espaço e lugar. Portanto, é imprescindível o diálogo entre os conceitos para compreender, horizontalmente, o mundo vivido e, assim, dinamizar as nossas análises e expressar caminhos possíveis.

02. O URBANO INTERIOR: REFLEXÕES SOBRE O HABITAR CIDADES PEQUENAS



Figura 04: Manhã em Cravolândia-BA.
Croqui elaborado por Janari Souza.

Viver aqui é bom, é tranquilo. Você viver em Santa Inês, você tem, eu acho, a paz que você busca, interior, você consegue despertar isso dentro de você. É como se fosse um processo de transe, porque, você quando entra em transe, é de dentro para fora e você consegue fazer isso, estando em Santa Inês. Se pudesse filmar esse momento aqui! Aí quem é que tem isso aqui? Essa tranquilidade, esse sol, essa coisa gostosa (Tiago - trecho de entrevista).

Graças a Deus, aqui é um lugarzinho de paz. É muito bom. Comparado a outras cidades, aqui é um lugarzinho no céu (Caio - trecho de entrevista).

Vou me apegar aqui a palavras potentes, as quais me fazem pousar pelos becos e vielas do que chamo de urbano interior: tranquilidade, aconchego, familiaridade, afetividade, sentidos, emoções, paz, conexão, intrínseco, fofoca, carta-fofoca, intimidade, medo, morte, espiritualidade, experiência, escassez, pobreza, soberba, arrogância, privado, tristeza, vínculos, pertencimento, amor, politicagem, segredos, impotência, alienação, festa popular e o espetáculo.

São palavras repletas de significados e captadas nos momentos de escuta às falas das pessoas quando ocorreram os nossos contatos. No decorrer das reflexões materializadas aqui, estas palavras compuseram narrativas ligadas às experiências originárias do fenômeno urbano. O acontecer do fenômeno permitiu elaborar indagações, pensamentos e poesias. Em uma das indagações, questiono: como é viver no lugar onde você nasceu e constituiu suas experiências? O que esta pergunta pode despertar em você?

Nos trechos das entrevistas inseridos acima, estas questões foram respondidas com um ar de ludicidade, de reflexão poética, de referência ao íntimo, a partir dos quais o lugar de origem pode ser imaginado. Nas ocasiões referentes aos dois trechos da abertura do capítulo, estávamos na praça, conversávamos, enquanto sentíamos o vento nos cabelos e o aquecer proporcionado pelo sol e, neste contexto, outros corpos passavam ao nosso redor e nos observavam. Esta pergunta produziu uma espécie de estalo, um momento de altas risadas ou de tímidos sorrisos, gestos passíveis de serem observados e, por isso, tornaram-se públicos, assim como nos indica Tuan (2013).

As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas. Quando por alguma razão, assomam por um instante à superfície de nossa consciência, evidenciam uma emoção que os atos mais deliberados – as experiências ativamente procuradas – não podem igualar. As experiências íntimas são difíceis de expressar. Um simples sorriso ou contato pode alertar nossa consciência sobre um momento importante. Na medida em que esses gestos podem ser observados, eles são públicos. São, entretanto, efêmeros e seus significados estão longe de uma interpretação verdadeira, que podem propiciar a base para o planejamento em grupo e ação. Carecem de firmeza e objetividade de palavras e imagens (Tuan, 2013, p. 167-168).

Estas experiências partem de sensações de vulnerabilidade e acolhimento, condições essenciais para considerar o lugar como uma “pausa no movimento [...]”. A pausa permite que uma localidade se torne o centro de reconhecido valor” (Tuan, 2013, p. 169). Em sua interpretação, Tuan (2013) busca expressar o sentido de lugar em nossas experiências mais íntimas e entende que uma abordagem objetiva não é capaz de materializar o que sentimos, admiramos e experienciamos, já que estas experiências podem passar por muitas influências culturais e sociais sobrepostas, as quais não são “impossíveis de expressar”, mas são resultantes do que o autor considera como uma contradição:

o pensamento cria distância e destrói a proximidade da experiência direta; é, no entanto, por meio do pensamento reflexivo que os momentos fugidios do passado são trazidos para perto de nós na realidade presente e ganham certa permanência (Tuan, 2013, p. 181).

No transcorrer desta contradição, aflora a necessidade das conexões resultantes das experiências. Para os dois perfis entrevistados - que se viram animados a falar dos seus lugares com um tom de poesia (um estado de transe e um pedaço do céu) - o deslocamento migratório se tornou uma necessidade. A relação, interpretada a partir das falas, é terna e coloca a cidade em uma posição de relevante importância, por isso, não deveria ser interrompida, porém as dificuldades sociais impõem um afastamento e impulsionam a constituição de novas experiências.

As sensações saboreadas por nós ficaram na memória, nas palavras e nas pausas. As nossas trocas conduziram o contexto dos nossos encontros intersubjetivos performáticos e urbanos. Interessava a ação corporal cotidiana. Todos os dias colocamos nosso corpo em exposição para o outro. São contatos, alguns planejados, outros não, mas que nos situam no plano do vivido.

- Eu saí de casa e me deparei com ele ali, assim como faz quase todas as manhãs, até então não havia outras pessoas na rua, só nós dois. Ainda estava cedo. Sem me ver, ele decide então buscar a vassoura e começar a varrer a sua calçada e parte da rua. E eu continuo observando, enquanto organizo as minhas coisas para sair. Outros passos começam a ser dados, pois um outro sai de casa para levar os cachorros para passear. Uns minutos passam e agora é a vez das crianças chegarem aos poucos para brincar no parque, enquanto aguardam a escola abrir. Outras pessoas saem para trabalhar e nós proferimos as primeiras palavras – bom dia! As quais são ditas acompanhadas de sorrisos e acenos de mão e, assim, “a vida é vivida e não é um desfile do qual nos mantemos à parte e simplesmente observamos. O real são os afazeres diários, é como respirar. O real envolve todo o nosso ser, todos os nossos sentidos” (Tuan, 2013, p. 178).

A movimentação humana faz florescer o espaço geográfico de todos os dias. São práticas sociais não reflexivas, que acontecem, frequentemente, nas cidades e, quando essas práticas são reveladas, relatadas e interpretadas a partir do viés da experiência, há uma abertura possível para expor o urbano. Os percursos preliminares trilhados na busca por essa exposição serão apresentados nas próximas linhas.

2.1. Os de antes: abrindo atalhos para pensar a cidade e o urbano

Muitas teorias sobre a cidade e o urbano já foram ditas, outras análises já foram feitas em áreas de conhecimento diversos, em muitos aportes teóricos e metodológicos que parecem já estar consolidados. Métodos, metodologias e paradigmas já foram testados, publicados e muito já se refletiu sobre o fenômeno urbano. Por que refletir sobre um urbano interior, finalmente?

Porque as análises sobre a cidade e o urbano e seus conteúdos são construídas a partir de uma agenda de pesquisa diversa e não finalizada; porque incomoda ainda a continuidade do interesse por investigações escalares mais gerais; porque ainda são desenvolvidas análises para apresentar como a cidade e o urbano se constituem e se conformam em meio aos intensos processos de especulação imobiliária, normatização e adequação das formas da cidade aos modelos hegemônicos pré-estabelecidos; porque os (as) autores (as)²⁵ que tomo como referência orientaram seus trabalhos nestes contextos, mas não negam a necessidade de mobilidade escalar nos/dos estudos geográficos; porque almejo uma interpretação fenomenológica do urbano interior, para expor as realidades geográficas que me propus estudar.

Para Carlos (2007) a agenda da Geografia Urbana deve partir de uma “análise sobre o fenômeno urbano”, a qual se baseia em “uma crítica à formulação do saber sobre a cidade”. Lá em 2007, a autora já indicava ser “impossível separar a produção social do espaço da cidade da produção de um pensamento sobre a cidade” (Carlos, 2007, p.19). Esse pensamento pode ser conduzido a partir da escolha coerente de “perspectivas teórico-metodológicas como possibilidades abertas à pesquisa urbana” (Carlos, 2007, p.19).

A cidade e o urbano têm sido refletidos ao longo de muitas décadas, a partir das interpretações de muitos (as) autores (as) da Geografia, que seguiram suas vertentes epistemológicas e inseriram as suas análises em métodos e metodologias coerentes com seus anseios de pesquisa. Há uma gama de estudos que priorizam a metrópole, as análises sobre a urbanização/industrialização como processo de formação e dimensão das cidades, a contextualização de terminologias como conurbação, metrópole, região metropolitana, megalópoles, rede urbana, segregação, espaço público, legislação, participação popular, dentre

²⁵ Cito neste contexto os trabalhos de Correa (1989); Carlos, 2001, 2015; Lefebvre, 2001, 2006; Lynch, 1997; Santos, 2012; Serpa, 2007; Souza, 2003, porém ressalto que os autores citados não abordam a cidade e o urbano apenas nesta escala.

outras tantas. Neste sentido, Marandola Jr (2008) afirma que nestas abordagens e em toda a pesquisa difundida a partir da metrópole, ainda há elementos ocultos.

Metrópole, tal como vem sendo utilizada pela literatura acadêmica é melhor compreendida como uma definição, apresentada de forma descritiva e funcional, servindo mais a processos de regionalização político-institucional do que para sua compreensão enquanto fenômeno [...]. Assim, podemos dizer que temos duas maneiras básicas de pensar o sentido da metrópole: uma é pela sua materialidade (histórica e geográfica) e papel que desempenha na estruturação do sistema capitalista planetário; e outra que diz respeito ao modo de vida específico, fruto da racionalidade moderna que na metrópole se manifesta de maneira própria. Seria dispensável dizer que estes dois se interpenetram e se retroalimentam numa compreensão ontológica da metrópole (Marandola Jr., 2008, p. 92).

No contexto da minha formação geográfica conheci uma bibliografia bem elaborada, resultante de avanços reflexivos de teóricos e teóricas que abordavam a cidade e o urbano a partir de uma agenda diversa, como já dito antes, e com pesquisas embasadas em contextos paradigmáticos que marcaram as interpretações da realidade urbana. Os debates traçados eram, em sua minoria, fenomenológicos e pautados em uma perspectiva ontológica, assim como descreve Marandola Jr. (2008).

No entanto, muitos (as) destes (as) teóricos (as) foram referências para as análises sobre as áreas segregadas de Salvador/BA, e foi neste contexto que busquei revelar a reprodução da vida cotidiana (Carlos, 2007) e encontrar, nas brechas ou “rastros” da racionalidade do trabalho, o jogo lúdico e o valor de uso. Foi assim, também, que a metrópole foi lida e, no processo de construção inicial da temática proposta na tese, transferi essa “leitura geográfica da cidade” (Carlos, 2007) para o contexto das cidades pequenas por interpretá-las, a princípio, a partir das demandas de uma cidade grande, do ponto de vista da dimensão estrutural e da demografia.

Trata-se de uma base teórica que permitiu visualizar a abordagem escalar: cidade grande – cidade pequena, como percurso do pensar científico que consolidou os estudos sobre a metrópole, mas que, nesta pesquisa, foram tensionados para impulsionar estudos sobre a possibilidade de refletir um urbano outro. Não mais em uma perspectiva que indique uma geometria entre os termos, mas como possibilidade de colocá-los em uma circularidade pautada na existência. Para tanto, foi necessário ter, como um dos pontos de partida, as primeiras leituras e pesquisas sobre a cidade e do urbano, para, assim, constituir um lastro teórico que me permitisse outras aberturas reflexivas possíveis.

Como uma das bases teóricas, apresento Corrêa (1989) já que, desde a década de 1980, teoriza sobre a cidade capitalista e, fez isso, por considerar que sua importância interpretativa se dava em virtude de ser nela que os processos de urbanização se consolidavam, já que abrigavam expressivos contingentes populacionais, parcelas significativas de capital, investimentos, produção, consumo e, também, os conflitos sociais. Em sua abordagem, apontava para a indissociabilidade entre cidade e urbano e sinalizava que havia modos diferentes de analisá-los, uma vez que, isso dependia de quais caminhos epistemológicos e metodológicos seriam seguidos.

O referido autor analisou a cidade e o urbano, a partir dos diferentes usos da terra que proporcionam uma organização espacial fragmentada e articulada, principalmente em grandes cidades capitalistas, já que se materializam através dos fluxos do transporte de pessoas e mercadorias, assim como o ir e vir cotidiano para a realização de atividades laborais e para o lazer e o consumo, tudo isso sendo realizado de maneira associada. Por outro lado, a fragmentação e a articulação do urbano também se davam a partir de ações e relações espaciais diretamente vinculadas às necessidades do capital, como na exploração da mão de obra, das altas taxas de juros e nas decisões dos planejadores - produtores e consumidores do espaço.

Corrêa considerava então que as relações espaciais estavam intimamente ligadas à sociedade de classes e seus métodos – o urbano é articulado e fragmentado e é um reflexo da sociedade. Assim, enfatizava que, por serem capitalistas, a cidade e o urbano se espacializavam de maneira segregada e demarcavam uma estrutura social hierarquizada e desigual. “O espaço urbano capitalista é profundamente desigual; como é reflexo da sociedade é mutável de maneira complexa com ritmos e natureza diferenciados” (Corrêa, 1989, p.8).

Sob o ponto de vista da diversidade de classes que abriga a cidade, o autor citava as crenças, os valores, os lugares sagrados como uma constituição simbólica do urbano, o mesmo urbano que, por ser diverso e desigual, também é campo de lutas e manifestações sociais diversas. “O espaço da cidade é assim, e também, o cenário e o objeto das lutas sociais, pois estas visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania plena e igual para todos” (Corrêa, 1989, p. 9). Em resumo, o urbano para Corrêa era

O espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de

ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem (Corrêa, 1989, p.11).

A explicação de Corrêa (1989) nos coloca diante do urbano em sua materialidade como lócus que escancara uma desigualdade socioespacial, já que resulta de interesses comumente hegemônicos de quem produz a cidade. Segundo o autor, estes agentes sociais têm uma identificação, pois detêm a propriedade dos meios de produção - as grandes indústrias, os latifundiários, os incorporadores imobiliários, o Estado - frente aos grupos sociais excluídos.

Estas reflexões estão baseadas nas dinâmicas das grandes cidades capitalistas brasileiras e, ao aproximá-las das dinâmicas das cidades pequenas, é possível afirmar que as mesmas não possuem registros históricos de grandes indústrias, mas há forte influência de antigos latifundiários na produção e nos desmembramentos municipais. Os promotores imobiliários fazem parte de um processo recente de apropriação da terra, o Estado se faz presente em todas as decisões e os agentes excluídos são a resistência neste processo. Corrêa (1989) afirma, portanto, que estes agentes atuam de acordo com um marco jurídico que foge de uma neutralidade, pois demarca o interesse do agente dominante e o elemento que os une é a apropriação de uma renda da terra, bem como o empenho em converter terra rural em terra urbana com o intuito de expandir a cidade. Neste quesito, as cidades pequenas não estão livres da atuação desses agentes, pois, segundo Corrêa (1989),

É preciso considerar que a ação do Estado se processa em três níveis político-administrativos e espaciais: federal, estadual e municipal. A cada um destes níveis sua atuação muda, assim como o discurso que encobre os interesses dominantes. É no nível municipal, no entanto, que estes interesses se tornam mais evidentes e o discurso menos eficaz. Afinal a legislação garante à municipalidade muitos poderes sobre o espaço urbano, poderes que advêm, ao que parece, de uma longa tradição reforçada pelo fato de que, numa economia cada vez mais monopolista, os setores fundiário e imobiliário, menos concentrados, constituem-se em fértil campo de atuação para as elites locais (Corrêa, 1989, p. 26).

Este é um campo delicado para Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês e não precisa muita profundidade para identificar a atuação das mesmas famílias no poder por décadas e décadas. Às vezes, muda o grupo político, mas o novo grupo já articula meios para sua manutenção no poder e esses meios seguem o que há de mais sensível para a população – a sua própria sobrevivência. A manutenção dos contratos públicos é algo forte e vincula-se, muitas vezes, às

escolhas parciais dos (das) gestores (as), o que leva a população a se submeter a comandos autoritários e ainda aceitar condições de trabalho que não condizem com uma vida digna e com o direito à cidade²⁶. Isso foi acessado em conversas, em campo e nas práticas observadas no dia a dia da cidade, como, por exemplo, destinar um tempo do expediente de trabalho e até ultrapassar este tempo para realizar campanhas para candidatos específicos nos períodos eleitorais (figura 05), com o discurso de que com sua eleição e sua atuação a cidade vai ser beneficiada – “o time do prefeito”.

Figura 05: População à espera da carreata do “time do prefeito” durante o período da eleição – Santa Inês/BA – 25/09/22.



Foto: Flávia Souza

Para atender a expectativa de mudanças estruturais e sociais na cidade com a eleição do “time”, a população é incentivada a plotar os carros e também a realizar as campanhas boca a boca. As pessoas que trabalham no serviço público vão de casa em casa para apresentar e conseguir votos para os candidatos que, se eleitos, vão trabalhar pela cidade.

Voltando ao âmbito das cidades grandes, vivi na prática a atuação desses agentes sociais – proprietários dos meios de produção (Corrêa, 1989), a princípio pelo viés das experiências

²⁶ Aqui entendido a partir da abordagem lefebvriana (2001) pautada na cidade como obra humana. Essa obra precisa ser renovada e o caminho teórico e metodológico que se apresenta como possibilidade, baseia-se na união entre a arte, a técnica e o conhecimento. Esta união é possível a partir das ações lúdicas, nas quais as pessoas deixam transbordar seus desejos e suas travessuras, porém, infelizmente, estas ações podem ser cooptadas pelos agentes do poder e vai aos poucos minando as autonomias individuais e coletivas. Assim, concordo com Lefebvre que ainda há condições para a reflexão deste contexto híbrido de ações autônomas e manipuladas, desde que parta de um diálogo incessante e contínuo entre métodos e metodologias para interpretar a complexidade do urbano e, assim, alcançar forças sociais e políticas capazes de renovar a cidade como obra, e, portanto, como direito.

vividas em Salvador/BA, desde a infância: por viver na periferia em uma área de ocupação “informal”; por observar o entorno dos bairros e verificar uma densa ocupação das encostas, por uma população violentada pela carência urbana em todos os sentidos; por não ter acesso contínuo à coleta de lixo e ao saneamento básico com as mínimas condições de higiene; por enfrentar intensos alagamentos em períodos chuvosos; por habitar áreas segregadas e passar por estigmas relacionados à distância, à violência e aos preconceitos de gênero, raça e a classe; por vivenciar a cooptação da população nos períodos eleitorais, pois, assim, era e ainda é possível, conseguir uma pavimentação, uma iluminação, uma escola ou um posto de saúde para a comunidade; por ver surgir daí líderes comunitários que clamam por dias menos dolorosos para a população. Uma vida urbana, na qual o sentir e o viver estão imbricados nas demandas hegemônicas do fazer e produzir na/da cidade.

Nas metrópoles, esse fazer é controlado e normatizado pelos interesses do capital público e privado em todas as suas nuances e estamos acostumados (as) a exercer atividades rotineiras e mecanizadas, ainda assim, cada dia também pode ser vivido de maneira diferente, apesar das repetições. Foi na metrópole soteropolitana que experienciei o urbano, desenvolvi as pesquisas anteriores à tese, a partir da qual constitui uma forma de vida que é urbana, em uma dinâmica em que o “habitar a metrópole envolve enfrentar riscos, buscar o lugar, estabelecer relações, constituir o mundo circundante e carrega-lo nos deslocamentos” (Marandola Jr., 2008, p. 197).

Como moradora e pesquisadora da periferia da metrópole baiana vivi, carreguei comigo e relatei uma rotina na qual, comumente, as pessoas precisam acordar cedo e dar conta dos afazeres domésticos para então se dirigir ao ponto de ônibus e iniciar a saga de depender do transporte público lotado, percorrer uma cidade engarrafada e, neste percurso, poder observar a circulação acelerada da cidade. Um (a) morador (a) chega ao seu local de trabalho, marca o horário que chegou num ponto eletrônico, desenvolve suas atividades laborais e retorna à noite novamente em um ônibus lotado. O dia já acabou! Para algumas pessoas sim, porém, são vários dias, vividos por pessoas diferentes. Para Carlos (2007), há um ritmo, pois

A leitura do movimento que expressa a pressa, introduz o ritmo da modernidade onde a velocidade anula as coisas e acentua a ideia do efêmero. As grandes mudanças tecnológicas invadem a vida (pelo menos produzem essa sensação) e tudo parece mudar rapidamente. Um mundo feito de imagens que banaliza a vida, posto que eclipsa as relações sociais. No que se pode chamar “o espetáculo da multidão”, o indivíduo parece se perder, e para ele, a cidade enquanto instantâneo assemelha-se a uma grande vitrine. O ritmo da

cidade determina o ritmo da vida e contamina as relações pessoais. Este aparece como o “corre-corre” da cidade grande contribuindo para a criação da imagem de uma coletividade, tornada multidão amorfa. Ao mesmo tempo está posta a liquidação do indivíduo, pois na metrópole, o ser humano vira multidão: vontades e desejos não satisfeitos; impotência diante do cotidiano repetitivo e alienado, no qual o sujeito não se reconhece como produtor de suas próprias condições de vida; e como criador da metrópole. No limite, produzem-se “cidades arruinadas pelo progresso e mutiladas pela civilização atual” (Carlos, 2007, p. 38-39).

Na escala do corpo, os sentimentos são atravessados por múltiplas dimensões no sentir e experienciar esses ritmos, esse corre-corre, o ser mais um (a) na multidão – uma vida urbana.

VIDA URBANA

Andando pela cidade, ando pelas pessoas que atravessam minha vida por segundos e com elas seus mundos. Esse tal de metrô é novo aqui (SSA), ainda não sabemos o significado de “deixe a esquerda livre”. Pura agonia. Nessas horas ou você vai na onda ou acelera os passos, ou é atropelado nesse formigueiro. Vejo uma mulher preta e uma criança retinta dormindo amarrada em suas costas e duas sacolas enormes nas mãos, a correria e o horário martelando na mente, fizeram com que nem refletisse sobre o que vi, apenas a ultrapassei. Só segundos depois vem “nem estou tão atrasada assim que não poderia ajudar” e me viro, mas outras pessoas já tinham feito esse serviço e apenas sigo. Várias especulações para saber onde a porta do metrô irá parar, ultimamente podem dizer que estou com sorte, venho viajando sentada nos transportes públicos ou azar para minha saúde física já que no destino final também ficarei sentada e não faço exercícios regularmente. Mas o motivo desse texto é, tenho me atraído tão facilmente por pessoas, deve ser minha rotina urbana. Observar diversas pessoas durante o dia me encanta. Um dia desses estava no shopping, andando naqueles corredores, até que um moço me atravessou como se fossem retas perpendiculares e bem no ângulo de 90 graus nos olhamos e sorrimos, não paramos de andar, porém ficou tudo em câmera lenta, ele já olhava para trás e eu para o lado e acabei me esbarrando na senhora a frente fazendo ele rir. E que sorriso lindo ele tem! Segui e ao subir a escada rolante, penso: “será que irei vê-lo outra vez?”. Essas paixões de momentos são estalos de que estamos vivos, inesperadas e vivas. Ontem mesmo, durante a aula, fiquei olhando a turma, meus olhos, lentes de uma fotografia da vida humana, sabe quando alguém bate uma foto sua distraído e você se olha vivendo, não é estranho e lindo? Eu era a fotógrafa. Meio bobo? Talvez, devo estar apaixonada pela vida, olha que eu não sou romântica, sou aquariana e na vida urbana eu me encaixo, “meu mundo-aquário”, que é meu e é eu ao mesmo tempo (Denis, 2019, p.19-20).

Esta é a descrição poética e profunda do convívio de Denis com a cidade, neste caso, a metrópole soteropolitana. A autora do poema nos envolve na emoção do que significa ter uma experiência de vida urbana – ela caminha na mesma velocidade dos seus pensamentos: pura agonia! Poetisa como é, se apaixona pela vida e se acanha ao reconhecer sua paixão. É possível viajar nos seus passos e imaginar a vida urbana como um poema. Paro de imaginar. A vida

urbana é múltipla, pode estar relacionada às questões e às condições de trabalho, lazer e à impossibilidade, talvez, de reconhecer que também produzimos a cidade. Andar pela cidade é andar pelas pessoas, por edificações, por pavimentações, pela circulação de capital, por acesso à educação e à tecnologia. É ser atraído (a) por pessoas por ser parte de uma rotina urbana, essa que é desigual e heterogênea.

Nas metrópoles, o viver pulsa em sentidos e extremos. Os ruídos urbanos são mais intensos e vêm de todos os lados: pessoas conversam entre si e ao longe se escutam vozes confusas; outros (as) dirigem seus veículos e usam bastante as suas buzinas (e aí? será pressa, impaciência ou frágil urbanidade?); comerciantes contratam carros de som para anunciar os seus produtos e, muitas vezes, circulam mais de dois, daí nada se entende daquele anúncio; mulheres, homens e crianças de várias faixas etárias e com objetivos diferentes ocupam a ruas, são caminhantes, ora apressados, ora sem pressa; mulheres, homens e crianças de várias faixas etárias moram na rua, em condições precárias de sobrevivência, já que o Estado planejou que estas pessoas não poderiam fazer planos e ter um mínimo de dignidade.

Em meio a estas movimentações humanas, os pássaros resistem em seu cantar e os animais domesticados (gatos e cachorros) se espalham pelas ruas em busca de abrigo e comida encontradas em lixo ou em alguma casa, onde as pessoas se comovem e se unem para alimentá-los. Todo esse desenrolar da vida se prolonga por todo o dia, o despertar e o adormecer da cidade. Cito ruídos, mas é necessário conectar todos os nossos sentidos, em uma materialidade corpo-cidade que produz as relações sociais no mundo vivido. Como nos diria Lefebvre,

Basta abrir os olhos para compreender a vida cotidiana daquele que corre de sua moradia para a estação próxima ou distante, para o metrô superlotado, para o escritório ou para a fábrica, para retomar à tarde o mesmo caminho e voltar para casa a fim de recuperar as forças para recomeçar tudo no dia seguinte. O quadro dessa miséria generalizada não poderia deixar de se fazer acompanhar pelo quadro das “satisfações” que a dissimulam e que se tornam os meios de eludi-la e de evadir-de dela (Lefebvre, 2001, p. 117).

As interpretações de Carlos (2007) pautadas na dinâmica da metrópole e na sua orientação teórica marxista-lefebvriana, indicam reflexões sobre a cidade de maneira integrada, ou seja, refletir a cidade é o mesmo que refletir sobre a prática socioespacial. A cidade é uma realização, primordialmente, humana, revelada como “sentido da vida humana em todas as suas dimensões – de um lado, enquanto acumulação de tempos, e de outro, possibilidade sempre renovada de

realização da vida” (Carlos, 2007, p.11). A autora avança na abordagem dialética lefebvriana, pois considera a cidade como resultado dos pares: expressa e significa a vida; obra e produto; revela passados e projeta futuros nas tramas do presente e, assim, se constituem cidade-sociedade-tempo (Carlos, 2007).

Nesta perspectiva, a autora trata de vida cotidiana metropolitana com profundidade, pois, pauta-se em ação-ato. Uma ação expressa nos nossos corpos e nos nossos sentidos, os quais na modernidade têm sido normatizados pela dominação dos conteúdos capitalistas impondo reproduções, coações que inibem a capacidade criativa inerentes à ação humana. Os conteúdos da dominação privilegiam a permanência de regras e obras engessadas e de histórias da colonização promissora e invisibilização da existência de outros grupos, de outras trajetórias, de outras narrativas, pois “nega a prática socioespacial” (Carlos, 2007, p.15).

Deste modo, as análises elaboradas por Carlos (2001, 2007, 2008, 2015) proporcionaram uma leitura geográfica reflexiva sobre Salvador. Ao tomar como referência os escritos de Lefebvre, a autora indica que as reflexões sobre os problemas da cidade e do urbano são expostas a partir da segunda metade do século XX. A partir de 1960, ocorre um hibridismo, pois em meio a uma produção e reprodução repetitiva de coisas, também começa a ser elaborada uma produção imaterial, pautada em uma “ambiguidade, isto é, a produção de imagens, signos permite sonhar, inventar, mas na maioria dos casos esta produção imita e simula uma realidade já existente” (Carlos, 2007, p. 23). Neste sentido, as contradições estão escancaradas, pois, os conflitos da produtividade (repetitiva) se sobrepõem à criatividade (Carlos, 2007).

Tais reflexões demonstram como as problemáticas urbanas perpetuam-se, pois é contínua a prática de executar e replicar modelos para construir as cidades. Alguns desses modelos, quando replicados em cidades pequenas, visam apresentar aos cidadãos, os sinais de que o progresso precisa ser estampado e, assim, o planejamento urbano se reproduz naquilo que se quer dar visibilidade, com tipologias urbanas iguais às de outras cidades. O ritmo do progresso fica evidente no “trabalho que não para” e as obras em várias partes do centro não acompanham o ritmo daqueles que realmente produzem a cidade – seus (suas) habitantes.

As análises e os debates sobre a cidade e o urbano formaram, portanto, um lastro teórico-conceitual, a partir do qual ideias foram sedimentadas e foi possível refletir sobre outros caminhos possíveis. As abordagens indicam as influências e o desejo de planejadores em

atender as demandas do sistema capitalista, porém em alguns contextos ficamos diante de cidades que perdem o sentido para as pessoas, as quais não entendem e até questionam a instalação de determinado equipamento e também acabam por não o usar. Há um distanciamento e um contato cada vez mais frio. Infelizmente, as cidades acabam não inspirando a ludicidade, a alegria e outras condições para uma valoração topofílica, já que, em alguns contextos, os planejadores do espaço urbano engessam as possibilidades de ocupar, inteiramente, ruas, praças e largos, pois podem provocar experiências repulsivas.

Na contramão destas ações, as cidades precisam ser mais vividas, nas quais os sentimentos de apego e segurança estejam integrados a ambientes que promovam relaxamento e estímulo a experiências prazerosas

A importância da topofilia na experiência ambiental está explícita em muitas formas de recreação ao ar livre, na pintura de paisagem e na fotografia, no que se refere aos arquitetos e planejadores no criar projetos esteticamente satisfatórios; mas sua importância também é conhecida por todos os que se preocupam, mesmo ocasionalmente, em atentar ao mundo que o circunda. Entretanto, topofilia provê apenas uma descrição parcial da geograficidade semiconsciente, porque muitos de nossos encontros com os nossos mundos-vividos estão longe de serem agradáveis. Por causa do costume, das circunstâncias, ou do próprio ambiente, as experiências de paisagem e de lugar podem ser topofóbicas (Relph, 1979, p. 19).

Entre sentimentos topofílicos e topofóbicos, nossos corpos vão construindo as condições necessárias para seguir entre as tensões e as alegrias de viver a cidade e o urbano.

2.2. O urbano interior refletido a partir das relações cotidianas

A existência íntima com o urbano flui do meu ser-e-estar-no-mundo, a partir das trilhas do vivido, das intersubjetividades, do sentido de lugar e das performances que manifestam geograficidades outras. Os questionamentos vêm à tona. Por que nas trilhas desses encontros intersubjetivos, é importante conhecer como as pessoas movimentam este urbano? Em qual tempo? Como se dão as ações que produzem e constroem a cidade? Como as pessoas vivem? Como se sustentam? Como circulam na cidade? Por que fazem seus percursos a pé? Como esses percursos influem em suas rotinas? (figura 06).

A vida se desenrola atravessada por histórias/trajetórias de tantos (as) habitantes que seguem uma rotina de trabalho, de estudos, de lazer e se organizam a partir de uma circulação cotidiana

marcada pelo corriqueiro, por costumes que parecem enraizados, por uma ideia superficial de estabilidade. Ao aprofundar nas relações, as desconstruções são vividas e novas configurações extrapolam o mundo da vida.

Figura 06: Vendedor de frutas - Santa Inês/BA - 10.09.21.



Foto: Flávia Souza

As andanças são parte da rotina. A foto (figura 06) foi extraída em um final de tarde e materializa o momento em que um vendedor de frutas pausa sua caminhada com o intuito de vender o seu produto. Um vendedor caminhante que percorre várias áreas da cidade, usando sua voz alta para anunciar sua mercadoria e chamar os (as) clientes para apreciar e comprar as suas frutas, devidamente embaladas e acondicionadas em um carro de mão. Com essa ação, busca o seu sustento e o seu corpo trabalhador-caminhante é a matéria integrada ao carro de mão e à cidade, em busca de uma fonte de renda. Um corpo como matéria e que ocupa espaço, um “corpo é corpo vivo e o espaço é um espaço constructo do ser humano” (Tuan, 2013, p. 49). Esta é a relação. Para exercer o seu trabalho, o vendedor realiza longas e exaustivas caminhadas pelas ladeiras da cidade e sem garantias de direitos. Nestas caminhadas, há muitos encontros,

nos quais transbordam sensações, sorrisos e o jogo lúdico que, às vezes, camufla uma vida cansada.

O meu corpo vivo se deparou com densas reflexões. Houve alguns estranhamentos. Eram situações inerentes à rotina dos (as) habitantes da cidade, mas que despertavam tensões. - Estava em casa, era manhã e ainda estava cedo, o silêncio que pairava, era interrompido por falas confusas e pelo cantar dos pássaros. Em um determinado momento, começo a escutar ainda distante uma voz, com sonoridade eletrônica, vinda de um carro de som. Parei para escutar direito e me direcionei para onde o som ficava mais nítido dentro da casa, daí pude entender o que estava sendo falado, era uma voz alta, sem ruídos, com tom de tristeza e comoção:

♪♪ Nota de falecimento: É com imenso pesar que a, esposa, os filhos, filhas, irmãos, informam o falecimento de... conhecido (a) como...O corpo sairá de sua residência na rua... em direção ao cemitério local. A família enlutada agradece a todos que comparecerem a este ato de fé e solidariedade ♪♪.

Era um convite para uma despedida da vida. Um chamamento para um ato familiar em busca de compartilhar a dor e proporcionar uma homenagem àquele (a) familiar. Na hora da saída do corpo sem vida da residência sinalizada no convite, as pessoas se juntam em caminhada e seguem para o cemitério local, onde são prestadas as últimas homenagens e despedidas. Alguns (as) comerciantes fecham seus estabelecimentos em sinal de respeito na passagem do cortejo ou fecham uma porta em sinal de luto. Na área que abrange o velatório, as pessoas ficam no entorno, nos bancos, nas praças e nas portas das suas casas acompanhando com gestos curiosos, condolentes e respeitosos. Com o passar do tempo vivendo na cidade, já dá para entender quando o carro de som vem anunciando este convite, pois é possível perceber pela melodia e pelo tom de voz do locutor. Um convite feito a toda a cidade. Nem toda família contrata este serviço, mas a notícia de uma morte é sempre publicizada por boca a boca e pelos aplicativos de mensagens instantâneas.

A nota fúnebre foi algo que chamou atenção com profundidade, pois, no contexto da pandemia em 2021, a morte circundava nossas vidas, ou melhor, estava mais em destaque do que a vida. As mudanças eram muitas e a nota de falecimento nos colocava em situação como um corpo vivo amedrontado e que precisava viver este urbano interior com intensidade. O exercício de sentar na rua, na praça, na porta de casa foi necessário. Comecei a esboçar em meu papel, os sentidos da minha vida e os sentidos da vida de outras pessoas, passantes e vizinhos (as).

Rabiscos que diziam mais sobre mim do que sobre o (a) outro (a), a princípio, mas que, com o tempo, começaram a delinear contornos. As minhas mãos passaram a não rabiscar somente as ações, pois meu corpo passou a participar das ações.

O viver trouxe à tona como ocorre a circulação de corpos diversos para as suas atividades diárias e corriqueiras, como ir ao mercado, movimentar o comércio pela manhã e fechar a maior parte dos estabelecimentos na hora do almoço, por quase duas horas. Neste horário, as ruas ficam praticamente vazias, até o retorno das atividades à tarde: essa situação ocorre mais comumente em Cravolândia e Santa Inês, nesta última o comércio fecha, impreterivelmente, às 19 horas, com exceção dos bares e academias que, no sentido contrário, abrem a partir desta hora. A partir das 18 horas, nas três cidades há um fluxo expressivo nas praças e nos espaços livres de edificação, pois grupos de pessoas buscam realizar atividades físicas, além de ser o horário do passeio com as crianças e os animais e da ida de pessoas em direção aos ônibus que se destinam ao IF Baiano - Campus Santa Inês para as aulas no turno noturno.

Há uma dinâmica cotidiana de fechar os estabelecimentos comerciais na hora do almoço, por motivos diversos, mas o principal é referente a um número significativo de comércios comandados pela própria família. Os mercados, farmácias e restaurantes não costumam fechar, mas o fluxo de pessoas diminui em algumas partes das duas cidades. A figura 07 materializa, momentaneamente, a redução desta circulação.

Figura 07: Praça pública - Cravolândia – BA – 14/01/2020 às 13:06 h.



Foto: Flávia Souza.

Esta fotografia foi capturada em um dia ensolarado. O céu apresentava um gradiente azul. Algumas poucas árvores, com diferentes tons de verde, se espalham por esta praça pública da cidade de Cravolândia. Na praça Santo Antônio, além da cruz e dos bancos, há um piso de coloração cinza e vermelha. As residências se localizam no entorno e ao fundo está a igreja de Santo Antônio em tom amarelo claro. O interesse por esta figura foi pelo conjunto de informações – as casas, a praça, a igreja e a extensão serrana ao fundo. No horário em que a fotografia foi extraída, em torno das 13h, não havia pessoas na praça e nem na rua Jorge Teixeira. Esta praça fica próxima a saída para BA-120, via que liga Cravolândia a Santa Inês. Trata-se de um momento materializado nesta fotografia, que diz mais sobre a praça do que sobre as ações, as quais foram encontradas, posteriormente.

A figura 08 teve o mesmo propósito, registrar um momento do dia de uma rua em Santa Inês, no qual ocorria também uma fraca circulação de pessoas. A intenção não era provar os esvaziamentos, mas partir daí para entender o porquê de ruas vazias, já que esta era uma das sensações vivenciadas quando visitava as cidades antes de residir. As motivações para não estar na rua são muitas, mas a principal é não ter um objetivo para sair – *“Não tem nada para fazer para ficar na rua. Durante a semana não tem porque tá no meio da rua. Não tem o que fazer. Se tiver um movimento, bebida, dá para bater um papo”*. Para algumas pessoas não tem sentido ficar na rua, já para outras, o sentar na porta no fim de tarde e no cair da noite é frequente, principalmente no verão, para tomar uma fresca.

Figura 08: Rua Barão do Rio Branco – Santa Inês/Ba – 25/02/2021 às 16:43h.



Foto: Flávia Souza.

Esta fotografia foi extraída no final da tarde. Esta rua encontra-se próxima às áreas mais comerciais da cidade e, também, é considerada como centro. Trata-se de uma rua ladeirada com piso de paralelepípedos, ocupações, em sua maioria, residenciais, e alguns pontos comerciais: oficina, barbearia, mercearias e uma escola pública de ensino fundamental. O bar e a mercearia de Cal, localizado/a nesta rua é visitado/a por muitos (as) clientes que fazem compras rápidas e por outros (as) que ocupam as cadeiras para consumir e ouvir músicas. Estes últimos fazem com uma frequência mais constante, principalmente, a partir das quartas-feiras até aos domingos.

É uma rua com ruídos que expressam uma ambiência urbana, ou seja, há uma expressiva circulação de veículos automotivos, de médio e grande portes, para entrega de mercadorias; se escuta as músicas que vêm de carros ocupados por quem busca lazer; há ruídos vindos dos brinquedos ocupados pelas crianças da escola e por crianças que residem na rua; há circulação de pessoas de outras ruas; há pessoas que ficam em suas janelas, portões e calçadas conversando temas diversos e confusos para quem tenta entender de longe.

A figura 08 não nos diz nada disso, pois representa a captura de um momento. Um fim de tarde ensolarado, capturado também com o intuito de demonstrar a presença serrana que a cidade possui. A figura 08 demonstra que também em Santa Inês, assim como em Cravolândia, as pessoas têm o hábito de ficar em suas casas, por isso, em determinados horários, as ruas apresentam fraca circulação. O hábito de circular nas ruas nas duas cidades é, comumente, matutino, ou seja, para atender demandas vinculadas ao comércio e aos serviços. As pessoas descem e sobem as ladeiras, caminham em direção às áreas com maior densidade comercial e ocupam praças e largos, principalmente nos fins de tarde.

Logo, como dito anteriormente, se a rua tiver um bar, uma escola ou uma praça com brinquedos, essa constatação de circulação é outra (figura 09). No contexto da foto da figura 9, um carro de som com um cantor, cantando músicas de forró, parou na porta do bar, animando as pessoas que estavam na rua. A dança individual se transformou em uma quadrilha junina circular e longa, que fez os carros desviarem para a contramão. Após a saída do cantor, o bar foi fechado e a noite terminou ao redor da fogueira.

Figura 09: Grupo de pessoas dançando em frente ao bar – Santa Inês/BA – 25/06/22.



Foto: Flávia Souza

Em períodos festivos, há uma participação expressiva das pessoas. E, em eventos de maior porte, como a Festa da Padroeira/Festival de Cultura ou a Festa do Vaqueiro (figura 10), há um fluxo mais intenso, o que para alguns moradores é incômodo, enquanto que para outros é um momento de bastante diversão e movimentação do comércio.

Figura 10: Festa do Vaqueiro – Cravolândia/BA – 27/08/22.



Foto: Flávia Souza

A circulação aumenta porque estes eventos já estão popularizados no contexto dessas cidades e há uma publicidade massiva que atrai pessoas de outras áreas do Vale. Durante as festas, formam-se grupos de pessoas que se conhecem e compartilham o momento de diversão, apreciando a dinâmica e as atrações, previamente escolhidas e anunciadas pelos (as) servidores (as) da Prefeitura. A presença marcante de pessoas desconhecidas causa estranhamentos para a população, mas, ainda assim, são receptivos (as). Ao parar na porta das casas, as pessoas acolhem, oferecem uma cadeira e são cuidadosos (as), mas os festejos também geram tensões, uma vez que podem aumentar os casos de violência. Fora dos momentos festivos, são cidades intimistas, pois as pessoas se conhecem e se relacionam bastante, mas, ao mesmo tempo, se reservam em suas casas. As três cidades apresentam períodos de intensidade de circulação, cada uma a seu tempo e, em outros, demonstram cidades existentes também em seus “silêncios”.

Com a figura 11, apresento um dos marcos de referência da cidade de Jaguaquara, localizada em uma área de intensa circulação, por se tratar de uma rotatória, na qual a circulação com veículo é maior do que a pé.

Figura 11: Onça na entrada de Jaguaquara/BA – 08/06/2021.



Foto: Flávia Souza.

Os limites territoriais de Jaguaquara aparecem antes desse marco, ainda na BR-420. Após passar por Itaquara, são visualizadas a vegetação que margeia toda a via e propriedades rurais de pequeno e grande portes. Chegamos aos seus 667 metros de altitude e, já nas primeiras habitações que ocupam as áreas elevadas da via, avistam-se aspectos de uma infraestrutura precária, com terrenos expostos e ocupados com casas com alvenaria simples e tubulação de água e esgoto exposta. A área é ocupada por uma população de baixa renda. Após estas residências já aparecem casas comerciais, postos de gasolina e a rodoviária da cidade. A onça (figura 11) fica na entrada da cidade em direção ao seu centro.

A escultura está localizada em ponto que indica os caminhos para o entroncamento da cidade, em direção à BR-116 e o centro da cidade, onde estão as principais lojas do comércio, do varejo, a maior parte dos serviços públicos, as agências bancárias, o Centro de Abastecimento de Jaguaquara (CEASA), alguns hotéis. A imponência das igrejas católicas no topo das serras, representam a sua participação na formação da cidade, sob influência da vinda de colonizadores e dos padres jesuítas. A escultura também representa uma identificação histórica, pois a onça é uma referência da denominação da cidade, uma vez que, os registros históricos coloniais indicam que a cidade se iniciou a partir da Fazenda Toca da Onça e, posteriormente, passou a ter a denominação em tupi guarani de Jaguaquara, de acordo com Rosa (2016) em 05 de outubro de 1915.

As figuras 07, 08, 09, 10 e 11 e as suas descrições representam, portanto, momentos visitados, observações descritas e interpretações delineadas a partir do desenrolar do cotidiano. E as práticas animadas por corpos urbanos? Onde se situam? Como acontecem? E você? Se considera uma pessoa urbana? O seu corpo é urbano?

As respostas a estas questões expuseram o urbano interior que abriga uma sensação de serenidade e onde também paira no ar o desejo pelo progresso vinculado à produção da imagem arquitetônica da cidade. Prioriza-se a instalação/ampliação do asfalto no centro, a instalação de quiosques nas margens do rio, de praças com estruturas diversas, mas, o progresso segue atravessado por resistências que variam por gênero, raça, classe e faixa etária, pois se mantém no discurso e nos movimentos corporais, pelo menos dos (as) mais velhos (as), um desejo de manutenção de uma vida de tranquilidade. O urbano transpira a simplicidade das relações, nas quais sente-se e vive-se a natureza. Uma calma que mascara a alienação, o medo, as resistências e sentimentos que se dão na esfera do habitar.

Na sua análise sobre construir, habitar, pensar, Heidegger (2012) apresenta as suas perspectivas sobre estes três verbos, porém já anuncia que não seguirá o caminho do construir com base nas teorias e técnicas da arquitetura, mas investiga “o construir para reconduzi-lo ao âmbito a que pertence aquilo que é” (Heidegger, 2012, p.125). Dito isso, conduz a sua abordagem na intenção de uma recondução na ideia do construir e apresenta um híbrido: “só é possível habitar o que se constrói [...]. Mas, nem todas as construções são a habitações” (Heidegger, 2012, p.125). Ora conectados, ora separados, Heidegger indica que é necessária uma atenção à linguagem para situarmos os dois termos em alguma tentativa de definição. O autor, então, faz uma busca na origem do termo “construir”, o qual no antigo alemão significava habitar, o seu uso constante gerou a perda do seu significado original e, por isso, o autor solicita o exercício de refletir que habitar é esse.

Quando se fala em habitar, representa-se costumeiramente um comportamento que o homem cumpre e realiza em meio a vários outros modos de comportamento. Trabalhamos aqui e habitamos ali. Não habitamos simplesmente. Isso soaria até mesmo como uma preguiça e ócio. Temos uma profissão, fazemos negócios, viajamos e, a meio do caminho, habitamos ora aqui, ora ali. Construir significa originariamente habitar (Heidegger, 2012, p. 126-127).

Ainda pautado no cuidado da linguagem, o autor caminha agora sobre a conjugação alemã de “eu sou” associado à palavra alemã *bauen* – eu habito. “A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o *Buan*, o habitar” (Heidegger, 2012, p. 127). Ser-terra é habitar e estar relacionado à proteção e ao cultivo, situado no tempo entre o plantar e colher os seus frutos. É uma permanência presente na experiência cotidiana, a qual se perde se o entendimento é estanque, fixado no produzir e não na inerência ao sentido de ser-e-estar-no-mundo. Há que se pensar “em sentido pleno, que habitar é o traço fundamental do ser-homem” (Heidegger, 2012, p.128). Neste sentido, o autor elabora uma crítica à perda dos sentidos da origem das palavras. Avança ainda na perspectiva da essência do habitar, ao pautar-se nos termos originais (alemão e anglo-saxão) para, então, chegar nos significados – habitar é de-morar-se, é resguardar. Habitar a partir de si mesmo em direção ao habitar (Heidegger, 2012).

Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra. "Sobre essa terra" já diz, no entanto, "sob o céu". Ambos

supõem conjuntamente "permanecer diante dos deuses" e isso "em pertencendo à comunidade dos homens" (Heidegger, 2012, p.129).

São essas reflexões sobre o habitar, pautadas no de-morar-se e no resguardo, as quais fundam a relação humana com a terra que vão influenciar as análises realizadas por Dardel. Para Gallo e Marandola Jr. (2015),

Éric Dardel trilhou seu caminho dialogando com a Filosofia, a Arte, a Antropologia, entre outros saberes, realizando uma construção teórica que tem nesses diálogos a sua maior força e diferencial. Dentre esses diálogos há um em particular que buscamos compreender mais detidamente partindo da identificação e compreensão da sua influência na geografia dardeliana. Uma das principais referências de O Homem e a Terra é o pensamento de Martin Heidegger. O filósofo alemão aparece na obra de maneira direta em alguns pontos, porém, sua influência é claramente identificável de forma mais ampla pela proximidade das reflexões de Dardel e a fenomenologia existencial e hermenêutica que Heidegger leva à cabo em suas ponderações sobre a ontologia. A principal obra citada diretamente é A origem da obra de arte, original de 1935/36 (Heidegger, 2012a). A influência heideggeriana perpassa a obra de uma maneira geral, mas aparece de forma mais contundente na discussão sobre “Espaço Telúrico”, especialmente no que se refere à discussão de Dardel sobre a terra. A própria profundidade da discussão do geógrafo advém do embasamento ontológico e fenomenológico, que busca um retorno às coisas mesmas e, assim, o fundamento ontológico da ciência geográfica (Gallo e Marandola Jr., 2015, p. 176).

A influência das ideias de Heidegger na obra de Dardel é, assim como afirmam Gallo e Marandola Jr. (2015), presente. Na reflexão sobre o urbano interior busco respaldo em Heidegger e em Dardel, a partir da ideia do habitar, não porque ambos trabalharam suas análises focados no urbano, mas porque tensiono este detalhamento de uma poética da natureza para alcançar uma poética urbana.

Em sua fenomenologia do espaço, Dardel considera que este deve ser um “espaço generoso e vivo aberto diante de nós” (Dardel, 2015, p. 26). Por isso, suas reflexões se ampliam para espaços diversos e profundos e, muitas vezes, estranhos para nós, porém carregados de uma poética que a análise do urbano não teria nada a perder ao incorporá-la. Em Dardel, o urbano aparece em trechos relevantes de críticas ao colonialismo e faz um apelo às cores, aos sabores, aos sons e às sensações. Um apelo a arte! E se a rua é “uma realidade geográfica”, há ali a possibilidade de investigar quem faz a rua ser uma realidade. Seriam, portanto, aquelas corporeidades – terra, desveladas, dialeticamente.

Em Lefebvre (1999, 2001, 2006), o urbano é potência: é tenso-poético. Lefebvre e Dardel se aproximam quando clamam por um desejo nato de criar, inerente ao humano. Trato aqui de uma fenomenologia do espaço urbano - viver, experienciar, ser atraída por um desejo vinculado à Terra, que através da imaginação nos mobiliza e na tensão nos obriga a refletir e buscar transformações. Logo, Lefebvre indica caminhos semelhantes quando sugere cidades flexíveis pautadas em uma plasticidade da obra humana, ou seja, um direito acessível e uma liberdade de criação. Por isso, Lefebvre questiona:

Por que não opor à cidade eterna as cidades efêmeras e aos centros estáveis as centralidades móveis? São permitidas todas as audácias. Porque limitar essas proposições apenas à morfologia do espaço e do tempo? Não se excluem proposições referentes ao estilo de vida, ao modo de viver na cidade, ao desenvolvimento do urbano em relação a esse plano (Lefebvre, 2001, p. 113).

Na realidade geográfica, o modo de viver tem suas sutilezas. As relações se revelam no acontecer cotidiano e as linhas são tênues. Há, por exemplo, um híbrido cidade-campo, marcado em algumas práticas sociais existentes no urbano interior – a casa do campo e a casa da cidade; os pais moram e permanecem no campo e os (as) filhos (as) ficam na cidade para estudar; o marido tem uma rotina diária no campo e a esposa se mantém na cidade com rotinas domésticas; os vendedores caminhantes que circulam pela cidade com seus produtos agrícolas; as plantações para atender a subsistência nos quintais das casas ou em áreas periféricas da cidade; a busca pelo lazer no campo; dentre outros exemplos. Para Lefebvre, essas relações são dissimuladas quando a racionalidade insiste em desfazer a dialética entre elas. Em suas palavras,

A natureza como tal escapa à ascendência da ação racionalmente realizada, tanto à dominação quanto à apropriação. Mas, exatamente, ela permanece fora dessas ascendências; ela “é” aquilo que foge; é atingida através do imaginário; é perseguida e foge para o cosmo, ou para as profundezas subterrâneas do mundo. Quanto ao campo, é este um lugar de produção e de obras. A produção agrícola faz nascer produtos; a paisagem é uma obra. Esta obra emerge de uma terra lentamente modelada, originariamente ligada aos grupos que a ocupam através da recíproca sacralização que é a seguir profanada pela cidade e pela vida urbana (que captam essa sacralização, condensam-na e depois a dissolvem no transcorrer das épocas absorvendo-a na racionalidade) [...]. O essencial é o movimento complexo pelo qual a cidade política utiliza o caráter sagrado-maldito do solo a fim de que a cidade econômica (comercial) o profane (Lefebvre, 2001, p. 67 e 68).

O autor, então elabora uma crítica a maneira como a cidade encolhe o campo para potencializar a sua própria existência e, assim, marginaliza o campo, o camponês (a). Para alguns trabalhadores rurais estar na cidade e assumir ser do campo é uma autodefesa – *“eu sou do campo, eu sou sem-terra, mas não tenho vergonha, não, pois foi dali que tirei o meu sustento*

uma vida inteira”. Neste diálogo, estávamos no hospital em busca de atendimento e a defesa aconteceu por uma observação e uma interpretação deste trabalhador sobre mim e sobre a conversa que tínhamos, daí ele se sentiu tranquilo ao dizer o seu papel na sociedade, muitas vezes, fruto de apagamentos dolorosos.

O fato é que, em uma cidade pequena, a integração campo-cidade se materializa dialeticamente, a partir da experiência. Sou o (a) camponês (a), sou o (a) feirante, sou o (a) moradora da cidade, sou moradora do campo que estuda na cidade. Se, neste contexto, de múltiplas relações, questiono como essa pessoa se reconhece, o ser-e-estar-no-campo é potencializado na esfera do argumento. Assim, concordo com Lefebvre quando afirma que “a vida urbana compreende mediações originais entre a cidade, o campo, a natureza [...] essas mediações não podem ser compreendidas sem os simbolismos e representações (ideológicas e imaginárias) da natureza e do campo como tais pelos cidadãos” (Lefebvre, 2001, p. 68).

Nas cidades pequenas, os conteúdos e as mediações do urbano e do rural saltam aos nossos sentidos em atos cotidianos recorrentes. Produtos agrícolas do campo são trocados entre vizinhos (as) e são vendidos também. Outros (as) moradores (as) do campo circulam pela cidade com seus carros automotivos ou de mão, oferecendo produtos que trazem de sítios das redondezas. A feira livre mescla pessoas da cidade e do campo e se configura como uma das áreas mais visitadas da cidade nos dias de sua ocorrência. A ida a feira é uma obrigatoriedade quase ritualística. Um trato cuidadoso e necessário para o existir desta importante relação social.

No tocante às relações comerciais, estas possuem um caráter diário, fruto de uma reprodução hegemônica, tendo como pauta a mercadoria. Neste sentido, Corrêa indica que:

Não se pode ignorar que a industrialização permitiu o desenvolvimento do mundo da mercadoria, e, nesta direção, entendemos que a generalização do valor de troca invadiu a vida cotidiana, capturando o tempo cíclico da vida e submetendo-o ao tempo linear da indústria, que, além disso, proporcionou a articulação entre as mais distantes áreas do planeta, desenvolvendo redes de comunicação e de difusão da informação, gerando evidentes hierarquizações dos lugares entre dominantes e dominados. A industrialização permitiu a realização espacial da propriedade privada da terra, ao longo do processo histórico, pela generalização da mercadoria-espaco, criando um processo inexorável: a urbanização do planeta. Todavia, o problema que se coloca para a análise urbana não é o número de cidades que o IBGE contabiliza, ou o número de pessoas que vive num ou noutro lugar, mas o modo como esta sociedade (urbana) pode e deve ser entendida em seu horizonte (Corrêa, 1989, p.107).

O processo conduzido pela industrialização é tão violento que se materializa em áreas de incipiente existência do mesmo. A submissão do “tempo linear da indústria” chega nestas cidades de forma relevante e contraditória, já que é perceptível, na rotina, a transformação do corpo como máquina de trabalho. Nas cidades pequenas, a chamada exploração da mão de obra ainda é mais gritante, pois este corpo-trabalho é marcado por um excedente de carga horária, pela precariedade das condições de trabalho e fragilidade salarial e de direitos, resultantes da exploração e das relações hierárquicas que produzem, constantemente, o medo da perda da renda.

Como o papel da industrialização no Brasil e seu caráter diversificado de ausência em alguns lugares influencia tanto a constituição destas cidades? A reprodução do capital e seus tentáculos alcançam todos os lugares numa violência silenciosa, se alastrando nas cidades pequenas de maneira naturalizada, camuflada e com pouca resistência. Visualiza-se a fragilidade das condições econômicas e sociais que afligem uma maioria significativa da população e nos interesses políticos enraizados em uma sociedade de classes que perpetua as desigualdades, pois, assim, preza por sua continuidade no comando das relações de poder e opressão. É necessária a manutenção da população em condições de carência de várias formas, mas, principalmente, no sentido da autonomia política para a continuidade e a conservação dos mesmos grupos políticos, assentados nas cadeiras do poder local.

Esta situação, perpetuada pela fragilidade das condições de vida, fere a existência do urbano interior que, como dito anteriormente, está fundado aqui nas relações intersubjetivas (corpo - corpo outro - terra) vinculadas às trocas de experiência na constituição do sentido de lugar. Os (as) que detêm o poder têm o objetivo de alcançar uma modernização urbana modelizada e materializam paisagens repetitivas e fragmentadas. Assim, há o desejo, por exemplo, de instalar uma fonte de água corrente cercada de pedras no centro ou instalar pergolados pomposos que não nos protegem do sol em uma cidade quente e semiárida ou instalar estátuas dos grandes desbravadores. Quase tudo na contramão do que a população precisa ou almeja.

Buttimer, em um texto publicado na década de 1980, elaborou a sua crítica sobre a perda do sentido de lugar, justamente embasada no saudosismo vinculado às identidades e singularidades dos lugares e à potencialidade da natureza, presente nas canções e nas poesias, já que nas cidades não se pode mais tê-la, pois amplia-se a “superficialidade homogeneizante da comercialização e da arquitetura padronizada” (Buttimer, 2015, p. 05), a qual já dava seus

passos durante os séculos XVIII e XIX. Os caminhos cartesianos e a estruturação dos sistemas de transporte, a industrialização e a urbanização se apressaram em conduzir as relações comerciais e a criar cidades normatizadas, as quais se distanciavam cada vez mais de um lar, fato impactado também pelas ondas migratórias. Neste interim, a autora nos indica que

Existem muitas dimensões de significados atribuídos ao lugar: simbólico, emocional, cultural, político e biológico. As pessoas não têm apenas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas do lugar, mas também associações pessoais e sociais com redes baseadas nos lugares de interação e ligação. Como outros membros da biosfera, os homens também demonstram padrões marcados de territorialidade. Quando os valores fundamentais associados com qualquer um destes níveis de experiência são ameaçados, então podem “explodir” protestos sobre o significado de lugar. Não parece ser um ponto crucial considerar se estes valores são conscientemente articulados em termos legais ou comportamentais. Na realidade, eles frequentemente não são levados à consciência até que sejam ameaçados: normalmente, são parte do tecido da vida cotidiana e suas presumidas rotinas (Buttimer, 2015, p. 06).

A autora traça, portanto, como até a ciência tem conduzido para o engessamento de práticas que cada vez mais nos distanciam da ideia da cidade como um lar e solicita o cuidado de estar situada à realidade de maneira dialética, a qual se apresenta como um sentido geográfico pedagógico – ser de dentro e de fora como um exercício capaz de ampliar as interpretações do sentido de lugar, por isso, a autora realiza o retornar/retomar suas próprias experiências de lugar.

O ser de dentro e de fora é circularidade. O urbano interior imerso na intimidade emana a potencialidade das relações sociais. Neste contexto, há uma valorização da afetividade, da proteção, de contextos poéticos que criam espaços amados e imaginados. Neste sentido, Bachelard insiste no abandono de reflexões geométricas e, portanto, se apega ao vivido. “E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (Bachelard, 1993, p.19). Em um esforço pelos devaneios mais íntimos, Bachelard se inspira nas imagens e na capacidade dos poetas de se destituírem das dialéticas que interrompem os movimentos inerentes ao habitar em nós mesmos; um encolher-se como condição para morar intensamente. A intimidade transborda em “nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num canto do mundo. Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo” (Bachelard, 1993, p. 24). No jogo da intimidade, a circularidade do ser, restitui a liberdade do imaginar.

2.3. O urbano na esfera das conexões vividas

As percepções presentes nas narrativas sobre o urbano ou sobre um modo de vida urbano são motivadas pelas dimensões que envolvem a oferta de comércio, dos serviços, do lazer e pela circulação corporal cotidiana. Se indago o que seria urbano para você? Ou, o que você entende como urbano? Obtenho respostas variadas e com abstrações. Por isso, muitas vezes há surpresas com as respostas e, outras vezes, são replicadas respostas pautadas em uma hierarquia entre as cidades. É uma pergunta que gera uma parada para reflexão. Daí vem uma certeza. Se a prática cotidiana ali não é rural, residir na sede ou no centro do município configura um modo de vida urbano. Como já dito, as respostas apresentam um viés comparativo até na tentativa de escalonar o urbano. É urbano, mas não aquele repleto de serviços de cidades com maiores dimensões. Daí, o que seria então ter um modo de vida urbano? Com a palavra, os (as) moradores (as):

No que a cidade me oferta bem pouco, mas é né? Quando eu morava em Ilhéus, eu vivia num meio urbano, porque a oferta lá é maior, de tudo. Aqui em Cravolândia, eu vivo no meio urbano, porém, com ofertas bem menores, bem menor quantidade e também qualidade, entendeu? Então, o fato de não ter uma grande quantidade, não significa que não seja urbano (Amanda – trecho de entrevista).

Não é bem urbano, urbano como em outras cidades. Talvez pela questão de urbanização, de metrópole, de movimento, que aqui é parado. Mas, em outras coisas é uma cidade, porque a zona rural é um pouco diferente. Eu acho...não sei nem o que tô falando (risos) (Damares – trecho de entrevista).

Considero urbano, porque minha residência é em um local urbano. Meu trajeto até o trabalho é urbano e toda a minha rotina é direcionada ao urbano (Gilmara – trecho de entrevista).

Não tanto, acho que não tanto urbano assim, porque a gente vive na cidade, mas não é aquele "ó" em termos de infraestrutura de outra cidade, mantida aqui só cidade, cidade, entendeu? A gente vai para roça, para cachoeiras, se diverte, tem seu lazer e vive na cidade e na roça ao mesmo tempo (Caio – trecho de entrevista).

Urbano seria pra mim, essa questão da cidade mesmo, da cidade. Aqui a gente não entra nestes novos conceitos, acredito, não entra, novo rural, novo urbano, porque a gente tá entrelaçado, o que seria meio que uma mistura, porque no caso mesmo do meu estudo com sisal, o sisal é dentro da cidade de Cravolândia, a maioria, do estudo, então é onde de fato acontece, não é nem considerada a faixa rural ainda dentro do limite do município, ainda tá dentro da faixa urbana, então?! [...]. Mas, a minha relação mesmo de trabalho, de compromissos, de agenda mesmo é urbana. Eu preferiria mais com o campo, porém não tenho esse poder de decidir ainda. (Genival – trecho de entrevista).

É urbano, eu acho que devido aonde eu moro e trabalho, então a gente vive mais tempo aqui, tudo aqui e a questão rural é mais pra uma atividade esportiva que eu levo a turma ou as vezes você vai. Não gosto muito de pescar, mas você vai às vezes passear no rio, porque a gente tem aqui uma região que tem um rio. É mais nessa situação, porque eu me encontro, apesar de ter nascido na zona rural, mas a gente trouxe tudo, na verdade os pais trouxeram a gente para sede, aí crescemos por aqui também, então a gente vive aqui. Que na verdade é urbano, mas não chega a ser aquela diferença tão grande não, que eu sempre falo que aqui é uma cidade, mas com cara de zona rural, porque se você dá uma volta aqui, rapidinho, você percorre a cidade toda e a gente não tem muitas opções de uma cidade, de um centro urbano realmente, mas chega a ser urbano porque é sede, o comércio tudo aqui, os setores de trabalho tudo aqui, então isso é o que mais faz a gente dizer que é urbano (Claudio – trecho de entrevista).

O ser urbano, compreendido a partir dos trechos das entrevistas, está vinculado a três aspectos: trabalho, moradia e acesso aos serviços. Para cada morador (a) trata-se de uma vida urbana sim, porém não nos mesmos moldes dos processos de urbanização que são apresentados nas reportagens, nas ciências ou nos anseios mercadológicos da gestão urbana local. Refere-se ao tipo de trabalho: como e onde trabalha? No serviço público vinculado à gestão municipal que abriga a maior parte da mão de obra ou no comércio local. Quais as distâncias percorridas para trabalhar? Distâncias que podem ultrapassar 1 Km a pé. Um tempo de mais de quinze minutos de casa até o trabalho. E o tipo de consumo? O que busca no comércio? Comumente, as coisas de necessidade mais rápida, pois há uma saída para as cidades vizinhas para mais compras. Os serviços estão concentrados na cidade e são percorridas menores distâncias para buscar o serviço procurado. O urbano também está vinculado à elaboração e à execução das políticas públicas, pois concentra o poder municipal e todos os seus órgãos. Para alguns (as) moradores (as), a dificuldade de acesso à terra provoca o distanciamento “forçado” do campo e a permanência da vida na cidade. As três indicações presentes nas narrativas apresentam uma valoração deste urbano em uma perspectiva comparativa com outras cidades, tomando, como critério principal, a configuração espacial do comércio, da demografia, do tamanho e do acesso a serviços especializados. Nas narrativas cruzadas, sentimos e refletimos o urbano.

Estar na zona urbana é ver a mudança que Santa Inês tem hoje né, entretanto, Santa Inês tem ainda, mesmo sendo zona urbana, tem ainda uma coisa mais interiorana, uma coisa mais que você consegue visualizar a natureza melhor. Você consegue ter contato com a natureza melhor, com árvores. Você olha e você não vê só os telhados, você vê a natureza e isso é gostoso e é em volta de Santa Inês. Santa Inês é toda rodeada de né (aponta para as serras) e isso é bacana e isso é gostoso, então eu acho que é uma zona urbana, totalmente diferente de outras, mas não deixa de ser. E meu corpo é urbano, porque eu vivo mais tempo dentro de uma zona urbana. Eu tenho contato com pessoas,

eu tenho contato com as novidades que a tecnologia vem trazendo de uma forma geral né, esse processo de evolução e tal (Tiago – trecho de entrevista).

Meu modo de vida é urbano porque eu tenho asfalto. Asfalto pra mim foi o que mais me doeu aqui, aí já é uma crítica né? porque botou um asfalto aqui? mas, a cidade não é só eu, né? eu tenho asfalto, eu tenho o que mais aqui que me deixa bem urbana? muito carro, muito concreto, isso é muito urbano. Se tivéssemos conduções, ônibus né? se tivesse um trânsito, semáforos, eu ia dizer, realmente, sou totalmente urbana, mas, ainda assim, né? com toda essa conjuntura, a gente ainda consegue se sentir no lugar que tem a natureza mesmo sendo urbanizado, sabe? (Vanessa – trecho de entrevista).

Estes corpos urbanos se reconhecem a partir do ponto de vista geométrico, comparativo, fruto das necessidades de deslocamento, já que há uma constância de ida para outras cidades, as quais possuem mais estrutura para atender demandas diversas, principalmente às vinculadas à saúde. Logo, esse corpo urbano é atravessado por múltiplas situações que configuram estas comparações. A manutenção da vida neste interior exige muitos esforços, os quais compõem esta experiência urbana. A população vive esse híbrido, uns obrigados a migrar e outros que viram suas vidas se transformar por motivações diversas, justamente pela melhoria das condições de renda, de segurança e de tranquilidade. Aos poucos, quem chega também vai construindo os laços e passa a compor as redes de amizade.

O que chama atenção é a questão da cidade ser pequena mesmo, por isso que eu gosto, não esse aglomerado, as pessoas se conhecem ainda, mas pra mim isso não vai durar muito né. Mas, isso eu gosto, que as pessoas se conhecem, são vizinhas, eu deixo o meu portão aberto e os vizinhos me chamam: ô, o portão tá aberto, me chama pelo nome. Eu que vim de Periperi, a gente até naquele comecinho lá tinha, acho que você pegou, essa questão aí da proximidade e a gente vai perdendo. Ganha em uma coisa, perde em outra, os avanços. Na vizinhança a gente faz uma panelinha como diz, né? É muito legal. Os vizinhos são muito bons. Até o vizinho do bar, não me empata em nada, dá seis, oito horas, ele já fechou. Tem umas galinhas que ele cria, no início a gente, a mulher é sempre mais perceptiva nesse ponto aí, hoje ela já acostumou, ele cria galos, são muitos e é colado com o nosso quintal e aí de manhã a gente acorda com o canto dos galos. Aí dá mais esse charme, aumenta mais o charme do interior, quem vai lá em casa diz: Mas, rapaz, você tá no interior mesmo? Às vezes, faz lembrar aquele interior que a gente tinha no imaginário, que era aquela cidadezinha isolada de tudo, mas tamo aí mesclando. Mas o que atrai é isso (Romilson – Trecho de entrevista).

A narrativa nos fala de um charme, de morar no interior mesmo, a partir de uma sensação condicionada ao ter vivido um urbano outro, o qual veio perdendo a referência como espaço da intimidade.

Pra mim é extremamente gratificante ter tido a oportunidade de ter nascido aqui, ter vivido em Salvador, ter tido a oportunidade de estudar e vim trabalhar na cidade que minha mãe, minha avó todos os meus ancestrais viveram e

passaram. Em poder mudar a realidade deles também né, dos vizinhos deles, do vizinho da minha vó que brincou com a minha mãe a vida toda, mas ele continua aqui, mas, minha mãe mora em Salvador. Eu não tô trabalhando pra pessoas desconhecidas, sabe? eu tô trabalhando pra pessoas que eu conheço e que me conhece até mais do que eu, porque me conhece a vida inteira sabe? então pra mim é extremamente gratificante, talvez até isso, eu me emociono um pouco né? Talvez até isso faça sentido para mim de não querer sair daqui (Vanessa – trecho de entrevista).

Aqui as pessoas estão alojadas “em um mundo geográfico no qual” podem “mudar as especificidades, mas que” as “circunda de uma forma que não podem evitar” (Seamon, 2013, p.05). Seamon (2013) elabora um estudo sobre os nossos movimentos cotidianos e os vincula a “uma força corporal intencional que se manifesta automaticamente e também sensivelmente” (Seamon, 2013, p. 10). Para aprofundar este caminhar entre o automático e o sensível, o autor, ao tomar como referência Merleau-Ponty (1962), constrói a sua análise através da definição de corpo-sujeito, “a inerente capacidade do corpo de direcionar comportamentos das pessoas inteligentemente, e então funciona como um tipo especial de sujeito que se expressa de uma maneira pré-consciente” (Seamon, 2013, p. 10). Na constituição de sua abordagem, compreende que as teorias comportamental e cognitiva tratam o corpo em um contexto de passividade, e o autor embasa a sua discordância destes contextos teóricos, fundamentado em relatos da experiência humana. Desta forma, alcança a ideia de que “o corpo age de maneira intencional, que aborda o comportamento necessário como um todo e passa a realizá-lo da sua forma, de maneira fluida, integrativa” (Seamon, 2013, p. 11).

O movimento, explorado fenomenologicamente, indica que o corpo é inteligentemente ativo e, através desta atividade, eficientemente transforma as necessidades das pessoas em comportamentos. Se for para se mover de forma eficaz para atender às exigências da vida diária, seu corpo deve ter a seu alcance os comportamentos habituais necessários. Sem a estrutura do corpo-sujeito, as pessoas necessitariam planejar constantemente cada um de seus movimentos cotidianos – para prestar contínua atenção para cada gesto da mão, cada passo do pé, cada começo. Por conta do corpo-sujeito, as pessoas podem administrar as demandas da rotina automaticamente e então ganhar liberdade em seus espaços cotidianos e ambientes. Desta maneira, eles elevam-se acima de eventos mundanos como chegar a lugares, encontrar coisas, praticar gestos básicos e direcionam sua atenção criativa para maiores e mais significantes dimensões da vida (Seamon, 2013, p. 11).

Na descrição dos percursos diários, a entrevistada me apresenta um corpo-sujeito espacial.

Tá, eu saio aqui, desço a minha rua, quando vou para escola, desço direto, passo por uma reta. Eu entro pela rua da feira ali, que é sem calçamento e pá, pá, pá, chego na escola, aí saio pela pista. Aí vou para casa da minha vó, desço para casa. Aí quando dá mais tarde, eu desço aqui e subo a ladeira e vou para uma quadra aqui jogar bola (Damares – trecho da entrevista).

Há aí uma reciprocidade corpo e mente, incorporada à nossa existência humana, da qual fazem parte as situações pré-conscientes e sensíveis. Se a Geografia é vivida, a entrevistada nos permite seguir seus passos, pelas curvas e ladeiras de sua cidade, no acontecer das suas práticas cotidianas, as quais compõem o seu mundo vivido. Assim, em suas respostas, moradores e moradoras, acionam suas memórias para apresentar os lugares das suas lembranças e os significados capazes de ampliar os “valores da intimidade” (Bachelard, 1993).

3. O URBANO INTERIOR NA PERSPECTIVA DA EXPERIÊNCIA

Figura 12: “E assim, chegar e partir”. Espera do ônibus na rodoviária – Santa Inês/Ba – 26 de junho de 2022



Foto: Flávia Souza

É tranquilo. Porque assim, quando eu saio de Feira de Santana e venho pra cá, a gente tinha muito mais cuidados. Aqui me chamou bem atenção quando eu vim logo, antes de vir morar até. Eu vinha pra casa da minha sogra e aí a gente ia pra festa e a porta ficava aberta, destrancada, para quando a gente chegasse qualquer hora, a gente entrar, então isso não existia lá, isso há 30 anos atrás. Hoje já se tem um cuidado maior, as pessoas já levam a chave, já escondem a chave em algum lugar pra poder pegar quando voltar, já não tem essa coisa de deixar a porta aberta, porque algumas coisas mudaram né? se tornaram mais inseguras (Rosangela - trecho de entrevista).

Não, o urbano outro é triste, você sabe, não dá conta, mano. Pra mim, isso aqui é lindo de ver, porque a gente consegue dá conta. O dinheiro que chega, ele alcança todas as pessoas, eu não tenho dúvidas, e se não tá alcançando, é porque tem alguma coisa errada. Agora, se a gente olha, Salvador, São Paulo e de onde eu falo que é Campinas. O que é aquela periferia, você não dá conta. Então, eu passava 1 hora e meia no transporte, descia ainda numa avenida enorme que nem uma Paralela, pra pegar outro transporte e o tempo da integração era 1 hora e meia, aí eu passava o segundo cartão, comia outra passagem do meu cartão, sendo que eu recebia uma passagem só para ir trabalhar, então isso pra mim é urbano outro, louco (Dolores - trecho de entrevista).

Estas duas entrevistadas e tantas outras pessoas, por motivos diversos, migraram dos seus lugares de origem para viver em outros e, assim como estas pessoas, eu me expus. Me expus

no sentido de trocar uma rotina de vida na/da metrópole para, em prol do trabalho, da curiosidade e da pesquisa, viver um urbano outro. Portanto, as próximas linhas trazem interpretações das experiências trocadas, cruzadas, narradas, vividas, fofocadas e investigadas. São histórias e fenômenos, sentidos e vividos na escala do corpo-mulher-pesquisadora-professora, agora também moradora-vizinha, ou seja, vários hifens separando palavras que demarcam o meu eu-no-mundo, entendendo, que:

Eu tenho o mundo como indivíduo inacabado através de meu corpo enquanto potência desse mundo, e tenho a posição dos objetos por aquela de meu corpo ou, inversamente, a posição de meu corpo por aquela dos objetos, não em uma implicação lógica e como se determina uma grandeza desconhecida por suas relações objetivas com grandezas dadas, mas em uma implicação real, e por que meu corpo é movimento em direção ao mundo, o mundo, ponto de apoio de meu corpo (Merleau-Ponty, 1999, p. 469).

O mundo, ponto de apoio do meu corpo, é urbano. Meu modo de viver neste novo lugar também é urbano. Eu sou um corpo-ação-urbano, por minhas práticas, por meus percursos, pela forma como as minhas mãos se apropriam e produzem na Terra onde me insiro. Estas mãos não estão no solo, produzindo o alimento. Estas mãos não têm autonomia para plantar e colher o que come. Estas mãos estão dependentes da troca e da mercadoria. Mas, essas mesmas mãos escrevem as informações, vindas da existência mente-corpo e transformam-nas em textos e contextos: nesta tese, nas aulas e na vida. Estas mãos estão aqui sendo o instrumento do corpo que me permite escrever sobre um urbano-vida, acessado através de encontros e esbarrões com cada pessoa que cruzei em Cravolândia, Santa Inês e Jaguaquara, as quais me apresentaram as suas trilhas do vivido, já que

precisamos redescobrir, depois do mundo natural, o mundo social, não como objeto ou soma de objetos, mas como campo permanente ou dimensão de existência: posso desviar-me dele, mas não deixar de estar situado em relação a ele (Merleau-Ponty, 1999, p. 485).

Uma redescoberta efetivada a partir das expressões e experiências de quem convive cotidianamente com essas realidades. Os seus espaços geográficos os afetam, pois daí resulta a situação concreta que os qualifica (Dardel, 2015). Essas expressões geográficas manifestam-se em narrativas poéticas de qualquer observador (a) mais atento (a) e interessado (a) pela Terra, aquele (a) que se permite alcançar em sua observação um contato íntimo e sensitivo com o vento, o relevo, a vegetação e as existências que nos ecoam - aparecem e desaparecem - e são também parte de nós. A partir da nossa experiência geográfica, já que, “entre o Homem e a

Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser” (Dardel, 2015, p. 06), estão vivenciadas e expressadas as potencialidades dos encontros. A qualidade, inerente à nossa geograficidade, pode ser acessada através da linguagem geográfica, pois esta

veicula assim as surpresas, as privações, os sofrimentos ou as alegrias que se ligam às regiões [...] o espaço geográfico propõe ou dispõe dos caminhos a seguir: trilhas, vestígios de caravanas, estradas. A ansiedade do viajante em uma região desconhecida [...] priva a visão de qualquer ponto de referência. [...] o homem em sociedade fixou os traços que evitam essas hesitações [...] impôs os transportes mais regulares [...] itinerários mais diretos [...]. Toda essa técnica empregada nas vias de comunicação representa apenas a relação geográfica original com a Terra mais aperfeiçoada e mais precisa, em que o espaço concreto é esse para o qual tem que se reportar, pelo qual deve passar ou no qual deve implantar as referências (Dardel, 2015, p.11-12).

O viver, o sentir e o escrever materializa essa relação original com a Terra, a qual Dardel clama como imprescindível para nós, geógrafos (as). Pergunto-me: em quais momentos da minha vida cotidiana minha geograficidade aflora como um processo reflexivo? Tenho ciência que esta resposta estará dotada de abstrações. Mas, ao refletir, faço um esforço de delinear um processo.

A minha geograficidade aflora nas trocas cotidianas com o outro e com o meu lugar e na qualidade que esse encontro pode transbordar. Está presente nas tensões, nas emoções e nas indagações, na curiosidade e no desafio de inserir meu corpo por completo nesta investigação. Nestas cidades, a minha intencionalidade operante (Husserl; Merleau-Ponty) está apontada para as pessoas com quais tive uma abertura afetiva, situada, criativa, no sentido de alcançar uma integração palpável, na tentativa que a outra pessoa também possa refletir em que momento da vida a sua geograficidade aflora, já que

A realidade geográfica age sobre o homem através de um alerta da consciência. Às vezes mesmo, ela opera como um renascimento, como se, antes mesmo de nós tomarmos consciência, ela “já estivesse lá” (Dardel, 2015, p.36).

A assertiva de Dardel aponta para a vitalidade da realidade geográfica, a qual análises generalistas podem perder de vista. Por este motivo, é imprescindível conduzir a investigação mais próxima da escala da vida urbana, da sociedade urbana e do urbano

(abreviação de “sociedade urbana”) (que) define-se, portanto, não como realidade acabada, situada, em relação à realidade atual, de maneira recuada no tempo, mas, ao contrário, como horizonte, como virtualidade iluminadora. O urbano é o possível, definido por uma direção, no fim do percurso que vai

em direção a ele. Para atingi-lo, isto é, para realizá-lo, é preciso em princípio contornar ou romper os obstáculos que atualmente o tornam impossível” (Lefebvre, 1999, p.28).

Um horizonte amplo capaz de nos conduzir para uma ciência geográfica solidária, ao revelar que um “espaço ilimitado se torna um símbolo da extensão, da libertação da existência, para um retorno a uma liberdade em certa medida anterior, original” (Dardel, 2015, p. 37). Os (as) habitantes dessas cidades, em suas práticas cotidianas, estão no decurso das suas vidas e seus aprendizados como seres sociais, também estão submetidos a influências hegemônicas, porém por serem corpos diversos, ainda há originalidades.

Em Cravolândia, Santa Inês e Jaguaquara as experiências são atravessadas por inúmeras situações, as quais marcam também o urbano como um aspecto do lugar onde se desenrola a vida. É o mundo-da-vida cotidiana como nos indica Norberg-Shulz (2006), aquele dos “fenômenos” concretos e, aqui, o autor inclui, dentre outras coisas, as ruas, as cidades e os fenômenos menos “tangíveis, como os sentimentos. Isto é, o que nos é ‘dado’ é o ‘conteúdo’ de nossa existência” (Norberg-Shulz, 2006, p. 444). O que dá concretude a conexão destes fenômenos é o lugar, pensado como um conjunto que contém “forma, textura e cor” (Norberg-Shulz, 2006, p. 445).

Para este autor, a arte é o caminho profícuo para elaborar uma fenomenologia do urbano. A escrita de um poema pode nos conduzir para as situações de uma vida cotidiana plenamente híbrida com a presença da natureza conectada à existência humana. O caminho que o autor percorre ao fazer uma interpretação densamente fenomenológica do poema “uma noite de inverno” de Georg de Trakl²⁷, o qual foi também interpretado profundamente por Heidegger, é animador. O poema possui uma riqueza de detalhes na sua explicação em busca das relações

²⁷ Uma noite de inverno – Georg Trakl

Uma noite de inverno

Quando a neve cai na janela

E os sinos noturnos repicam longamente,

A mesa, posta para muitos,

E a casa está bem preparada.

Há quem, na peregrinação,

Chegue ao portal da senda misteriosa.

Florescência dourada da árvore da misericórdia.

Da força fria que emana da terra.

O peregrino entra, silenciosamente,

Na soleira, a dor petrifica-se,

Então, resplandecem, na luz incondicional,

Pão e vinho sobre a mesa (Norberg-Shulz, 2006, p. 446).

profundas inerentes ao lugar muito valiosa, pois, na perspectiva do autor, o poema inscreve a qualidade de nossa vida. Assim define que:

Os lugares são literalmente "interiores", o que significa dizer que "reúnem" o que é conhecido. Para cumprir essa função, os lugares contêm aberturas através das quais se ligam com o exterior. (A bem dizer, só um interior pode possuir aberturas.) Além disso, as construções se ligam às suas vizinhanças porque repousam sobre o solo e se elevam para o céu. Finalmente, os ambientes criados pelo homem incluem artefatos ou "coisas" que servem de focos internos e sublinham a função de reunião do assentamento (Norberg-Shulz, 2006, p. 448).

O autor credita à fenomenologia e à arte as bases teóricas e metodológicas primordiais capazes de realizar uma explicação/exposição da vida cotidiana urbana. Desta maneira, é urbano interior porque é poético, sentido e experienciado na escala do viver de um ser que é, originariamente, geográfico. Logo, é pelo “rolar de vida” que os significados se diferem e as trilhas são produzidas.

3.1. As trilhas do vivido em Cravolândia – “cidade aconchego”.

Chego em uma Cravolândia “deserta” e me pergunto:
 Onde estão as pessoas?
 Nenhuma voz para mim, soa.
 Observo mais atentamente...
 vejo um vulto na fresta da janela,
 Quem será ela?
 outra pessoa aparece na esquina.
 Como assim, menina?
 Onde estão as vidas que animam?
 Um mistério martela na mente!
 O que há por traz da natureza imponente?
 Então, é melhor caminhar pra frente,
 Começar a conhecer essa gente,
 Pois, esse deserto não combina,
 Com o aconchego que a cidade transpira!

Flávia Souza.

Cravolândia (figura 13) é uma cidade sossegada, na qual paira uma sensação de calma e, a depender do horário da sua visita, é quente! Ao chegar nela se tem uma impressão de esvaziamento e surge a pergunta: afinal de contas, onde estão os (as) seus (suas) 4.415 habitantes?

Figura 13: Vista do Mirante do Cruzeiro – Cravolândia/BA – 15 de março de 2021



Foto: Flávia Souza.

Esta fotografia foi extraída do cruzeiro, um dos pontos mais altos da cidade. Lá está localizada uma capela, no caso a igreja católica mais antiga. Nos meus períodos de visitas de estágio, esse cruzeiro tinha uma fama de perigoso, porque diziam que usuários de droga costumavam ficar lá nos finais de tarde. Por isso, nunca tinha ido lá sozinha. Infelizmente, a fama não mudou, mas dessa vez estava acompanhada de Amanda, uma moradora que conhece bem a cidade e lá me apresentou esta vista vertical da cidade quase toda. Um lugar muito bonito. Uma imensidão de relevo arredondado de imponência marcante. Essas formas circundam a cidade e mostram os tons esverdeados, às vezes cinzentos, de uma natureza esculpida e marcante. Um espaço geográfico material e substancial como nos apresenta Dardel (2015). Mas, e os (as) moradores (as)?

Adentrando mais um pouco, estes moradores (as) começam a aparecer. Já são avistadas pessoas conversando nas portas do comércio e nas portas das suas casas. Há uma conversa de uma porta para outra e se expressa a sensação de vizinhança. Algumas pessoas caminham pelas ruas e praças da cidade, mas logo se deslocam para suas casas. Em determinados horários, percorrer a cidade proporciona uma espécie de solidão, pois caminho sozinha e encontro poucas pessoas em suas portas. Trata-se de uma cidade de ruas largas, com praças grandes, mantém-se o coreto e as igrejas católicas despontam no seu centro. O comércio é frágil e os serviços públicos estão concentrados.

Os primeiros contatos causavam estranhamentos porque foram poucos e a sensação de angústia pairava sobre mim, já que almejava encontrar alguém para conversar e para trocar informações. As observações chegaram a ser tediosas, já que a vida que habita não saltava aos meus olhos. O que estas pessoas fazem tanto em casa? a causa é a pandemia²⁸ ou sempre foi assim? Era possível ser forma sem conteúdo? Não. Não há forma sem conteúdo. E o espaço? E as relações? E o lugar? As indagações povoavam a cabeça. Precisava encontrar e conhecer gente, ir em busca da vida e dos encontros, aqueles das portas ou quando encontrava alguém varrendo a calçada da rua (figura 14).

Figura 14: Senhora varrendo a própria calçada – Cravolândia/BA – 10 de julho de 2021



Foto: Flávia Souza.

A fotografia foi extraída no fim de uma tarde de sábado e retrata uma rua central da cidade. Interessava-me materializar este momento cotidiano em sua realidade e simplicidade. Esta senhora varre a sua calçada, como uma ação habitual, na qual expõe seu corpo e sua intimidade à rua, pois tudo ao seu redor é parte do seu existir e, portanto, a própria extensão da sua casa. No plano de fundo da fotografia, avista-se um conjunto de árvores de um mesmo porte e poda.

²⁸ No contexto pandêmico, o medo de estar rua povoava a mente das pessoas da cidade, em virtude da possibilidade do aumento de número de casos, já que havia diagnósticos da doença. Havia uma apreensão constante. Uma mudança na vida dos cravolandenses, marcada pelo cuidado com a saúde, por parte dos (as) moradores (as) e da gestão. A cidade decretou toque de recolher, obedecendo as diretrizes estaduais e pelos casos que estavam deixando a cidade em pânico, principalmente pela ausência do serviço de saúde adequado. As pessoas quase não saíam às ruas, na maior parte das vezes iam para fazer pagamentos. Algumas faziam os pagamentos para os vizinhos também e, assim, evitavam que mais pessoas saíssem de casa. Não havia transporte para cidades vizinhas e, poucas vezes, havia para a zona rural. As filas para buscar o auxílio emergencial eram grandes. Na lotérica só podiam ser realizados 52 saques por dia e havia demarcações no chão para a manutenção do distanciamento. As pessoas de Cravolândia só entravam em Santa Inês com autorização, pois havia barricadas na entrada da cidade limitando a passagem.

No ponto de fuga da foto, encontram-se as serras com seus diferentes tons de verde, contrastando com a nebulosidade momentânea e alguns vazios que mostram um céu azul celeste.

Nos momentos de observação solitária, a natureza que imperava. E, se não descrevia uma ação, descrevia o que a natureza desse lugar despertava. O alento estava na escrita de Dardel e sua geografia mítica, na qual “a geografia é mais do que uma base ou um elemento. Ela é um poder” (Dardel, 2015, p. 48). Um poder ligado estritamente à Terra. Ao descrevê-la, me sentia muito desafiada para refletir sobre o meu corpo-Terra em um processo de transformação contínua e situada na ideia de que “da Terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos” (Dardel, 2015, p. 48).

As expressões como pesquisadora, a princípio, eram de admiração, em virtude da natureza vibrante presente nas cidades da pesquisa. Um relevo serrano e sinuoso, marcadamente visualizado nas curvas da estrada, na qual emergem cidades com espaços geográficos diferenciados, porém únicos, e, como diz Dardel, “têm nome próprio”: Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês.

A estrada principal as atravessa em seus limites e cada uma delas é anunciada em sua entrada. Daí um (a) viajante que passe pela estrada principal conhecerá estas cidades por seus nomes, mas, para conhecê-las mais intimamente, é preciso estar nelas. Assim, concordando com Dardel, a investigação geográfica se pauta na noção de que “o espaço geográfico tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste” (Dardel, 2015, p. 02).

Nestas divagações pairavam as indagações sobre esta cidade. Quem é Cravolândia afinal? Na entrada da cidade, após um percurso de estrada asfaltada margeada pelas espécies de “jeremas”, em boa parte da sua extensão, a cidade pelo letreiro com seu nome: Cravolândia (figura 15).

Figura 15: Letreiro da entrada da cidade – Cravolândia/BA – 15 de julho de 2020



Foto: Flávia Souza

Cravo + lândia, ou seja, a junção de duas palavras que diz muito sobre a formação desta cidade, já que a sua emancipação partiu dos interesses políticos da época, mais precisamente em 1962, quando da desativação da Fazenda Palestina, a qual era propriedade da família Cravo. Logo, Cravolândia é um dos exemplos de cidade brasileira que, como afirma Corrêa (1989), é fruto de pressões que os proprietários fundiários exercem “junto ao Estado, especialmente na instância municipal, visando interferir no processo de definição das leis de uso do solo e do zoneamento urbano” (Corrêa, 1989, p.16).

Lefebvre afirma que, como instrumento de análise, podemos considerar o “sistema de significações” de cada agente (Lefebvre, 2001, p. 109):

Os políticos têm seus sistemas de significações – as ideologias – que lhes permitem subordinar a suas estratégias os atos e acontecimentos sociais que são por ele influenciados. O humilde habitante tem seu sistema de significações (ou antes seu subsistema) ao nível ecológico. O fato de habitar aqui ou ali comporta a recepção, a adoção, a transmissão de um determinado sistema, por exemplo o do habitat pavilhonista. O sistema de significações do habitante diz das suas passividades e das suas atividades; é recebido, porém modificado pela prática. É percebido (Lefebvre, 2001, p. 109).

Segundo Corrêa, as formações/emancipações das cidades estavam vinculadas aos interesses hegemônicos dos agentes de poder. São também estes agentes que narram as histórias de formação das cidades, sob o ponto de vista dominante dos primeiros desbravadores e dos emancipadores, os quais descobriram o território e incentivaram o progresso. As narrativas são

produzidas sob a ausência e a invisibilização dos povos originários. Pois, quando um bandeirante colonizador português ou (ex-) escravizado fiel à corte era responsável por controlar um território, a sua primeira ação era dizimar, violentamente, os povos que viviam nestas terras. O IBGE (2010) relata a existência de tribos mongóis ocupantes das margens do rio Jiquiriçá. Ao dizimar os povos originários também dos registros históricos oficiais perpetua-se seu apagamento.

Desta maneira, a intenção de contar outras versões da história que não seja a apresentada pelo colonizador é um desafio, principalmente no contexto de cidades pequenas onde análises acadêmicas diversas costumam acontecer em menor número. Por isso, apontar a presença de povos originários no Vale do Jiquiriçá é, segundo Pena e Santos (2021) afirmam, uma tarefa difícil, pois trata-se de buscar os “rastros” da existência desses povos, seja nas entrelinhas das várias narrativas históricas; seja em uma bibliografia (Moreira, 2008; PTDRSS, 2017) que analisa a presença de povos como Kiriri, Sabuyá, Payayá, Mongoios e Maracá no Sudoeste Baiano, os quais foram lentamente dizimados pelos colonizadores; seja nos nomes das cidades do Vale, a exemplo de Ubaíra e Jaguaquara; seja em descobertas de elementos e materiais que marcam a presença indígena no Vale²⁹ (Pena e Santos, 2021).

Já nas obras oficiais (Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1958; Coelho, 2014; Zorzo, 2001) que tratam da formação das cidades do Vale do Jiquiriçá, as histórias se repetem e possuem o objetivo de demarcar a presença do desbravador, do fazendeiro, do coronel e do gestor como os idealizadores de suas histórias e os responsáveis pelos seus avanços estruturais. É ausente, nos registros oficiais sobre a origem destas cidades, quem eram as pessoas que ocupavam estes povoados.

Evidencia-se sempre, na história linear, os proprietários fundiários herdeiros de sesmarias, que saíram por aqui se apropriando das terras. Comumente, são da mesma família e foram aos poucos separando as terras e condicionando o possível progresso destas cidades, as suas próprias capacidades para produzir o desenvolvimento local. São relatadas a inteligência, o talento, a perspectiva nata de cada um deles em alcançar os feitos para transformar povoados em cidades evoluídas. Narrativas centralizadas em um poder individualizado de homens de prestígio com relações de amizade com outras instâncias do poder, a exemplo do Governo

²⁹ Refere-se a urna funerária indígena encontrada em Lagoa Queimada – Santa Inês/BA.

Estadual. E, assim, “a história se constrói através de personagens heróicos, onde se obscurece as marcas da coletividade” (Carlos, 2008, p. 13).

Quando ainda era povoado de Olhos d’água e depois Vila de Igatiquira, quem eram os seus habitantes, para além dos proprietários de terra ou políticos locais? A história oficial não conta. Estes povoados pertenciam ao município de Santa Inês e, como já dito, passou a ser município de Cravolândia, a partir dos interesses da família Cravo e do governador da Bahia Juracy Magalhaes, em 1962. Segundo Coelho (2014), parte das terras da Vila de Igatiquira, passou a ser propriedade privada de Mario Cravo, as quais foram adquiridas através de compra em 1945. Nestas terras, o proprietário ampliou a produção de café, principal fonte de renda para Santa Inês. A autora se baseia em depoimentos da época para enfatizar que a emancipação causou descontentamento para os dirigentes do município de Santa Inês, pois a perda de Igatiquira geraria prejuízos econômicos, territoriais e populacionais. Como era interesse do governador a ampliação na participação dos fundos de verbas federais, a emancipação tornou-se um fato. Como “presente” por ter liderado o processo, Mario Cravo herdou o nome da cidade, por isso Cravolândia. Há um busto de Mario Cravo instalado na praça central da cidade que também leva o seu nome, além da casa da família no Assentamento Palestina e da Casa de Cultura Mario da Silva Cravo que mantém registros e recortes de notícias da época com o objetivo de realizar um turismo histórico. A persistência desse passado histórico e seus elementos não diz muito sobre a cidade. Para Lefebvre,

Como texto social, esta cidade histórica não tem mais nada de uma sequência coerente de prescrições, de um emprego do tempo ligado a símbolos, a um estilo. Esse texto se afasta. Assume ares de um documento, de uma exposição, de um museu. A cidade historicamente formada não vive mais, não é mais apreendida praticamente. Não é mais do que um objeto de consumo cultural para os turistas e para o estetismo, ávidos de espetáculos e do pitoresco. Mesmo para aqueles que procuram compreendê-la calorosamente, a cidade está morta. No entanto, “o urbano” persiste, no estado de atualidade dispersa e alienada, de embrião, de virtualidade (Lefebvre, 2001, p. 104-105).

A história recente, portanto, trata de uma Cravolândia emancipada, agora com suas dificuldades, avanços e retrocessos. Nela, estão combinados o que Lefebvre chama de “subsistemas e as estruturas consolidadas por diversos meios (coação, terror, persuasão ideológica), entre os quais, existem buracos, às vezes abismos” (Lefebvre, 2001, p. 114). Esses buracos ou vazios são tratados pelo autor como “os lugares do possível”, mas com uma realização que precisa “decorrer de uma metamorfose radical” (Lefebvre, 2001, p. 114). Essa

mudança requer um salto, que só um longo processo formativo faria a população enfrentar a persuasão ideológica e a coação dos agentes da política local.

Mas, persisti nos “lugares do possível” e nas trilhas do vivido. Este passado histórico de avanços e riquezas proporcionados pela produção de café na Fazenda Palestina está escrito nas narrativas orais, nas ruínas da Fazenda (figura 16) que permanecem na paisagem, na sua transformação em assentamento de Reforma Agrária³⁰ e pelo trabalho, que muitas famílias mantiveram ali.

Figura 16: Ruínas da Fazenda Palestina – Cravolândia/BA – 16/05/2022.



Foto: Flávia Souza.

Esta fotografia foi extraída pela manhã e essas paredes desgastadas com o tempo contrastavam com o verde das serras e com o céu com intensa nebulosidade e seus diferentes tons de cinza e branco. Estas ruínas, ainda presentes no assentamento Palestina, marcam esse acontecer histórico tão citado nas conversas e nas entrevistas. Há, ainda, uma memória afetiva desse passado e, por isso, a Palestina permanece retratada na vida dos (as) moradores (as) de

³⁰ A queda da produção do café na década de 1990, a baixa produtividade do beneficiamento do sisal e da pecuária fizeram com que a fazenda fosse considerada improdutivo, por não mais cumprir a sua função social, sendo assim desapropriada pelo INCRA no contexto das ações de promoção do acesso à terra, com o ato de criação do Assentamento Palestina em 30 de dezembro de 1998. Os proprietários da Fazenda também tinham interesse financeiro nessa desapropriação por conta da fraca produção da época. Antes de ser instituído como assentamento, pessoas de Cravolândia e de outros municípios do Vale do Jiquiriçá e do entorno ficaram acampadas por mais de 1 ano e hoje o assentamento é composto por 180 famílias (Chaves, 2022).

Cravolândia. Há aqueles (as) que possuem produção por lá, vivem da atividade agrícola e hoje são assentados (as).

Em uma das muitas conversas em campo, conheci uma senhora, moradora da Palestina há mais de 20 anos. Foi o pai dela quem construiu a casa após o assentamento. Ela morava desde quando nasceu na cidade de Cravolândia e hoje se dirige ao seu centro para as suas questões cotidianas, já que seus filhos estudam na creche e se ela precisa ir até lá, fora dos horários dos ônibus escolares, há a dificuldade de transporte e, a depender da necessidade, realiza o percurso a pé, em torno de 5 km de caminhada. Ainda assim, considera a Palestina uma boa moradia, principalmente, se a pessoa for aposentada. Mas, para quem precisa de trabalho e depende da prefeitura é mais difícil. O marido teve que migrar por um tempo em busca de renda. Foi para Porto Seguro/BA para trabalhar com café por uma temporada de três meses.

No contexto das entrevistas, muitas perguntas foram feitas para se ter uma ideia sobre a relação cidadão-cidade, dentre elas, questionou-se: como sua história de vida se relaciona com a história de Cravolândia? Nas respostas, a fazenda Palestina é presente:

A minha história de vida, eu acho que tá ligada, assim, a fazenda Palestina, primeiro porque, meus pais trabalharam lá, meus avós, meus pais e depois a gente foi para zona rural, morou onde hoje é a estação da Embasa, a gente morava naquela fazenda e depois a gente retornou pra aqui. Aí como uma questão mesmo de nascimento, a gente não vira Cravolandense, a gente nasce mesmo de fato. Tem muita gente que não gosta, porque a cidade é pequena, não tem oportunidade, eu entendo. Mas, eu acho que minha relação é mais de amor que de ódio (Genival - trecho de entrevista).

Meus pais trabalhavam na fazenda Palestina e painho tratorista, mainha pegava café e tal, trabalhava na roça e a gente nasceu dessa união deles na fazenda e começamos a fazer a mesma atividade que a deles na época, ajudar aqui, fazendo uma coisa ou outra. Fomos crescendo e conhecendo a nossa história, nossa realidade. Eu tive oportunidade de sair, mas os meus irmãos não. Mas, hoje também todos tiveram oportunidade de estudar, fizeram faculdade também, a maioria também são concursados. Então, assim, a minha história começou pela Palestina e hoje eu não tenho nem do que reclamar, porque as oportunidades apareceram e eu também aproveitei, poderia ter sido melhor, mas dentro do meu ponto de vista, nunca fui vaidoso, a gente hoje tá bem, pelo que tivemos no início lá (Claudio - trecho de entrevista).

Em outra conversa, conheci um senhor (figura 17) que possui 13 ha de terra. Um sítio, no qual trabalha todos os dias das 06 às 16h. Cultiva a terra para plantar feijão, abóbora e capim para alimentar o gado. As verduras são plantadas e colhidas para a subsistência. Do gado, há o cuidado, a venda dos bezerros e a troca de um gado por outro, considerando que, se o dele é

mais produtivo, recebe um dinheiro a mais pelo animal. Está associado ao Assentamento Palestina e recebe apoio com os tratores. Tem o objetivo de vender a casa que fica na Palestina para investir mais no sítio. É um homem do campo que vive da produção na terra. Mostrou cada cantinho com muita paixão e se chateia se você não quer ir a mais lugares da sua terra. Um homem de vestes simples, inteligente, amigoso e feliz. *“Trabalho muito e tenho minhas coisinhas, quando morrer tudo aqui será dos meus filhos. Tenho minha casinha na cidade, você vai passar lá e você vai ver”*. Tem tudo vinculado ao trabalho duro na terra. Ele faz tudo. Planta, colhe, faz o cercado, limpa o terreno. Mantém a porteira fechada, porque na pista nunca se sabe e não se pode confiar, porque fica nas áreas mais distantes de campo e não quer ser pego de surpresa. Suas terras ficam na entrada da Palestina, mas fica distante de Cravolândia, por isso, se locomove de cavalo, de carona ou a pé. E, como ele, muitas pessoas do assentamento fazem seus percursos a pé, de carona, de moto ou de ônibus, este último mais esporádico.

Figura 17: Proprietário do sítio apresenta sua produção agrícola – Cravolândia/BA – 16/05/2022.



Foto: Flávia Souza

Como já escrito em páginas anteriores, os depoimentos indicam a fazenda como parte da vida. Uma vida difícil. No entanto, exposta nas narrativas como uma lembrança de um passado mais saudosista do que doloroso. Para Coelho (2014), a Fazenda foi à ruína em virtude dos desafios que vão desde a “rede escoadora à viabilização econômica, envolvendo questões políticas, sociais, ambientais, tecnológicas e econômicas” (Coelho, 2014, p.37). A fazenda era o símbolo de status e riqueza para Cravolândia e Santa Inês, foi à falência e as narrativas contam com tristeza esta perda. Segundo a autora, a Palestina é hoje um assentamento rural “resultado de

posse pacífica e participa dos projetos e programas desenvolvidos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)” (Coelho, 2014, p.32). Para Chaves,

Após anos de grande produtividade, geração de emprego e diversas premiações pela qualidade do café produzido e beneficiado, na década de oitenta do século passado a Fazenda Palestina começou a amargar os sinais de decadência. Houve declínio da produtividade que, segundo Matos (2018), relacionava-se com baixos investimentos no manejo do solo e tratos culturais com o cafezal. Somado a isso, o aparecimento de uma doença conhecida como ferrugem do cafezal causou grande preocupação na época. Adicionalmente, a dificuldade para obtenção de novos financiamentos para aplicar na lavoura e o baixo preço no mercado interno fez com que muitos agricultores da região abandonassem as lavouras cafeeiras (Chaves, 2022, p. 47).

Hoje, a cidade está situada em condições econômicas distantes desta simbologia de tempos áureos. Cravolândia hoje vive do comércio local e “depende financeiramente dos investimentos públicos. A prefeitura municipal e o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) são as principais fontes mantenedoras da população” (Coelho, 2014, p.32).

A pesquisa desenvolvida por Coelho (2014) apontou para a importância de Cravolândia, assim como serviu de base para obter um possível potencial turístico e patrimonial para a cidade. Para tanto, a referida autora elaborou um registro histórico contextualizado do município, pautado em pesquisas documentais, bibliográficas e depoimentos que traçam as trajetórias de Cravolândia como possibilidade de condução da sua intenção como pesquisadora. Além de relatar o contexto histórico, apresentou também aspectos da cultura local, pontuando os seus principais festejos, a exemplo do São João com suas tradicionais quadrilhas juninas, a festa da lavagem da igreja de Bom Jesus e a cavalgada. Uma obra que apresenta o processo histórico de Cravolândia, mas com um anseio político de perpetuar trajetórias dos antigos detentores do poder local.

Logo, estamos diante de um urbano interior formado a partir de um povoado, depois de uma fazenda que se tornou cidade. Uma Cravolândia onde quem mora na zona rural também mantém a “casa da cidade”, elemento que marca, segundo Santos (1993), o desenvolvimento da urbanização no Brasil. Este elemento destaca um outro tempo de urbanização para esta cidade, um outro urbano se desenvolve como uma marca que ainda se perpetua neste cotidiano, identificada nas conversas, nas entrevistas e nas visitas as casas. No campo, está a produção de alimentos, resultante de uma agricultura familiar presente e que se materializa na feira da cidade. Alguns (as) retornam para o campo e outros (as) ficam no fim de semana na cidade.

Se for assim, pergunto: como as pessoas vivem nesta cidade? E continuo a indagação sobre as histórias de vida e sua aproximação com a história de Cravolândia. É necessário atualizar estas histórias, a partir da experiência, a partir de uma relação social situada entre o viver e o ser história como um ato só.

Nossa relação ao social é, assim como nossa relação ao mundo, mais profunda que qualquer percepção explícita ou qualquer juízo. E tão falso nos situarmos na sociedade como um objeto no meio de outros objetos quanto colocar a sociedade em nós como objeto de pensamento, e dos dois lados o erro consiste em tratar o social como um objeto. Precisamos retornar ao social com o qual estamos em contato só pelo fato de que existimos, e que trazemos ligado a nós antes de qualquer objetivação. A consciência objetiva e científica do passado e das civilizações seria impossível se eu não tivesse com estes, por intermédio de minha sociedade, de meu mundo cultural e de seus horizontes, uma comunicação pelo menos virtual, se o lugar da república ateniense ou do império romano não estivesse marcado em algum lugar nos confins de minha própria história, se eles não estivessem instalados ali como tantos indivíduos a conhecer, indeterminados mas preexistentes, se eu não encontrasse em minha vida as estruturas fundamentais da história. O social já está ali quando nós conhecemos ou o julgamos (Merleau-Ponty, 1999, p. 485- 486).

A história de Cravolândia é parte de uma consciência de seus (suas) moradores (as) por meio das relações sociais, através das trajetórias familiares que permitem o seu existir. Assim, o viver e ser história em Cravolândia envolve uma mescla de sentimentos, sensações e decisões, exaltadas nas narrativas, pois exprime o orgulho de ter nascido e ter desenvolvido a trajetória na cidade, mas, em um dado momento, essa história acaba sendo rompida por uma necessidade financeira, muitas vezes difícil, de migrar.

Os movimentos migratórios, o ato de migrar, significam a existência de dois problemas: tanto uma ruptura do emigrante com o seu lugar de origem como a necessidade de reintegração social na condição de imigrante em seu lugar de destino. O primeiro é marcado pelo distanciamento físico nas relações familiares e de amizades, assim como pelo abandono das imagens dos lugares que marcam o cotidiano das pessoas: bairros, ruas, povoados etc. o segundo representa a condição de forasteiro, de estranho, e a consequente necessidade de integração com o novo espaço físico e social (Scarlatto, 2009, p. 395).

Como afirma o autor, uma ruptura e uma reintegração complexa são partes de um dilema para a vida de quem migra. O misto desse processo, que é vivido, marca a existência de muitas pessoas que habitam as cidades pequenas. Uns (umas) porque desejam mesmo migrar, como já dito anteriormente, os mais jovens criam essa expectativa de outras possibilidades para suas próprias vidas. E, entre os que já migraram e retornaram - jovens-adultos e adultos - não se mantém mais essa expectativa, já que muitos (as) não alcançaram nem a ruptura e nem a

reintegração com essas outras realidades. As cidades receptoras dessa mão de obra, pois é assim que as pessoas são recebidas e consideradas, já não possuem estas características de vida próspera, mas sim de muito trabalho. O lema é trabalhar para sobreviver e garantir alguma condição para auxiliar no sustento da família que ficou. Assim, o discurso da população é o de buscar condições para uma manutenção qualificada em suas cidades e que a migração não seja uma necessidade, mas, sim, uma opção. Nestas mesmas narrativas, os desejos, os anseios e as decepções são vividas como parte deste acontecer histórico que permeia as existências:

Eu nasci, me criei aqui. Não tinha pretensão de sair, mas aí a necessidade né? A necessidade de sair porque é uma cidade pequena, sem muito recurso. Uma outra coisa que eu buscava para Cravolândia era formas de emprego, sem ser a prefeitura. Só prefeitura que emprega e alguns comércios, mas, é muito pouco o número, né? Então, eu buscava isso. [...] A minha relação muito boa, uma relação de querer ajudar, de querer melhorar. Sempre buscando o melhor (Amanda - trecho da entrevista).

Cravolândia é uma cidade, a qual eu construí todas as minhas experiências, pessoal, profissional. Nesta escola aqui foi onde eu cursei o meu fundamental e sempre estudei aqui. Conclui meu nível médio na cidade de Santa Inês que aqui não tinha e depois disso, fiz meu concurso e passei. Na época, fiz concurso para professor auxiliar de sala de aula e há 4 anos eu tô aqui na secretaria escolar (Gilmara - Trecho da entrevista).

Eu acho assim que por aqui ser um lugar assim, humilde, a gente já cresce com a humildade dentro da gente, não é aquela que quer pouco, mas também não quer ficar na média, entendeu? Você quer buscar algo para acrescentar a sua vida, mas ainda assim manter a sua humildade, ser aquela pessoa simples que você sempre foi. Eu acho que isso é uma lição de vida para muitos né. Eu sou muito feliz por ter crescido aqui e ter o apoio das pessoas, é um lugar muito bom (Caio - Trecho de entrevista).

As histórias me atravessam e me animo ao trocar estas experiências, pois me sinto em um fecundo processo formativo. Assim, a caminhada pelas ruas da cidade desperta a curiosidade e me faz avançar. Na parada para tomar um café, intenciono conhecer mais, conversar, estabelecer uma confiança, o que não é muito difícil em Cravolândia. Dá para sentir o acolhimento. Mas, dá para sentir também olhares distantes, pessoas com testas franzidas, indagando sobre o meu corpo, minhas ações e o fato de não ter familiares na cidade, os quais definem que eu sou de fora. Toda essa sensação de repente me faz parar, porque me deparo com uma parede. Uma parede que no momento que a encontro me levou a indagações e, ao mesmo tempo, me deixou feliz como pesquisadora, pois se me proponho a unir, através da performance, a Geografia com a arte, esta parede proporcionou ao menos um estalo de prazer ao encontrar no cotidiano coisas e ações que despertam algo instigante e foi essa a sensação de me deparar com uma parede poética (figura 18).

Figura 18: Parede-poesia – Cravolândia/BA – 14/01/2020.



Foto: Flávia Souza.

E, com esta frase, na qual estão unidas três palavras caras à esta temática (vida, arte, encontro), eu fiquei admirada. Na angústia de ser de fora e caminhar com a mente em confusão de ideias, me deparei com esta parede e com esta frase e me coloquei na situação de calma que a cidade inspira. São muitas as paredes-poesias que encontramos. Tais paredes se transformam em “folhas de papel” que atraem quem passa e lê o que vê. São frases que expressam os sentimentos de quem escreveu e que transmitem algo para quem se depara com cada parede. Está no cotidiano de maneira intrínseca e já não chama atenção dos (as) moradores (as), mas, para quem sai e a cada rua encontra uma parede, é um momento instigante, já que transforma Cravolândia, momentaneamente, em uma cidade onde se escreve nas paredes uma imagem poética no espaço.

A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. Ela advém de uma ontologia direta (Bachelard, 1993, p.02).

O meu encontro com estas paredes foi interessante. A primeira parede identificada produziu a pausa no pensar e sentimentos foram despertados pelas frases. Talvez ali me vi diante de uma “comunicabilidade de uma imagem singular” como “um fato de grande significação ontológica” (Bachelard, 1993, p. 03). A profundidade do ato poético não foi alcançada por mim, mas me fez refletir e me colocar na posição de leitora:

Para um leitor de poemas, o apelo a uma doutrina que traz o nome, frequentemente mal compreendido, de fenomenologia, corre o risco de não ser entendido. No entanto, fora de toda doutrina, esse apelo é claro: pede-se ao leitor de poemas para não tomar uma imagem como objeto, menos ainda como substituto do objeto, mas perceber-lhe a realidade específica. É preciso para isso associar sistematicamente o ato da consciência criadora ao produto mais fugaz da consciência: a imagem poética (Bachelard, 1993, p. 04).

Como leitora, estive de frente a muitos muros da cidade com poemas motivadores de autores (as) como Clarisse Lispector, Pablo Neruda, Frida Kahlo (figura 19), Vinicius de Moraes, Bob Marley, os (as) quais são importantes escritores (as). Mas, ali parada vivi e senti algo que almejava na pesquisa: a condução de uma pesquisa geográfica que se pretende poética.

Figura 19: Parede-poesia – Cravolândia/BA – 08/10/2021.



Foto: Flávia Souza

Não havia uma intenção de partir de uma fenomenologia da poesia, pautada nas análises de Bachelard (1993), a qual clama uma profundidade para além do método, mas, com base nesta compreensão, a leitura ontológica destas paredes me levou para mais longe. Bachelard (1993) nos desperta assim:

as ressonâncias sentimentais com que, mais ou menos ricamente — quer essa riqueza esteja em nós, quer no poema —, recebemos a obra de arte. É nesse ponto que deve ser sensibilizada a alotropia fenomenológica das ressonâncias e da repercussão. As ressonâncias se dispersam nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento de nossa

própria existência. Na ressonância, ouvimos o poema; na repercussão o falamos, ele é nosso. A repercussão opera uma inversão do ser. Parece que o ser do poeta é nosso ser. A multiplicidade das ressonâncias sai então da unidade do ser da repercussão. Dito de maneira mais simples, trata-se de uma impressão bem conhecida por todo leitor apaixonado por poemas: o poema nos toma por inteiro. Essa invasão do ser pela poesia tem uma marca fenomenológica que não engana. A exuberância e a profundidade de um poema são sempre fenômenos do par: ressonância-repercussão. É como se, com sua exuberância, o poema reanimasse profundezas em nosso ser (Bachelard, 1993, p. 07).

Esses poemas repercutiram em mim de maneira significativa, isso reanimou meus anseios e me colocou diante de vários atravessamentos que mesclaram os poemas, os (as) autores (as) e os (as) feitores (as) da ação. Eram muros tomados por escritos diversos, elaborados por estudantes da escola básica, a partir de um projeto vinculado ao Colégio Estadual de Cravolândia. O idealizador do projeto de intervenção foi o professor de português/espanhol Carlos Alves. O professor é natural de Cravolândia, a família ainda se encontra na cidade, mas, atualmente, reside em Jequié. No período da realização do projeto, ministrava aulas no colégio e se inspirou em uma atividade que o mesmo já havia realizado em outra ocasião em Jequié. O professor relata as motivações para transformar paredes opacas em paredes poéticas:

Eu tinha feito um trabalho que a ideia era a mesma que era levar poesia as pessoas, só que aqui em Jequié, eu fiz diferente. Assim que eu cheguei em Jequié, eu fiz o trabalho, antes com os alunos, eles escolheram os poetas, eu coloquei uns dez poetas e disse: vocês podem, desses dez aqui, escolher a poesia que mais agrada a vocês. Vocês vão montar isso naquele papel cartão, aquela folha de ofício mais firme. Aí eles colocavam a poesia, colocavam o símbolo, aí eu fiz na escola particular na época em Jequié. Coloca a poesia, coloca o símbolo da escola, coloca o nome dos estudantes, tal, pra ficar uma coisa mais formal e aí entregava as pessoas na rua aqui de Jequié, perguntava se poderia filmar antes, tal. Assim que as pessoas autorizavam, eles recitavam aquela poesia, só que aqui o trabalho foi feito todo em espanhol. Eles recitavam a poesia em espanhol, aí vinha um outro colega e fazia a tradução, a ideia do muro aqui em Jequié era mais complicado por conta do trânsito, era mais complexo (Carlos Alves Souza Filho – trecho de entrevista).

Para o idealizador do projeto, tratava-se de uma atividade capaz de fazer os (as) estudantes participarem de um ato criativo e pedagógico. Mas, tratou-se, na verdade, de uma intervenção criativa na vida urbana, ao escrever na parede de um (a) morador (a) uma frase que de alguma maneira despertava atenção de quem passava e, portanto, alcançava mais pessoas. Esses (as) estudantes (figura 20) estavam entregues e dispostos (as) a executar a ação reflexiva de escrever nas paredes e acreditavam no alcance dessas palavras no cotidiano de Cravolândia.

Figura 20: Estudantes durante o processo criativo dando vida à parede-poesia - Cravolândia/BA – 2017



Foto do projeto.

Para Carlos Alves, Cravolândia proporcionava a segurança necessária para que o papel cartão fosse substituído pela parede poética:

Aí é uma cidade mais tranquila, tornou possível essa parte das pinturas. Teve o trabalho de ver poema por poema que eles escolheram, na verdade os fragmentos dos poemas que eles escolheram, certificar se aquele autor era realmente o dono do texto. Aí eu deixei aberto a possibilidade de colocar também fragmentos de música, desde que tivesse alguma ideia legal também no fragmento, pra não querer colocar qualquer coisa e a galera abraçou a ideia. A direção na época deu todo o suporte de material, de tinta, luva, tudo que foi necessário, a direção chegou junto, a direção do Colégio Estadual e depois dessa peneira de ter escolhido os poemas, de ter escolhido os fragmentos das músicas, aí a gente foi pra prática. Tem mensagem da Simone de Bouvoir, tem mensagem de Bob Marley, então foi algo mais amplo e a galera foi colocando a mão na massa e aí eu passava nas ruas, onde estava acontecendo, ia fiscalizando pra ver se estava tudo belezinha, tal (Carlos Alves Souza Filho – trecho de entrevista).

Ao longo desses anos, nem todas as paredes permaneceram, mas algumas se mantêm nas ruas da cidade e impressionam tanto quem as idealizou e criou quanto quem se depara com elas.

Para o professor e para algumas pessoas da cidade, trata-se de um projeto importante, pois desperta alguma emoção em quem se vê diante destas frases e as mesmas proporcionam algum sentimento. Para os (as) estudantes foi um momento de contato direto e prático com o pensamento de autores (as) e cantores (as) reconhecidos (as) por suas obras e por seu papel na sociedade. É sabido que o projeto não alcança todas as pessoas da cidade e tem aqueles (as) que não veem muito sentido nestes escritos. Mas, para os (as) executores (as), o objetivo de aproximar a população da poesia foi alcançado. Foi um projeto de educação que se materializou em poesia na paisagem urbana.

Cravolândia é, assim, uma cidade com paredes poéticas, inseridas em um relevo acidentado, margeada por serras. Nas bases das serras estão construídas as edificações de baixo e médio portes, distribuídas por ruas largas, algumas com pavimento e outras não. As praças são largas e arborizadas, ocupadas, geralmente, nos fins de tarde, em geral por uma população de jovens e adultos, quando a vida urbana se expressa timidamente. Os ruídos da vida urbana e rural se mesclam em seu cotidiano. O silêncio de um fim de tarde pode ser rompido com uma criança correndo, brincando e balançando um saco de pão. Para alguns (as) moradores (as), principalmente, entre os mais jovens, Cravolândia é um “paradeiro só”. As ações públicas ainda não correspondem aos anseios dos (das) cidadãos e cidadãs. Nos relatos há muita comparação entre o trabalho da prefeitura de Cravolândia com a de Santa Inês e a chamada “politicagem” atrapalha o desenvolvimento da cidade.

A pessoas da cidade se conhecem bem e sabem muitas coisas sobre o seu andamento, as práticas cotidianas, os grupos atuantes, mas indicam que muita coisa ainda há para ser feita. As famílias compartilham da ideia do aconchego, porém possuem histórias de vida que nos entristece muito, pois se trata de uma vida de ausências de direitos, de pobreza, de humilhação e de situações análogas à escravidão. Com o passar do tempo essas histórias tristes de uma vida inteira passam a ser contadas como uma sensação de superação, já que, infelizmente, no passado e ainda hoje os detentores do capital e o Estado individualizam e responsabilizam cada pessoa por seus avanços e retrocessos.

Escutar uma mulher, já com os seus 60 anos de idade, lembrando da infância difícil, quando viveu situações análogas à escravidão, por exemplo, é doloroso. Constato que, ao contar, há uma ênfase na ideia de não ter vergonha desse passado, pois hoje a vida é outra, já que pode escolher o que comer. Este encontro foi marcante, uma escuta que provoca revolta, mas aquele

olhar simpático, aquele carinho no trato com as plantas diminui aos poucos essa aflição. Esta mulher simples, mas consciente das questões sociais que afligem as pessoas, não gosta de sair de casa, ainda mais depois que o marido faleceu e, no correr dos seus dias, cuida dos afazeres domésticos. Ela passa horas do seu dia cuidando das plantas e limpando o quintal. Ali o tempo passa e é um momento de distração. Sua fala empolga, a cada planta apresentada e pela noção de saber como cada espécie deve ser cultivada e em qual momento, observando o tempo atmosférico. É uma aula sem pretensão, sem soberba, um convite ao trato com as plantas.

No seu relato, é possível perceber como o acúmulo de experiências transforma a vida de uma pessoa. Hoje é uma mulher serena que conversa com tranquilidade e respeito por quem a ouve, mas não deixa de expressar sua decepção pelo sofrimento que passou. Nesta conversa pude entender um motivo para se manter em casa. O fato de não ter o que fazer na rua e ter saídas específicas para encontrar as amigas para caminhadas curtas ou para encontrar outras plantas. A questão é que para ficar na rua tem que ter um motivo. Assim, é possível também entender porque a circulação de pessoas não é intensa e varia a depender da hora do dia. Ao visitar o comércio no centro da cidade, há agitação. Estes motivos variam também a depender da faixa etária, do gênero e da classe social. É necessária uma proximidade também despreziosa para entender as ausências das pessoas na rua em uma cidade pequena.

Infelizmente, os silêncios e o “paradeiro” ocultam uma mazela que atinge toda uma sociedade e é cada vez mais recorrente: os casos de assédio e estupro, fato constatado pelo Conselho Tutelar e pelos dados disponíveis na Secretária da Segurança Pública da Bahia, acessado em 02 de março de 2023. Busquei os dados do período da pesquisa – 2018 a 2022. Neste intervalo, foram registrados 13 estupros - um dado alarmante. Os dados não apontam a faixa etária, a raça e a classe, mas os depoimentos acessados ao pé do ouvido sinalizam para famílias carentes, em sua maioria, que vivem em um contexto de opressão por anos e de ocorrência de estupros recorrentes no seu seio. Nos casos que tive conhecimento, as famílias são assistidas, mas as situações e os relatos são sigilosos. Ouvir os relatos dilacera a alma e é árduo constatar que a pessoa violentada morre em vida.

Maria – Nova tinha muito medo de Fuinha. Sempre que passava em frente ao barraco dele apertava os passos. Uns diziam que ele era louco, outros que era maldoso, perverso, e que nada de louco tinha. Conversava, andava, falava, trabalhava normalmente. Aparecia no armazém de Seu Landislau, tomava banho ali naqueles quatinhos em que os homens se banhavam, bebia uns goles de pinga, falava e até ria um pouco para alguns, e ia embora. Quem

sofria nas mãos dele era sua mulher e sua filha Fuizinha. Vivia espancando as duas, espancava por tudo e por nada. Os vizinhos mais próximos acordavam altas horas da noite com o grito das duas. Era mau o Fuinha. Diz que ele tirava a roupa das duas e batia até sangrar. Se elas choravam baixinho, batia até que elas gritassem e depois batia até que elas calassem [...]. A mulher silenciou de vez. Fuizinha ainda muito haveria de gritar. Ia crescendo apesar das dores, ia vivendo apesar da morte da mãe e da violência que sofria do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até a morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha (Evaristo, 2017, p. 78-79).

É doloroso. O trecho literário traz o contexto amargo da violência doméstica. Está relatado, aí, o sofrimento diário de mãe e filha e uma violência que se perpetua e me deixa estarecida. Escutar os relatos revolta e causa um estado de impotência, e me angustia, pois em cada andada e a cada olhada pelas janelas, é um mistério. Ali pode se passar muitas violências camufladas pela dissimulação do homem da família e pela vergonha das vítimas, quase sempre julgadas pela sociedade. A literatura está baseada na infeliz história real de várias mulheres desse país, amargadas por uma vida de subjugação, opressão e violências múltiplas. E, no cerne de uma cidade pequena, acolhedora, chamada por seus moradores de cidade aconchego, é uma profunda dor ter ciência de casos como esses. Nem todos (as) estão acolhidos (as) e aconchegados (as). A frágil formação de uma parcela da população faz com que estas histórias sejam veiculadas na cidade em tom de fofoca e tragédia. Mas, é dolorida a revelação destes contextos de anos de agressões.

Nos encontros intersubjetivos foi possível identificar como as pessoas conduzem suas vidas e como esse urbano desponta nas ações individuais e coletivas. As frágeis relações da população com a política da cidade é um tema que surge com facilidade. Os papéis são confusos, muitas vezes, propositalmente, com o intuito de ludibriar a população. Os (as) gestores (as) passam de representantes para aqueles (as) que ajudam em algo quando uma pessoa necessita. Para alguns vereadores, há também um desconforto com estas situações. Foram relatados os poucos projetos e as incertezas que projetos propostos sejam aprovados, muitas vezes sob a alegação de falta de verbas.

As prioridades atravessam as necessidades e a população fica no meio de tudo isso, porque, ao invés de representantes, temos “times” que rivalizam entre si, dentro do contexto da política local e, com base nisso, as decisões seguem caminhos verticalizados, ou seja, a população,

comumente, toma ciência quando as ações e as construções já estão acontecendo e se espalhando por toda a cidade. Os mandatos se transformam em empregos e os mesmos representantes se mantêm no poder por muitos anos. O que mais incomoda à algumas pessoas é a manutenção desta política equivocada baseada em interesses individuais em detrimento do coletivo. Aliás, esse é um dos pontos que mais entristece as pessoas, já que se viver em Cravolândia é maravilhoso, estas situações não poderiam ser mantidas.

A população, no meio disso, fala mal de um, fala mal de outro. Outros tecem muitos elogios aos (as) gestores (as), como atuantes trabalhadores (as) em prol do povo e as obras permitem esta leitura espacial de uma cidade em mudança. Assim, algumas falas são de orgulho pela gestão que se tem. No entanto, em algumas famílias, a positividade na fala é a garantia de seu emprego ou do filho ou do irmão, já que a prefeitura é uma das principais fontes de renda da cidade. Assim, começam a ser cogitados, nas conversas informais, quem serão os (as) próximos (as) candidatos (as) e já sinalizam se votam ou não neles (as) ou que esse alguém não ganha a próxima eleição. Argumentos que se baseiam na trajetória da pessoa, no que ela oferece ou na sua soberba. No aniversário da cidade, por exemplo, houve uma homenagem àquelas pessoas que foram importantes para a história da cidade e ainda residem lá ou já faleceram. Foi um teatro ensaiado, produzido por estudantes das escolas municipais e estaduais (figura 21).

Figura 21: Estudantes das escolas municipais homenageiam moradores antigos – Cravolândia/BA – 08/12/21.



Foto: Flávia Souza.

Nomes como Olivia Rosa, Delfino dos Santos (Dedé), Dinalva Soares e José Inácio foram homenageados pelos (as) estudantes e professores (as) da Escola Municipal de Cravolândia, em virtude do papel desempenhado na história da cidade, relacionado à educação, à religião, ao campo e ao avanço econômico da cidade. Os (as) estudantes fizeram um desfile performático, demarcando seus trejeitos, suas vestes - algumas dos (das) próprios (as) homenageados (as) - e suas falas. Quase não foi realizada homenagens a políticos, mas sim para moradores (as) locais que contribuíram para o crescimento da cidade. O ex-prefeito, logo após as apresentações, pediu a palavra no palco para contar sua trajetória de vida e de política, mesmo sem sua fala estar programada; foi constrangedor para quem assistia. A postura do ex-prefeito era para demonstrar seus feitos e sua importância, na certeza de que a plateia situada ali receberia a informação com máxima aceitação. Não houve protestos verbais, mas um desligamento da atenção para a sua fala. A preocupação não deveria ser a necessidade de ser homenageado. Deveria ser motivo de preocupação as condições de acesso aos serviços públicos de direito da população, submetida a uma escassez e uma dependência constante de outras cidades. No que tange os serviços de saúde, por exemplo, há um trânsito frequente de pessoas se dirigindo a Jequié, Itabuna e Salvador. Os atendimentos aqui são básicos e rápidos.

Esse é o urbano. Íntimo, próximo, familiar, carente e dependente de muitos processos. A vida caminha, sim, mais calma. Porém, às vezes é uma vida desanimada, alienada para alguns (algumas) e para outros (as) uma vida de trabalho intenso, ou seja, viver para trabalhar. Também há as famílias bem-sucedidas, mas estas têm uma atuação tímida na cidade e no ato de pressionar para a realização de políticas públicas que realmente atendam os anseios da população, as ações são quase ausentes.

3.2. As trilhas do vivido em Santa Inês: “cidade dos dinossauros”

A cidade é Santa Inês
Pequena em extensão
Ao aprofundar em sua tez
Palpítei de emoção

Novos laços de uma criação
Nossas histórias transformadas
Da lá pra cá, daqui pra lá
Vidas são animadas

Se inicia uma nova sensação
A saudade aperta o peito
Mas, não tem jeito

Toda mudança aflige o coração

Chegar, viver, sentir e performar
Quatro verbos para conjugar
E, assim, movimentar corpos em diferenciação
Ao fazer da pesquisa um processo de construção.

Ah! Santa Inês,
em sua pequena extensão
Ao aprofundar em sua tez,
palpítei de emoção

Ah! Santa Inês, grandiosa, pequena cidade
Veja o que você fez!
Na união de experiências
Fortaleceu em cheio a nossa amizade.

Flávia Souza.

A emoção é um sentimento que paira sob mim, por vários motivos, desde que decidi fazer de Santa Inês a minha morada. Começarei a traçar a minhas trilhas do vivido recente para conduzir por outras trilhas vividas que, no decorrer destes anos, se cruzaram com a minha. Acessei atalhos retos, tortuosos, rápidos, demorados e alguns com “buracos” que nos obrigam a passar lentamente. Uma cidade que se tornou meu ponto de apoio nos dias de trabalho e agora que resido, tornou-se casa. Cidade na qual aprendi a viver intimamente. A chegada se deu em meio ao momento pandêmico. Era uma mudança arriscada. O trajeto Salvador/Santa Inês estava marcado por começos, recomeços, laços, traços, fardos e novidades. Como pesquisar com medo de contrair a covid-19? Como fazer uma imersão, sem poder entrar, sem poder sentir?

Logo, foi uma chegada com emoções difíceis, pois eram sentimentos de preocupação e medo. As barreiras físicas estavam nas barricadas instaladas na entrada na cidade, com medição de temperatura e toque de recolher, decretado pelo Governo do Estado e acatado pela prefeitura municipal de Santa Inês. As barreiras simbólicas estavam presentes nos olhares curiosos e nos questionamentos sobre o porquê da minha presença ali. As situações estavam estranhas em muitos sentidos. Com o passar do tempo e mesmo com a pandemia³¹, a cidade acontecia. Ações

³¹ No contexto da pandemia, algumas pessoas se aventuravam a ficar na rua. Crianças e adultos ficavam na praça. As crianças brincavam no parque, corriam na rua, sendo observadas pelas mulheres. Minha vontade era sentar lá com elas, mas, e a redução do horário de lockdown para 18h? Essas mulheres são rebeldes subversivas? Não têm medo da covid-19? Já pegaram o vírus? Acham que nada vai acontecer com elas? Não acreditam na pandemia? Enfim, como obter as respostas para estas questões e, ao mesmo tempo, respeitar as medidas restritivas e me proteger? Era uma decisão complexa e frustrante. A pandemia fez as pessoas ficarem em suas casas e a prefeitura seguiu as determinações do governo estadual de não aglomeração. Na página do Instagram havia avisos e solicitações para que todos (as) curtissem o São João em casa. Houve uma live organizada pela prefeitura com artistas locais. Em algumas ruas, as pessoas ficaram nas portas de suas casas, com fogueiras acesas e escutando música, confraternizando e curtindo o São João em família. Muitos fogos. Uma dessas famílias fazia as

se materializavam e passaram a transformar sensações e sentimentos em textos. As pessoas são curiosas, prestativas, são solícitas e têm vontade de colaborar. Se há uma pessoa precisando chegar em uma determinada localização, o (a) cidadão (a) se dispõe a ensinar e até a levar ao local. Se a pessoa precisa de algum auxílio, há alguém disposto (a) a ajudar.

Como muitas outras, esta também é uma pesquisa caminhante. Cada passo dado teve a intencionalidade operante de identificar outros passos e outras paradas. E, nessas paradas, as ações intersubjetivas também podem nos fazer viver e sentir ou refletir o ocorrido. Então constato: as crianças são performáticas no ato de brincar! Imagina estar andando pela rua para resolver coisas do cotidiano e, neste contexto, se deparar com três crianças brincando de trenzinho dentro de caixas de frutas, vindos em direção à rua? Imaginou?

A princípio, as crianças não estavam preocupadas com quem passava, porque estavam envolvidas inteiramente na brincadeira. A caixa de fruta era um item para que o trenzinho se tornasse uma realidade. Mas, chama atenção, porque é possível que imaginação adulta só veja a caixa de fruta até a mesma ser transformada em um trem diante dos nossos sentidos. Era uma bonita ação lúdica. Uma brincadeira que despertou o imaginar e proporcionou alguns minutos de alegria. Nos fins de tarde, a temperatura fica mais amena e as ruas ficam mais sombreadas, neste momento as crianças saem para brincar de futebol e de pega-pega. A geograficidade da criança me atravessa no seu ato de brincar. O corpo infantil se entrega à brincadeira, sem limites, sem medos visíveis e com muita imaginação (Tuan, 2013). É comum as crianças correrem a rua inteira sob os olhares de cuidado das mulheres.

As brincadeiras de criança sempre provocam alguma reação, pois elas extravasam sua energia através dos gritos e das pisadas. Em uma reunião de dez meninos brincando na rua à noite, havia conversas e risos altos. Proferiam piadas em tom de *bullying* e piadinhas com uma menina que passeava de bicicleta. Um dos meninos gritou “*Ei! Você quer namorar comigo?*”. A menina seguiu sem dar respostas. As brincadeiras se misturavam, mas uma se destacava: estavam brincando de se esconder e utilizavam os elementos da rua para isso, dentre eles, as árvores de médio porte do canteiro central, sempre podadas pela prefeitura e, como possuem alguns galhos

comemorações juninas na rua, sentados nas cadeiras ao redor da fogueira reacendida desde o São João. Com o uso do violão, cantavam músicas sertanejas, em voz alta e em conjunto. Conversavam, cantavam e bebiam na porta de casa, no meio da rua. Às 21:15 a polícia solicitou que a música fosse desligada. Ficaram um tempo ainda na porta de casa e depois se recolheram.

tortuosos e as crianças são pequenas, em média 10 anos de idade, era um espaço ideal para se esconder, tanto que os dois que estavam na árvore não foram encontrados e bateram no local de início da brincadeira primeiro do que os demais.

Crianças se envolvem por inteiro naquela prática. Se sentem livres em expressar seus sentimentos, brincam tão intensamente que extrapolam aquelas cobranças de “boa conduta” e de educação: gritam, xingam, se apropriam dos brinquedos com força e com a necessidade de torná-los brinquedos mais radicais. Para os (as) adultos (as), alguns comportamentos geram desconforto, principalmente quando as palavras não são de “bom tom”. As crianças menores brincam acompanhadas de adultos e as maiores, entre os 7 e 13 anos, brincam sozinhas ou em parcerias. Em outra ocasião, haviam cinco meninos de tamanhos variados e uma menina e ali já se via que para ela era necessário impor a sua presença com determinação, para conter qualquer tentativa de violência ou de expulsão do brinquedo. Ela brincava e estava reativa, já os meninos se fortaleciam com brincadeiras compartilhadas e em alguns poucos momentos um criticava o comportamento do outro perante a menina. O brinquedo nessa hora ganhava uma vida diferente e o espaço da praça da Escola Professora Jana era tomado por aqueles corpos pequenos e negros de uma maneira que corpo e espaço físico eram um só, através dos ruídos, das falas e das brincadeiras.

Tuan (2013) elabora uma suntuosa construção teórica sobre como a criança sente, percebe e concebe o lugar, a partir da sua capacidade cognitiva de interpretar as coisas ao seu redor. À medida que a criança cresce a ideia de lugar passa a se consolidar de maneira mais geográfica, porém atende a uma dinâmica escalar de proximidade imediata e com o tempo alcança outras escalas mais exteriores ao seu entorno. A criança tem um interesse aguçado e inerente ao seu mundo da fantasia dotado de descobertas que ultrapassem seu entorno imediato. Nesta construção, o lugar é transformado para o adulto através de um contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. As reflexões de Tuan delineiam como o corpo ocupa o espaço, como se dá a interpretação de que o espaço pressupõe a sensação de estar livre e como o lugar está articulado ao tempo que o indivíduo o experiencia, sendo, portanto, “uma pausa no movimento [...] a pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (Tuan, 2013, p. 169). Se, para o adulto, o lugar é resultante de um contínuo acréscimo, no contexto do meu ser-estar-no-mundo, agora, em Santa Inês, construí novos laços.

Em oposição ao habitar demorado dos estabelecidos, há o habitar desenraizado dos migrantes. Em processo de reterritorialização, sem território ou lugar, não contam com laços familiares elementares no local tendo que estabelecer sua comunidade dispersa no espaço, a partir de relações puras. A insegurança proveniente dessa situação reflete-se no medo e nas dificuldades cotidianas (Marandola Jr. 2008, p. 186).

Sentia-me exatamente assim, como descrito por Marandola Jr. (2008). É muito difícil migrar. Enfim, o fato é que os meus movimentos na cidade facilmente me identificavam como uma pessoa de fora. As pessoas percebiam e observavam as minhas ações. Algumas identificavam que não era da cidade, pois captavam, no contexto do diálogo, em algum ponto da fala, como, por exemplo – “nunca comprei tanto em Santa Inês” ou ao solicitar a localização de alguma loja ou serviço.

Haviam também os ruídos da minha trajetória metropolitana ao viver a rotina dos (as) moradores (as) de Santa Inês. Ao solicitar o serviço de instalação da internet, por exemplo, dois funcionários chegaram e iniciaram o trabalho para o qual seria necessário identificar a origem e a passagem dos cabos e constataram que não era pela casa. Foram até a casa da vizinha para verificar essa passagem e lá identificaram por onde passavam os cabos. A vizinha permitiu que o serviço fosse feito por dentro da sua casa.

Foi necessário também chegar a casa do 1º andar. Os rapazes da internet, então, teriam que ir até a casa de cima para continuar a instalação e foram adentrando a escada do vizinho, quando eu perguntei a um deles: - *Você vai entrar sem pedir?* E ele riu e disse: - *Não tem problema, aqui é todo mundo parente.* Daí eu respondi: *Mas, eu ainda não o conheço.* Ele me perguntou: - *Você é de onde?* E eu respondi: - *Salvador.* E ele disse: - *Ah! É por isso... aqui não tem problema, mas eu vou perguntar.* À primeira vista, foi estranho, mas, com o passar do tempo, essa ação foi sendo interpretada a partir da identificação daquela “árvore genealógica” da sociabilidade, da qual não faço parte, por não ter laços familiares com a cidade. Com passar do tempo também foi possível demarcar, através do convívio e das conversas, que essa intimidade tem limites, os quais são definidos por relações conflituosas diversas, como intrigas, soberba e arrogância.

Entretanto, nas relações mais aparentes, é bonito de se ver a união, a vontade de ajudar, a graça e a brincadeira. Uma atividade laboral, por exemplo, se transforma em um momento de lúdica euforia - um técnico realiza o seu trabalho de instalar cabos, para tanto, é necessário subir em

uma escada, encostada no poste, com o uso de poucos itens de segurança, e o esperado é finalizar o trabalho, descer, fechar a escada e colocar em cima do carro para seguir para outra instalação. Mas, o trabalho demorou mais do que o previsto quando o técnico foi surpreendido com um ninho de passarinho no poste. Ao se movimentar perto do poste para instalar os cabos, um pássaro que estava no ninho caiu no chão. O técnico levou um pequeno susto e, preocupado, solicitou ajuda para colocar o pássaro de volta no ninho. Neste momento, ocorreu uma pequena mobilização de homens que estavam em frente à mercearia e ao bar de Cal, para pegar o pássaro com cuidado. Foi uma agonia, um barulho, mas, ao mesmo tempo, engraçado. A mobilização deu certo e as pessoas observadoras seguiram seu caminho. A ação foi momentânea e demonstrou a simplicidade de encontros vividos. Uma reunião efêmera em torno de um propósito passageiro, porém repleto de trocas, apoios e sorrisos.

As pessoas se sentam na calçada de casa para olhar os (as) passantes e se cumprimentam. Como as temperaturas em Santa Inês são elevadas na maior parte do dia (principalmente no verão), a sensação térmica é incômoda, talvez, por isso, a maioria das mulheres e crianças caminham com sombrinhas; a cidade é, porém, ventilada. Observa-se que durante o dia - onde tiver sombra: porta de casa ou praça - há pessoas conversando. É muito comum, no horário da manhã, as mulheres ficarem em suas casas dando conta dos afazeres domésticos. Algumas mulheres vão aos mercados, mas na rua e caminhando a pé ou de moto é possível ver mais homens.

As conversas nas ruas são de temáticas cotidianas como as condições do tempo, o falecimento de um vizinho, a falta de água, o abandono da cidade antes da chegada da gestão atual, as melhorias visíveis na infraestrutura da cidade, a ampliação do serviço de transporte, a falta de médicos especializados e a necessidade de fazer de pequenos a grandes procedimentos médicos fora, a desorganização da atual secretaria de saúde, mas que quando não existia era pior. Há, portanto, um debate de alguns (algumas) sobre as mudanças, mas também sobre as prioridades e a comparação com gestões anteriores, as quais são vistas com prós e contras. Através de sinais construídos cotidianamente, as pessoas e parte das suas histórias são conhecidas por muitos e isso cria um contexto de intimidade, solidariedade, conflitos e discórdias.

Nos parques infantis, brinquedos de ferro ou de plástico são ocupados pelas crianças, as quais brincam, correm em volta do parque e se escondem nas árvores. As árvores se distribuem por algumas ruas, por canteiros centrais, nos quais estão distribuídos os postes de iluminação e bancos de madeira (figura 22). Há ruas com bastante ruído, com trânsito de carros e motos,

caminhões entregando mercadorias e esses processos dinâmicos variam a depender do período do dia. Nos momentos de calma, dá para ouvir os sons dos pássaros nos inúmeros ninhos espalhados nas árvores e nos telhados das casas. Quanto mais longe do centro, mais pacata e tranquila é a rua. Há uma queda do poder aquisitivo da população e também o ineficiente acesso à infraestrutura.

Figura 22: Canteiro central de uma rua. A chuva está a caminho - Santa Inês/BA - 04/11/21



Foto: Flávia Souza.

A fotografia foi extraída em um fim de tarde com a intenção de registrar o canteiro e as árvores, as pessoas sentadas na calçada, conversando. Porém, pela fotografia dá para notar que uma chuva se anunciava. Ela chegou. Aos poucos o cheiro de terra molhada adentra nossas narinas. Após o registro, a precipitação foi intensa, o barulho assustava, os pingos batiam no piso de paralelepípedos e asfáltico como pedras. Dava para ouvir o som, sentir o vento e a direção das pancadas de chuva. A água escorria pela ladeira. Na rua não se ouvia mais nada além da chuva, das trovoadas e dos relâmpagos que tomaram conta deste lugar neste momento. Em cidades com um planejamento precário e de constituição equivocada, há uma escassez de investimentos no sistema de esgotamento sanitário e escoamento pluvial e este fato provoca as destruições ocorridas na estrutura, após as chuvas fortes. Os (as) gestores (as), de modo geral, creditam as problemáticas causadas pelas chuvas às condições de natureza, ou seja, aos “incontroláveis”

índices pluviométricos e a população ludibriada encara uma chuva forte como a anunciada na figura 24 com bastante temor. A chuva passou, mas se repetiu assim inúmeras vezes e, nestes contextos, também despontam as relações de confiança, de solidariedade e de usurpação de direitos.

Dentro de Santa Inês, em dias de chuva forte, a água escorre pelas ladeiras como uma enxurrada até alagar todo o centro da cidade, que antes era de paralelepípedo, mas a prefeitura optou por asfaltar. O piso de paralelepípedo ainda permanece em algumas ruas transversais e existe ruas sem pavimento asfáltico ou mesmo de paralelepípedo. O mercado municipal fica alagado e há perdas de mercadorias. As casas, principalmente, as da população mais humilde, são invadidas pelas águas e passam por sérios danos na estrutura. Famílias inteiras ficam desabrigadas. Após a chuva, a estrutura da cidade escancara as provas de sua falta de preparação para os eventos recorrentes. Provas materializadas na destruição das casas, no acúmulo de lama nas ruas, nos alagamentos e nos rasgos na pavimentação asfáltica. A cidade vive no contexto do semiárido com chuvas escassas ao longo do ano, mas quando ocorrem chuvas fortes o contexto pode se tornar caótico. As soluções emergenciais aparecem na movimentação da cidade e nas solicitações de apoio para tentar reduzir os danos causados, alguns paliativos são aplicados na condução das ações. A situação se acalma e pouco se vê de medidas contínuas para evitar a repetição dos problemas estruturais e sociais causados à população. Infelizmente, só uma nova chuva forte para refrescar a memória. Falarei mais sobre este tema no capítulo cinco desta tese.

Aos poucos as situações diversas foram sendo expostas e ao passar por seu portal (figura 23), agora como moradora, novas sensações, vivências e experiências começaram a se consolidar. As narrativas e o acontecer cotidiano estavam agora anexadas às histórias contadas pelos órgãos oficiais, as quais indicavam como tudo começou por aqui.

Assim como em Cravolândia, os registros históricos apresentam os desbravadores como os pioneiros construtores de cidades prósperas. Para a população, os relatos oficiais também acabam sendo a principal forma de reconhecer esse passado áureo que não condiz mais com a cidade de hoje. Na realidade, um passado de desenvolvimento econômico pautado na prosperidade dos gestores e dos proprietários de terra.

Figura 23: Portal da entrada - Santa Inês/BA – 10/01/2020.



Foto: Flávia Souza.

Para as pessoas mais humildes, as lembranças são de luta, do fato de trabalhar por temporada nas fazendas de café (a exemplo da Palestina, quando ainda fazia parte de Santa Inês e Lagoa do Morro em Brejões). As mulheres eram as “panhadeiras” de café e ficavam de fazenda em fazenda para conseguir uma renda mínima para sustentar a família. Apesar da fala: *“era um tempo bom, até hoje eu tenho saudade”*, é possível observar que os frutos do passado próspero não atingiram a maior parcela da população, fato constatado na fragilidade do processo formativo e nas condições de vida.

Ainda, assim, o passado está nas memórias e nas vozes que desejam contar como tudo era e como mudou com o passar dos anos. Histórias contadas nos eventos das escolas, nas conversas com moradores (as) mais antigos e na Festa da Padroeira/no Festival da Cultura da cidade. Nesta festa, um grupo, formado por professores (as), atores, atrizes, estudantes, dançarinos (as), moradores (as) e pessoas da gestão vinculadas à saúde e à educação (figura 24), apresentou ao público um resumo do passado, a partir da existência daquelas pessoas no seu ir e vir, na presença do trem, da fé católica e da importância dos povos originários na formação de Santa Inês.

Uma ação preparada, planejada a partir de pesquisas sobre este passado rarefeito nos livros, mas que permeiam o imaginário de algumas pessoas, as quais desejam que outras pessoas conheçam estas histórias através da educação e da arte. Foi essa a intenção que conduziu o

grupo a fazer do/com o corpo, o seu instrumento para contar como foi que Santa Inês veio à tona. Uma ontologia performática que nos levou ao passado, sendo corpos do presente.

Figura 24: Grupo se prepara para a apresentação - Santa Inês/BA – 13/01/2023.



Foto: Flávia Souza

Reunidos (as) em um círculo, o grupo ecoa um grito de guerra: - *“batatinha frita, um dois, três; batatinha frita, um, dois, três; batatinha frita, um, dois, três”* - Verso melódico, viral em 2021, que envolveu uma geração de jovens. Após o grito, o grupo se separa e inicia uma corrida agoniada, animada e com alguns esbarrões. Faz-nos imaginar uma perseguição, uma chegada, uma ocupação, fazem isso por todo o espaço destinado à execução da atividade. Durante a corrida, gritam algumas expressões – *“corre... quem não se esconder, não se esconde mais”*. Se inicia o ato:

- Sou poeta do Vale e faço o papel de um lindo menestrel e hoje venho vos apresentar meus versos rasteiros que contam primeiro das histórias de cá. Mas, antes de falar dos embaraços disso tudo, eu preciso de alguns minutos para entender a criação, quando aqui neste mundo nada existia, a noite era fria e cheia de escuridão. Nada se ouvia, tudo era silêncio até que, um certo momento, começaram a tocar.

Neste momento, ouvem-se batidas de tambores e uma das integrantes caminha diante de nós com uma tigela entre as mãos, para no centro, ajoelha com as mãos para frente enquanto outra pessoa com indumentária indígena toca na tigela, leva a mão a boca e diz:

- Rogai por nós mãe natureza para que os espíritos do mal não matem nossas matas e as nossas riquezas, para que não sequem as sementes que ainda temos para plantar e não apague dos nossos ancestrais as nossas ricas memórias, para que o nosso povo tenha sempre do que se orgulhar.

As duas integrantes saem e outra parte do grupo lentamente se posiciona em fileiras. Inicia-se uma dança: braços ora levantados, ora abaixados em um gesto sincronizado, até que todo o corpo compõe uma dança afro ao som da música: Um Índio - composta por Caetano Veloso e interpretada por Margareth Menezes:

♪♪ Um índio descerá/ De uma estrela colorida, brilhante/ De uma estrela que virá/ Numa velocidade estonteante/ E pousará no coração do hemisfério sul/ Na América, num claro instante/ Depois de exterminada/ A última nação indígena/ E o espírito dos pássaros das fontes/ De água límpida/ Mais avançado que a mais avançada/ Das mais avançadas das tecnologias. Virá/ Impávido que nem Muhammad Ali/ Virá que eu vi/ Apaixonadamente como Peri/ Virá que eu vi/ Tranquilo e infalível como Bruce Lee/ Virá que eu vi/ O axé do afoxé Filhos de Gandhi/ Virá! ♪♪.

Os passos da dança acompanham os versos da canção e, novamente, em círculo, o grupo levanta as mãos e clama por energia para uma das integrantes que estava no centro. O círculo se desfaz e os passos continuam sincronizados, interrompidos, agora, pelo barulho do trem. O grupo caminha em passos acelerados, com feições preocupadas e destemidas, enquanto carregam suas malas. Param em uma estação de trem, arriam as malas, depois recolhem as malas e continuam os passos. Ouve-se uma voz masculina: *- Toma, guarda que é teu.* Uma voz feminina, responde: *promete para mim que voltará para buscar a tua família.* E ele diz: *Eu prometo.* Ela, então responde: *Então vá, eu ficarei aqui para te esperar.* O grupo continua as caminhadas apressadas, quando um homem chega correndo a estação e diz: *- Não, Maria! Não vá embora, não me deixe aqui, o mundo é arriscado demais para essas aventuras.* Ela responde: *José, o amor é livre e eu preciso voar.* Ele diz: *Maria, eu te amo, volta.*

As pessoas continuam circulando, passando umas pelas outras com as suas malas nas mãos, quando se inicia um novo dialogo. – *Inês ô Inês, olha eu aqui mulher.* Inês responde: *- oxente, deixa de tanta gritaria e venha cá, me dê um abraço bem apertado, eu já não tô mais me*

aguentando de tanta saudade. Agora me diga aí, aonde tem um bom samba de roda pra gente vadiar. A moça responde: - pois, então, saiba que você chegou em um dos melhores dias dessa cidade, o que não falta aqui é um luar. Inês responde: - ah! Então, não vamos perder tempo não. Venha cá, me ajude com essas malas aqui.

Dáí inicia-se o samba de roda (figura 25). Muito samba e molejo, muita roda e interação com a plateia. Ouve-se uma voz forte: *Oxe! Como é isso aqui, vocês estão pensando o quê? que só chegar nesta freguesia e fazer o que bem quer? Né assim, não!* Uma voz feminina responde: - *Psiu! Para de cantar lorota, se respeite que hoje é dia de procissão e Lavagem.* O homem diz: *Vixe! Valei-me minha santinha Santa Inês.* O grupo responde: *Deus seja louvado.*

Figura 25: Samba de roda – Santa Inês/BA – 13/01/2023.



Foto: Flávia Souza.

Começam a procissão e a cantoria. Uma narradora prossegue: - *Veja lá que vem vindo a procissão, se arrastando que nem cobra pelo chão, as pessoas que nela vão passando acreditam nas coisas lá do céu. As mulheres cantando tiram o verso, os homens escutando tiram o chapéu.* O homem diz: *Eita, que procissão é essa, que não tem nem início e nem fim, né? até parece que é feita de meio [...].* O samba de roda continua.

Um novo diálogo se estabelece: *Eh! mulher. Bem que tu disse que a cidade era singela e olhe só, quanto mais simples, mais bela.* A moça responde: – *verdade Inês, você tem toda razão, sabe? aqui na minha terra amada, protegida e abençoada por uma Santa com seu nome, aliás protegida por todas as forças do bem, pelos povos originários, povos de axé, de quem é de amor, Inês.* Encerra-se o ato.

O grupo foi ovacionado e aplaudido com emoção. Uma apresentação interativa que tocou quem assistia de uma maneira efetiva. Quem assistia, deixava extravasar emoções: pelos gritos, pelos sorrisos e pelos aplausos. A plateia estava entusiasmada, sorridente e observadora. Foram momentos de aprendizagem situada, com o uso da arte como possibilidade para contar histórias do passado de forma atrativa, instigando a curiosidade da população.

Esta é uma história lúdica que contrasta com a história oficial, aquela que narra a chegada dos proprietários da sesmaria, localizada onde hoje é o município de Ubaíra. Os sesmeiros interessados em conhecer e desbravar os arredores chegaram a Santa Inês, onde passaram a morar. Eram Pedro da Costa Avelar e Vicente Ferreira de Sousa, os genros de Francisco Souza Feio, os responsáveis por desenvolver o arraial, que, assolado por um longo período de seca, foi abandonado pelos desbravadores e, posteriormente, vendido para outro “potencial” emancipador chamado de Luís Teófilo Rodrigues, o qual deu início ao povoamento do arraial que se transformaria no povoado de Santa Inês.

Constava, nos registros do recenseamento de 1920, o distrito de Santa Inês como pertencente a Areia (atual Ubaíra). Uma lei estadual estabeleceu a criação do município em 1924 e a sede passou a ter status de cidade com a Lei estadual nº1944/1927. Até 1938, faziam parte de Santa Inês os distritos de Lagoa Queimada e Olhos d’água, posteriormente Igatiquira, ficando desta maneira até 1953 (Enciclopédia dos Municípios Baianos, 1958). Em 1962, Igatiquira é emancipada à Cravolândia.

O fato é que há, realmente, a perpetuação do apagamento dos povos originários na constituição destas histórias. O território baiano foi povoado, inicialmente, pelas nações indígenas Tupi, Jê e Kariri ou Kiriri, há cerca de vinte e cinco mil anos. Da nação Tupi, que ocupava o litoral, tupinambás e tupiniquins possuem maiores registros históricos. A nação Jê se distribuiu pelo interior e a nação Kariri estava localizada na região do São Francisco e nos limites com Alagoas,

Pernambuco e Sergipe (Tavares, 2001). Em virtude do comportamento nômade, é difícil demarcar com exatidão a distribuição das tribos na Bahia.

Neste sentido, Tavares (2001) elabora uma distribuição geográfica dos povos a partir dos registros históricos de cronistas da época e pela aproximação com os rios baianos. Com base nessa aproximação, a região que corresponde ao Vale do Jiquiriçá pode ter sido ocupada pela nação Tupi (por grupos indígenas expulsos do litoral, por conta das guerras com os europeus), a qual se distribuiu pelas mediações do rio Paramirim, Paraguaçu, de Contas e Pardo.

[...] Entre o rio Pardo e o de Contas habitavam numerosas tribos de camacãs, nogoiós, gongoiós e crancaiós. Os camacãs são aparentados com as tribos Kataxós e meniens.

Vale do rio Paraguaçu e serra do Sincorá – Os maracás estavam nas vizinhanças dos camacãs. O rio de Contas era o limite sul do território destes índios que habitavam o vale do rio Paraguaçu e Serra do Sincorá, com prováveis incursões pelas serras de Juazeiro e Caetité (Tavares, 2001, p. 19).

A abordagem de Tavares (2001) nos apresenta a existência dos povos originários pelas bandas de cá no passado, mas hoje resta pouco nas histórias contadas e há um esforço de estudiosos (as) em apresentar estas histórias para, assim, diminuir as suas ausências. O debate nas cidades é comumente situado nas datas comemorativas, equivocadamente, folclorizadas, por isso a insistência em mostrar essa existência como parte de uma luta árdua.

Além dos nomes das cidades, podem acontecer coisas que despertem a atenção da população para a existência dos povos indígenas. Em 2006, uma Urna Funerária Indígena de tradição Aratu foi catalogada pelo MAE/UFBA - Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, encontrada no sítio arqueológico de Lagoa Queimada – distrito de Santa Inês. De acordo com Fernandes (2011), Lagoa Queimada compõe um dos dois sítios arqueológicos do Recôncavo, o outro é o sítio da Reitoria da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). A urna está associada a um sepultamento e foi identificada a céu aberto (Fernandes; Lima; Zanatta, 2021). Os estudos dos arqueólogos indicam que as urnas de tradição aratu estão vinculadas a uma produção realizada pelos povos das nações Jê, o que corrobora com a variedade de nações e grupos indígenas aqui no Vale. Para Pena e Santos,

Esse achado arqueológico acaba por revelar a presença de populações indígenas nessa localidade baiana, nos seus primórdios, o que é reforçado por relatos de moradores que se declaram netos e bisnetos de índios. A prefeitura do município de Santa-Inês já manifestou interesse em recuperar a urna que

atualmente se encontra no Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE na UFBA, em Salvador, para mantê-la em praça pública no povoado de Lagoa Queimada. Praça essa que já se encontra em construção e será nomeada de “Praça do índio”, fazendo alusão aos povos indígenas pioneiros na região (Pena; Santos, 2021, p. 53).

E a “praça do índio” foi construída no dia 06 de agosto de 2022, com a intenção da gestão municipal de fomentar a questão do turismo, através da cultura e das raízes locais. Foi um evento com muitas atrações e a praça de Lagoa Queimada ficou cheia de pessoas que vieram, principalmente, do centro de Santa Inês e das cidades vizinhas como Itaquara. No centro da praça foi instalada uma réplica da urna e algumas informações sobre o processo de identificação, catalogação e recorte histórico (figura 26)

Figura 26: Réplica da urna funerária indígena – Lagoa Queimada – Santa Inês/BA – 11/08/2022.



Foto: Flávia Souza

A existência da réplica na localidade é importante, pois realmente simboliza um passado histórico de um povo originário dali. Mas, o fomento à reflexão sobre as condições atuais dos povos indígenas ainda se mantém rarefeito e o que ocorre é a continuidade das comemorações pontuais e caricatas dos povos indígenas no famigerado dia do índio e que agora contam com uma área para isso. Mas, é significativo reconhecer que a instalação da réplica, a apresentação dos (as) estudantes das escolas e a importância desta ação marcaram, profundamente, algumas pessoas da comunidade – netos (as) e bisnetos (as) dos antepassados indígenas, que construíram uma memória afetiva deste passado no contexto da inauguração. O relato a seguir permite notar esta emoção e nostalgia:

Menina! Quando vem de lá pra cá os índios, menina, eu disse, meu Deus que coisa maravilhosa, tudo com a flecha e fazia assim um no outro e não pegava. Ô, minha filha, isso aqui meu amoleceu (refere-se aos joelhos) eu fiquei assim...eu digo eu vou desmaiar. Cheguei, encostar assim num carro, aí as lágrimas. Teve gente que chorou, porque a gente nunca viu uma coisa tão linda. Eu fiquei emocionada porque eu lembrei da velha que achou a panela, ela já morreu e minha bisavó foi pegada no mato, num ninho de cachorro, amarradinha. Minha tia que chamava de Inha era ver mesmo uma cabocla. Aí, eu chorei, eu chorei mesmo, porque lembrei da minha mãe, lembrei dos conterrâneos que Deus já levou. Dona Nair que tanto queria, não viu, mas eu creio que onde a alma dela está, está alegre. Gente, foi lindo demais, foi lindo, os meninos não perderam nada e vinha uma pra cá, outra pra lá e tum, tum, tum, tum, aí quando eu falo, chega me arrepiando, as lágrimas descenderam e eu pensei: eu vou desmaiar aqui meu Deus. Aí os professores, as professoras contaram como foi o começo aqui de Lagoa Queimada, que aqui não era o nome Lagoa Queimada era Engenheiro Atila Menezes, aí aquele tempo, os boiadeiros viajando com os bois e tem uma lagoa lá embaixo, eles passaram e tinha umas taboas e botaram fogo nas taboas, aí eles disseram e agora pra gente pousar? Pousar era onde eles iam tirar a sela, assim, para descansar, agora a lagoa queimou e aqui ficou agora Lagoa Queimada, aí as meninas falando ali e aí foi que eu chorei por aquelas coisas que já passou aqui (Tereza – trecho de entrevista).

A emoção contida nestas palavras é instigante. A senhora que narrava os seus sentimentos conseguia emocionar também a quem ouvia. O arrepio da ancestralidade presente em um corpo que não é reconhecido, socialmente, como indígena é forte e a incomoda, principalmente quando tem que provar para as amigas que não pinta o cabelo, que quase não tem fios brancos, no auge dos seus 64 anos. Pelo relato, a ancestralidade indígena despontou na pele e acelerou as batidas do seu coração e, assim como ela se sentiu no momento do ato, ela performava para reproduzir novamente as suas sensações. Logo, não há como insistir no apagamento destas histórias, pois estão presentes no mundo da vida e podem ser acessadas a partir da potência das narrativas. Assim, ao relatar como é viver em Lagoa Queimada, uma outra entrevistada nos diz:

Ah! É muito bom. Pra mim, como eu falei anteriormente, é a questão de família né, de pertencimento. De você sentir que você pertence a algo que é muito maior que você e que você tem uma linhagem, sabe? Que você tem pessoas que vieram antes de você e pessoas que vão vim depois de você é muito bom saber que elas todas estão ligadas a essa terra e não só a terra, mas como a produção dessa terra. Eu gosto muito de saber isso sabe? E é muito interessante como isso, tipo assim... essas pessoas que estão aqui, 90% de Lagoa Queimada são meus parentes e eles fazem parte da minha história, sabe? Mesmo que antes deu não conhecer eles, eles já estavam fazendo parte da minha história e quando eu conheci eles, a gente foi se conectando. Minha tia tem o mesmo tempero que minha mãe e, minha mãe é muito parecida com minha tia que morreu, você entende isso? E é totalmente isso, essas pessoas fizeram parte da minha vida mesmo antes de eu saber, então Lagoa Queimada, ela tá nas minhas veias, mesmo anteriormente de nem conhecer Lagoa Queimada (Matheusa - trecho de entrevista).

E, mais uma vez, o relato é baseado na pauta da ancestralidade e na formação daquilo que é familiar, parte de uma linhagem, na qual estão interligadas existências que produzem o espaço. Assim, a história nos conta que, antes de ser Lagoa Queimada, a localidade se chamava Engenheiro Átila Menezes, porque era o nome dado à estação que compunha a linha ferroviária Tram Road de Nazareth (1875). A estação foi inaugurada em 1913 como uma das paradas desse trem, que tantas histórias fez passar pelo Vale do Jiquiriçá. Santa Inez (1982) nos conta como eram os encontros em Lagoa Queimada:

Conto 17: Lagoa Queimada, que queimava mesmo

O velho riu, maldoso, que já conhecia aquela lagoa. E ficou olhando a cara dos companheiros. E gritou para o primeiro que estendeu as mãos para a água. - Bebe, que é boa. Serve até de remédio.

Mas, ninguém beberia aquela água. Aquele mar morto continha mais sal do que todos os oceanos. Nem gente nem animal, nem planta, poderia usar aquela água. Nem para lavar. Na seca a sua concentração salina era assustadora. - A mão chega ficar lisa. Parece quiabo. - Toca na boca, prá tu ver. O rapaz experimentou, bochechou, cuspiu com uma careta. - Quem mora aqui não precisa comprar sal. O velho falou, para ele mesmo: - Acho que é por isso que chama Lagoa Queimada. Essa água queima. E voltaram, sedentos e suados para as casas do lugarejo, para descobrir onde havia água de beber (Santa Inez, 1982, p. 24 e 25).

As histórias do tempo do trem indicam como ocorriam as relações entre as pessoas e as condições de vida, assim como dos lugares por onde o trem passava. Os contos trazem, a partir de uma história de amor, o retrato das condições socioeconômicas deste tempo, no qual o transporte interligava estas localidades. Hoje a população indica onde foram as antigas estações e em que se transformaram. O conto 52 narra uma parada na estação de Santa Inês.

Conto 52. Santa Inez dos umbus e licuris

Em Santa Inez o movimento era grande: gente desembarcando correndo, gente mercado, aos gritos, seus produtos: - olha a cajá-manga, olha a cajá-manga.

- Quanto é, moço?

- Quinhentos reais cada uma.

- Me dê duas.

O homem ergueu o tabuleiro junto à janela, confiante: - Pode escolher.

Meninos vendiam “rosários” de licuri mas o que mais se via nos tabuleiros eram os umbus, alguns já amadurecendo, outros “de vez”, como eram mais preferidos.

- Imbu, imbu doce. Dois tões a caneca.

Mas em pouco tempo ouviram-se a sineta, o apito do chefe da estação, o apito do trem, e o barulho das engrenagens. A cidade como que se afastava. Os burros amarrados, as cabras pastando, algumas crianças brincando, rostos nas janelas, as casinhas de palhas das pontas de rua... Depois, outra vez, os campos onde floresciam de branco as juremas e, na beira dos riachos, as ingazeiras. E na paisagem cinzento-parda os pontos verdes marcados pelos umbuzeiros, como uma nota de esperança na paisagem agreste (Santa Inez, 1982, p. 54).

A jurema ainda se espalha pelas serras com seu caule fino e, em determinada época do ano, suas flores brancas tomam conta da vegetação. O conto nos coloca diante deste acontecer do passado e sua poesia narra histórias, cores, cheiros e tons.

O conto é uma imagem que raciocina. Tende a associar-se a imagens extraordinárias como se pudessem ser imagens coerentes. O conto traz assim a todo um conjunto de imagens derivadas a convicção de uma imagem primordial. Mas o vínculo é tão fácil, o raciocínio é tão fluido que em pouco tempo já não sabemos onde está o germe do conto (Bachelard, 1993, p. 171).

Quando as flores brancas das juremas se perdem no entardecer, as cores cinzentas e escuras do anoitecer fazem surgir uma pintura diante de nós. À noite, as serras que abraçam a cidade são misteriosas como o mar (figura 27).

Figura 27: A transição entre o entardecer e o anoitecer – Santa Inês/BA – 24/07/2022.



Foto: Flávia Souza.

A cidade que inspira abrigo, porto seguro e sorrisos encontrados em olhares de ternura apresenta, em seus mistérios, estados de dor, desalento e pobreza. Ao se posicionar no topo de algumas serras já ocupadas nos proporciona imaginar um quadro: são telhados, copas de árvores e as serras ainda desocupadas ao fundo com seu delineado que mais parece um relevo que dança

(figura 28). Ao percorrer a cidade é possível visualizar as casas nos sopés e nos cumes das serras que margeiam todo o entorno da mesma.

Figura 28: Ocupação das serras da cidade – Santa Inês/BA – 09/01/2020.



Foto: Flávia Souza

A fotografia então transmite a extensão dessa ocupação, comumente com casas de um pavimento, algumas poucas com dois a três pavimentos. Essa laje, na qual me posicionei, fica no centro da cidade, daí dá para demonstrar um pouco da sua ocupação. Os seus mais de 10 mil habitantes são os (as) responsáveis pelo acontecer dos seus dias, com suas rotinas, seus afazeres e suas próprias realidades, as quais marcam a sua história com Santa Inês.

É uma cidade onde ainda são encontrados muitos quintais e terrenos. As condições da limpeza urbana estão presentes. A coleta de lixo nas ruas acontece todos os dias, a partir das 16h, com exceção dos domingos e feriados. A limpeza urbana também é frequente e, raramente, se tem lixo acumulado nas ruas. O cuidado com a cidade é visível, principalmente nas áreas mais centrais. Há obras espalhadas pela cidade, voltadas para a pavimentação asfáltica, construção de quadras, policlínicas, museu, cozinha comunitária, a limpeza da borda do rio Jiquiriçá, a construção de uma praça na beira do rio, dentre outras ações. As obras são tratadas pela população como um avanço vinculado ao trabalho da gestão municipal desde 2016.

No que tange as questões sociais, podemos falar da violência urbana. Como já dito anteriormente, esta é uma situação difícil de temer quando se mora em uma cidade pequena,

por sua aura de calma. Mas, é triste a constatação que esta aura também é rasa. Pois, muitas violências se entrelaçam a essa sensação de segurança urbana. Os bastidores da violência são camuflados. A violência escancarada é a vinculada a mortes por arma de fogo e creditadas ao tráfico de drogas, pois é assim, predefinida, já que as investigações não são palpáveis para nós, habitantes. No correr da informação via boca a boca ou via mensagens instantâneas, essas são as violências que mais aparecem, inclusive nas mídias digitais locais e regionais (páginas de internet). Fala-se de arrombamentos de casas, de tiroteios nos bairros mais distantes do centro, os quais deixam a população bastante assustada. Soma-se a isso os homicídios que atingem diretamente jovens pretos e pobres.

Além da violência urbana, as dificuldades de viver em uma cidade pequena com pouca ou sem nenhuma renda, com baixa escolaridade, muitos filhos e com pouco ou nenhum apoio do Estado, são marcantes. Uma das pessoas com quem conversei, mulher negra com 58 anos de idade, me disse que sempre teve a vida difícil e com muitas privações. Para sobreviver, vive da pesca e fica pedindo dentro dos mercados e na feira. Mãe de cinco filhos e avó, habita uma moradia humilde, uma casa rebaixada com quintal, com vários cômodos com camas. Com o dinheiro do auxílio emergencial, construiu um quarto para ela, que mal cabe uma cama. E a prefeitura de Santa Inês fez um banheiro na casa. No contexto de nossa conversa me ofereceu um café para conversarmos com mais tranquilidade, enquanto a filha cozinhava arroz num fogo a lenha improvisado. O neto também a aguardava ansioso para saber o que a avó tinha trazido do mercado. E ela havia ido ao mercado para pedir, já que, segundo ela, é melhor do que roubar. Trata-se de uma família pobre, como outras que residem em Santa Inês. Até uma TV velha foi retirada do lixo e é a que funciona na casa dela. Esta senhora é conhecida na cidade por seu nome e sua trajetória de vida. As outras pessoas a culpabilizam por suas fragilidades econômicas e, assim, a sua vida segue, praticamente, invisibilizada. A população costuma dizer que as mazelas que a atingem são sua responsabilidade e as associam ao consumo de álcool. Mas, o que se observa é uma vida repleta de ausências e violações diversas com marcas gritantes presentes em um corpo andarilho que percorre todas as pontas da cidade em busca de alimento, roupas e brinquedos para os seus (suas) filhos (as) e netos. Ela vive uma invisibilidade social:

A invisibilidade social me assusta.
Porque apesar de parecer sutil, silenciosa,...
Ela existe e é gritante!
E o grito ecoa dentro da existência do ignorado.
Que existe e não é notado.
Que existe e é descartado,

Que é constantemente negado.
 É como se fosse um ninguém, um nada, um vazio.
 Que vazio...
 O social invisível é gente igual a gente,
 Tem fome,
 Tem sede,
 Tem sonhos,
 Mas não tem notoriedade.
 Que desgraça.
 Que tragédia existencial
 De tanto ser negado, ele se autonega.
 É como se ele incorporasse nos palcos da vida.
 Um personagem pedra,
 Que nada vê, nada sente e nada expressa.
 Mas sente...
 E não é bicho,
 Não é planta,
 Não é coisa,
 É gente!
 Que deve apenas ser amado, tratado e respeitado como gente.
 (Chirley Pereira, 2018, p. 37).

No poema e na vida real, essas são histórias tristes que se mesclam a tantas outras espalhadas nas entrelinhas de relatos que expõem o que há nas entranhas desta cidade.

A sua dinâmica, acessível à primeira vista, demonstra o desenrolar da vida, quando os corpos diversos se tornam públicos, especialmente nas ruas, praças, nos largos, becos e vielas. Aí, as ações são diversas: é comum homens estarem reunidos conversando ou jogando dominó. Quando se reúnem nos bares gostam de cantar e conversar entre amigos. Nas praças, as pessoas costumam levar as crianças para brincar nos brinquedos que já estão em precário estado de conservação. Os praticantes das atividades físicas também aparecem bastante. Os quiosques instalados nas praças também têm uma ocupação. Nos finais de semana, há uma circulação de pessoas na praça principal. É uma extensão de rua larga, margeada pelo fórum, comércio, a prefeitura e a Câmara de Vereadores. São três praças. A maior delas possui bares diversos, bancos, um coreto, uma fonte de água luminosa, uma cobertura com design ondulado com cadeiras e mesas de madeira, com o propósito do encontro. Esta praça abriga famílias com objetivos diversos, em um dos momentos de observação, duas famílias se destacaram nos usos da praça: - uma família com o intuito de acompanhar os filhos, brincava de cabra cega no coreto, em conjunto, enquanto outro grupo, com sete mulheres e alguns filhos, ouvia música e dançava ao redor de uma mesa. Estavam com sua própria caixa de som. Pareciam muito envolvidas na

animação deste encontro de amigas e se espalharam pela praça e, assim, chamavam atenção de passantes na pista e de outros frequentadores na praça.

Outra praça também tem uma barraca, mesas e um parque infantil, frequentado por algumas crianças. São frequentados o espetinho do Lului, a Jaula, o Acarajé de Nilza, o de Romilda, dentre outros, onde os (as) amigos (as) se reúnem. No geral, essa diversão está vinculada ao consumo de bebidas e alimentação que são vendidas na extensão da praça. A maior parte da circulação se encontra nesta extensão da cidade, ou seja, no centro de lazer. O outro centro comercial que possui mais circulação durante a semana até as 19h, no domingo é marcado por movimentos escassos ou quase nulos, bem como algumas ruas no entorno desse centro. Outro ponto de circulação marcada nas sextas e nos sábados é a feira livre. Muitas pessoas vão ali, impreterivelmente, fazer suas compras.

As informações descritas aqui foram captadas nos momentos de manifestações corporais – gestos, balançar das mãos, parada para reflexão e nas sensações compartilhadas de sorrisos, alegrias, distração, indisponibilidade, tensão e resistência. Mesmo com contatos interpessoais, à primeira vista animadores, dotados de solicitude, uma observação mais cuidadosa constata como essas pessoas caminham com suas compras nas mãos, sobem as ladeiras devagar ou a passos acelerados, demonstram cansaço e inquietação, e, às vezes, interrompem essa preocupação quando há um encontro com alguém conhecido (a) e muda por segundos estas sensações.

Na continuidade da caminhada, as pessoas transpiram também suas dificuldades, sinalizadas pela desolação de um corpo frustrado pelas demandas pesadas que permeiam a sua existência. Os percursos na cidade são realizados a pé, em sua maioria, pois não há uma circulação de transporte público, o que há são cooperativas que se destinam a cidades vizinhas e taxis que atendem as demandas emergenciais de cidadãos (as), quando chegam de viagem com suas bagagens. As pessoas de maior poder aquisitivo realizam seus percursos de carro, até mesmo os mais curtos.

Nas questões vinculadas às centralidades intra e interregionais, as mesmas se constituem pela mobilidade desses (as) moradores (as). Se forem pensadas de maneira estrutural, as pessoas não se atentam a este fato, já sua formação ocorre por conta do que é vivido, ou seja, pelo ir e vir de cada pessoa. Do ponto de vista estrutural, a população não reflete sobre as centralidades,

pois vive uma centralidade única – a cidade. Inclusive uma pergunta que causa um franzir de testa e até de desprezo é – Qual o seu bairro? A resposta mais comum é: “*não existe isso aqui não, é tudo centro*”. A população também não rotula as áreas da cidade como bairros ou como periferias. No vivido, estas nomenclaturas não têm sentido para a realização das tarefas, mas têm sentido para marcar determinada área como “favela”, por exemplo.

Para a gestão, o interesse nessa demarcação é estabelecer uma organização com o intuito de cobrança de tributos urbanos como o IPTU. A primeira audiência pública da atual gestão para realização da denominação e delimitação da cidade por bairros ocorreu no dia 15 de julho de 2022 na Câmara Legislativa de Santa Inês. A equipe vinculada à Secretaria da Fazenda trabalhou no projeto de definição dos bairros da cidade. Além das audiências públicas, foram realizados os mapeamentos e as delimitações, com base nos recortes antigos de ruas da cidade, comumente tratadas por seus moradores como ruas que compunham o centro. Como resultado disso, foi sancionada a lei municipal – Lei nº 648/2023 de 07 de março de 2023, publicada no diário oficial, a qual instituiu a divisão da cidade em nove bairros: Centro, Caixa D’água, Nova Santa Inês, Beira Rio, José Américo, Do Pontal, Campinho e Olhos d’água.

A princípio, os (as) moradores (as) indicam que o centro é a própria cidade e parece não ser presente, nas práticas e nos discursos, uma divisão entre centro e periferia. No entanto, no acontecer da existência, as pessoas caminham longas distâncias para chegar até a área onde estão localizadas as casas comerciais e a feira, por exemplo. Essas pessoas residem em extremos da cidade, áreas marginalizadas pela população que reside no chamado centro. Aqui as distâncias percorridas podem demarcar as classes. São pessoas, em sua maioria, pobres que residem em áreas como a Baixada, localizada no bairro Nova Santa Inês e o no bairro da Bela Vista, que são vistas como moradoras de áreas perigosas e, para os de fora dessas áreas, são as “favelas”.

As nuances da pobreza e da riqueza são ocultadas por uma interpretação mais homogênea da cidade, porém, na escala da sociedade, temos a gritante constatação de uma desigualdade social efetiva, a qual faz as pessoas se submeterem a trabalhos mal remunerados, para não passar fome. Continuando a reflexão sobre centralidade, tudo aqui é a princípio, mas não é na prática.

Existem dois centros: um mais diurno, no qual se encontram mercados de médio porte, comércios em geral (farmácias, lojas, feira, mercadão e alguns quiosques), secretarias

vinculadas à gestão (secretarias de infraestrutura, educação, conselho tutelar etc.), agência bancária, casa lotérica e pousadas, uma praça com ponto de parada, um estacionamento de rua, posto de combustível. O outro centro, que considero mais noturno, já que, comumente, quando o seu funcionamento começa a dar os primeiros passos, o outro centro (diurno) está encerrando suas atividades e fechando suas portas. À noite, a circulação das pessoas neste centro, que é marcado pela presença da igreja católica de Santa Inês e da praça central da cidade, é mais intensa. Aí também estão os bares, quiosques, tabuleiros de acarajé e os brinquedos para o entretenimento das crianças como pula-pula e tobogã inflável.

A formação de redes intraurbanas está diretamente ligada às intencionalidades individuais e coletivas vinculadas às atividades domésticas, de trabalho e de lazer. A busca por serviços, as compras, as atividades físicas, a visita à casa de amigos (as) e parentes, são as motivações para a circulação. Nos relatos foram captados alguns dos motivos para essa locomoção:

No dia a dia, eu trabalho de manhã e de tarde. Quando, eu chego dia de segunda, eu vou pro grupo de oração, aí eu volto e tal, fico em casa. Os finais de semana, assim, que eu saio, dia de sábado, eu vou lá na praça, nos quiosques, que a gente se diverte um pouquinho, toma uma cervejinha e tal, e depois a gente volta e no domingo, eu fico em casa também, fico com meus vizinhos, a gente se diverte e no mais é só isso mesmo. Não saio, assim, para outros lugares não, porque também nem tem, né? (Reinalda – trecho de entrevista).

Manhã, tarde no trabalho na secretária de turismo, esporte e cultura, noite, pastelaria e trabalho de segunda a segunda, ininterruptamente (Manoelito – Trecho de entrevista).

Depende muito, se eu tiver com algum trabalho, eu fico mais ali no computador terminando o trabalho, editando um vídeo, editando uma foto, mas fora isso eu sou um cara muito de dá um rolê na cidade, conheço muita gente e ando por tudo que é lugar eu gosto dessa parada de tá tendo contato com o pessoal que não é muito do centro saca? Tem um pessoal lá em cima da rua do ACM que eu gosto pra caramba, lá da rua da baixada também que a gente roda por lá tem o pessoal aqui de cima da rua da linha, então vou muito e aí tipo, por onde eu vou a galera nunca mexeu comigo, sempre respeitou bastante, então eu gosto de ir para lá, muita gente nem olha para cara do pessoal, mais por preconceito e acha que todo mundo lá não presta né, na linguagem deles, eu acho mais que é por conta disso (Mateus – trecho de entrevista).

Os trechos das entrevistas nos permitem entender que os percursos variam a depender das situações vinculadas ao trabalho, à religião, ao lazer e aos encontros, as quais acabam definindo as direções e os horários de circulação na cidade. Então, é possível ter ruas movimentadas,

horários de cidade vazia, ter circulações curtas para dar conta de atividades corriqueiras e, nos finais de semana, são outras atividades que direcionam os fluxos.

As ruas que abrigam uma população de maior poder aquisitivo apresentam o movimento escasso, pois são, em sua maioria, residenciais e não contam com a presença de bares, escolas e comércios, os quais ampliam, comumente, a circulação. Nas ruas que abrigam a população mais pobre, há uma circulação maior ou, quando não há circulação, as pessoas estão nas portas das casas, em suas calçadas, conversando e observando as outras pessoas passantes ou ainda em suas janelas e portas também acompanhando o que ocorre no lado de fora de suas casas. A vida segue assim! Compromissos domésticos e laborais provocam circulações diferentes.

Às sextas e sábados pela manhã o fluxo na cidade é significativo por conta da feira. A feira é um atrativo por necessidade, mas também pelo encontro. Os ruídos se ampliam pela cidade. A vinda à feira é uma regra, as compras são realizadas e a população da zona rural chega bem cedo, fazem suas compras, caminham pelo comércio e aguardam em um ponto da cidade a chegada do ônibus da prefeitura que levará todos e todas de volta as suas localidades. É um misto de corpos marcados por intenso trabalho, pouco descanso e pouco cuidado, mas o que transborda dos olhos quando ocorre a troca são sorrisos, são convites para conhecer as suas casas. É uma realidade dura, sensível e simples. Um acontecer difícil de entender.

A experiência destes encontros provoca reflexões. A reflexão é imediata e as indagações também. Como sorrir com o semblante terno, se a vida apresenta, em sua maioria, caminhos tortuosos e inseguros? São muitas ausências: alimentar, educacional, de mobilidade e a contrapartida por parte da gestão é frágil. Estamos diante de argumentos de que antes era pior e somos tentados a ovacionar o pouco que é ofertado a mulheres e homens que não possuem autonomia para escolher como viver suas próprias vidas.

Logo, o conjunto de atividades, distribuído na cidade, se orienta por percursos feitos quase sempre a pé, realizados por pessoas de todas as idades. Os idosos andam bastante e frequentam a feira e o comércio. Para além disso, as demais atividades estão vinculadas ao recebimento dos salários e dos auxílios, o que muda também o fluxo na cidade. No dia do pagamento da prefeitura e dos demais recebimentos, as pessoas circulam mais até nos bares; no decorrer do mês esse fluxo começa a reduzir e em alguns momentos chega a cessar, momentaneamente, pois também varia por conta dos horários do dia.

O urbano interior em Santa Inês tem pontos em comum com Cravolândia e Jaguaquara, as quais abrigam as relações de vizinhança, de apego e afeto imediato. Com o passar do tempo, temos um conhecimento mais vinculado aos jeitos e maneiras como a população se comporta, como se reconhecem entre si. Logo, quem movimenta estas cidades? Pessoas! Nós movimentamos essa cidade, através do trabalho, da educação e do lazer.

Esse tempo é pacato nas sensações e intenso nas existências. As pessoas não têm tempo para o ócio, estão quase sempre atribuladas com seus afazeres. Os passos são mais lentos mesmo, a pressa é pouca. O acordar cedo é para evitar a correria, já que o percurso trabalho-casa é curto. Os donos e donas dos estabelecimentos trabalham muito, alguns de domingo a domingo. Mesmo com condições de trabalho complicadas, o importante é estar empregado (a). E, assim, produzem e constroem a cidade. Vivem do comércio e dos serviços, empregos na prefeitura, serviço público – educação (escolas da rede municipal, estadual, federal e particular), na saúde, de aposentadoria e auxílios do governo e da prefeitura.

Esta cidade é atravessada por demandas hegemônicas, as quais chegam com muita presença, principalmente nas ações da gestão pública que produz a cidade através de uma infraestrutura pautada em um discurso de modernização. Nos grandes eventos, são contratados artistas em destaque na mídia e, além de contar com os investimentos da prefeitura e do Governo do Estado, há o patrocínio de cervejarias. Logo, são eventos planejados, para os quais as ações estão programadas e os corpos que participam seguem a dinâmica do que foi planejado. Algumas outras ações acontecem fora do que foi sincronizado e são as que valem a pena dar uma observada mais atenta e daí sentir as possíveis vibrações que podem provocar emoções: sentidas através de relações de amor, de amizade, de trabalho, de intriga e de brigas, todas transbordam na coletividade desses encontros durante os grandes eventos.

No que tange as religiões presentes na cidade, destaca-se a igreja católica e sua centralidade é demarcada na paisagem, na oração da Ave Maria todos os dias às 18h, nas missas, nas atividades do dia *Corpus Christi*: um grupo de fiéis espalha papéis metro no chão na pista para desenhar e pintar os desenhos representativos do período e do feriado cristão. As crianças, os adolescentes e adultos se debruçam de corpo inteiro sobre os papéis no meio da rua. A intenção é apresentar os cartazes e realizar a atividade. As pinturas são realizadas com cal, café e pó de serra de várias cores. A rua é interditada com piquetes para a realização da atividade, pois os novos tapetes não saem do chão.

Nas demais ruas, encontramos os templos das religiões protestantes (pentecostal e neopentecostal) e, seguindo os mesmos mecanismos de exclusão de outras cidades, as religiões de matriz africana estão, em sua maioria, localizadas nas áreas mais distantes desse centro, ou seja, estão invisibilizadas do contexto da cidade, bem diferente do que acontece com a igreja católica que, além da sua centralização, ainda conta com uma praça da bíblia, uma imagem de Santa Inês no portal da cidade; as demais religiões têm um dia comemorativo de feriado – dia do evangélico - no calendário municipal.

Há um distanciamento e um apagamento das religiões de matriz africana³², mas se há interesse em identificar a sua localização e de estabelecer contatos com filhos e filhas de santo, Babalorixás e Ialorixás, os caminhos são de receptividade e de cuidado. No decorrer da pesquisa, visitei junto com Tiago (filho de santo), seis terreiros na cidade e, em todos, fomos recebidos (as) com atenção. A nossa intenção era convidá-los (as) para um ato político no coreto da cidade, para o qual gostaríamos da presença e da representatividade deles (as). O convite foi aceito com animação e com surpresa. No dia do ato, tivemos a oportunidade de compartilhar, coletivamente, temas sobre conjuntura política do país, a partir de um momento de diálogo, acompanhado de poesia e música. O fato é que, para os adeptos (as) do candomblé e da umbanda, resistir é demarcar a sua religiosidade através de seus corpos e de suas indumentárias (figura 29) e esta é a maneira de identificar sua existência nesta cidade. Assim, perguntei a um

³² Cultura afro brasileira na Bahia: São vários os elementos da enorme contribuição cultural africana para a cultura baiana. Encontram-se no vocabulário, na culinária, nos costumes e no candomblé, que alguns autores consideram a principal. Candomblé é o conjunto de cerimônias religiosas animistas que diferem nos rituais, conforme seja ijexá, ewe, (jeje), aussá, ketu, cabinda, congo. A festa do candomblé começa ao amanhecer do dia, com uma cerimônia privada de sacrifício de animais (galo, pombo, carneiro, cabrito), em homenagem aos orixás. Aberta ao público, fiéis ou não, continua pela tarde com o “padê”, oferta de alimentos rituais ao orixá Exu, que é convidado para garantir a harmonia da festa. Forma-se uma roda, com os fiéis dançando, cantando e chamando os orixás. O primeiro que “monta uma filha” (apossa-se dela) a coloca em transe, o que também vai ocorrendo com outros dançarinos e cantores da roda. Quando estão em transe, “os cavalos dos orixás” são levados para a “camarinha” quarto no interior do barracão, no qual “as possuídas” ou os “possuídos” mudam de vestes e recebem os adornos dos orixás. Retornando ao terreiro, são saudados pela mãe-de-santo, que se levanta do trono numa demonstração de respeito e obediência. A festa alcança o seu ponto máximo com todos os orixás presentes dançando e cantando. Somente depois desse clímax é que a roda se desfaz, momento em que os orixás vão se recolhendo à camarinha e a mãe-de-santo se retira. A orquestra de tambores agogô, adjá e xerê tem especial destaque em função na festa do candomblé. Os tambores (atabaques) são de três formas e tamanhos: rum, rumpi e lé. O agogô é um instrumento de metal formado de duas campânulas de sons diferentes. O adjá, uma sineta. O xerê é um chocalho formado por dois cones de folha-de-flandres soldados pelas bases e dotado de um cabo cilíndrico estreito (definição de Luís da Câmara Cascudo no dicionário do folclore brasileiro). É usado nas festas de Xangô. Cada candomblé tem hierarquia espiritual administrativa. A primeira é exercida pela mãe-de-santo (ialorixá) ou pelo pai-de-santo (babalorixá) com direitos indiscutíveis sobre o pessoal da casa e enorme controle moral sobre todos os fiéis. A administrativa fica aos cuidados dos auxiliares da mãe-de-santo ou do pai-de-santo. Eles respondem pela limpeza e tudo mais que a casa necessita. Os ogãs, equedes e obás fazem parte dessa administração (Tavares, 2001, p. 59 e 60).

dos entrevistados: Como você acha que seu corpo é visto, quando você está vestido com as indumentárias do candomblé?

Meu corpo não é visto, meu corpo é marginalizado, assim como de tantos outros, das outras e de tantos outros, o meu corpo ele é marginalizado, ele não é visto, porque há uma diferença de você ver, de se enxergar, né? Há ainda uma intolerância muito grande, uma falta de respeito. Eles olham ainda assim com aquela falta de respeito, há outros olhares que é de curiosidade, mas eu vejo mais um olhar assim de falta de respeito mesmo, ainda (Tiago - trecho de entrevista).

Figura 29: A resistência da religiosidade – Santa Inês/BA – 19/01/2020



Foto: Flávia Souza.

O secretário de turismo, esporte e cultura, Reubem Alves, destaca uma sensação semelhante, quando nos diz

É uma cidade quieta que se movimenta pouco, eu acho que a gente tem muito mais a se mostrar em Santa Inês e eu falo isso para as pessoas. É uma cidade que, como eu te falei, tem uma diversidade cultural bem grande, mas que a gente não mostra ao mundo que a gente tem essa diversidade cultural. Santa Inês é uma cidade, vou entrar na minha área novamente, que a gente tem dez terreiros de candomblé, mas que a gente não parece que tem, é muito forte para uma cidade pequena de 10 mil habitantes, ter dez terreiros de candomblé,

uma presença marcante, mas que a gente não se mostra. Eu tento andar em todos na verdade para tentar fazer que eles apareçam mais, mas existe muita resistência por parte das próprias pessoas. Eu acho que a resistência nas pessoas, acaba criando a resistência na própria religião, no próprio terreiro de se aparecer mais, então eles ficam muito restritos a si. Apesar de ser melhor de que nosso território completo, no nosso território há uma gama de preconceito muito grande, aqui na cidade também tem, mas aqui ainda é menor pelo costume de ter, toda rua, você encontra alguém que participa. Então as pessoas olham com a aquele olhar coercitivo, mas ao mesmo tempo não impede que aconteça (Reubem – trecho de entrevista).

Ah! Os olhares! Estes podem conter perversidades, podem conter atitudes de proximidade camufladas de julgamentos e preconceitos. Por isso, os adeptos do candomblé costumam andar acompanhados (as) e sempre com um ar destemido. É uma luta muito antiga e sentida na esfera da alma, por isso assumir ser do candomblé é sempre uma atitude de resistência em meio a esta sociedade, estruturalmente, racista. Me pergunto como estas questões são enraizadas na sociedade e a população de uma cidade pequena reproduz e perpetua, às vezes de forma sutil e outras vezes de forma escancarada? Temos que buscar a resposta no passado e em outra escala.

Quijano (2005) explica estas questões, traçando um panorama histórico, pautado na criação de uma intersubjetividade mundial, a partir de um poderio creditado à Europa, que, além de controlar o mercado, também impôs um “domínio colonial” sobre vastas áreas do mundo. Esse domínio provocou um processo que o autor denomina como “re-identificação histórica, pois da Europa foram-lhes atribuídas novas identidades geoculturais” (Quijano, 2005, p. 121). A depender das condições sociais, econômicas e intelectuais da região dominada essa influência variava, o Oriente, por exemplo, teve a possibilidade de ser reconhecido como o outro, mesmo que inferior, situação que não foi “criada para índios ou negros. Mas esta mesma omissão põe a nu que esses outros fatores atuaram também dentro do padrão racista de classificação social universal da população mundial” (Quijano, 2005, p. 121). No contexto desse padrão o autor considera as condições que alavancaram a criação das “identidades geoculturais”.

Em primeiro lugar, expropriaram as populações colonizadas – entre seus descobrimentos culturais – aqueles que resultavam mais aptos para o desenvolvimento do capitalismo e em benefício do centro europeu. Em segundo lugar, reprimiram tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade. A repressão neste campo foi reconhecidamente mais violenta, profunda e duradoura entre os índios da América ibérica, a que condenaram a ser uma subcultura camponesa, iletrada, despojando-os de sua herança intelectual objetivada. Algo

equivalente ocorreu na África. Sem dúvida muito menor foi a repressão no caso da Ásia, onde portanto uma parte importante da história e da herança intelectual, escrita, pôde ser preservada. E foi isso, precisamente, o que deu origem à categoria de Oriente. Em terceiro lugar, forçaram – também em medidas variáveis em cada caso – os colonizados a aprender parcialmente a cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução da dominação, seja no campo da atividade material, tecnológica, como da subjetiva, especialmente religiosa. É este o caso da religiosidade judaico-cristã. Todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura (Quijano, 2005, p.121).

Ainda segundo o autor, a Europa obteve êxito na constituição do sistema mundo. Os interesses das religiões judaico-cristãs foram espalhados por todos os contextos das áreas colonizadas e os índios e negros permaneceram com a perspectiva de povos primitivos, atrasados e, portanto, deveriam ser expropriados de tudo e ainda mais da sua religiosidade (Quijano, 2005, p.121).

Para partir da nossa perspectiva de povos colonizados, Furtado (1989) e Moreira (2011), analisam, exatamente, este caminho de expropriação que atingiu a nossa formação, enquanto país, e que ainda se perpetua na constituição das sociedades atuais. Furtado trata a indústria açucareira como a “primeira grande empresa colonial europeia” (Furtado, 2007, p. 31) instalada no Nordeste. Moreira (2011) trabalha com a ideia de uma centralidade de todo o arranjo colonial no Brasil. Mas, o fato é que, para ambos, esse processo de expropriação gerou os acúmulos financeiros que a Europa almejava, às custas da criação de muitas fragilidades sociais como a fome, a imposição cultural, a escravidão, a criação de uma elite local subalterna aos mandos e desmandos dos colonizadores, as quais mantêm o desejo de ser os exploradores de sua população. Logo, estas ações perpetuam-se nos discursos que fortalecem o preconceito e nos hierarquizam no contexto da raça e, aí, os corpos mais atingidos são os corpos pretos e indígenas, os quais foram violentamente expropriados, e as nuances desse passado histórico estão presentes, marcadamente, no cotidiano, como já falado, às vezes de maneira mais sutil, outras vezes de maneira violenta. Nestas condições, aprofundam-se as mazelas, os preconceitos e as desigualdades e, no caso da Bahia, as decisões dos detentores do poder atingem as populações mais carentes de forma violenta, fato que gerou e ainda gera uma mobilidade “forçada” na região. E, neste caso, estamos diante de uma nova luta, somada às outras tantas que atingem nossos corpos – a migração.

3.2.1. O fato de migrar

Se manter na cidade, sem ter que migrar para outros lugares, é, para algumas pessoas, uma luta diária, pois, na verdade, seria um alento se migrar fosse uma escolha, e que, para se manter aqui, as pessoas não tivessem que trocar a dignidade pelo emprego. “A mobilidade da população não significa poder escolher onde morar, mas tende a significar a inviabilidade de permanência naqueles espaços, ou seja, trata-se de um fluxo que pode ser considerado como altamente compulsório” (Endlich, 2019, p.17). A migração é marcante e intrínseca nas três cidades. A principal cidade de destino da população de Santa Inês e Cravolândia é Brusque/SC.

Em uma das narrativas, escutei a motivação para migrar. Na conversa, a pessoa se destinou para esta cidade, aos 27 anos de idade, porque sentia uma angústia em continuar dependente da família, por isso decidiu migrar para trabalhar. A cidade de Santa Inês não oferecia oportunidades de emprego, assim migrou por conta própria junto com outra amiga, entretanto, o seu irmão já vivia lá com a esposa em uma casa pequena. Ao chegar lá, buscou outro lugar para morar com a ajuda de outra pessoa daqui da cidade. No lugar de destino as oportunidades de emprego eram muitas e não ficou sem trabalhar por muito tempo. Se mudou algumas vezes na cidade até ir para o centro, numa área onde havia poucas pessoas de Santa Inês. No seu relato parece que incomodava essa aproximação com pessoas da cidade de origem, porque qualquer coisa que fizesse lá já seria motivo de fofoca aqui. Por motivos familiares, decidiu retornar. Passou seis anos lá e voltou para casa para perto da família já faz quatro anos. A vida em Brusque era só trabalhar muito com pouco lazer e diversão, por isso hoje está certa que não voltaria, pois não conseguiu estabelecer relações, necessárias, para fazer de Brusque seu novo lar.

Para Buttimer (2015), “parece que a sensação das pessoas tanto com relação à identidade cultural quanto pessoal está intimamente ligada com a identidade de lugar. A perda do lar ou a ‘perda de seu lugar’ frequentemente podem acionar uma crise de identidade” (Buttimer, 2015, p. 06). Uma perda de lugar presente na fala da entrevistada é uma das causas para o seu retorno.

Mas, há também uma perda de lugar na vida das pessoas que precisam sair daqui. Há aqueles que almejam sair e que não saem por conta das relações familiares. Os que vão em direção a Brusque/SC relatam que passam por uma série de problemas capazes de atrapalhar a formação de uma nova identidade cultural ali, já que há muitos preconceitos, os quais são tão marcantes

que até se tornaram tema de uma dissertação de mestrado em 2018, intitulada: “Nordestinos em Brusque/SC: estigma e preconceito em relação aos novos imigrantes do século XXI”, de autoria de Cassaniga. O autor apresenta as condições dos processos migratórios nordestinos em direção à Região Sul, o foco está em migrantes de Itabuna, Ilhéus e Buerarema. Mas, nas pesquisas realizadas aqui, a migração para Brusque é uma constante, pois é comum que o (a) entrevistado (a) ou algum (a) parente já tenha ido trabalhar na cidade catarinense.

Brusque está localizada no Vale do Itajaí e resultou de uma colonização alemã. Sua principal atividade econômica é a indústria têxtil e, segundo o autor, seu avanço gerou os processos migratórios para a cidade, mas é também daí que surgem os primeiros estigmas. O autor se baseia em Seyfeth (1981), para indicar os caminhos da criação dos estereótipos entre sulistas e nordestinos. Os primeiros – o colono – operário – alemão – seriam os que após o trabalho na fábrica se dedicavam ao cuidado com a sua terra para “crescer” na vida; já os nordestinos – brasileiros, após o trabalho, saíam em busca de diversão e bebidas e por isso não tinham a intenção de melhorar de vida, já que não trabalhavam mais após encerrar a jornada na fábrica.

O estereótipo se cristaliza num preconceito que se enraíza e cria um “nós”, descendente de europeus povo empreendedor e trabalhador e, um “outro”, que não se esforçava ou trabalhava o suficiente - o brasileiro, como era chamado os não descendentes. Este estereótipo se aplica aos imigrantes que chegam à cidade, em particular aqueles que não têm origem europeia, como é o caso dos imigrantes que vêm do Nordeste (Cassaniga, 2018, p. 61-62).

Um estereótipo que marca as relações interpessoais na cidade de Brusque ainda hoje. Uma cidade que expandiu suas condições econômicas a partir das décadas de 1970 e 1980 e tornou-se uma área receptora de mão de obra. Mas, o fluxo nordestino se inicia no século XXI e, em 2010, havia quase três mil nordestinos em Brusque, dentre os quais, a maioria, baianos. O autor cita um momento de exposição das discórdias entre os (as) moradores (as) de Brusque e os migrantes baianos. Foi elaborada uma carta intitulada “aviso aos baianos” com um conteúdo ameaçador, a qual foi espalhada pela cidade, indicava que os baianos deveriam seguir os “bons modos” dos cidadãos e pedia morte aos baianos. Esse fato foi noticiado no dia 07/11/2013, em uma reportagem do G1 - Polícia Civil investiga carta que ameaça baianos no Vale do Itajaí. Documento circula na internet e culpa migrantes por problemas na cidade. Polícia Civil investiga origem da carta que apresenta indícios de crime racial (<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina>). Acesso em 08/06/2022). A carta, as histórias de vida e a luta materializam uma das questões que atravessam muitos corpos migrantes – o preconceito.

3.3. Trilhas do vivido em Jaguaquara – “A Toca da Onça”.

Jaguaquara meu recanto
 Terra de vasta cultura
 Terra da agricultura
 Hospitaleira és tu
 Terra de grande fartura
 Tudo o que se planta dá
 Um lugar de gente boa
 E muita história pra contar
 Jaguaquara é uma beleza
 Quero mostrar para ti
 Quem passa fica encantado
 Com tudo que ver aqui
 Jaguaquara o meu cantar
 É para te agradecer
 Por toda inspiração
 Que encontro em você
 De uma fazenda nascestes
 Uma cidade tão linda
 Que muita gente acolhestes
 E vives acolhendo ainda

Por Edson dos Santos e Altair Jacinto Braga

O poema retrata a Jaguaquara da intimidade, da inspiração, personificada no corpo dos escritores. Versos cantados que remetem ao carinho, ao acolhimento e a uma “vasta cultura”. Ao contrário das outras duas cidades analisadas nesta tese, raramente me vi sozinha em Jaguaquara. As pessoas da cidade e de fora estão mais nas ruas. As suas trilhas do vivido são mais extensas. Contornam maiores dimensões de áreas ocupadas por seus (suas) habitantes.

A ocupação expressiva do seu vale e de suas serras (figura 30) demonstram isso, pois dá lugar a muitas edificações, as quais são parte de uma “construção humana, produto social, trabalho materializado [...]. Se dá a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja de produzir, consumir, habitar ou viver” (Carlos, 2008, p. 45). A cidade é resultante destas ações e as primeiras relações estabelecidas também são de cordialidade, já que as pessoas são agradáveis e solícitas. Aqui há mais habitantes, mas a minha presença “forasteira” também foi identificada, pois, mesmo tendo mais áreas comerciais, as pessoas também se conhecem, além disso, também demarcava com as minhas indagações, por conta da pesquisa, que algumas perguntas não seriam feitas por um (a) cidadão (a) nativo (a).

Figura 30: Serras ocupadas - Jaguaquara/BA – 10/01/2020.



Foto: Flávia Souza

A fotografia foi acessada do alto da serra, onde se localiza a igreja matriz de Jaguaquara e de onde se tem uma vista vertical da cidade. É possível verificar como a ocupação, o uso do solo urbano, está caminhando do Vale e subindo para as serras, as quais estão cada vez mais perdendo sua imponência para ser a base de um espaço construído. O (a) observador (a) tem a percepção contemplativa da paisagem, porém é necessário descer a serra para visualizar a cidade de maneira mais horizontal.

Em uma das muitas conversas, um rapaz me perguntou qual era a minha cidade e disse que era Santa Inês, daí ele começou a me contar sobre a estranheza de um projeto para a instalação de protótipos de dinossauros, se não há registro de sítio arqueológico na cidade. Eu expliquei a relação do projeto com a presença do artista plástico – paleoartista Anilson Borges, executor dos protótipos espalhados por várias partes de Santa Inês. Após essa fala, houve um comentário sobre a descoberta da urna indígena em Lagoa Queimada e ficamos conversando sobre as diferenças geológicas e históricas dos dois fatos. Mas, ali, naquele contexto, senti que as narrativas sobre Santa Inês também chegavam em Jaguaquara.

É importante entender a mobilidade entre as três cidades. No sentido Jaguaquara – Cravolândia, a circulação ocorre, comumente, para visitar a família e amigos (as). Na direção Jaguaquara – Santa Inês, a mobilidade se dá pelos estudos, já que as pessoas se dirigem ao IF Baiano por conta dos seus cursos, vão também para trabalhar na cidade e no IF Baiano, para visitar amigos (as) e familiares e para curtir a Festa da Padroeira/Festival de Cultura de Santa Inês. Na rota

contrária, todos os dias, impreterivelmente, saem vans lotadas de pessoas de Santa Inês e Cravolândia com destino a Jaguaquara para, majoritariamente, realizar compras, além de buscar serviços hospitalares, bancários, ofertar os próprios serviços (marceneiro, eletricista, serralheiro), buscar os serviços de atendimento ao cidadão (SAC), ir ao CEASA e também para trabalhar. Quando pergunto as pessoas de Santa Inês e Cravolândia por que se dirigem a Jaguaquara, as respostas são: *“porque é o polo da gente”*, *“é um polo maior, é uma cidadezinha maior do que a nossa”*.

O polo maior apresenta, já na entrada da cidade, algumas características de um processo de urbanização desigual. Na altura da placa “seja bem-vindo a Jaguaquara”, ficamos diante de uma infraestrutura precária. Avistam-se casas de alvenaria sem reboco no topo do relevo que foi cortado para dar passagem à estrada. Nele, o solo e os tubos estão expostos, com lixo na encosta e risco de deslizamento, fato que demonstra a precariedade das condições de saneamento básico nesta área. A chegada a Jaguaquara pela BR 420 dificilmente passará despercebida por um (a) observador (a) mais atento (a) por conta dessa situação.

Portanto, na sua horizontalidade híbrida encontram-se elementos marcantes da urbanização (re) produzida pelos (as) detentores (as) do poder, com a intenção de construir a cidade do progresso, como nos diz a chamada publicitária da gestão sobre o ano de 2022: *“a toca da onça, na verdade, virou a casa do desenvolvimento”*. Assim, os semáforos, os sensores de redução da velocidade, as faixas de pedestres, a elevada circulação de veículos, as edificações e a centralidade do comércio expressam esta materialidade. Para Carlos (2008),

O semáforo é o símbolo da cidade de hoje, do seu ritmo febricitante, dos signos que emitem a ordem. Do tempo visto como sinônimo de pressa. De um tempo social diferencial construído por relações produtivistas. O decurso do tempo entre o “vermelho – amarelo – vermelho” marca o tempo da conversa, do relacionamento com o outro (Carlos, 2008, p. 18).

A autora se refere aos ritmos de uma grande cidade. Mas, esses símbolos são reproduzidos em Jaguaquara para atender a organização dos fluxos e já a diferencia de Santa Inês e Cravolândia neste quesito. Porém, aí ainda resta uma conexão. Ao contrário da grande cidade, aqui os ritmos ainda não foram totalmente cooptados a ponto de acontecer a perda da “identificação com o lugar e com as outras pessoas” (Carlos, 2008, p. 18). Os signos que emitem a ordem e organizam a “pressa” despontam e são agregados aos ares de uma vida mais intimista, em virtude, principalmente, da proximidade dos (das) seus (suas) habitantes, ou seja, nas ações humanas

cotidianas são identificadas a intimidade, a afeição e a proximidade entre as pessoas. É o híbrido da toca da onça.

A cidade possui uma maior dimensão populacional, demográfica e do comércio e serviços (figura 31). Seu comércio atrativo, a fama do hortifruti e sua formação territorial chamam atenção, mas a cidade encanta muito mais pelo contato amistoso e solícito de sua população.

Figura 31: Centro Comercial - Jaguaquara/BA – 10/01/2020.



Foto: Flávia Souza

O comércio é diversificado com uma circulação intensa, a qual cessa aos domingos. Neste dia, estas ruas ficam esvaziadas, nas demais a dinâmica da cidade é de circulação de pedestres, veículos e das vans que transportam os (as) moradores (as) de Santa Inês e Cravolândia. Jaguaquara destaca-se no vale pela produção de hortifruti, visivelmente presente na circulação de caminhões que entram e saem com os produtos do CEASA. O centro da cidade pulsa, mas as centralidades comerciais dos bairros também se mantêm ativas. Observa-se que ali circula um número expressivo de pessoas para trabalhar e estudar. As ruas e praças também acompanham o relevo acidentado e o rio Casca é espremido pelas construções, tamponado e poluído. Para Lima e Calhau (2012), Jaguaquara destaca-se

por sobressair-se regionalmente como produtor agrícola; ser um centro receptor de hortifrutigranjeiros, recebendo diariamente cargas desses produtos no seu Centro de Abastecimento, o CEASA; recentemente está sendo avaliado pelo seu potencial mineral, através de pesquisas geológicas; e por possuir um

dos três melhores índices de Gini do Território (0,752), atrás, apenas, de Mutuípe e Lajedo do Tabocal, com base no Censo Agropecuário 2006. Jaguaquara, contraditoriamente ao seu índice de Gini, se distingue, também, por congrega a maior quantidade de territorializações da luta pela terra no Vale. Em seus 928 km², abriga 4 assentamentos de reforma agrária, 3 acampamentos e 2 projetos de crédito fundiário (Lima e Calhau, 2012, p.01).

Nas áreas mais periféricas, há bairros de ocupação recente e ainda em fase de construção das residências, o que já tem gerado conflitos entre vizinhos (as) por conta de um (a) adentrar o espaço do outro (a) e gerar prejuízos, principalmente nos períodos de chuva. A ocupação ocorre, mas a presença dos órgãos de infraestrutura ainda é rarefeita, pois não há pavimentação e nem mecanismos para o escoamento da água das chuvas. As casas são construídas sem orientação técnica, assim como ocorre nas periferias de muitas cidades.

Alguns bairros dessa periferia contornam percursos íngremes com áreas residenciais e comerciais, onde as famílias compõem as suas narrativas, a partir de suas experiências vividas de geração em geração em uma cidade que oferece aos poucos uma melhoria das condições de vida, as quais passam a ser alcançadas, timidamente, por seus filhos e netos. Para avós e pais há uma forte vinculação com o trabalho por anos na zona rural, a posterior manutenção do emprego na Prefeitura e a alegria de poder ver nos (as) filhos (as) a oportunidade de uma vida de trabalho menos complicada. Mas, essa é uma realidade ainda bastante desigual, pois a gestão de Jaguaquara almeja o “progresso”, visível nas obras espalhadas pelo centro da cidade, e ainda ocorre a perpetuação das mesmas famílias no comércio, nos boxes da feira e nos cargos políticos.

Na rotina diária a maioria dos percursos são realizados a pé e alguns são feitos com mototáxi. Do bairro de Nova Jaguaquara até o centro onde ficam as agências bancárias, por exemplo, o percurso é de meia hora a pé. Do bairro São Jorge dá uns 10 minutos. No bairro São Jorge o comércio é diversificado e bem servido para atender a população local sem necessidade de se deslocar para o centro, mas alguns moradores (as) preferem “ir na rua”, modo como se referem ao centro. As ruas transversais do bairro São Jorge são tranquilas e com pouca circulação de veículos e, assim, as crianças se divertem em brincadeiras diversas, mas quando é futebol, são gerados alguns conflitos entre vizinhos (as). As crianças relataram que às vezes as bolas caem nos quintais e não são devolvidas, porém há mesmo o incômodo com o futebol, por causa do barulho dos chutes no portão. Nas ruas, é possível verificar um número até expressivo de

pessoas. É uma cidade com marcos referenciais do seu passado histórico, os quais são reconhecidos por uma parte da população.

Nos escritos de Rosa (2016) há uma abordagem da trajetória histórica de Jaguaquara fundamentada nas condições sociais, econômicas e políticas que formavam a Bahia, o Brasil e Portugal, desde os primeiros passos para a sua definição de cidade. O objetivo do autor foi traçar a trajetória humana de homens que consolidaram a formação de Jaguaquara. Para tanto, inicia a sua narrativa indicando o interesse de um português chamado Guilherme Silva de enriquecer no Brasil e que começou a trabalhar em Salvador, por indicação de outro português bem-sucedido que já vivia por aqui. Nessa busca por sucesso se dirigiu ao Vale do Jiquiriçá, impulsionado pela expansão cacauceira e pela instalação da Estrada de Ferro Nazaré (EFN). A fazenda Toca da Onça já existia e era comandada por uma firma chamada Fortunato Pinho Avelar & Cia, da qual Guilherme passou a ser sócio. Para o autor, este homem tinha uma capacidade intuitiva para os negócios, mas não imaginava, e sua esposa Luzia Silva, também não, que a toca se transformaria na cidade de Jaguaquara. Toda essa história para fornecer a informação de que o colégio Luzia Silva (figura 32) é a marca, na sociedade atual, do início de formação desta cidade. Atualmente, trata-se de um colégio de ensino fundamental localizado no centro da cidade de Jaguaquara.

Figura 32: Colégio Luzia Silva – Jaguaquara/BA – 10/01/2020.



Foto: Flávia Souza

Na continuidade dos seus contos, Rosa (2016) cita a importância do rio Casca para o desenvolvimento da produção agrícola da fazenda na época. A linha férrea foi uma das condições para a definição da cidade. Sobre a linha de ferro, Rosa (2016) explica que:

Em 1911, a linha do trem da Estrada de Ferro Nazaré (EFN) já estava em Santa Inês e começava a "caminhar" rumo a Jequié. Convém saber que, quando a EFN foi planejada (por volta de 1880), a Casca já era um pequeno povoado e a Toca da Onça não passava de uma fazenda inexpressiva, por isso, pelo traçado original, os trilhos do trem saíam da estação de Caldeirão (hoje, Itaquara) indo direto para o povoado da Casca, onde seria construída uma estação. Os engenheiros projetistas não podiam prever que a fazenda Toca da Onça fosse se transformar num próspero povoado, chegando ao ponto de, naquele ano (1911), estar maior e mais desenvolvido que o povoado da Casca. Portanto, manter o traçado original e atrofiar o crescimento da Toca da Onça seria um contrassenso (Rosa, 2016, p. 49).

Para que essa situação fosse revertida, os comerciantes locais solicitaram o desvio da linha férrea e o autor credita a Guilherme Silva o sucesso na solicitação pleiteada. O trem seria um dos responsáveis pelo surgimento desta cidade. Porém, os contos de Santa Inez (1987) demonstram uma situação oposta ao almejado pelos comerciantes e proprietários locais. No conto 88, Santa Inez (1987) descreve

Conto 33. Jaguaquara, a toca da onça

O trem chegou parando, parando, chiando, espirrando, fumaçando...o maquinista olhou para trás, automaticamente, onde umas dezenas de pessoas se acotovelavam, corriam e se abraçavam. Uns que chegavam, uns que partiam...um grupo de estudantes entrou, correndo, desceu pela outra porta, cumprimentou alguém conhecido e reuniu-se ao grupinho, fardado de caqui, cabelo aparado, falando alto, gesticulando. Foi aí, então, que entraram os dois soldados e o louco.

Ninguém gostou. Viajar junto com um louco! Ainda bem que os soldados estavam ali, tomando conta.

- Sou o prefeito. Mando prender e matar, se eu quiser. E mato mesmo. Fui nomeado pelo Governo da Bahia. Sou o prefeito de Toca da Onça. Sou o homem mais importante daqui. Eu tenho a proteção de Deus e dos santos e vou acabar com os crentes daqui.

Em seu discurso violento misturava política e religião, cordel e história, preconceito e ficção.

- Jaguaquara é Jaguaquara hoje. Mas, o nome antigo, o nome deixado por Deus, é Toca da Onça. Mas o Governo mudou o nome. E Deus castigou. E vai castigar. Quem peca tem que pagar. Paga!

Aquele discurso enervava os passageiros. Os soldados mandavam-lhe calar, mas não adiantava. O que adiantou mesmo foi o sono, quem sabe algum remédio que lhe haviam dado.

Recostou-se na cadeira e, em pouco, dormiu profundamente.

- Era um homem bom, trabalhador, disse um soldado. Agora está assim. Só fala em matar.

O aleijado perguntou se estava indo para a Bahia. O soldado sorriu, pensou um pouco e respondeu, meio constrangido e em voz baixa.

- Vai até Rio Fundo. Pra ver se Zé Felício dá jeito.

Zé Felício era curandeiro. Patrocínio resolveu opinar:

- Pura bobagem. É perder tempo. Devia ir era mesmo para a Bahia, para o hospício.

Um velho que se mantivera calado até aquele momento, resolveu contestar:

- O senhor vai me desculpar, mas eu aposto que ele volta de Rio Fundo curado. Já vi mais de um caso. O senhor já viu Zé Felício trabalhar?
 Patrocínio não gostava de discutir. Achava que aquele negócio de curandeirismo era bobagem, mas não ia se meter a esclarecer ninguém:
 - Deus ajude. É o que eu desejo.
 E enquanto o louco dormia, afastou-se para outra extremidade do vagão e recomeçou a sua música que encantava os passageiros e deixava Alípio mais triste:
 “Vou-me embora, vou-me embora
 Prá morena carinhosa
 Vou-me embora, vou-me embora
 Prá morena carinhosa
 Vou prá Chica, vou prá Bia
 Vou prá Dete, vou prá Rosa...
 E o trem parecia repetir a sanfona: Vou prá Rosa, vou prá Rosa, vou prá Rosa...
 (Santa Inez, 1987, p. 37).

O conto indica as debilidades do trem e ainda tem um louco “politico”, questionando a mudança do nome da cidade. O louco anunciou um castigo e Rosa (2016) chamou de “clientelismo” o que “matou a estrada de ferro” (Rosa, 2016, p. 52). No conto, nota-se um trem com muitos problemas “chiando e fumaçando” com pessoas se acotovelando, muitos atrasos, uma realidade que não agradava quem usava. Para Rosa (2016):

Sabe-se hoje que um dos motivos para tanta ineficiência da EFN foi a interferência política. Os grandes fazendeiros pediam ao governador para que o trem passasse por dentro de suas propriedades e lá desse uma “paradinha”, por interesse eleitoreiro, o governador mandava os engenheiros darem “um jeitinho” no projeto técnico da estrada para atender ao pedidos dos seus correligionários; o resultado dessas mudanças se mostrou desastroso, pois, daí surgiram curvas de raios menores que os especificados no projeto, rampas perigosamente inclinadas e paradas muito próximas, também não previstas na concepção da estrada (Rosa, 2016, p. 52).

Os interesses políticos individuais esteve presente na formação de Jaguaquara e continuam sendo parte da realidade ainda hoje. As situações descritas por Santa Inez (1987) e Rosa (2016) definiram as suas primeiras trilhas do vivido, marcada também pela presença da imigração italiana e japonesa na primeira metade do século XX. Esse processo migratório foi incentivado pelo governo brasileiro e os líderes políticos locais se prepararam para receber os imigrantes e disponibilizaram as terras que seriam ocupadas pelos italianos e japoneses, os quais ampliaram as práticas agrícolas e o papel de hortifrutí da cidade (Rosa, 2016). A partir da década de 1950, os italianos influenciaram, para além da agropecuária, na educação da cidade, pois data deste período a criação dos colégios Luzia Silva e Pio XII, ambos foram as minhas primeiras motivações para ir Jaguaquara e começar a refletir sobre a possibilidade da pesquisa. Os

registros históricos contam de um povo migrante trabalhador, esperado pela sociedade Jaguaquarense como transformadores das condições econômicas da cidade. Os imigrantes foram homenageados com um monumento localizado no centro da cidade, representativo do homem português, italiano e japonês, a escultura é chamada, popularmente, de *monumento dos três patetas*. Além do monumento, há muitas placas identificadoras do comércio local com denominações das famílias italianas e japonesas. A cidade expõe essa presença.

Em contrapartida, a essa presença que fez o acontecer dessa cidade, as trilhas do vivido de algumas pessoas estão pautadas nas expectativas de trabalho com alegrias e tristezas de ter uma profissão, ter a oportunidade de trabalhar com o que gosta e essa, infelizmente, não é a realidade comum de quem mora nesta cidade. Os estudos para alguns (as) é a maneira acessada para abrir portas para conduzir a vida com mais tranquilidade. As relações de vizinhança são marcas do fazer bem, do sentir-se acolhido (a) também naquele contexto de vida comunitária, a qual tem seus conflitos e ruídos, pois, às vezes, as relações expõem vidas privadas. Mas, diante disso, encontra-se a expressão da tranquilidade e muita vontade de crescer, uma sociedade que clama por oportunidades de emprego digno para a população da cidade, mas que se vê em meio aos desejos capitalistas dos latifundiários e da apropriação desigual da cidade.

No âmbito desta desigualdade, me vejo diante de um quilombo urbano – a comunidade quilombola Ocrídio Pereira, certificada como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares em 2013. Está localizado no bairro Casca e as famílias que ocupam esta área passam por inúmeros problemas sociais e de infraestrutura. São famílias humildes que residem em uma rua com escassez de saneamento básico e sérias fragilidades econômicas e sociais. De acordo com Eugenio, Tamborrielo, Nóbrega e Santos (2020), a partir de uma pesquisa pautada na narrativa oral dos (das) quilombolas,

A história da comunidade tem início no município de Itaquara-Ba, quando um fazendeiro residente na cidade chega de viagem trazendo quatro homens negros que fugiam da escravidão. Os homens, que ficaram conhecidos como os ex-escravos ou os escravos fugidos, desbravaram as matas das redondezas de Itaquara buscando um lugar adequado para desenvolver a agricultura para a sobrevivência do pequeno grupo que fora constituído ali. Na luta pela sobrevivência, os irmãos – que haviam constituído família em meio às andanças - se separam. Alguns começaram a se instalar nas proximidades das fazendas que encontravam no caminho, onde prestavam serviço ao dono do latifúndio em troca de um pedacinho de terra para produzir (Eugenio, Tamborrielo, Nóbrega e Santos, 2020, p. 168 -169).

Como não conseguiam nem alcançar as condições de subsistência, as famílias seguiram em direção a Jaguaquara, e foi no bairro Casca que iniciaram as atividades agrícolas. Como descendentes dos povos africanos, esse grupo escolheu a rua Lindolfo Porto como seu novo lugar e o chama de comunidade Lindolfo Porto. Após se identificarem como descendentes de ex-escravizados, inicia-se a articulação para a definição de uma comunidade quilombola em Jaguaquara que recebe o nome do avô da presidente do quilombo – Anália (Eugenio, Tamborrielo, Nóbrega e Santos, 2020). Os (as) autores (as) foram em busca da história de formação do quilombo com Anália:

Dos descendentes de africanos, quem primeiro chega a Lindolfo Porto é um tio de Dona Anália que se chamava Antônio. Outras pessoas da família acompanham Seu Antônio, incluindo sua mãe, a quem acompanha poucos meses depois: “Minha mãe veio primeiro. Depois de uns três meses eu vim”. As contas feitas por Dona Anália apontam que os primeiros descendentes chegaram à Rua Lindolfo Porto há cerca de 40 anos atrás. A família de Dona Anália veio para Jaguaquara em busca de melhores condições de vida e essa vontade (a melhoria de vida) foi plantada no coração dos que ficavam na roça, que esperavam a primeira oportunidade para seguir o caminho dos outros (Eugenio, Tamborrielo, Nóbrega e Santos, 2020, p.170).

Os (as) autores (as) realizam a análise antropológica a partir de uma identidade étnica, identificada a partir das falas de dona Anália, as quais expressam sentidos de uma coletividade quilombola indicada nos momentos que a entrevistada fala da sua “gente”. Essa gente vive hoje em condições de precariedade em todos os sentidos e, nos períodos chuvosos, os riscos são ampliados, por ser uma área propícia a desabamentos e o rio Casca estar poluído. Infelizmente, os episódios com as chuvas são recorrentes em Jaguaquara, por conta do frágil saneamento e pelas condições do rio, a cidade facilmente fica alagada. Em episódios mais intensos as imagens são noticiadas em programas de TV.

No início de 2023, a prefeitura de Jaguaquara anunciou em suas redes sociais, a construção de residências para os (as) moradores (as) da comunidade quilombola (figura 33). Após anos de espera por atenção e moradias dignas, a comunidade começa a alcançar um pouco do que é seu por direito.

Figura 33: Vista aérea da comunidade quilombola Ocrídio Pereira – Jaguaquara/BA.



Fonte: Instagram – Prefeitura Municipal de Jaguaquara – 2023.

A imagem foi extraída de um vídeo panorâmico, publicado na página do Instagram da prefeitura, para indicar as mudanças que ocorrerão nesta área no ano de 2023 com a execução do projeto residencial quilombola Casca, mas o vídeo escancara as circunstâncias de miserabilidade, às quais estão submetidas estas famílias, residentes aí há muitos anos. Além disso, também é precário o acesso às oportunidades de trabalho e aprendizagem. São famílias que vivem, principalmente, dos programas assistenciais do governo federal e que têm uma vida marcada por angústias e incertezas. Assim, se constitui o híbrido da Toca da Onça - da importância do passado, da imigração, dos signos da urbanização, da presença de um quilombo urbano, das grandes festas e da característica de uma cidade também afável. Ao solicitar que o (a) entrevistado (a) pense sobre sua cidade, captei momentos interessantes, quando se dá uma relevância ao papel da cidade:

É uma cidade no Vale do Jiquiriçá com um pouco mais de 50 mil habitantes tem um destaque muito grande no hortifrutigranjeiros, somos produtores e comerciantes, abastecemos várias cidades, inclusive a nossa capital, com os produtos que saem do Ceasa três vezes por semana. O Ceasa é o coração econômico de Jaguaquara, é ele o responsável por gerar a maior parte dos empregos ofertados na cidade. Somos a maior cidade do Vale e nosso

comércio se destaca, fazendo com que venham moradores das cidades vizinhas comprar aqui, temos algumas lojas de rede como Magazine Luiza, Americanas, Gbarbosa, Cacau Show etc... Que não tem nas outras cidades do Vale e isso acaba atraindo as cidades vizinhas (Nubia – trecho de entrevista).

Jaguaquara é uma cidade acolhedora, habitada por pessoas cativantes, com um comércio bastante representativo e em expansão. Por anos é mal gerida, desta forma mostra-se deficiente em alguns setores. Tem sua principal fonte econômica a agricultura, que gira principalmente na comercialização no Ceasa. Jaguaquara é um município de extensão territorial extensa, tendo sua zona rural rica em rios e cachoeiras, infelizmente, pouco explorada turisticamente. Não oferece muitas oportunidades de empregos aos jovens, nem a rede educacional oferece meios de capacitação, além de não ter opções de lazer aos cidadãos, principalmente a juventude (Alex – trecho de entrevista).

Cidade de povo acolhedor. Ótima para quem gosta de um lugar calmo e clima mais frio. Não serve para quem não gosta de fazer caminhada e não tem transporte, todos os bairros ficam no alto exceto os bairros Lagoa e Casca (Emerson – trecho de entrevista).

As falas empolgadas e críticas dos (das) entrevistados (as) apresentam as motivações para a saída das pessoas de cidades vizinhas (Santa Inês e Cravolândia) em direção a Jaguaquara, para movimentar, justamente, os lugares citados, os quais fazem da cidade uma área de muita visitação e circulação. Ainda assim, as condições de trabalho são sempre questionadas pelos (as) próprios (as) cidadãos (as). A oferta de trabalho existe, mais com frágeis garantias de direitos e remuneração. A maior parte da obtenção do emprego é feita por uma indicação e daí amplia-se esta rede de relacionamentos: mas aqueles que estão fora da rede ou não possuem a qualificação esperada por quem oferta o emprego se vê obrigado a migrar. Na fala de outra entrevistada,

as pessoas que trabalham no comércio, ou seja, nas lojas geralmente não recebem salário mínimo, outras trabalham de forma temporária "nos períodos festivos", e a maioria vão em busca de trabalho no Ceasa onde é a fonte de renda da cidade (Jeane - trecho de entrevista).

Nestas situações, a classe trabalhadora está voltada para esse acúmulo de trabalho e pouco tempo resta para outras atividades. Há aqueles que também estudam e aí fica muito complicado usufruir das poucas áreas de lazer da cidade: as praças, os clubes, bares, restaurantes e as festas. Logo, é um *“lugar acolhedor”*, *“bom de morar”*, *“tranquilo”*, termos que são inseridos em primeira mão, mas acompanhados, principalmente, das questões relacionadas à geração de emprego e renda. Para os (as) entrevistados (as), se a pessoas têm uma renda digna, a cidade não é um defeito, é um direito.

4. AO PERFORMAR, PRODUZIMOS ESPAÇO?



Ai, performance é muito no sentido de corpo, tá muito ligada ao corpo e como as pessoas, elas vão exemplificar o corpo. O que seria isso? É basicamente como as pessoas vão colocar a forma corporificada pra fora, entendeu? E vai simplesmente fazer. Tudo o que você faz é uma performance. Então se você anda é uma performance (Matheusa – trecho de entrevista).

Performar! Vejo só as meninas trans lá, performando beleza (risadas) naquele jogo (de futebol) extremamente machista e elas lindas assim ó, incrível (Vanessa - trecho de entrevista).

Figura 34: Casamento de Kelry – Santa Inês/BA Croqui elaborado por Janari Souza

É incrível reconhecer que a abertura para a convivência respeitosa com todos (as) os corpos é algo que engrandece a nossa ação no espaço, mas em contrapartida também é difícil estar aberto (a) e colocar o nosso corpo para jogo, em uma sociedade que julga, fere e mata aqueles (as) que estão, em suas avaliações, fora de um padrão hegemônico. As nuances desse corpo em jogo são inúmeras, porque são políticas, econômicas, científicas, sociais e atingem com mais frequência aqueles (as) que estão fora desse enquadramento.

Nos percursos do ir e vir, corpos sociais³³ se cruzam e se encontram. Às vezes, há escolhas nesses encontros, outras vezes, simplesmente acontecem. Mas, o fato é que quando estamos na

³³ Para Lefebvre (2006), as análises da produção do espaço têm o corpo social como “ponto de partida e chegada”, o qual encontra-se “torturado, quebrado[rompido/mutilado] por uma prática acabrunhante – a divisão do trabalho – pelas instâncias?” (Lefebvre, 2006, p. 269). Na continuidade das suas reflexões, Lefebvre enfatiza a dialética, historicamente constituída entre corpo e espaço e percorre suas exemplificações, ao afirmar a “copresença do espaço e do Ego mediado pelo corpo. Assim, o referido autor indica que “o corpo espacial, tornando social, não se introduz num “mundo” preexistente; ele produz e reproduz; ele percebe o que ele reproduz ou produz. Esse corpo traz nele [carrega consigo] suas propriedades e determinação espaciais” (Lefebvre, 2006, p. 278).

rua há uma previsibilidade das nossas ações, mas não há um controle efetivo sobre situações que possam ocorrer nesta presença pública. Deste modo, quando corpos trans decidem estar na rua, há ali um ato geográfico, já que este corpo traz, em si, muitas questões que nos levam a uma reflexão. Como uma pessoa trans produz espaço? Como esta pessoa transforma o espaço? Como a sociedade lê esta pessoa? Se esse corpo trans se apropria do espaço com suas ações, o que há de performático nisso?

Agora, imagine um estádio de futebol. Imagine o seu público. Em meio a vários corpos diferentes, estão os corpos trans, estes últimos não deveriam chamar a nossa atenção. Mas porque chamam? Numa sociedade aberta às diferenças e ao respeito mútuo, estaríamos diante de pessoas que usam o estádio para torcer para seu time predileto, se divertir ou contemplar uma partida de futebol. Porém, a situação não é essa, mesmo sendo parte de um público onde a intenção é a torcida, ainda é possível notar olhares críticos e comportamentos julgadores. Logo, para se manter ali e realizar o seu objetivo de contemplar o jogo, há uma expressiva resistência, demarcada na escolha da roupa, da maquiagem, do penteado, no jeito de se impor e agir e, assim, “performar beleza”.

Corpos trans são vitimados por essa sociedade transfóbica todos os dias. Os casos estão nos noticiários e situações diversas extrapolam o que há de humanamente aceitável. De acordo, com a reportagem do Extra (01 de fevereiro de 2023), uma mulher trans foi constrangida, ao ser expulsa por tentar usar o banheiro feminino no ensaio da escola de samba Unidos da Viradouro, em Niterói, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Extra, fevereiro, 2023). Ocorrem experiências intersubjetivas lastimáveis, mas outras nos fazem acreditar que a luta constitui direitos.

Em Santa Inês, tive a oportunidade de entrevistar Taty Kelly, primeira mulher trans a ter o registro do nome social no cartório da cidade, um momento de grande importância para a sua própria vida, como ela nos relata:

Era meu sonho assim, eu não entendia, na época, quando eu era criança, eu não entendia, pois diziam assim ela é uma menina, aí meus pais diziam: Não, ele é um menino. Eu sempre não entendia, depois com o tempo, eu vim entender que para ser a mulher que eu queria, eu tive que sair cedo de casa, para me tornar e ser a mulher que eu sonhava. Mas ainda, eu estava incompleta porque eu mesma me batizei com meu nome de Taty, que hoje é no papel, fui identificada, graças a Deus e a defensoria pública que fez um trabalho

maravilhoso, depois que eu tive acesso a eles que eu consegui, fui registrada aqui no cartório de Santa Inês (Taty Kelly – trecho de entrevista).

Taty é uma mulher que sonha em ser Ialorixá e está trabalhando para alcançar seu sonho; ela define sua trajetória em três palavras: amor, coragem e força. A transfobia foi um dos motivos que a fez desistir dos estudos, porque foi agredida no banheiro da escola onde estudava ainda na adolescência. Foi, então, em busca de trabalho para se manter, porque já estava sozinha e em desamparo. Ainda assim, relata o medo de retornar à escola e passar por outra experiência como esta. Hoje, ao andar em Santa Inês, se sente respeitada, reconhecida como mulher, mas ainda há muito preconceito, pois não estão garantidas as relações de confiança. Quando fiz a pergunta: como é viver em Santa Inês? A sua resposta foi marcadamente situada:

Viver em Santa Inês aqui é muito massa, muito bom. De todos os lugares eu sempre falo que o melhor lugar é aqui, só a questão ainda é o trabalho, porque eu acredito que as coisas venham melhorar, que as pessoas abram mais a mente pra gente né? porque se eu não me engano aqui em Santa Inês tem muitas pessoas LGBTQIA+ que aí não têm oportunidade, assim, eu não formalizei a minha escolaridade, mas tem outras pessoas que formalizaram e estão aí apagadas né? assim, eu sempre falo e dou exemplo do Ti, do Fernando, de outras pessoas, vão estar sempre lá, porque tá sempre mais próximo a eles, ao poder do sistema né? do CIS, - Ah, eles são vistos. Mas, eu quero ainda ver as mulheres trans lá, porque tem essas pessoas, são mulheres trans que têm formação e tão trabalhando no fundo de cozinha, ainda não tô bem com isso, mas eu quero ver essas mulheres aí (Taty Kelly – trecho de entrevista).

Essa solicitação, esse clamor de Taty, está espalhado pelo Brasil afora. Há uma luta vigente por respeito aos corpos trans e a todos os seres que compõem as letras LGBTQIAP+. Em sua interpretação, Santa Inês ainda precisa abrir mais espaço para o debate da diversidade, pois não é só fazer postagens nas redes sociais nos dias referentes à luta. Ainda assim, pelo fato de ser uma cidade pequena, Taty diz não ter medo de estar em Santa Inês, enfatiza que seu andar é de luta, mas ser mulher trans em Santa Inês,

(suspira) Aí, é o silêncio. A gente é muda, como se a gente não tivesse voz. Eu acredito que a gente só tem voz no ano político. Quando eu saio na rua, claro que o silêncio quebra, eu sempre falo que eu estou aqui para facilitar a vida de outras pessoas, porque eu já passei por coisas que tem pessoas aqui que nunca passou, na sociedade que elas estão crescendo, que elas são adolescentes, porque eu sempre falo que hoje é mais fácil ser uma mulher trans, ser um homem trans, ser um homossexual. Porque tem homossexual que passou por coisas que esses nessa geração não vão passar, entendeu? então quando a sociedade vem e nos abraça é mais fácil e eu acredito que hoje aqui a sociedade abraça a gente, mas falta ainda muita coisa, nesse abraço. Falta o abraço sincero de cada uma dessas pessoas, é o que falta. Eu deixo uma marca para alguns, mas para outros, ainda vejo como a pessoas me olham, entendeu? Porque assim, abraçar, todo mundo te abraça, mas o jeito que as pessoas te

olham é diferente, então você sente quando é verdadeiro (Taty Kelly – trecho da entrevista).

O encontro com Taty me deixou emocionada. Ela me recebeu em sua casa toda arrumada, porque seria um momento importante para nós duas. Para mim, toda vez que Taty sai às ruas em Santa Inês ou desfila, lindamente, no coreto da cidade para fazer as suas fotos, está presente ali um corpo performático. Uma existência humana que nos faz refletir.

Quando ações humanas provocam transformações na nossa maneira de pensar o espaço, estamos diante de atos capazes de construir trajetórias e narrativas que influenciam e transcendem reflexões e conectam ações em busca de uma coletividade. As situações cotidianas são as mais diversas, mas todas elas são, segundo Relph (1979), parte de uma consciência geográfica, fruto de nossas experiências com lugares, espaços e paisagens. No dia a dia, caminhamos e nos apropriamos de algo, numa apropriação geográfica pré-reflexiva. No contexto de nossas experiências com lugares, paisagens e espaços, destacamos algumas, deixamos passar outras e algumas podem marcar nossa vida.

A experiência humana é um acúmulo de vida – com traços do passado, das lembranças, da imaginação, do presente. E, tudo está aí! Acontece todos os dias, em múltiplos contextos, criando e produzindo transformações subjetivas e materiais, que devem ser restituídas. O acontecer da sociabilidade define como são os lugares, a partir de dinâmicas humanas as mais diversas, mas esta definição não é palpável em todas as suas nuances. Pois, estaremos diante de perfis, de horizontes, já que não é estanque e nem tudo está dito, quando se fala da presença, por exemplo, de um corpo trans no estádio de futebol como resistência. Porque é preciso perguntar: o que se passou naquela trajetória de vida, para que naquele momento aquela pessoa tivesse naquele estádio “performando beleza”? E a pessoa da reportagem? será que esperava ser humilhada e escoraçada, apenas pelo fato de ir ao banheiro? E Taty e o silêncio?

São inúmeras sensações, por isso, qual o sentido de se fazer uma interpretação geográfica pautada em uma experiência humana performática? Como os estudos da performance permitem interpretar atitudes corporais como manifestação da realidade urbana? Se performamos, produzimos lugares, paisagens e espaço?

Aproximar as abordagens geográficas de um fazer artístico é sempre um desafio, ainda mais quando essa arte já está difundida em sua área de origem e também vem sendo explorada por

outras ciências sociais, pedagógicas e sendo um termo muito simplificado pelo senso comum. Em alguns contextos, a palavra performance é banalizada e associada a uma valoração, ao bom desempenho de uma atividade. A mediação entre as análises geográficas e os estudos da performance foi um respiro, pois proporcionou a desconstrução/reconstrução das questões que nos cercam e que, por vários motivos, minam a nossa capacidade de pensar a ciência geográfica de forma lúdica e criativa.

Nas nossas trocas cotidianas aguçamos a ludicidade e a criatividade em alguns momentos. Para refletir sobre este ponto, estudar a performance foi uma condição fundamental. Trata-se de um fazer artístico em si, questionador, transdisciplinar, libertador, pois o corpo é forma e conteúdo, exposto em um grau de visibilidade que pode ser agradável ou não para quem observa. Mas, passa uma mensagem significativa para determinados contextos. Na performance, o corpo é a obra de arte; é a base da ação; é manifestação de um conteúdo. Um corpo como obra/vários corpos como obras - um caminho para restituir o urbano como obra e a cidade como direito (Lefebvre, 2001).

Meu corpo como obra aciona outros corpos de alguma maneira. No cotidiano, as pessoas querem viver seus momentos, sentem, extravasam e se entristecem; querem diversão e se expressam em seus corpos de maneira completa, inteira. Se cantam uma música juntos (as), movimentam os braços, os quadris e os pés; agregam outras pessoas e espantam outras tantas, que não querem ouvir a música ou não querem participar da dança, não querem se enturmar ou se incomodam com o fato de outras estarem se divertindo; há conflitos nestas ações. E conflitos também impulsionam ações questionadoras e, assim, muitos (as) artistas foram induzidos (as) a questionar os seus contextos, utilizando o corpo como ferramenta, como manifestação, como materialidade.

De acordo com Santos (2008), a performance resulta da associação com muitas áreas artísticas (dança, teatro, artes plásticas, artes visuais, dentre outras), por isso trata-se de uma arte híbrida, muitas vezes efêmera e de difícil definição.

o que mais importa para muitos artistas performáticos não são as definições, os conceitos, muito menos as classificações e teorias relacionadas à arte da performance. A ação é o mais importante, o ato de elaborar, exhibir, e, sempre que possível ou necessário, “performar” (Santos, 2008, p. 05).

Os estudiosos da performance apresentam a multiplicidade de definições que este termo carrega e as nuances da sua existência, enquanto estudo teórico, já que muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas em muitas áreas do conhecimento, indicando a versatilidade e abertura deste tema. Os caminhos não são lineares. Com a Geografia, trilhei caminhos sinuosos para, sinuosamente, ler corpos-cidade-performáticos.

Os corpos performáticos compuseram os movimentos artísticos e os grupos de artistas durante o século XX. Em suas feitura artísticas desafiavam as regras impostas e engessadas no âmbito da arte mundial. Os primeiros atos, neste contexto, surgiram na Europa (Itália, França, Alemanha), Estados Unidos, Rússia, América latina, os quais tinham a disposição de subverter o hegemônico e apresentar outras formas possíveis de se fazer arte (Goldberg, 2006; Schechner, 2006).

A arte da performance remonta a um passado distante, já que “a origem dessa ideia do uso do corpo humano como sujeito e força motriz do ritual, remonta aos tempos antigos” (Glusberg, 1987, p.11), desde o pecado original judaico-cristão e a representação de Adão e Eva nus no paraíso terrestre até o kabuki e o nô, arte tradicional japonesa, que misturava canto, dança e representação. No kabuki e nô, os (as) artistas utilizavam muitas indumentárias em seus corpos e bastante maquiagem em seus rostos. Os rituais tribais e os mistérios medievais também compõem as análises, assim como os espetáculos elaborados por Leonardo da Vinci, durante o século XV. Todos esses exemplos são considerados como pontos de contato com o que é a arte performática (Glusberg, 1987).

Assim, muitas escolas de vanguarda durante o século XX incentivavam um processo de integração de pintores, dançarinos, poetas, escultores, dentre outros, a partir do qual se originava o artista moderno. Ganhou mais espaço durante a década de 1960 com a elaboração de espetáculos – ação do novo realismo, nos quais a performance fazia parte da criação da obra de arte (Dempsey, 2010, p.222). Além disso, trazia em si a ideia de liberdade, pois era acessível a qualquer pessoa. Assim, de acordo com Dempsey (2010), “a performance, fosse ela denominada, ação, arte ou arte direta, permitiu aos artistas romper as fronteiras entre a mídia e as disciplinas, e entre a arte e a vida” (Dempsey, 2010, p. 223). Por este motivo, influenciou várias manifestações sociais da década de 1970 e trouxe consigo um aspecto de subversão significativo por possuir um caráter indefinível.

O fato é que, para esses estudiosos, muitos artistas se inspiravam em situações da vida cotidiana para realizar suas performances e, neste sentido, “o que se buscava era uma vasta abertura entre as formas de expressão artística, diminuindo de um lado a distância entre a vida e arte, e, por outro lado, que os artistas se convertessem em mediadores de um projeto social (ou estético social)” (Glusberg, 1987, p.12). A inserção da performance no contexto de movimentos artísticos consolidados, a exemplo da Bauhaus³⁴ e do neodadá³⁵, ocorre como algo que se encontra no cotidiano, do qual pode se visualizar uma originalidade criativa, lúdica e capaz de partir de experiências novas.

A partir das bases teóricas e práticas originárias da performance e a conexão com o fazer geográfico, o corpo performático foi analisado como a materialidade e a representação do ser-estar no mundo outro, intersubjetivo, captado nas ações em sua diversidade. Os corpos em ação no acontecer da vida ocupam, se apropriam e produzem lugares, espaços e paisagens, de maneira que estes existam por conta do vínculo entre nós, seres humanos, e a terra. Geograficamente falando, são as relações que produzem a vida e despertam a nossa própria existência.

Nas manifestações humanas, há uma entrega corporal, em especial, naquelas ligadas à popularidade, a maneira de conversar com as pessoas. A cada passo um cumprimento, um sorriso, um olhar e uma parada para conversar com os conhecidos em qualquer momento do estar na rua. Uma geografia em ato que se realiza a partir do corpo. Para Corrêa (1989),

É assim que as relações que os indivíduos mantêm com os lugares habitados – através de seus corpos – se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no acidental; momentos do cotidiano dos habitantes em sua relação com os lugares da vida. É desta forma que os lugares vão

³⁴ A Escola Bauhaus (1920) tinha o projeto de formar artistas e artesões para atender as necessidades da sociedade urbano-industrial em ascensão. A escola seguia ideais políticos socialistas e visava unir processos de vida associados à arte, à técnica e à estética sob uma perspectiva funcional, ou seja, buscava um racionalismo arquitetônico, além de tentar sanar a crise de valores que assolava a Alemanha após a 1ª guerra mundial. Após mudanças ideológicas, pelo distanciamento da esquerda e por pressões nazistas, a escola foi oficialmente fechada em 1933 (Dempsey, 2010). De acordo com Goldberg (2006), no contexto da escola Bauhaus foi criado o primeiro curso de performance oferecido em uma escola de arte. Muitas performances ocorreram no contexto da Bauhaus e reforçaram seu caráter de expressão artística independente, porém, com os efeitos do contexto político entre guerras, as manifestações performáticas enfraqueceram.

³⁵ O neodadá (1950) preconizava uma arte sempre em processo. Para os artistas, a arte é socializada. A arte deveria conter uma mistura de materiais e mídias e existir de forma expansiva e exclusiva com o uso de materiais populares e comuns à realidade cotidiana. Priorizavam o trabalho coletivo e em cooperação e se ligavam em outros contextos artísticos como a música, a poesia e a dança. Tinham o interesse nas questões sociopolíticas e as obras traziam uma crítica social ao mundo contemporâneo que se instalava. Foram inspirações para manifestações da sociedade civil durante a década de 1960 (Dempsey, 2010).

ganhando sentido através das apropriações vividas e percebidas através do corpo e todos os sentidos humanos (Corrêa, 1989, p. 43).

Ganhar sentido é uma ação reflexiva, que nos conecta aos lugares. Uma ligação profunda, protetora, mas também devastadora, na qual nos colocamos como corpo.

É através de seu corpo, de seus sentidos que o homem constrói e usa os lugares – um espaço usado em um tempo definido pela ação cotidiana. Isto é, o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida - daí a importância do corpo e dos sentidos que comandam as ações, que envolvem e definem o ato de morar que tem a casa como centro, mas que a partir dela vai ganhando os significados dados pela articulação desta com o bairro, com a praça, com a rua através do movimento da vida. Nesse processo vão se identificando os lugares da vida, marcando/apoiando a relação com o outro. Assim se constrói a tríade cidadão/identidade/lugar, que aponta a necessidade de considerar o corpo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço (através dos modos de uso) e significa que nossa existência espaço-temporal, tem uma corporeidade, pois agimos através do corpo; é ele que nos dá acesso ao mundo” (Corrêa, 1989, p. 44).

A atitude corpórea de andar e usar a rua é vivida. Como seres sociais, nossos corpos apresentam traços de um vivido experienciado que marcam outras trajetórias e histórias que diferem da minha, mas que me permitem ter a coragem de colocar o meu corpo na rua. A coragem de quebrar barreiras e limites pré-estabelecidos marcou a origem da arte da performance, ao se aproximar da performance arte, a qual intencionava um contato cada vez mais direto com o público. Trata-se, portanto, da busca por liberdade, uma manifestação ilimitada, a qual se pauta na comunicação com várias possibilidades artísticas. Por isso, os (as) autores (as) apresentam as narrativas e descrições detalhadas dos eventos artísticos que marcaram a existência da performance ao longo do século XX e com essas narrativas demonstram como esses (as) artistas se preparavam para ir de encontro às barreiras artísticas impostas à época e, assim, se destacar no mundo da performance (Goldberg, 2006).

Alguns exemplos são sinalizados na França e na Itália (início do século XX). No contexto, do movimento futurista, poetas como Felipo Tomaso Marinetti e Alfred Jerry realizaram as suas primeiras performances. Alguns pintores também entraram no movimento e, assim, a performance (re) inseria estes artistas em novos contextos como criadores, produtores e objetos desta atividade, para qual não precisariam deixar de ser poetas, pintores ou escultores. Destacam-se no contexto futurista, os saraus, o teatro de variedade e a arte dos ruídos. Se realizava uma performance crítica e questionadora, subversora do mundo da arte, crítica aos padrões da época e aberta para possibilidades de uso de várias formas, acessórios e temáticas. Na Rússia, as performances questionavam a velha ordem, o movimento impressionista e o

cubismo e o regime czarista. No movimento dadaísta, as performances se baseavam na vida cotidiana e, além disso, alguns artistas, a exemplo de Frank Wedeking, possuíam uma vontade provocativa relacionada a questões sexuais e que gerou problemas com a censura. Logo, os futuristas e dadaístas deram início ao acontecer da performance.

De acordo com Glusberg, alguns eventos marcam o contorno da Body-art (corpo como obra de arte ambulante) e da performance. O autor cita o recital produzido por dances workshop em 1962, o qual foi responsável por mudanças no mundo da dança moderna, por reunir trabalhos inovadores de artistas e coreógrafos; e a fundação do movimento Fluxus, promotor de concertos que misturavam “happenings (mais livres que os habituais), música experimental, poesia e performances individuais” (Glusberg, 1987, p. 38). O Fluxus levou a uma distinção entre *happenings* (arte com o corpo dotada de improvisado) e performance, gerando a dissolução do primeiro, em virtude da necessidade de transformar o artista em sua própria obra e, neste sentido, a fotografia pode ser uma forma de registro da performance. Para Glusberg, então,

A performance é um questionamento do natural, e ao mesmo tempo, uma proposta artística. Isso não deve causar surpresas: é inerente ao processo artístico o colocar em crise os dogmas – principalmente, os dogmas comportamentais – seja isso mediante sua simples manifestação ou através de ironia, de referências sarcásticas, etc. (Glusberg, 1987, p.58).

É uma dimensão que coloca as regras em crise, pois o uso do corpo na performance é um fator desalienante (Goldberg, 2006). Em determinadas situações da vida cotidiana, a experiência – corpo e suas ações, podem ser subversivas, a partir da forma como ocorrem e, para além disso, podem interferir na esfera da subjetividade. Em cada ação, há um desejo íntimo de utilizar o corpo como expressão, sem reflexões sobre a potencialidade de utilizar o seu próprio corpo para uma ação – artística, lúdica, de trabalho na rua ou mesmo de andar na rua.

Assim, como já dito antes, quando um ser-e-estar-no-mundo demarca sua existência com indumentárias que marcam raízes - ancestralidades, a exemplo do povo do candomblé ou dos povos indígenas, não há como isso passar despercebido e não se afirmar que, no ato de andar, há um corpo que performa e produz espaço. Este corpo materializa uma trajetória histórica de luta e exhibe os prejuízos de sua anulação, de sua ausência. É um ato de resistência. Os passos dados por quem é de candomblé toca algumas outras pessoas na rua, pois encontros foram proporcionados e as reflexões podem ter sido alcançadas. Esse mesmo corpo, muitas vezes, está apenas andando na rua, sem a pretensão de provocar, porém, mesmo sem intenção, há

provocação, há uma marcação neste espaço – uma cidade pequena – que tem a diversidade estampada, mas que, infelizmente, reproduz a tentativa de apagamento destes povos. Por isso, mas uma vez, se uma pessoa de candomblé transita em Jaguaquara, Santa Inês e/ou Cravolândia, em um dia sem festejo, ela resiste. Este mover de um corpo, de uma mulher ou de um homem, vestida (o) de branco, com turbante na cabeça, com colares diversos, repercute, pois se torna materialidade diante quem vê, pois é um corpo como matéria para ser/fazer uma ação no mundo, um corpo que é manifestação – “um salto no vazio”³⁶ contra a arrogância e a estupidez da sociedade.

São corpos da resistência, da luta, do lúdico e, são também, criadores dos enredos da vida cotidiana, capazes de aguçar o nosso ato de imaginar: uma reunião de vizinhos (as) em uma noite fria na calçada e com diálogos engraçados sobre a família e suas chacotas também pode ser considerada nesse contexto. As horas passam mais um pouco e as risadas dão lugar a conversas em tom de suspense. O tema: as visões que aparecem no hospital de Santa Inês. O narrador entoa uma voz mais baixa e os contos começavam a gerar arrepios em quem ouvia e chacota por quem desacreditava. Arrancava risos e curiosidade e o narrador ali seguro da veracidade dos seus sentimentos por acreditar que o fato de morrer muitas pessoas boas e más naquele ambiente gerava sim a possibilidade de circulação de espíritos; e por isso tinha medo de permanecer nos quartos dos fundos do hospital na direção da antiga pedra - local onde são colocados os corpos sem vida.

Em meio a todo esse enredo, constato: são corpos performáticos que produzem o cotidiano. Um narrador cria o seu texto com base em suas experiências e nas trocas de histórias que se assemelham a sua história vivida e agora a passa adiante. Ali, reunidos (as) estamos de pé, na escuta e em um pequeno círculo, intrigados (as) e desacreditados (as) do que ouvíamos, mas curiosos (as) para entender até que ponto esses símbolos do suspense são verdadeiros e chegam até a gente. O narrador não só fala, ele se expressa corporalmente, a iluminação estava baixa, daí ele também baixava o tom de voz e nos contava olhando em volta, quase perto dos nossos ouvidos, já que estávamos com os corpos inclinados e próximos. Tudo estava acontecendo ali,

³⁶ Um marco no processo subversivo da performance é a obra Salto no vazio. Na fotografia, Yves Klein utiliza o próprio corpo com os braços abertos em um salto do alto de um muro, para denunciar as expedições da NASA como arrogantes e estúpidas. Klein era um artista eclético, pois experimentou várias manifestações artísticas e nesta obra há uma junção entre fotografia e performance com a intenção de estabelecer representações da pós-modernidade e do seu vazio. A imagem é denominada “um homem no espaço” e o ato performático foi realizado com o auxílio de outras pessoas, o qual relaciona corpo, performance e fotografia (Dempsey, 2010).

de modo instantâneo e rápido. Mas, tudo naquele momento conduzia para a apropriação daquele pedaço de rua que foi tomado por uma história de suspense e medo, originada da vida real, sentida de maneira orgânica, unindo em nossos corpos, o cair da noite, o vento frio que passava, os ruídos dos pássaros e o anúncio de uma possível morte, segundo o narrador. A história se encerra ali porque um (a) de nós resolve terminar o ato e ir para casa, pois o sono chega e é hora de dormir.

Na vida cotidiana, esse performar é parte das existências, por isso interpreto e esboço um percurso do “entre” refletir/não refletir. E, justamente por ser inerente a gente, manifestamos muitas ações com o nosso corpo, já que não devemos estar enquadrados (as) em padrões que nos engessem. As ações são mescladas, assim como foram elaborados os trabalhos artísticos que compunham a performance. Nestes, o corpo integra todas as manifestações (ex. circo, dança, teatro etc.), pois cada artista expressa outras possibilidades de ação, ou seja, um dançarino (a) pode compor uma música; um pintor (a) pode elaborar uma coreografia e; um escultor (a) pode utilizar o seu corpo para o ato de esculpir. Para performar não há impedimentos de idade ou gênero, o que vale é a capacidade de se liberar e utilizar o corpo como uma escala de expressão dos anseios de um indivíduo e de uma coletividade (Dempsey, 2010).

O ato de esculpir e fazer do seu corpo todo parte do ato criativo é o trabalho do Paleoartista Anilson Borges. O escultor dos protótipos de dinossauros instalados em várias partes da cidade de Santa Inês me falou um pouco sobre o seu processo de criação:

Eu utilizo o meu corpo ao extremo sabe? porque é um trabalho muito físico, essa parte mesmo de dar a forma a peça, o pessoal ainda tá colando o isopor, então eles podem colar com a minha supervisão e tal, mas na hora de dar o formato, eu utilizo facão, para você ter uma ideia, facão e faca, então é assim um processo bem físico mesmo e cansativo. Mas nesse caso, a depender do que a gente vai fazer e pro local que vá, o cansaço é mais psicológico do que físico, depende muito do cliente, sabe? tudo isso vai influenciar no desenvolvimento. O cansaço físico, a gente esculpiu ali e tal, acho que até a própria parte de esculpir, eu vou cansando, mas ao mesmo tempo, eu tô vendo o resultado ali, aquilo vai me dando mais energia e mais energia e até terminar. Eu nunca me senti tão cansado, a ponto de dizer assim eu não vou fazer mais sabe? assim que termina um, eu já tô com a ideia de começar outro. E eu gosto de mostrar que com seu braço ali, com a sua força, a sua energia, eu tô conseguindo dar forma aquilo ali (Anilson – trecho de entrevista).

Para instalar os dinossauros nas ruas e praças de Santa Inês – um parque temático a céu aberto - foi necessária muita supervisão e, a depender do tamanho das peças, as quais Anilson

identifica pelo nome do animal pré-histórico, a montagem e a pintura aconteceram no local de instalação, peças de quase oito metros de altura (figura 35), sendo montadas pelo escultor em cima de andaimes.

Figura 35: Protótipo de dinossauro na entrada da cidade – BR 420 – Santa Inês/BA – 10/01/2020.



Foto: Flávia Souza.

A criação individual só ganha o resultado através do esculpir, porque o artista conta com uma equipe de trabalho. Indaguei sobre os sentimentos que afloram quando o escultor está diante da sua criação e as sensações relatadas são de orgulho e tristeza. Orgulho porque consegue observar os avanços e a melhoria da qualidade do trabalho e tristeza pela degradação da peça e pelo pouco reconhecimento dado ao escultor quando se trata de um cliente particular ou público, por isso prefere realizar o trabalho para os museus, uma vez que lá a obra estará bem cuidada em um ambiente controlado e, em todas as peças, o autor é devidamente apresentado e reconhecido.

O artista considera o parque temático a céu aberto de Santa Inês uma ação interessante. A prefeitura denominou de projeto DinoVale, com a intenção de utilizar as esculturas como uma possibilidade de atração turística para a cidade, algo que o artista considera ainda incipiente no contexto das outras demandas da cidade, no sentido de hotelaria, restaurantes e na feitura artesanal de miniaturas, camisas etc., relacionadas ao tema.

No entanto, algumas pessoas não compreendem a ornamentação com dinossauros, pois não há registro arqueológico na cidade; outras acham desnecessário, já que não veem serventia na presença dos protótipos; e alguns poucos os associam à presença do paleoartista na cidade e à valorização do seu trabalho. O paleoartista tem um corpo doado a arte e a arte é parte deste corpo.

A arte de esculpir ou de narrar histórias é a presença corporal em um enredo. Na narrativa, a depender da história, é necessário ficar de pé, movimentar-se ao extremo para expressar por completo trechos do momento narrado que estava na memória. Ali performando, aquele corpo é elevado a uma outra dimensão de ludicidade. Uma narrativa que se pretende perfeita com o objetivo de extrair risadas intensas daqueles que escutam atentos e interagem como personagens de uma história. Os encontros no mundo vivido são, portanto, frutos da experiência e importantes para restituir nossa relação com/sobre o lugar, a partir de um esforço poético e crítico.

Foi assim que Dardel trouxe à tona a relação entre o ser e a Terra, a partir de “viagens” teóricas, poéticas e bucólicas, que ele enquanto “ser geográfico” almejava alcançar, para daí demonstrar que nós, como seres geográficos que somos, precisamos estar cada vez mais próximos da realidade que almejamos pesquisar, como geógrafos (as) (Besse, 2015). Neste contexto, Besse afirma que o espaço geográfico em Dardel “é o mundo da existência, um mundo que agrupa certamente as dimensões do conhecimento, mas também, e, sobretudo, aquelas da ação e da afetividade. A geografia está implicada em um mundo vivido, o mundo ambiente da existência cotidiana dos homens” (Besse, 2015, p. 114).

E, nessa ambiência cotidiana, continuo acessando narrativas afetivas transbordadas em uma reunião. Ao sentar-se ao redor de uma fogueira (figura 36) no meio da rua, uma roda familiar grande conta casos deles mesmos na noite fria acompanhada de comida e bebida.

As risadas altas ecoam em boa parte da rua e quem está dentro de casa ouve todos os ruídos emitidos no lado de fora. Quando todos fazem silêncio, impera os ruídos da noite, grilos, pássaros e galos. Os ouvidos identificam através da familiaridade da voz quem são as pessoas reunidas ao redor da fogueira. Estar na fogueira e sentir o seu calor, nos eleva a outro patamar de participação, somos também contadoras e ouvintes de histórias, rodeados (as) de um abrigo

acalentador. O croqui (figura 36) teve o propósito de oferecer um ar pitoresco a roda vivida e corporizar a beleza destes momentos.

Figura 36: Roda de conversa à beira da fogueira – Santa Inês/BA.



Croqui elaborado por Janari Souza.

As performances corporais aqui são geográficas porque ocupam espaço e subvertem a ordem da via, pois os poucos carros que passam seguem pela contramão. Acabam com o silêncio da noite, pois as vozes tomam conta da rua naquele trecho. Quem passa sorri, cumprimenta e segue o caminho. Quem fica só tem a intenção da reunião e do encontro. Conflitos acontecem, pois, ao narrar as falhas dos outros, há sempre uma voz mais alta ou várias vozes altas e em alguns momentos o tema até se perde. Neste sentido, a performance acontece, se constrói, desconstrói e evapora.

A nossa própria existência, a nossa própria possibilidade de se expor ao estar no mundo, mescla experiências que nos formam como sujeitos (as) na produção da vida cotidiana. Fazemos isso com nosso corpo, repleto de identidades que dizem muito sobre o que nós somos, mas não são transparentes a todos os grupos, pois quando estamos nos espaços públicos chamamos a atenção

de alguns e passamos despercebidos a outros, o que vai depender das intenções dos outros corpos que também estão em exposição na rua. Neste contexto, desbravamos e produzimos e, portanto, exercemos o ato de fazer Geografia.

Um fazer que, como nos orienta Holzer e Marandola Jr., pautados em Dardel, deve partir da qualidade da relação que nós temos com o solo, nossa base material de sustentação. É sob esta dinâmica que desvendamos o nosso mundo da vida. Para Besse (2015), Dardel traz como uma das intenções, ao sugerir a dialética “homem-Terra”, um entendimento desta Terra “como o elemento imediato e primordial no qual se mediatiza toda a existência humana. [...] A Terra é, para cada um de nós, nossa própria possibilidade” (Besse, 2015, p.121). Para Serpa (2019), as análises de Dardel são basilares para “a concepção de uma Geografia vivida e uma geograficidade humana que se expressa através da experiência e da ação dos seres humanos no mundo” (Serpa, 2019, p. 22).

As narrativas, portanto, partiram de textos reais, frutos do que é/foi vivido. Nelas estão mescladas as subjetividades, intersubjetividades e objetividades em um acontecer dinâmico e dialético. Em toda essa dinâmica, há uma poética capaz de nos fazer ser aí, em presença, através da imaginação, narrando textos e contextos frutos de nossas expressões geográficas (Dardel, 2015).

Presença, presença insistente, quase inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz, a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta. Linguagem direta, transparente, que “fala” sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso “objetivo” do erudito, porque ela transcreve fielmente o “texto” traçado sobre o solo (Dardel, 2015, p.03).

A minha existência ontológica é essa presença insistente e a reflexão geográfica pautada intencionalmente, a partir desta surpresa, me permite compreender como os corpos urbanos produzem esses espaços geográficos diferenciados e únicos. O viver é exposto na mais profunda acepção da palavra.

4.1. O corpo como obra: performando espacialidades.

Quando corpos estão unidos, em prol de uma ação coletiva, ocorre uma variedade de situações, dentre elas as que podem proporcionar uma efemeridade ao urbano interior. São intenções

individuais, as quais, em conjunto e a partir de objetivos comuns, constituem realizações coletivas. E, se assim acontece, são produzidos formas-conteúdos multifuncionais, pois se temos o poder de imaginar, devemos acreditar, assim como Lefebvre, em uma mobilização completa do espaço, no qual “todo lugar torne-se multifuncional, polivalente, transfuncional, com um incessante ‘turn over’ das funções; que grupos tomem espaços através de atos e construções expressivas, rapidamente destruídas” (Lefebvre, 1991, p. 122).

Muitas histórias já foram contadas aqui e as que serão contadas nas páginas seguintes foram construções expressivas que marcaram o momento da sua ocorrência e, posteriormente, foram “destruídas”. Sucederam-se a partir de motivos diversos, produziram reflexões e evaporaram, restando nas memórias e nas sensações de quem viveu e sentiu o momento, na propagação das narrativas e nas lembranças de um sofrimento que justificou a ocorrência da ação.

São lúdicas, poéticas, artísticas, outras são manifestos revoltados contra os problemas sociais que assolam nossos dias; outras fazem parte do doloroso mundo capitalista que se apropria, ferozmente, da força do trabalho dos mais pobres e menos preparados. E, nesse sentido, muito do que foi visto durante a pesquisa se insere em uma perspectiva do que Lefebvre trata como uma relação necessária com a arte, a partir da qual a sociedade urbana realiza “sua longa meditação sobre a vida como drama e fruição [...] a arte restitui o sentido da obra” (Lefebvre, 2001, p. 115).

Por isso, busquei a arte como alento para interpretar, no cotidiano, aquilo que despertava a minha ludicidade. Mas, infelizmente, o caminho não pôde ser só esse, pois me deparei com situações que pareciam estar distantes do dia a dia de uma cidade pequena, pois são dias que emitem à primeira vista essa sensação de tranquilidade. Essa é uma sensação presente, mas se a cidade é resultante das relações, muitas perspectivas interpretativas podem surgir e daí também no vivido é possível perceber que “a cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela *centraliza* as criações. E, no entanto, ela cria tudo” (Lefebvre, 2004, p. 111 e 112). Na horizontalidade do urbano interior, as situações não podem ser engessadas, pois são frutos também de interferências diversas, de múltiplas relações que se constituem de maneira escalar. Me propus, então, a interpretar a horizontalidade, na qual estão integradas ações diversas. Lefebvre nos diz que

O *urbano*, *indiferente* a cada *diferença* que ele contém, é considerado frequentemente como indiferença que se confunde com a da Natureza, com uma crueldade que lhe seria própria. Contudo, o urbano não é indiferente a todas as diferenças, pois ele precisamente as reúne. Nesse sentido, a cidade constrói, destaca, liberta a essência das relações sociais: a existência recíproca e a manifestação das diferenças procedentes dos conflitos, ou levando aos conflitos (Lefebvre, 2004, p.111 e 112).

A cada caminhada, as cidades também entoam em suas relações sociais a “existência recíproca e a manifestação dos conflitos”. A cada encontro algumas situações e reproduções naturalizadas neste vivido chamavam atenção: eu me deparava com angústias que invalidavam, pelo menos naqueles momentos, o meu próprio processo de pesquisa. Me perguntava para quê? Para quem? Só nos encontros lúdicos um novo sopro desviava essas indagações da minha cabeça. Ao partir deste sopro lento e, às vezes, rarefeito, fui ao encontro dos corpos em ação, os quais acionaram sentimentos em mim. Parti de alguns contextos palpáveis, ou seja, que já abrigam pessoas em coletividade e, ao seguir com as minhas reflexões, encontrei surpresas.

4.1.1: Enredados com/pelas feiras livres

Passos largos, lentos e acelerados se embaralham com as pausas, os sons, os cheiros e as palavras. Ali encontra-se o ir e vir da população para fazer suas compras, após pechinchar um pouco. Os ares de familiaridade ecoam por toda parte, por causa do contato e das conversas ao pé do ouvido e das caras de risos. Ir a feira é uma condição imprescindível quando se vive em uma cidade pequena, pois as pessoas são enlaçadas por sua ocorrência. Ainda mais quando estar na feira é parte de uma condição que se dá desde a infância, quando crianças são levadas pelos pais feirantes para desde cedo estabelecer este contato direto com esta parte pulsante da cidade, capaz de criar e ampliar laços profundos.

O poema de França (2021) em homenagem aos pais feirantes nos diz muito sobre essas experiências – as Cilas e os Zildos,

A feira é livre, o riso é solto,
a feira tem alimento e o sabor é outro, tem sabor de vida,
tem sabor de labor, labor na/pela terra, labor na cidade.
É preciso saber de fato, quem produz de verdade.
Madruga na cidade, madruga no campo,
planta, colhe, vende, alimenta o corpo, alimenta a alma.
“Moça bonita não paga, mas também não leva”, diz o Zildo,
diz a Cila, arrancando o riso do freguês.
E a venda, aconteceu?

- Não sei, me perdi... no momento da pilheria, onde um fez o outro rir. São flores seus cheiros, são cores seus risos, risos contidos ou gargalhadas. Mas, nem tudo são flores, o labor é grande é preciso lucrar... Mas esta é outra estória que prefiro agora não contar, melhor aproveitar o bucólico, esse sim, é de admirar, meio bagunçado, é fato, mas em tempo tão difíceis, me diga quem não está? De uma coisa tenha certeza, no bailar frenético da feira, ainda podes encontrar algo pra se alimentar (França, 2021, p.07).

A feira é livre, por ser assim, é profunda. Nela e por ela se materializam a cidade e o campo e ainda são revelados os conflitos e as intimidades. É um espaço de convivência, de troca de informações, de conversas informais e de muitas convergências. Há rotina, cansaço e as limitações expressas no corpo. Sato (2009; 2012) realiza um denso trabalho sobre as feiras livres, no contexto de cidades grandes. No decorrer de suas pesquisas, indica o quão importante é reconhecer os ganhos e o aprendizado que alcançou ao conviver com as pessoas responsáveis pelo existir das feiras livres: os (as) feirantes. Pessoas que, segundo a autora, exercem um trabalho vivido e experienciado a partir das trocas e das práticas que são cotidianas, já que “a escola é a própria feira” (Sato, 2009, p. 227). A feira, é, portanto, essa ocorrência que mescla trabalho e ludicidade, algo que transborda em algumas relações. Sato (2009) descreve que,

como freguesa da feira livre, sempre devotei admiração pelo trabalho dos feirantes e das feirantes que com seus jeitos característicos tentam convencer a freguesia que ela fará um “bom negócio” comprando as suas mercadorias. Para mim, as horas passadas na feira eram uma oportunidade de abastecer-me e de espairecer. Como freguesa, ficava impressionada com o fato de os feirantes terem que “madrugar” todos os dias, de carregarem as pesadas mercadorias, de trabalharem cada dia em um lugar e de, mesmo assim, não deixarem o cansaço e o mau humor transparecerem (Sato, 2009, p.228).

Diante disso, como é ver a feira amanhecer? É o despertar da cidade? às 4h da madrugada, a cidade está silenciosa e fria. A neblina cobre as serras. Em meio à neblina intensa, o galo e os grilos cantam. O dia e a noite se mesclam. O céu ainda está escuro, porém as rajadas de iluminação anunciam o amanhecer. O meu corpo sente uma temperatura que não combina com o estar na rua, pois as madrugadas nestas cidades são comumente frias. Para os (as) feirantes, não há frio que possa impedir o seu trabalho e a garantia de uma renda, já que se não forem montar a barraca, aí é que não há renda mesmo. Ainda assim, tem dias que mal dá para enxergar o caminho (figura 37).

Figura 37: A caminho da feira, 4h da manhã – Santa Inês/BA – 25/03/2022.



Foto: Flávia Souza

Os primeiros caminhões e carros particulares chegam com os (as) feirantes em uma meia-luz e, assim mesmo, inicia-se a montagem das barracas com o auxílio das lanternas dos celulares. Homens, mulheres e crianças realizam este trabalho em conjunto. Logo, quem começa a dar os primeiros passos na madrugada? Os (as) feirantes. O que quer então um corpo não feirante, naquele horário, na feira? Os (as) feirantes se mostram intrigados e um deles pergunta: - *você está procurando carro para o transporte?* Após a resposta negativa, mesmo intrigado, segue a rotina de montagem da barraca.

As cidades começam a acordar, sentir o seu tempo, a sua dinâmica. Nos dias sem feira, o despertar da cidade ocorre mais tarde, no horário comercial dos expedientes de trabalho. Nos dias de feira, os (as) primeiros (as) feirantes já começam a organizar suas barracas. Outras barracas de frutas e verduras já estão montadas e organizadas e ficam cobertas com lonas e amarradas com cordas. Frutas e verduras também começam a ser postas e expostas em lonas no chão.

A conversa baixa é sobre a roça, a prática da feira e outros temas diversos. Se divertem, contam suas travessuras e riem entre si. As caixas de verduras e frutas estão nas costas daqueles que vão para lá e para cá para carregar os itens. Juntam-se aos (as) feirantes as pessoas das

caminhadas matinais e alguns (as) andarilhos. Um ir e vir tranquilo e animado. Os ruídos são de arrastar lonas, caixas, às vezes, há um pouco de silêncio. Já com as barracas montadas, os (as) feirantes ficam à espera dos (das) clientes. São pessoas que vivem desse trabalho do campo para feira. Alguns recebem as mercadorias, outros trazem a própria produção, é uma rotina complexa na qual “o importante é saber que ela é um tipo de atividade econômica que se abre para socorrer pessoas em situação difícil” (Sato, 2009, p. 233). O fluxo passa a aumentar com a chegada de mais caminhões, feirantes e compradores (as).

As feiras têm um mercado fechado para as carnes e para os bares e localizam-se em áreas com outras ofertas de comércio, como lojas de roupas e brinquedos. Em Cravolândia e Santa Inês, as barracas estão distribuídas de maneira linear, o que facilita a circulação de pessoas, são cedidas pela prefeitura e sem pagamento de taxa. As feiras costumam acontecer no turno matutino e ao final da manhã são higienizados os locais de sua realização (figura 38).

Figura 38: Feira de Cravolândia/BA – 24/07/2021.



Foto: Flávia Souza

As pessoas se dirigem do campo muito cedo para organizar os seus produtos para a venda e outras pessoas se dirigem do campo cedo também para iniciar as suas compras. A prefeitura

oferece o transporte, para qual há uma logística, primeiro os motoristas buscam os (as) produtores (as) e depois voltam para buscar os (as) compradores (as). São pessoas adultas e idosas que toda semana repetem o seu trabalho para atender seus (suas) clientes. Estão atentos (as) às dinâmicas da feira e qualquer ação que se difere da rotina chama atenção.

Em um dos sábados de feira em Santa Inês, saímos da rua Barão do Rio Branco e seguimos para o centro. As pessoas da Lagoinha e do Morro Bonito esperavam com suas compras na padaria do centro. Entraram no ônibus com seus sacos de compra de mercado e da feira, muito sacos pesados de milho e até uma cama foi transportada no ônibus. Uns (umas) ajudam os (as) outros (as) carregando as sacolas pesadas. Após todos (as) acomodados (as) seguimos por uma extensa estrada de chão, margeada por matas e fazendas, muitas áreas de pastagens e muitas áreas de relevo elevado. Subimos por caminhos tortuosos e às vezes até perigosos. Do ponto do antigo ponto de pouso, avistamos Santa Inês inteira. As pessoas que entraram no carro residem em casas simples e trabalham em roças próprias ou tomam conta das fazendas das pessoas que residem fora de Santa Inês. São pessoas idosas que saem quase de madrugada para se dirigir a este ônibus que os (as) leva para o centro da cidade. O motorista é solícito e tratado com muito carinho, quase sempre presenteado com frutas e verduras.

É um percurso animado, pois conversam e brincam, mas a vida é sofrida e com muita carência. A solicitude impressiona em meio a tanta desigualdade. Retornamos para Santa Inês e agora vamos pegar aqueles (as) que acordam mais cedo ainda, para levar seus produtos para a feira. Agora nós íamos para o corante e o cominho/ “o torre” / Natur de Assis. Aqui as dificuldades financeiras também são presentes, são muitos idosos, mas ali em meio a tudo isso uma senhora nos diz: - *Esse aqui é o meu cantinho*. Um convite para visitá-la porque trocamos olhares e sorrisos e ajudei a carregar uma sacola. O carinho é sentido como um afago.

As pessoas vão comprando aos poucos e em vários lugares e guardam a mercadoria comprada em um ponto de apoio até finalizar as compras ou chegar o horário da saída dos ônibus, que as levará de volta para casa. Os ônibus ficam estacionados nas proximidades do centro durante toda a manhã. Nas cidades pequenas, é comum essa rotina, ou seja, alguns estabelecimentos comerciais servem de apoio para que as pessoas não precisem fazer as novas compras, carregando outras.

As relações construídas naqueles encontros revelaram, na superfície do ato, momentos de alegrias e sorrisos fartos. Um tratamento, à primeira vista, amistoso. Visualiza-se muitos cumprimentos, acenos de mão e balançar de cabeças. No meu ir e vir, não muito reflexivo – vou a feira, compro o que me interessa, encontro pessoas conhecidas, escuto, curiosamente, comentários engraçados e também desconfortáveis entre conversas alheias e sigo com as compras. Para Sato (2009),

Tudo isso possibilita que muitas pessoas se conheçam, troquem ideias e informações, definam regras de convivência, resolvam os problemas que aparecem a cada momento, avaliem a situação da feira livre, pensem em como trabalhar, aprendam novos jeitos de vender, de se relacionar com a freguesia, façam acordos entre si etc. Isso faz com que o modo como o trabalho na feira livre se organiza seja bastante peculiar, e que denominamos de “organização em rede”. De conversa em conversa, de encontro em encontro, na feira, no centro atacadista, na casa e no bairro a feira está presente e pode ser organizada. Vida familiar, de amizade e de trabalho se misturam o tempo todo (Sato, 2009, p. 236).

Na proximidade com quem vende, há o contato verbalizado intencional para ter seu produto vendido, indicando sua qualidade. Na elaboração do discurso, configura-se a união entre a necessidade do trabalho, o atendimento ao público, a exposição na rua. Estamos diante de pessoas, mercadorias e barracas integradas em prol do objetivo de comercializar. Essa integração aprofunda o vivido e a mercadoria passa a ser tratada com apego – *“esse milho é bom, trouxe da minha terrinha”*. Há um jeito de falar/conquistar o (a) cliente com a intenção de apresentar a qualidade do que está sendo ofertado pelo (a) feirante (a).

França (2021) realizou uma pesquisa de campo, documentada e referenciada, na qual recorre também aos relatos orais para demonstrar como foram os primeiros movimentos originários da feira em Santa Inês. Suas interpretações apresentam a integração entre outras cidades para a ocorrência da feira nesta cidade. A feira em Santa Inês desde o seu início se constituiu a partir de uma produção agrícola camponesa pautada na subsistência. Os relatos orais obtidos pela autora indicam localidades muito distantes umas das outras e as longas caminhadas a pé para chegar até a feira. As situações foram se modificando com o passar do tempo para chegar à constituição atual das feiras.

Na pesquisa, notou-se uma ligação presente entre Cravolândia, Santa Inês e Jaguaquara em virtude, principalmente, da origem dos produtos comercializados. O CEASA de Jaguaquara, por exemplo, é um importante fornecedor de produtos diversos que abastecem as feiras de Santa

Inês e Cravolândia. Uma circulação que também se inicia muito cedo. Como o CEASA funciona todos os dias, exceto aos domingos à tarde, essa ida cedo ocorre em dias opostos aos dias de feira, comumente nas quartas e quintas-feiras. A movimentação é agoniada, disputada, mas também é parte de uma rotina já estabelecida entre os (as) compradores (as) e vendedores (as).

A feira é um importante lugar de experiências - trajetórias em suas diversidades. São pessoas com histórias de vida diferentes que compartilham ali momentos. Estes momentos podem estar cristalizados nas relações mais antigas e se repetem com a mesma frequência a toda ocorrência de feira. Mas, estes momentos podem existir, marcar algo em alguém e acabar.

A feira é muito importante né, porque a feira não só agrega a questão da agricultura né, principalmente a agricultura familiar, mas ela também vai envolver a alimentação né. A alimentação das pessoas rurais, a alimentação das pessoas urbanas. E a feira, ela é uma matriz geradora, financeira daquela população inteira né, população rural, população urbana. E a feira ela é extremamente importante. Lagoa Queimada não produz tanto quanto antigamente e não existe mais tantas pessoas que vão pra feira vender os seus produtos, mas quase todo mundo de Lagoa Queimada compra os seus produtos na feira de Santa Inês. Então isso é uma troca de favores sabe? Muito constante e as pessoas que estão lá vendendo os seus produtos também estão ganhando muito com isso, conheço muita gente que vende, tem alguns parentes que moram em Santa Inês e que vendem de um tudo e, a partir disso, elas estão ganhando o seu sustento e nesse ganhar o seu sustento, eu sei que é com produtos que não tem agrotóxicos. É com produto que é realmente de uma agricultura familiar, que eu sei que é ela que tá ali plantando e vai ali colher. Então é realmente muito bom (Matheusa – trecho de entrevista).

O relato narra uma relevância no existir da feira e sua teia de relações. A feira é trabalho, é alimento, é ludicidade, é diversão, é lugar de encontros efêmeros, que na superficialidade nos deixa feliz. Dificilmente, um (a) comprador (a) sai de um encontro entre feirante-cliente sem sorrir. Mas, os corpos presentes na feira, principalmente de Santa Inês e Cravolândia, são em sua maioria adultos (as) e idosos (os) negros (as), com famílias grandes que necessitam estar ali para garantir a sobrevivência. Homens, mulheres e crianças presentes na produção daquele lugar, com frágeis garantias de direitos e até da própria renda. Diante de tudo isso, na feira também acontecem outros fatos para além dos encontros de compra e venda.

Nas andanças pelas cidades, ouvi e vi muitas histórias e, como já dito anteriormente, as de violência chegam com rapidez. Os murmúrios sobre os fatos são muitos e a população tira suas conclusões sobre as situações de violência baseada em um ‘telefone sem fio’, com falhas,

interrupções e argumentações falaciosas, portanto precisam ser investigadas por quem deve fazê-lo, no caso, a polícia civil.

Em um desses casos, ouvi à informação de um homicídio de um jovem que havia se envolvido em uma briga em um bar, relatado nas conversas na porta de casa. Esta escuta gerou incômodo e desconforto. Mas, nada perto do que foi assistir à manifestação realizada por familiares e amigos (figura 39) desse jovem em frente ao mercado municipal e à delegacia que fica no entorno da feira de Santa Inês. Um grupo reunido na rua se juntou à família desse rapaz de 27 anos, assassinado na noite anterior. A família estava manifestando pedindo por justiça para que o crime não ficasse impune. Havia ali manifestantes e curiosos (as), contando o ocorrido para quem passava e não entendia; e os (as) inconformados (as) com a situação que afligia aquela família.

Figura 39: Grupo de pessoas manifestam por morte de jovem - Santa Inês/BA – 10/05/2021.



Foto: Flávia Souza.

Essa manifestação me deixou intrigada, talvez não esperasse ver esta cena, tão comum em Salvador, em uma cidade pequena. Mesmo sendo por um motivo doloroso para a família, fiquei emocionada com a atitude dessas pessoas por exigir seus direitos e para evitar que um crime como esse não fosse devidamente investigado e julgado pelas vias legais, já que havia murmúrios de que o suspeito estava em uma fuga acobertada pelos agentes de segurança da cidade, fato que motivou a manifestação. Os manifestantes clamavam por justiça em voz alta e seguravam faixas indicativas do pedido e do luto.

Para impedir e finalizar a manifestação, a polícia agiu de forma truculenta e jogou spray de pimenta nas pessoas que estavam com cartazes, fez ameaças e passou pelas pessoas com as armas apontadas. Neste contexto, a mãe do rapaz estava aos prantos e passou muito mal, por isso foi carregada para fora da manifestação e foi acalmada por um grupo de pessoas que acompanhavam a ação um pouco de fora. Estava sendo abanada e falava dolorosamente – *“Meu filho não era fichado, ele era trabalhador, meu filho só era preto”*. As semelhanças estão por aí, repetem-se. Filhos pretos são mortos pelas mãos do Estado e, quando este não é o causador, produz-se outras violências, pois, no caso da família em questão, havia a certeza de que o crime ficaria impune e mais uma mãe estaria em prantos e derramaria “lágrimas de sangue”.

Naquela manhã
Eu chorei...
Derramei lágrimas de sangue,
Sangue do meu Filho!
Bebi o gosto amargo da morte!
Adoecei!
De repente, tudo escureceu.
O corpo já não era meu...
Filho?!
Estou indo ao seu encontro.
Quem será o próximo?
Filhos pretos morrem todos os dias,
Mães pretas entram em coma induzido...
Pelas mãos dos escolhidos!
(Ana Paula de Oliveira, 2019, p.114).

As cidades pequenas não estão livres de situações como estas. É estarrecedor assistir a uma família inteira pedindo justiça pela morte de um parente. Essa mãe precisou implorar por justiça, porque sente na pele que ter um filho preto e pobre assassinado é sinônimo de que pouco ou nada será feito para investigar e punir quem executou a ação. Como ela sabe disso? Através dos estigmas que marcam o seu próprio corpo de mulher preta e que formam a sua experiência vivida com suas dores e seus saberes. As dores, principalmente, são fundamentadas em uma construção colonialista fundada em um ideário opressor. Para Lima (2016),

A historicidade da mãe África e dos seus filhos na diáspora sempre foi eivada pela construção de um ideário místico, segundo o olhar do europeu, branco e heterossexual. Este olhar que pesa sobre o negro e sua história e a invenção deste negro e de sua história, sempre foi aquilo que, verbalizado com suas categorias de análise e práticas de opressão, movimentaram e construíram conceitos sobre esses corpos (Lima, 2016, p. 155).

A opressão contribuiu para uma construção histórica racista sobre os corpos pretos. Nesta motivação para a manifestação, o grupo sabia que não havia sido a polícia, mas a polícia se omitiu e ainda amedrontou os manifestantes, inibindo o seu direito de luta. A polícia indicou que as providências seriam tomadas, o caso seria investigado e os envolvidos seriam punidos. O descrédito nesta ação gerou mais revolta, medo e uma sensação de impotência, facilmente identificada nas palavras, nos gestos e nos olhares de desânimo e desespero quando a manifestação foi dispersada. Eram homens e mulheres unidos (as) por causa de uma dor, uma perda por motivos banais e que gritavam para evitar mais uma ausência, mais uma impunidade. Muitas pessoas acompanhavam a manifestação, assistiam a tudo, intrigados (as) e revoltados com os fatos. A feira teve um dia diferente de luta, marcado por muitas feridas abertas. Os dias são sempre de luta.

Na continuidade das lutas, a feira também pode ser um contexto utilizado para dar visibilidade a alguma ação. Por isso, foi nela que ocorreu uma manifestação vinculada ao ato nacional de luta contra as decisões do Governo Federal em 2021. A ação foi proposta pelo Sindicato Nacional dos Servidores Federais (SINASEFE), o qual possui uma sede em Santa Inês. A manhã estava fria e os (as) feirantes estavam agasalhados (as), chovia pouco e fino e havia um belo arco íris cobrindo o céu da cidade. O carro de som chegou com canções de protesto contra o governo e nós nos posicionamos em frente à sede enquanto batíamos palmas. Muitos (as) passantes mostravam-se intrigados com a nossa presença e curiosos (as) cumprimentavam.

Me interessei pelo ato com o intuito de participar para, de algum modo, fazer frente aos desmandos que estavam acontecendo e marcar presença em uma cidade pequena, a qual tem muito a oferecer nas questões de lutas sociais e precisa de políticas públicas que atendam às suas necessidades. Também indaguei a duas participantes do ato a motivação para realizá-lo em Santa Inês e elas me disseram:

Primeiro que é um movimento nacional, eu não faria se não fosse nacional. Eu acho que eu não sairia sem esse respaldo, não sairia também, se eu não fosse da coordenação do SINASEFE. Então, são chancelas aí que nos permitem ficar, digamos, com respaldo mesmo político e institucional. Mas, o que me fez sentar e falar: Não, nós precisamos abrir uma frente dessa em Santa Inês. Foi. Nós temos uma potência aqui que é o Instituto Federal Baiano que é a nossa consciência política, que é o SINASEFE, que é esse órgão nacional e aproveitar que estamos nessa frente pra fazer. Bom, vamos então pra rua aqui, já que o movimento é de ir pra rua, então vamos pra rua (Dolores – trecho de entrevista).

Era um sábado de feira livre em Santa Inês. Eu e meu companheiro fomos ao encontro de outros (as) companheiros (as) de luta no dia 24 de julho de 2021 para protestar contra A Reforma Administrativa (PEC-32). Além disso, utilizamos o espaço para incentivar a população com relação ao uso de máscaras, enaltecer a importância do Sistema Único de Saúde (SUS), incentivar a permanência no isolamento social mesmo para os que já haviam se imunizado com a primeira dose da vacina contra o novo coronavírus, além disso, reforçamos a relevância da imunização da população como forma eficaz e comprovada pela ciência no combate e prevenção ao agravamento da doença. Entendemos a necessidade de pautar essas questões para contrapor à política negligente, omissa e genocida do Governo Federal diante da crise sanitária que acometia o mundo (Cintia – Trecho de entrevista).

Os dois trechos de entrevista, indicam as motivações para uma mobilização política em Santa Inês, em virtude da conjuntura que estava instaurada no país. Precisávamos agir de alguma forma, na tentativa de informar a população, qual era o contexto político e apresentar possibilidades de debates. E, assim aconteceu, estávamos na rua da feira, tudo corria como planejado, até que uma senhora passou e comentou com alguns participantes que aquilo era ilegal, que nós não podíamos estar ali manifestando e foi embora. Nós éramos um pouco mais de dez pessoas reunidas e optamos por ficar na sede, por sua proximidade com a feira e, portanto, alcançaríamos mais gente, os (as) passantes e os (as) feirantes. A senhora que passou, demorou um pouco e resolveu retornar: no seu retorno não houve mais conversa, ela subiu na calçada e foi direto arrancar a faixa com dizeres contra a gestão federal da época, alcançou a faixa e conseguiu arrancar, mesmo com os (as) participantes tentando impedi-la. Ela reagiu com violência, quase agrediu fisicamente uma das integrantes da manifestação e ameaçou a todos (as), afirmando a ilegalidade constitucional do ato, apresentando a constituição, a bíblia e a cruz, além de uma pequena tesoura em sua bolsa. Ela estava possessa, revoltada e muito nervosa com o nosso ato.

Neste interim, chegou um dos manifestantes com indumentárias do candomblé, essa mesma senhora, quando se deu conta da presença dele, foi para cima, passando a cruz em seu rosto, algo que nos deixou atordoados (as) e revoltados (as). Demonstramos a sua intolerância religiosa, mas seu comportamento era extremista, clamava falas religiosas e a favor do gestor federal da época. Se nós, que não fomos atacados (as) diretamente nos sentimos muito mal com o ocorrido, imagina então como ficou a pessoa que sofreu a intolerância agressiva dessa senhora. Ao indagá-lo sobre os seus sentimentos e como isso ficou marcado, obtive a seguinte resposta:

Eu acho que de uma forma diferente, é como se eu tivesse tido uma surra, como se tivesse me dado uma surra, me deixado no chão, moído, quebrado, sem forças para levantar pra, sabe? pra se defender, pra agir... Como se tivesse me amarrado, como se tivesse me amarrado literalmente, pego na corda assim, ó, e dado vários nós cegos, assim, e aí no momento eu senti isso e depois quando cheguei no terreiro, eu também vim entender isso e, também perceber isso, aí você pergunta agora e novamente, não tem outra explicação (Tiago – trecho de entrevista).

Eu estava envolvida, meu corpo estava trêmulo e, ao ver a reação dele, vivemos juntos uma triste impotência. Como assim, ele não pode andar com as contas e as roupas? De onde essa pessoa tirou o direito de atacar uma outra pessoa, em virtude da sua religiosidade? Assistir e me posicionar ali foi uma ação bem difícil, me senti impotente também, mais explanei palavras incisivas, para em defesa do respeito às diferenças, aquela senhora sentisse que estávamos em uma coletividade, unidos (as) para não permitir mais nenhum tipo de violência daquela proporção. Ela precisava entender que o seu ato se configurava como uma ação criminosa, da qual a mesma poderia ser responsabilizada. As entrevistadas narram que

No decorrer da manifestação apareceu uma mulher de idade entre cinquenta a sessenta anos, usando vestido, sapato baixo e uma pequena bolsa debaixo do braço. A mesma, encontrava-se completamente desequilibrada, tomada pelo ódio e preconceito. Partiu em nossa direção gritando: “essa pouca vergonha o prefeito não vê aqui não! Aqui é Bolsonaro! “Eu vou na prefeitura mandar proibir isso aqui!” Dentre as agressões verbais ditas pela mulher, houve por parte da mesma, violação de bens materiais e a tentativa de agressão física. A faixa exposta na praça por nós foi rasgada pela mulher citada. A mulher apresentava um discurso de ódio pautado pelo viés religioso. No decorrer de sua fala, retirava uma cruz da bolsa dirigia-se em nossa direção, dizendo: “tá repreendido em nome de Jesus!” Durante a confusão chegou um companheiro adepto da religião de matriz africana, reconhecido pela mulher, enfurecendo-a ainda mais. A mesma perseguiu o companheiro com a cruz na mão chamando-o de feiticeiro filho do demônio (Cintia – trecho de entrevista).

Ah! Primeiro, demora pra gente entender, porque é completamente diferente a minha sensação, naquele momento, do que se fosse um cara, um homem naquele perfil bolsonarista né, então um homem bolsonarista, imagina aí todo perfil dessa identidade. Esse cara ao chegar a minha reação, com certeza a minha reação seria outra, de muito mais raiva. Então, eu senti raiva sim. Porra! Rasgou a faixa, né? tipo, violentou a colega. Inclusive depois, eu falei, me senti assim: eu preciso fazer alguma coisa sabe? Até hoje eu me digo isso, assim, eu preciso fazer alguma coisa, porque a pessoa não pode, independente de quem ela seja, sair louca, fazendo o que quer. Mas, aí a loucura também é um lugar delicado, porque nós não temos um CAPS nessa cidade, essa é uma questão. Então a minha responsabilidade seria no caso procurar os mecanismos de controle e aí a gente sabe que é a polícia né. Então assim, era direito nosso ter ido, pelo patrimônio ali que foi violado. Então eu não fiz nada e não mobilizei nada, muito porque era uma senhorinha e eu tenho dó dela assim, eu tenho pena dela sabe? e acho que esse é o lugar do bolsonarismo assim, é o lugar de se apropriar da cabeça dessas pessoas em condição de

vulnerabilidade psicológica, social, só pode ser. Eu não tenho dúvida de que as pessoas que apertaram 17 ali e que vão tornar a apertar de novo, muitas sofrem de condições que precisam de apoio de pessoas profissionais para isso, o que é a situação daquela senhora (Dolores – trecho de entrevista).

A identificação de que a senhora, provavelmente, tinha problemas com sua sanidade mental, veio dos (das) feirantes, que, quando perceberam a nossa agonia, rapidamente se aproximaram e nos disseram para relevar, por conta da condição dela. Essa identificação só foi possível, porque as pessoas que nos sinalizaram para a questão são também moradoras da cidade e já conhecem bem essa senhora. Logo, interviram para que nós não fizéssemos nada contra ela. Algumas pessoas até tentaram retirá-la dali, mas foi bastante difícil. A princípio não era possível identificar que ela tinha problema algum, mas também não tínhamos os requisitos necessários para obter esta constatação. Por isso, as pessoas passantes e os (as) feirantes vieram até nós na tentativa de defendê-la. Após a confusão e a nossa solicitação para que nos deixasse em paz e pela solicitação dos (as) feirantes que a conheciam, ela se retirou.

Os pensamentos ficaram em suspenso. Entre o viver, sentir e depois refletir, muitas emoções se entrecruzaram. Estávamos diante de uma mostra do que o país estava se transformando? Erámos muitos (as) e ela sozinha nos mobilizou daquela maneira e ficamos ali com ares de indignação. O que poderíamos fazer? Nada? E a constatação das questões de saúde mental? Quem tem o dever de lidar com isso e dar uma assistência efetiva a esta senhora? Em uma cidade pequena, estas questões são presentes, mas, efetivamente, muito pouco pode ser feito por aqui, pois o acesso a estas condições está vinculado a um total de habitantes que justifique a existência dos órgãos competentes para atender estas situações. De acordo com o Ministério da Saúde, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)³⁷ atuam a partir de modalidades de atendimento, as quais são ofertadas em cidades com mais de 15 mil habitantes. Logo, o atendimento CAPS, mais próximo de Cravolândia e Santa Inês, encontra-se em Ubaíra e em Jaguaquara. Nas palavras de uma das assistentes sociais do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Santa Inês, o trabalho nesta área é bastante complexo:

Olha, eu trabalho com as famílias em situações de vulnerabilidades sociais, que são das mais diversas, né? conflito familiar, questão de raça e gênero, violência contra a mulher, dentre outras. E, eu trabalho diretamente com esse

³⁷ Os Centros de Atenção Psicossocial - CAPS ofertam atendimento àquelas pessoas que passam por problemas psíquicos e mentais, assim como as pessoas em estado de dependência alcoólica e com consumo de substâncias ilícitas, como o crack, e que necessitem de apoio no contexto da crise ou quando necessitem de reabilitação psicossocial. Trata-se de um serviço de saúde realizado por equipes multiprofissionais, desde o fisioterapeuta, atendimento clínico psiquiátrico e também domiciliar (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

público. Então, dentro das políticas públicas a gente tenta fazer um trabalho intersectorial né? com toda a rede pra que a gente possa tirar pessoal ou tentar prevenir as pessoas das mais diversas violações de direitos, que é um trabalho extremamente difícil, muito difícil mesmo, principalmente num município que a gente sabe que tem pequeno porte. A gente não tem todos os outros, como é que eu posso falar? dispositivos que possam trabalhar com essa família depois que eles já têm os direitos violados, sabe? então isso acaba que sobrecarrega um serviço específico né? Por exemplo, a gente tem muitas situações de alcoolismo, de uso de substâncias psicoativas, mas a gente não tem um CAPS, a gente não tem, e não é porque o município não quer investir, porque a gente não tem o porte adequado para comportar esse tipo de público, mas existem muitos deles, a gente não sabe como fazer com isso sabe? eu não sinto que as equipes estejam preparadas e eu falo também da minha para lidar com a violação em si, a gente tenta prevenir, mas ao mesmo tempo que a gente tenta prevenir, a gente acaba tendo que lidar com a violação, porque a violação acontece (Vanessa – trecho de entrevista).

As violações são múltiplas e as resoluções lentas e complicadas. No caso da senhora envolvida na situação, há informações do diagnóstico e de algumas ações para o seu acompanhamento, mas nada efetivo. Na continuidade das ações na feira (figura 40), um outro ato contra as políticas implantadas pelo Governo Federal foi planejado, com os mesmos objetivos do primeiro já que as condições nacionais pouco mudaram. Os fatos ocorridos no ato anterior deixaram o grupo mais alerta para as circunstâncias e, por isso, estava mais articulado e com mais pessoas envolvidas.

Figura 40: Manifestação na feira – Santa Inês/BA – 02/10/2021.



Foto: Flávia Souza

A manifestação saiu da feira, circulou pelo centro da cidade, sob olhares curiosos; alguns passantes demonstravam apoio e sinalizavam com gestos que o caminho da luta teria que

continuar. Também houve sinalizações de repúdio ao ato, mas estas foram mais discretas e distantes de nós. As ruas do centro da cidade foram ocupadas pelo grupo em caminhada (figura 41) e com pontos de parada com o intuito de chamar a população para o debate. Para uma das participantes,

O segundo ato foi muito mais legal, ao meu ver, por que a gente estava com as camisetas, então a gente estava ali, querendo ou não quando a gente ocupa, já é uma performance diferente, quando a gente ocupa a rua, todo mundo de vermelho com as faixas, é um corpo, é uma massa né, ficou lindo. Ali então eu acho que a gente conseguiu alcançar com SINASEFE, como foi bonito e aí vem a fotografia, por que a fotografia, ela dura até a eternidade. Então, pegar aquelas fotos, ampliar, colocar nas paredes, mostrar que Santa Inês e o SINASEFE né estiveram juntos nesse chamado pelo Fora Bolsonaro que é uma luta histórica. Acho que isso foi o que me levou a encabeçar e fazer aí um movimento (Dolores – trecho de entrevista).

Como bem disse a entrevistada, ser corpo e ser massa é uma condição imprescindível para o contexto de uma manifestação. Ser vista, ocupar a rua, chamar a atenção de quem passa. Estar ali ecoando um grito coletivo contra aqueles usurpadores do que é de direito da população é uma emoção arrepiante, de dentro para fora: há uma sensação do enfrentamento possível, pois, naquele instante, nos sentimos capazes de alcançar as mudanças que almejamos, ao decidirmos estar na rua em prol de uma causa.

Figura 41: Caminhada no ato contra as ações do Governo Federal – Santa Inês/BA – 02/10/2021



Foto: Flávia Souza

Passos do manifesto, vozes ecoadas, protestos escritos carregados por mãos levantadas, para que as palavras saíssem diretamente do papel para o pensar. Ali estávamos unidos (as) por uma luta por equidade e a feira é justamente o lugar ideal para ecoar mais vozes ou pelo menos para se iniciar uma reflexão (figura 42). Feira e rua como espaços de manifestação/reivindicação política. Na ação teve debate, emoção, revolta e também poesia.

Figura 42: Seria o início de uma reflexão? – Santa Inês/BA – 02/10/2021.



Foto: Flávia Souza.

Sim! Estamos em reflexão pelo ato e pela vida. O corpo se anima a cada acontecer de uma história, a partir das múltiplas sensações que transbordaram nestes encontros na/pela feira e sua capacidade de enredar pessoas.

A feira espalha ludicidade. Como cliente a pretensão é comprar o item que se necessita, com demandas e preocupações que o outro pouco acessa. Os passos ora rápidos, ora lentos encurtam a distância para a barraca de interesse. O encontro com quem vende é repleto de possibilidades. A depender das atribulações e das demandas da vida, um vendedor ou uma vendedora tem ali a disposição de convencer a pessoa a comprar sua mercadoria, que tem origem, transporte e procedência até chegar ali e ser arrumada para deixar a banca atrativa.

O encontro pode ser rápido e objetivo, porém pode ser também dotado de uma troca de olhares e a captura de risos, pois, ao vender, o (a) feirante traça estratégias de conquista, com piadas e um papo irreverente que pode convencer o (a) cliente a comprar e até deixar a pechincha de

lado. Para o (a) vendedor (a), aquele jeito de vender transforma o seu dia de maneira mais leve, produz sorrisos e provoca cada cliente que, por frações de segundos, reduz suas próprias tensões. Mesmo rápido é um acontecer acalorado.

4.1.2. Os rodopios do samba

Agora estamos em um samba de roda: Quais sensações podem ser extraídas daí? O que eu sinto? Há uma energia diferente, pois entrego meu corpo e minha mente para o instrumento e, ambos, passamos a ser um só. Minha cognição precisa ser treinada, para que o samba seja orgânico. Por isso, olho em volta e fico admirada por entender que aquelas senhoras do samba de roda sabem muito bem o que fazem e o fazem com destreza e simplicidade. Quem assiste sente-se parte daquilo como se fosse realmente fácil, mas encarar o instrumento, cantar e dançar é um ato criativo difícil de dar conta.

Tomada por muitas emoções, me vi criando uma letra a qual chamei de samba-poesia (Apêndice D). Elaborei um texto rimado a partir de enredos vividos em alguns instantes de samba, mas, como não sei criar a melodia, transformei tudo em poesia. O fato é que, naquele ato, o meu corpo se cruza e se soma a outros, formando corpos coletivos, os quais, ao participar com um instrumento em uma roda, torna-se parte de um processo onde não cabe avaliar o erro do outro, mas se sentir fazedor do som e formar um momento integrado de maneira que sejam corpos, vozes e instrumentos em um acontecer só. Somos partes compondo um todo performático: performances geográficas coletivas.

A espacialização das nossas ações produz a ocupação dos espaços da vida urbana, já considerados aqui na tese como aqueles que permitem a materialidade de nossas causas coletivas. Assim, ruas e praças são apropriadas e ocupadas, em alguns contextos, a partir de ações intencionais conjugadas capazes de expor uma variedade de sentimentos e sensações, desde as emoções mais lúdicas àquelas mais tensas e densas. Este conjunto expõe também como nós produzimos a cidade e o urbano. Neste sentido, Brito (2016) considera que

A cidade deve proporcionar não somente o espaço funcional, mas também o banal, o acidental, o secundário. Suprimir o espaço do uso na cidade é tirar a poesia do cotidiano, pois esse uso pode ser poético, artístico. E cada lugar, independente das condições de uso, precisa ser ocupado, vivido em todas suas possibilidades: funcionais e lúdicas. E é essa vivência que revela a vida na cidade com suas tensões, contradições, pausas, movimentos e poesia. O uso

define o lugar e a poesia surge do uso. Independentemente de ser uma visão utópica de cidade, é esta mesma utopia, enquanto artista, que me faz pensar uma cidade onde o espaço para a poesia, a criação e o teatro sejam garantidos, assim como o espaço funcional (Brito, 2016, p. 45).

O acontecer do lúdico, das pausas e da poesia é resultante de nossas ações corporais e, é neste interim que “a performance completa uma experiência” (Dawsey, 2011, p. 210). Assim, interpreto o acontecer de um samba de roda. As senhoras que participam estão performando? Para elas, não. Porém, as suas ações demonstram a entrega e o anseio de liberar o máximo que o corpo permitir. As senhoras de várias idades se reúnem nos espaços públicos, no CRAS, nas festas populares, em encontros diversos ou onde forem convidadas, pois formam o grupo *Reunindo Primaveras*. Ficam ansiosas, empolgadas, na expectativa da chegada das pessoas para assistir. Há, nas conversas, nas expressões corporais, essa expectativa, à espera da participação de outras pessoas para contemplar o samba e valorizar essa prática que elas aprenderam com outras mulheres.

Seus corpos expressam alegria, diversão e animação. De posse de seus instrumentos musicais, as mulheres tocam timbau e pandeiros, enquanto as demais dançam em círculos e cantam músicas variadas, com isso, tocam e despertam o lúdico de quem assiste. As mulheres chamam atenção com sua animação e vitalidade, uma influenciando a outra, para, assim, aumentar a agitação. No grupo *Reunindo Primaveras*, as mulheres são as responsáveis por cantar, tocar e dançar. Pandeiro e mão tornam-se um instrumento só, para, assim, emitir o som que atija a nossa vontade de sambar. É um corpo que dança, canta, toca e se diverte, traduzindo o corpo como obra, como parte da vida na cidade, como um convite para participar e se apropriar do espaço (figuras 43 e 44).

O corpo em sintonia, energia, em performance de dança, é orgânico, pois a entrega é por completo. Todos os membros do corpo e todos os sentidos estão em reciprocidade. A mensagem e a linguagem são sentidas através desse corpo que não emite palavras, mas emite sentidos ao movimento. O importante é despertar a energia em quem assiste, provocar arrepios ou a vontade de dançar. Ao manifestarmos, a sensação é semelhante, pois quem estava fora tinha o desejo de se envolver. Além disso, a reunião dessas pessoas permite um toque a mais aos significados da vida, pois se trata de um coletivo que clama por respeito a sua capacidade de se manter ativos (as), ao dançar, tocar e ao provar que a idade não pode limitar a potência artísticas dos nossos corpos.

Figura 43: Samba de roda no coreto - Santa Inês/BA – 19/01/2020.



Foto: Flávia Souza

Figura 44: Mulheres entoam o samba de roda – Santa Inês/BA – 19/01/2020.



Foto: Flávia Souza

Quando estão juntas, essas mulheres se entregam à dança e ao cantar rimado e sambado, com isso ecoa um grito preso e solto de maneira espontânea e inesperada e como um corpo só em performance agrega as pessoas, provocando paixão, idolatria, desejo e emoção.

4.1.3. Na rua...

homem é acusado de matar ex-companheira a tiro em Santa Inês. Em mais um suposto crime de feminicídio, um homem é acusado de matar a ex-companheira a tiro na frente da ex-cunhada, em Santa Inês. A vítima morreu ao ser atingida por disparo de arma de fogo, na segunda-feira (11). A mulher chegou a ser socorrida por uma equipe do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU 192), tendo sido encaminhada ao Hospital Geral Prado Valadares (HGPV), em Jequié, mas não resistiu e veio a óbito à noite do mesmo dia. As primeiras informações dão conta de que o indivíduo não aceitava o fim do relacionamento e o caso teria ocorrido quando a vítima teria ido à casa da sua ex-cunhada pedir apoio para o afastamento do irmão e, no momento, ele teria aparecido armado e atirou. O suspeito é oriundo da zona rural de Jaguaquara e está sendo procurado pela Polícia Militar. (Com informações do Blog Marcos Frahm). À tarde. Publicado terça-feira, 12 de maio de 2020. Autor: Da Redação.

Santa Inês: Mulheres protestam contra feminicídio após assassinato de moradora. Um grupo de mulheres de Santa Inês, no Vale do Jiquiriçá, protestou contra o assassinato de uma mulher cometida pelo ex-companheiro. A manifestação ocorreu no fim da tarde desta quarta-feira (13). Segundo o Blog do Marcos Frahm, a vítima, Jaci dos Santos, de 40 anos, foi morta na última segunda-feira (11). O autor do crime, Antônio Carlos dos Santos, de 42 anos, disparou contra a ex-mulher e fugiu em seguida. Antônio Carlos foi encontrado sem vida na manhã desta quarta, no povoado Riacho Fundo. Ainda segundo o site, amigas e familiares da vítima protestaram contra o feminicídio – homicídio motivado porque a vítima é mulher, e pediram o fim da violência contra as mulheres. De máscaras, com faixas e cartazes, o grupo percorreu as vias centrais com o acompanhamento de policiais militares e chegou a se dirigir ao fórum da cidade (Quinta-Feira, 14/05/2020).

No dia 13 de maio, um grupo de mulheres protestou nas ruas de Santa Inês contra o feminicídio de Jaci, o qual deixou a cidade em estado de luto e as pessoas estarecidas. As matérias acima relatam os fatos e os motivos que levaram estas mulheres a saírem de suas casas, vestidas de luto, mascaradas, com álcool 70 e com posições de distanciamento de 1 metro entre elas, já que estávamos vivendo o auge da pandemia. A organização começou por aplicativo de mensagens instantâneas e, na hora marcada, as mulheres se dirigiram a rua, em protesto. Ocuparam, literalmente, as ruas que naquele momento estavam em estado de esvaziamento. Não podíamos estar nas ruas. Mas, um ato de covardia tirou a vida de uma mulher e isso não poderia passar despercebido nem em Santa Inês (figura 45).

Figura 45: Manifestação de mulheres contra o feminicídio – Santa Inês/BA – 13/05/2020.



Foto: Dolores Assariti.

As mulheres estavam ali para demarcar que situações de violência são inaceitáveis. Não há mais condições para a manutenção das mulheres nos lugares de subserviência, de inferioridade, de humilhação, pautados em um machismo exacerbado, insistentemente mantido por um poder violento e ilegítimo. Não há como tolerar determinados comportamentos, há que se cortar pela raiz e, para nós, mulheres, o caminho é a formação, é o encontro, é aprender as nossas capacidades e potencializá-las. Aos homens cabe a mesma coisa, estudar, se formar para se situar numa condição humanizada, numa condição na qual as trocas se dão na base do diálogo e não pela força física, que é um dos principais mecanismos de opressão.

Antes de morrer, o certo é denunciar. Mas, como fazer isso? Não é nada fácil denunciar! A sociedade não acolhe, ela encolhe. Encolhe a vítima em um nível de culpa tão gritante que é capaz de dilacerá-la de dentro para fora. Por isso, a luta precisa ser gigantesca e não podemos cansar de falar, de se formar, a partir da educação, da mobilização, da luta, da música, da poesia, enfim, da arte.

AMÉLIA

Cumprindo o papel que a sociedade lhe deu.
 Amélia nunca dançou,
 Amélia nunca bebeu,
 Amélia nunca gozou
 E por torturas
 Adoeceu.
 Nascida em 1942, Amélia ainda te espera, macho! Para decidir a feira.
 Fala baixo,
 Sufoca suas certezas,
 Estuda, mas não recebe as mesmas grandezas.
 Se vai ao bar, é julgada ali mesmo, à mesa.
 Amélia é agredida todos os dias,
 Nasceu pra ser mãe, tia, amiga. E não vadia...
 É apontada na delegacia,
 São seus trajes que te sentenciam,
 Apanha do marido
 É vítima do machismo
 Gera índices de feminicídios.
 E pra não ser PUTA, fode escondido!
 Na real,
 Amélia anda cansada, de ser carne, submissa e sem vaidade.
 POR FAVOR! Libertem Amélia, Amélia precisa ser, mulher de verdade.
 (Fabrícia de Jesus, 2018, p.52).

Uma mobilização causada pela dor de perder uma amiga, mãe, irmã, uma conhecida, mas uma dor que atinge em cheio o corpo das mulheres. Um sofrimento que naquele momento foi, parcialmente, transformado em luta. Os dados sobre feminicídios são alarmantes, de acordo com a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) do Estado, a Bahia lidera o número de feminicídios na Região Nordeste com aumento de 58% dos casos de violência em 2022 – cerca de um por dia (SPM/BA, 2023).

Além disso, a assistência às mulheres é ainda muito incipiente. Já avançou, porém, em uma cidade como Santa Inês, estas situações são veladas, pois não há um grupo multidisciplinar, voltado, exclusivamente, para o atendimento à mulher. Quando um caso chega as autoridades policiais, há uma tentativa de apaziguar as questões, porque todos (as) se conhecem, os encaminhamentos são feitos, mas as devidas providências ficam no caminho. Voltando à manifestação (figura 46), havia ali um grito de basta, não se tolera mais as violências e as ações criminosas.

Figura 46: Manifestação contra o feminicídio – Santa Inês/BA – 13/05/2020.



Foto: Dolores Assariti.

O ato foi potente e significativo pois, em prol de um objetivo, um grupo de mulheres se fortaleceu e construiu uma ação grandiosa na cidade. Hoje, está materializada em fotos e nas narrativas:

Foi a coisa mais linda que eu já vi na minha vida aquele ato. Foi um momento assim, pandemia, foi um dia que nós ficamos sabendo que uma mulher, Jaci, o nome dela, tinha sido morta com um tiro na cabeça na praça de Santa Inês e aquilo tipo, eu não sabia o que pensar, o que fazer, mãe de 2 alunas do IF. Falei meu Deus e agora? e era uma pandemia, que você não podia sair de casa, você não podia fazer nada e aí ninguém nem cogitava sair de casa porque a gente estava assim, realmente, em restrição, não podia, era proibido por Lei, lá, tinha um decreto. Aí rolou um grupo no WhatsApp com 100 mulheres assim, encabeçado pelas meninas da igreja, porque Jaci era da igreja, então quem estava na frente desse grupo? uma série de meninas da paróquia da Igreja Católica. Nossa! Me arrepia. E aí, as meninas, acho que estavam muito abaladas e quem assumiu muito a frente foi Lara. Foi aí que eu conheci Lara e aí eu fiquei muito aflita porque, eu queria saber como é que aquilo ia ser e já tinha um histórico de ter participado de outros atos e falei: Lara como é que você tá pensando nesse negócio? e tudo. Aí dialoguei com ela, falei: você vai ter que deixar muito claro no grupo que não podem ir 100 mulheres, não tem condições de ter 100 mulheres na praça. Aí ela restringiu a 60 pessoas que era o que dava pra ter lá pelo decreto, foram à praça riscaram o chão aonde tinha que se posicionar cada mulher, isso durante o dia e aí quando deu acho que 4 horas da tarde, eu fui para fotografar, então eu não fiquei ali parada, como estavam as mulheres no ato, tinha uma faixa que tá nas fotos, cartazes, não me lembro se a gente fez esses cartazes, acho que não, acho que as meninas já tinham feito os cartazes e aí eu fiquei fotografando e eu lembro que eu saí de lá foi assim, lindo, lindo mesmo e quando eu saí de lá estava escurecendo

porque Serena era pequenininha tinha meses, da minha casa eu ouvi a Ave Maria. Então, o ato acabou com uma Ave Maria tocando na praça e essas 60 mulheres vestidas de preto carregando cartazes. Foi o ato mais bonito que eu já vi, feito por mulheres, não tenho dúvida, isso porque eu não peguei assim, eu não estava lá pra ver a Ave Maria e a coisa muito das meninas católicas. Então um ato puxado por mulheres católicas que choraram por uma irmã, tipo, assassinada. Então ao mesmo tempo que eu ficava ali pensando a potência dessas mulheres, quantas não tem noção do que elas estão fazendo ali, porque muitas delas são violentadas em casa, né? muitas, inclusive é um respaldo da igreja essa violência (Dolores – trecho de entrevista).

A gente participou do ato porque assim era uma mãe né que assim foi sem esperar. Ele faz e comete um crime. Então, assim, foi um momento que chocou todos nós aqui da cidade, porque esses crimes, assim, violentos chocam muito a comunidade, talvez essa relação de parente de quem, não sei que, não sei que? isso também aproxima muito as pessoas de forma que o que acontece com um, todo mundo sente. E, assim, como foi um crime dessa natureza, bárbaro dessa forma, como já teve outros aqui, choca sempre. Então, assim, a gente se sentiu na obrigação de tornar isso bem evidente, essa brutalidade, essa crueldade, até como autoproteção, pra saber que esta mulher não estava sozinha, que ela foi vítima, mas que isso tem que ficar bem evidente, os transtornos que isso causa, crueldade que isso é. Aí fizeram um grupo no WhatsApp, Lara, fez um grupo no whatsapp, foi colocando um monte de gente e aí convocou pra gente fazer esse ato na praça e todo mundo foi e aí fizemos no sentido de tentar impactar mesmo pra poder evidenciar bem que as mulheres não estão sozinhas e que a gente tá atenta para esse tipo de brutalidade. Fui eu, Patrícia também tava, me parece que é muito do que a gente vê na televisão né, então assim, quem idealizou, idealizou sempre no sentido de olha, fazem isso em outros espaços, então a gente também tem que fazer, eu acho que eu percebi mais isso assim, que é uma coisa que a gente vê mais na televisão, em cidades grandes e aí alguém pensou que aqui também a gente pode fazer isso e aí fizemos e todo mundo participou e a gente foi lá e fez, porque se em outros lugares grandes dava certo, então aqui a gente também pensou que pudesse dar, no sentido de fazer repercutir a morte, o assassinato (Rosângela – trecho de entrevista).

As falas das entrevistadas demonstram a força deste ato. Para Dolores, um híbrido de tragédia e beleza está envolvido neste encontro e o seu relato indica alguns signos que atravessam a existência de muitas mulheres, mães, filhas, esposas, as quais buscam o trabalho, a religiosidade e a alegria de viver, mas que no meio da busca podem ser assassinadas. Um depoimento que narra o momento e expressa como o corpo dela estava inerente ao ato, ao partir de um olhar fotográfico, aguçado pelo posicionamento tomado por cada mulher ao ecoar: parem de nos matar. Para Rosângela, se uma violência deste nível chega a Santa Inês e atinge em cheio uma comunidade inteira com dor e revolta, então a manifestação também teria que acontecer para demarcar que a violência contra as mulheres precisa de um basta. No contexto da escuta das duas entrevistadas, senti tristeza, revolta e um traço de esperança que surgiu do fato de ambas estar inseridas na ação.

O trecho da reportagem, as fotos e os depoimentos marcam uma realidade fria e cruel, mas potencializam uma ação coletiva em prol de uma causa comum. Neste sentido, as mulheres que habitam cidades pequenas necessitam fortalecer, ainda mais, as suas redes de proteção, pois aqui as violências acabam sendo veladas, em virtude de dificuldades diversas, mas, principalmente, por aquelas voltadas para o acesso à educação e à renda.

Ainda na rua, visualizei as pessoas e suas bicicletas. Esta questão é tão presente que, em suas narrativas, os (as) “ciclistas” destacam a emoção de estar em uma pedalada – *“quando eu tô pedalando a alma sai do corpo” (trecho de entrevista)* – uma afirmação que representa uma entrega profunda, entre corpo e bicicleta. A pedalada é algo prazeroso, emocionante a cada distância percorrida, a cada encontro realizado e por cada meta vencida. Algumas pessoas pedalam sozinhas, outras formam grupos e se ornamentam com roupas propícias à pedalada. Há os pedais noturnos e os cicloturismos que ocorrem na Bahia.

Santa Inês já realizou sete eventos de cicloturismo. Em 2018, Santa Inês compunha o calendário do cicloturismo da Bahia e o evento ocorreu no dia 02 de dezembro, seguindo a agenda do estado, da qual, além de Santa Inês, participaram as seguintes cidades do Vale: Laje, Maracás, Mutuípe e Ubaíra, em outras datas. Em Santa Inês, já era o 5º cicloturismo. Para mim, foi um dos primeiros campos da pesquisa. Havia muita expectativa sobre os fenômenos que iriam aparecer e antes mesmo de chegar a Santa Inês já vinha encontrando os (as) ciclistas pela estrada. Alguns (algumas) ciclistas vinham das cidades circunvizinhas, pedalando pela BR 420 que já possuía algumas placas de sinalização, advertindo a passagem de bicicletas, porém não a considero indicada para tal prática, já que não possui acostamento. Outros grupos chegavam em comitiva e a maioria utilizava roupas específicas para a atividade do pedal, porém cada grupo trazia sua marca com peças desenhadas de muitas maneiras.

Foram então realizadas muitas atividades, previamente organizadas para receber ciclistas de toda a Bahia e a pedalada ocorreu em um circuito pelo campo planejado e sinalizado. Uma parte das ciclistas de Santa Inês passou a noite nos preparativos para o café da manhã, servido aos participantes antes da saída para a realização do percurso. O evento foi elaborado por um grupo de famílias cidadinas e recebeu alguns patrocínios dos comerciantes locais, principalmente com a oferta de alimentos. Durante o café, dava para sentir a emoção dos (das) participantes, que ali

queriam mostrar suas roupas, suas bicicletas e estar reunidos (as) em grandes grupos para marcar a presença naquele contexto. Houve algumas apresentações de dança, que produziram animação e euforia. Após o café, os (as) ciclistas se aglomeraram em seus grupos e seguiram o percurso pré-definido pelos organizadores do evento. O percurso passou por todo o centro da cidade (figura 47) até seguir por pontos mais afastados e com poucas edificações e adentraram pelas estradas de chão, onde há vários pontos de apoio para água e alimentação, além de apoio festivo com bebidas e shows ao vivo.

Figura 47: Ciclistas ocupam as ruas – Santa Inês/BA – 02/12/2018.



Foto: Flávia Souza.

Foi uma participação interessante, pois aquela aglomeração de pessoas estava ali com a intenção de se apresentar umas para as outras, através dos seus trajés. A realização do percurso é, para alguns (algumas), o objetivo principal para estar ali e viver aquele momento. Os percursos e seus obstáculos eram desafios que precisavam ser vencidos e, a cada chegada a algum ponto de apoio, era uma comemoração. E eu me encontrava no meio daquele rebuliço todo, até então sem saber o porquê, mas me animava com a alegria e o cansaço expresso naqueles rostos.

Com o passar do tempo, comecei a observar as mudanças no existir das cidades quando se aproximam esses eventos, há um aumento significativo da circulação nas cidades, as famílias

umentam também e as residências ficam cheias. Para gestores (as) de cidades pequenas, há um crescente interesse em trazer eventos que garantam alguma visibilidade, seguindo a rota de uma prática urbana similar ao que ocorre nas grandes cidades, tratadas como sinônimos de desenvolvimento e prosperidade a serem alcançados.

Os eventos são acompanhados da intenção de atender o anseio de fomentar uma perspectiva turística – assim podem ser refletidas as festas como o festival de cultura/festa da padroeira de Santa Inês; a festa do Vaqueiro em Cravolândia; as comemorações dos aniversários das cidades; as festas de São João; e a construção de memoriais que tratam do passado. Nestes eventos, há todo uma preparação para a sua ocorrência, uma seleção de artistas de conhecimento da população, em geral, a qual fica na expectativa para saber quais serão os artistas contratados e a intenção de destacar a cidade, a partir da maior festa, a mais cheia, a mais visitada.

Serpa (2007) elabora uma reflexão sobre as questões voltadas para um turismo espetacularizado que assola as cidades contemporâneas. As cidades debatidas pelo autor são atravessadas pela espetacularização de maneira violenta e em um ritmo acelerado e as cidades pequenas abrigam gestores (as), representantes das classes sociais mais abastadas, que vão produzindo cidades nessa mesma direção. Nas palavras de Serpa (2007):

No período contemporâneo, o “consumo cultural” parece ser o novo paradigma para o desenvolvimento urbano. As cidades são reinventadas a partir da reutilização das formas do passado, gerando uma urbanidade que se baseia, sobretudo, no consumo e na proliferação (desigual) de equipamentos culturais. Nasce a cidade da “festa-mercadoria”. Essa nova (velha) cidade folcloriza e industrializa a história e a tradição dos lugares, roubando-lhes a alma. É a cidade das requalificações e revitalizações urbanas, a cidade que busca vantagens comparativas no mercado globalizado das imagens turísticas e dos lugares-espetáculo (Serpa, 2007, p.107)

Nas pequenas cidades, as obras se espalham com a construção de praças, mais ornadas para a contemplação do que para o uso e as que possuem usos são aquelas voltadas para o consumo. No contexto das festas, os desejos dos (das) gestores (as) seguem o que Serpa (2007) afirma como festa-mercadoria, a qual é planejada para instigar e criar a expectativa da população para o grande evento. Os investimentos são elevados, mas os (as) gestores (as) informam que os ganhos econômicos são superiores. Os festivais são anunciados com antecedência, são criadas estratégias de anúncios-surpresa sobre as atrações e a cidade se agita. Para Lefebvre (2004), a

cidade e o urbano também resultam de um delírio racional que pode deteriorar as relações, como no caso das violências,

assim como o caráter, igualmente inquietante, das festas: multidões imensas reunindo-se na instável fronteira entre o frenesi alegre e o frenesi cruel, na fruição lúdica e no transe. Raramente existe festa sem “*happening*”, sem movimentos de massas, sem pessoas pisoteadas, desmaiadas, mortas. A centralidade, que concerne às matemáticas, concerne também ao drama. Ela os reúne, como reúne *tudo*, inclusive os símbolos e signos (entre eles os da reunião). Os signos do urbano são os signos da reunião: as coisas que permitem a reunião (a rua e a superfície da rua, pedra, asfalto, calçada, etc.). O que evoca o urbano com mais força? A profusão das luzes, à noite, sobretudo quando se sobrevoa uma cidade - o fascínio das luzes, dos neons, anúncios luminosos, incitações de toda espécie – acumulação simultânea das riquezas e dos signos. No entanto, no curso de sua realização, a concentração sempre enfraquece e se rompe. É preciso, então, um outro centro, uma periferia, um alhures. Um outro lugar e um lugar outro. Esse movimento, produzido pelo urbano, produz, por sua vez, o urbano. A criação se interrompe, mas, por sua vez, para criar (Lefebvre, 2004, p. 111 e 112).

Desta maneira, podem ser descritas as festas de grande visibilidade que ocorrem por aqui. Cada festejo visa à perpetuação das tradições e configura os elementos intencionais de visibilidade política eleitoreira a nível local e regional. A população também almeja participar das decisões sobre as atrações. Ao estar em meio a uma roda de conversa, é possível visualizar moradores (as) lançando propostas e sugestões de como a festa poderia ser realizada de outra maneira, assim como quais artistas deveriam ser contratados, se questionando também a organização dos espaços livres da cidade. No contexto da organização da festa a participação popular é rarefeita, o que há é um incentivo para a ampliação da expectativa da população para participar da festa. As festas são organizadas por grupos locais e pela gestão.

Serpa (2007) exemplifica a ideia de festa-mercadoria a partir de Salvador e a cruel situação das relações de trabalho que atingem as populações mais pobres da cidade, as quais enfrentam dias e dias de trabalho árduo nas ruas da cidade. Um exemplo disso, são os (as) cordeiros (as) que são contratados (as) para impedir e limitar o contato entre os (as) integrantes do bloco de carnaval com os (as) foliões e foliãs que estão na rua e nas calçadas e que não pagaram pelo abadá do bloco. Esta limitação é realizada pelos (as) cordeiros (as) através dos seus corpos, como matéria utilizada como barreira para evitar o contato entre os (as) de dentro e os (as) de fora das cordas, durante o carnaval, para tanto são mal remunerados (as) e mal tratados (as), em virtude da precariedade das condições que se dão no mesmo contexto do advento de uma

“cidade-festiva que se reinventa para o espetáculo e para o turismo” e “prepara uma ‘festa’ centralizadora e concentradora de renda” (Serpa, 2007, p.108).

Discussões e debates são bastante desenvolvidos no âmbito da ciência geográfica, com comprovações dos prejuízos diversos para as pessoas e suas cidades e, na contramão deste debate, os gestores (as) das cidades pequenas almejam os modelos hegemônicos e repetem os discursos da geração do emprego e da renda que as festas fomentam. Neste sentido, Brito (2012) afirma que as cidades pequenas vivem o desafio de manter as suas manifestações culturais e os seus trabalhos artísticos vivos, já que são engolidos pelos interesses citados por Serpa (2007). Assim, segundo Brito (2012),

No interior, tanto na Bahia como em outros estados brasileiros, é comum encontrar cidades nesta situação. Os governos, os patrocinadores e as grandes empresas só se interessam em financiar aquilo que está próximo do grande público, o que oferece visibilidade imediata. Assim, quem está distante de onde a mídia se concentra vê o seu ofício ameaçado. Esta concorrência faz com que muitos artistas mudem de profissão, procurando um trabalho mais rentável, pois quem produz arte também precisa de meios para se sustentar ou sustentar uma família (Brito, 2012, p.32-33).

O Festival de Cultura/Festa da Padroeira de Santa Inês (Lavagem da Igreja), a festa do Vaqueiro, os festejos juninos são parte de uma conexão entre o espetáculo e a festa popular, entre o sagrado e o profano, entre a contratação de artistas famosos e artistas locais, estes últimos com remuneração bem inferior aos primeiros.

Nas bordas da grande euforia, a população produz arte, principalmente, nos momentos das ações que não foram planejadas pela prefeitura em si, mas pelos próprios (as) idealizadores (as) em suas rodas de samba, de capoeira, de conversas entre amigos (as), nas danças coletivas, ou ao tomar banho de carro pipa, rodando de braços abertos como se estivesse sozinho/a em meio à multidão, ali talvez estava resistindo, nas entrelinhas do espetáculo, o jogo lúdico.

Os festejos foram cancelados nos períodos pandêmicos e, em 2022, no início dos festejos da padroeira de Santa Inês, foi anunciada, através do carro de som, uma carreata pela cidade, em pontos estratégicos com o intuito de chamar a população para o ato. Às 5h da manhã, os carros começaram a sair em direção à igreja matriz de Santa Inês. A imagem da Santa estava em cima do carro que iniciou o trajeto pelas ruas da cidade. Na passagem por essas ruas, algumas pessoas demonstravam a sua fé, com velas e santuários. Saíam do jeito que estavam, com pijama, para

contemplar a passagem do cortejo. Havia também os curiosos nas janelas e nas portas de suas casas. Estavam nas portas das casas, munidos (as) pela fé e com entrega profunda à santa. Ao passar pela casa do cristão e da cristã, o seu comportamento era de uma idolatria tão enraizada que gerava uma comoção a quem observava.

Durante a passagem da carreata foram lançados fogos de artifício e realizado um buzinaço. Neste dia, aconteceu uma caminhada com membros da igreja que saíram por várias ruas da cidade carregando a Santa em homenagem ao seu dia. No final da tarde um grupo expressivo de pessoas estava parado na frente da igreja. Um mini trio tocava as canções e transmitia as falas religiosas do padre para seus fiéis. Um evento marcadamente católico, realizado para indicar o início das comemorações em homenagem à padroeira da cidade.

Como dito por Lefebvre (2004), raramente há festas sem as questões relacionadas à violência e nas quais os fatos são recorrentes, desde brigas banais a homicídios, as situações deixam sempre a população impressionada: foi o que aconteceu na manhã do dia 20 de janeiro de 2023, quando a festa foi impactada por uma situação grave. Aproximadamente às 5h, já no fim da festa e com o dia raiando, um condutor em alta velocidade e na contramão perdeu o controle da direção do seu carro e atingiu cinco pessoas que ainda estavam no percurso da festa. O acidente foi grave, mas as vítimas tiveram algumas escoriações, foram encaminhadas para o hospital da cidade e o caso considerado mais grave foi enviado para atendimento em Jequié. Com as vítimas ainda feridas no chão, populares partiram revoltados para cima do condutor do veículo e o espancaram com chutes e pontapés. Rapidamente, as mensagens e vídeos chegaram aos celulares de muitos cidadãos. O condutor foi retirado do local por outros populares, para não sofrer mais agressões e o veículo foi atirado no rio. Após o resgate das vítimas, a polícia foi acionada, os acidentados foram ouvidos e o carro foi retirado do rio. A cidade afável, tranquila e acolhedora agora demonstra ares de uma violência extrema e desumana a qual gerou uma sensação de luto para alguns (algumas) praticantes, principalmente, para os (as) que consideram a festa uma das melhores coisas que acontecem na cidade.

4.1.4. A vida anima a praça

Um carro de som informa a ocorrência de um casamento a ser realizado no coreto da cidade. Era um convite. O casamento aconteceu no dia 10 de janeiro de 2020 às 19h. No horário

marcado, o coreto de formato octogonal e cercado por meias paredes de vidro, localizado na parte central da praça Araújo Pinho, já estava organizado com cadeiras brancas, distribuídas umas atrás das outras. O coreto (figura 48) possui uma iluminação central e é conectado a outro ambiente da praça por uma passarela.

Figura 48: Coreto organizado para o casamento de Kelry – Santa Inês/BA. 10/01/2020.



Foto: Flávia Souza

No momento que a fotografia foi extraída, ainda era um espaço previamente preparado para receber os (as) convidados (as) do casamento. A iluminação na passarela auxiliaria a caminhada dos (as) convidados (as) e dos noivos até o altar. Uma imagem de uma noite que mescla o escuro do céu com o colorido das árvores, do coreto, dos quiosques e da iluminação artificial. Aos poucos os (as) convidados (as) começaram a chegar e se sentaram nas cadeiras organizadas no espaço destinado ao casamento.

As pessoas sentadas nas cadeiras aguardavam ansiosas a chegada de Kelry, a noiva. Às 19:40, a noiva chegou com seu vestido branco rendado (figura 49), longo e com decote nas costas; o noivo a esperava com camisa e calça brancas e um paletó preto. Uma mesa foi instalada em frente aos convidados (as) onde o “padre” aguardava para realizar o casamento. Os (as) convidados (as) estavam na expectativa com seus celulares em mãos para gravar a cerimônia, assim como uma equipe também estava organizada, realizando a gravação. Com tudo pronto, o casamento foi iniciado.

Figura 49: Chegada dos (das) convidados (as) ao coreto - Santa Inês/BA. 10/01/2020.



Foto: Flávia Souza.

Não era um casamento oficial. Os (as) organizadores (as) tinham, na realidade, outros objetivos. Foi uma ação proposta pelo youtuber Wirney Campos que, vestido de noiva, se chamaria Kelry, o qual pretendia realizar a gravação do casamento com seu enredo previamente organizado.

A gravação do casamento de Kelry foi iniciada com a presença de muitos (as) moradores (as) que vieram contemplar o evento. Uma criança da plateia foi convidada para entregar as alianças e os (as) demais participantes convidados (as) eram parte da ação. Várias cenas foram gravadas e o youtuber anunciava a todo momento que a plateia só veria uma parte do casamento, pois o restante seria gravado em outro local e poderia ser assistido completo em seus canais do youtube e do Instagram. Foram improvisadas as luzes, a caixa de som e o texto foi refeito algumas vezes. A demora e a repetição das cenas deixaram o público um pouco desanimado e houve uma circulação mais rotativa das pessoas.

Nesta ação houve uma importante participação das pessoas, pois estavam envolvidas e participavam em tom de brincadeira e diversão. Foram ali para contemplar o que consideraram uma atividade artística improvisada, divertida e acessível. O youtuber estava disposto a realizar a ação, visando à postagem e às visualizações. Mas, para a população que esteve presente, foi um momento de descontração. O youtuber estava ali com a intenção de exhibir-se e mostrar suas atitudes para aquele público que o observava e se divertia com as ações que ocorriam ali. De

cada pessoa, foi captado um sorriso, uma gargalhada, uma curiosidade e até o tédio, pois havia pressa para que o “casamento” se desenrolasse. A repetição das cenas era engraçada para mim também, mas também comecei a achar o processo cansativo, fato também perceptível na feição de algumas pessoas. Me aproximei de alguns e havia aqueles que sabiam o que estava ocorrendo e que foram com a intenção de participar, bem como aqueles que descobriram quando chegaram na praça e se aproximaram por curiosidade.

Ao utilizar seu corpo como base para a ocorrência do evento, o youtuber se apropriou daquele espaço e daquelas ações de maneira intrínseca. O seu corpo era o que chamava atenção naquele contexto e a estrutura mais as pessoas que contemplavam indicavam que estávamos diante de um casamento. Logo, seu corpo e suas ideias foram suas ferramentas para o acontecer do seu trabalho e da sua vida e, assim, me contou os motivos para realizar a ação:

A história do casamento, na verdade ali tudo foi um sonho, né? o Wirney, ele sonha em casar daquela forma, e aí foi uma maneira de eu viver aquele momento e aí eu criei né, através da minha personagem, eu criei um casamento, porque é um sonho meu. Então, se você observar que no final foi tudo um sonho, a Kelly sonhou com aquele casamento e aí ela botou na mente dela e aí fez aquele casamento, mas foi tudo um sonho mesmo. É um sonho do Wirney né, da minha pessoa e aí eu fiz, tive a ideia de fazer e chamei as pessoas que trabalhavam comigo montei detalhe por detalhe e resolvi fazer a peça e jogar na rua, aí tanto que as pessoas gostaram, teve vários compartilhamentos, e as pessoas sempre falam e sempre lembram do casamento da Kelly e eu tenho intenção em fazer em outras cidades para as outras pessoas conhecerem. Foram muitos comentários, vários compartilhamentos e viralizou (Wirney/Kelry – trecho de entrevista).

Um sonho, sonhado de um casamento que poderia ser real, mas não é, em virtude do preconceito dilacerador que marca a nossa sociedade. No momento da ação haviam aqueles e aquelas que não se interessam e nem consideram estas ações proveitosas de alguma maneira, mas, para outra parte, aquele momento proporcionou o despertar do lúdico em um espaço público.

O que há de geográfico nesta ação? Há uma integração das pessoas com aquela dinâmica, há um envolvimento espacial e uma troca de olhares, de falas e de expressões. Na minha reflexão, o lúdico permite transparecer uma Geografia vivida, cotidiana, na qual as pessoas, algumas vezes, realizam suas ações sem demarcar ou pré-definir o que acontecerá. Aí há o encontro não programado com o outro e com o mundo.

A vida que anima as praças é algo que precisa ser captado com cuidado, porque nelas se desenvolvem usos repetidos, voltados, principalmente, para as músicas nos aparelhos de som, o consumo de bebidas e alimentos e alguns momentos de música ao vivo, patrocinados pelos proprietários dos quiosques e pela prefeitura. Algumas vezes, estas praças centrais apresentam usos fora do planejado, mais comumente aqueles vinculados a brigas ou a uma mãe que tenta retirar o filho alcoólatra da praça ou a grupos de jovens que dançam para postagem no Instagram ou ainda a crianças com seus velotróis e carrinhos, bem como a atos políticos de cunho democrático, dentre outros.

As praças, largos e canteiros são ocupados pelos (as) jogadores (as) de dominó, alguns apostando. Há um chamado para a partida e os (as) jogadores (as) se posicionam nos bancos das praças e iniciam suas partidas por horas a fio, sem se importar com passantes ou observadores (as), pois estão involucrados no jogo, naquelas cabeças e mãos que analisam, criteriosamente, a partida. Quando o jogo acaba cada pessoa segue para sua casa e suas demandas.

Além dos jogos, as praças são áreas escolhidas para a prática de exercícios, aulas de dança, alongamentos e saraus como foi o caso do rolezinho de Jaguaquara, no qual um grupo de pessoas, dentre elas artistas, professores, professoras e ouvintes, integraram e produziram o rolezinho na praça. O grupo iniciou em 2018 com o objetivo de manifestar a arte, a partir de apresentações de música, dança, teatro, poesia, pintura e outras formas de fazer acontecer a arte. Em 2019, foram desenvolvidas algumas atividades nas praças e nas escolas e também o primeiro sarau do rolezinho, realizado na praça J.J. Seabra. O grupo almejava produzir um debate permeado pela arte, pela política, pelas questões de classe, raça e gênero, expostos nas praças da cidade. O segundo sarau do rolezinho foi realizado em 2020, no contexto da pandemia, em formato on-line via aplicativo do Instagram com a mesma proposta de produzir arte através da música, das poesias e das performances e intitulado rolezinho em casa.

Além do rolezinho, ocorrem também outras ações como as batalhas de rap (batalha do centro em Santa Inês – figura 50) e apresentações (organizadas pelas escolas em datas comemorativas diversas, nas feiras de saúde, na comemoração de dias nacionais, como o dia da mulher - 8 de março e peças teatrais como *Os Gonzagas*).

Figura 50: Batalha do centro – Santa Inês/BA – 02/12/2022.



Foto: Flávia Souza.

A juventude chama esse encontro de batalha, porque é um desafio elaborar a frase cantada, a mais rimada possível. Se respirar, perde a rima. Tem que recitar na mesma velocidade do pensar, portanto é um ato criativo efêmero, construído/desconstruído. Algumas vezes são frases “mal vistas” com muitos palavrões, mas há outras que são verdadeiras poesias faladas, sentidas e transmitidas pelo ar, o mesmo que leva aquele som aos nossos ouvidos. Aqueles (as) jovens executam a ação como o mais importante naquela conexão entre a rápida elaboração e a fala, mas começa a sentir que a frase alcançou a rima mais orgânica esperada quando quem assiste começa a ovacionar e incentivar. O mais ovacionado vence a batalha. Todo o conjunto daquela ação é repleto de interações – risos, alegria, gritos, palmas, conflitos e muita energia.

Toda ação estava ocorrendo diante de mim e de muitas outras pessoas que estavam de fora da arena. O motivo? Era uma batalha de jovens, havia um constrangimento para um envolvimento mais direto. Porém, uma das pessoas que estava de fora da batalha solicitou o microfone para declamar um poema, o qual não seguia a linha esperada pela juventude: a batalha. O poema foi recitado, foi aplaudido, mas alguns (algumas) jovens se mostraram intrigados com a mudança do tema e com a nova forma de participação. Uma situação que coincide com a assertiva de Goffman (2014):

Dado o fato de o indivíduo efetivamente projetar uma definição da situação quando chega à presença dos outros, podemos supor que venham a ocorrer, durante a interação, fatos que contradigam, desacreditem ou, de qualquer modo, lancem dúvidas sobre a projeção. Quando estes fatos perturbadores

ocorrem, a própria interação pode sofrer uma interrupção confusa e embaraçosa. Algumas das suposições sobre as quais se baseavam as reações dos participantes tornam-se insustentáveis e os participantes se descobrem envolvidos numa interação para a qual a situação havia sido erradamente definida e agora não está mais definida. Em tais ocasiões o indivíduo cuja representação tenha sido desacreditada pode se sentir constrangido enquanto os outros presentes podem tornar-se hostis e tanto um quanto os outros podem se sentir pouco à vontade, confusos, envergonhados, embaraçados, experimentando o tipo de anomia gerado quando o minúsculo sistema social da interação face a face entra em colapso (Goffman, 2014, p. 24-25).

A interação descrita na arena durante a batalha foi alterada, pois, após a solicitação da declamação do poema, a juventude demonstrou sentimentos atravessados e nos vimos diante de um esvaziamento daquele espaço, já que a turma que assistia saiu em passos rápidos da praça em direção à praça central e nós ficamos de cá observando e refletindo sobre o ocorrido e, como Goffman (2014) explicitou, a interação “entrou em colapso”.

Nesta arena, foi apresentada a peça teatral *Os Gonzagas* (figura 51), na qual os atores Jomir Gomes e CabôcoJão encenam a trajetória cantada de Luiz Gonzaga.

Figura 51: Apresentação – Os Gonzagas – Santa Inês/BA – 05/04/2023.



Foto: Janari Souza.

Os atores utilizam vestimentas coloridas com itens que remetem a uma realidade sertaneja como chapéu, sandália de couro e copos de alumínio. Com o uso de instrumentos musicais elaboram uma cena onde corpo, utensílios, palco e plateia são fundamentais para o acontecer daquela “singela” história, assim, como denomina um dos atores. A sonoplastia foi produzida pelo violão, pelo canto, pela reprodução do barulho dos pássaros com a boca e com a ampliação dos sons a partir das palmas da plateia que se integra a passagem dos momentos da cena e da mudança das personagens que apareciam na narrativa da história. Cada apetrecho utilizado nos fizeram viajar pela vida do Rei do Baião. Foi uma apresentação interativa, repleta de música, poesia e que atravessa a seca, a chuva, a migração e o retorno para suas origens, relatada no bonito encontro entre pai e filho – “Luiz respeita Januário”.

A figura 51 mostra os dois atores em cena, em uma narrativa cantada e sequenciada, na qual, as canções e as falas nos colocam em cena, ora na feira, ora na ida de Gonzaga para novos ares e lugares como demonstra a letra da canção – *“hoje longe, muitas léguas; numa triste solidão; espero a chuva cair de novo; pra mim voltar pro meu sertão”* (Asa branca). As situações vão ocorrendo e uma nova canção demarca o retorno de Gonzaga e o tão esperado encontro com o pai – *“A seca fez eu desertar da minha terra; mas felizmente Deus se alembrou; de mandar chuva pra esse sertão sofredor”* (a volta da asa branca). Os roteiros bem conduzidos associados à nossa capacidade de imaginar compõem, portanto, uma encantadora dramatização.

5. O VALE DO JIQUIRIÇÁ E SUAS EXPRESSÕES: ALGUMAS NARRATIVAS CRUZADAS

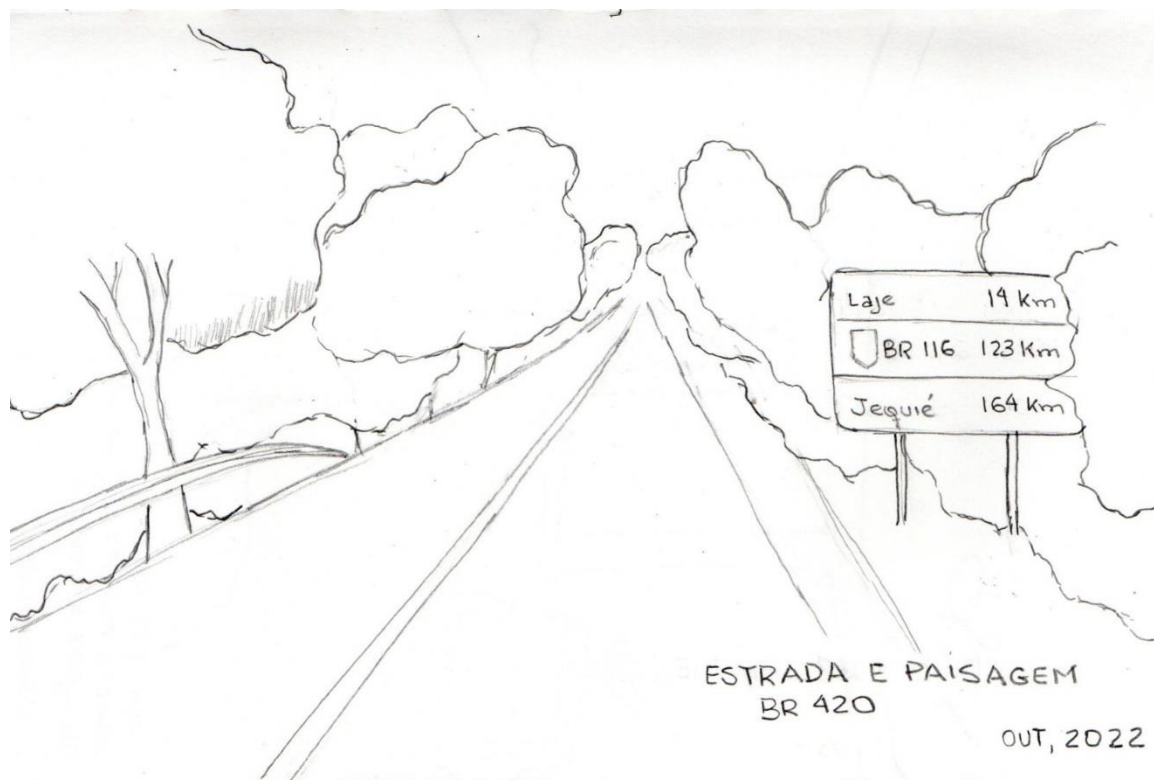


Figura 52: Estrada e paisagem – BR 420.
Croqui elaborado por Janari Souza.

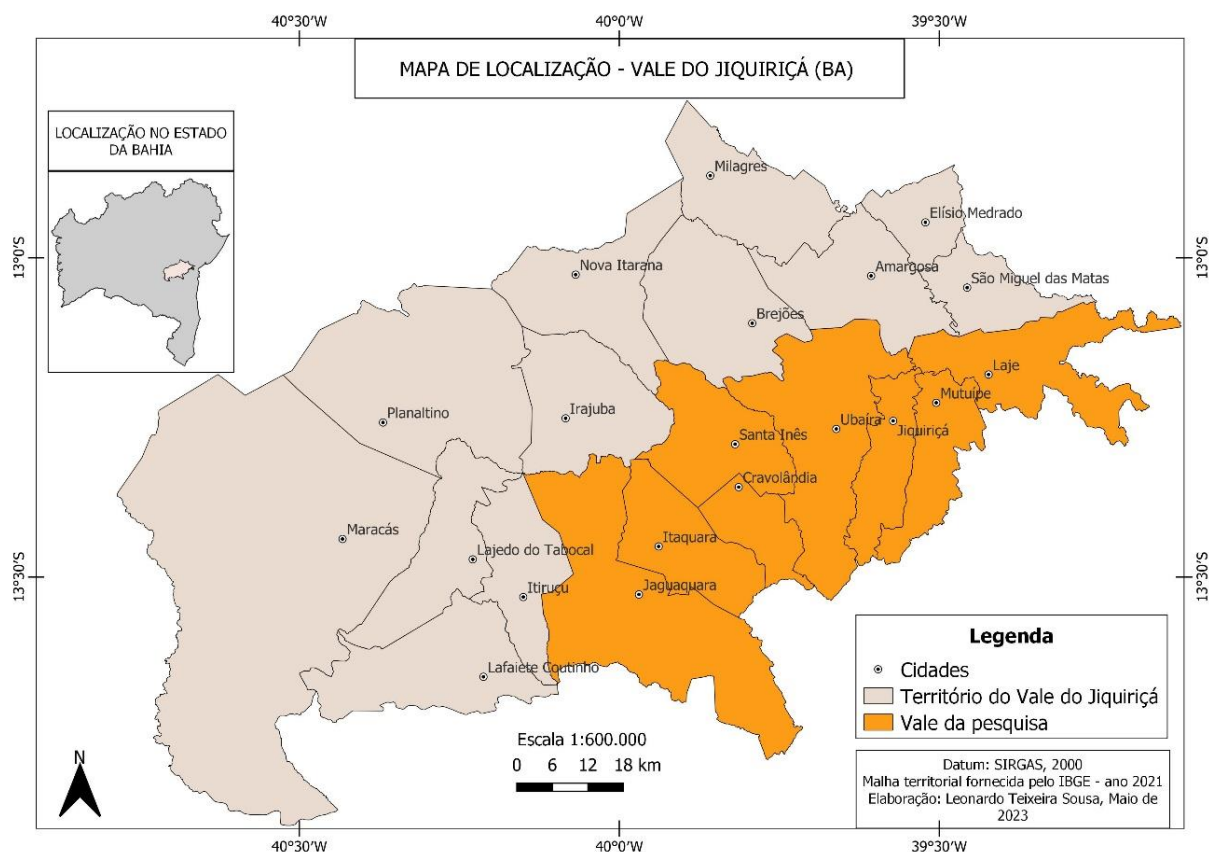
O Vale do Jiquiriçá é um lugar com bastante verde, onde a gente vê a presença forte da natureza, a gente vê os rios, vê os animais. As cidades são acolhedoras, as pessoas são do bem. A gente não vê um índice de violência, assim, enorme aqui no Vale do Jiquiriçá. É um lugar tranquilo, gostoso de se viver (André – trecho de entrevista).

No croqui, estradas e paisagem (figura 52), as mãos da artista delineiam traçados unidos em busca de um ponto e contorna cada uma das árvores, ao longo da estrada de seu interesse. Ao parar diante da estrada, a artista está integrada à mesma e transmite ao desenho o seu imaginar. Onde essa estrada pode nos levar? Como não cabe resposta, a sua ação é traçar linhas em direção a uma profundidade inalcançável. O croqui e o trecho da entrevista, apresentam formas diferentes, mas aproximadas de observar e sentir o Vale. Em ambos, acessamos trajetórias.

As estradas marcaram o começo da relação com as cidades de Laje, Mutuípe, Jiquiriçá, Ubaíra, Santa Inês, Cravolândia, Itaquara e Jaguaquara (figura 53). Estas cidades passaram a ser parte

da rotina, em virtude do meu percurso casa-trabalho desde 2013. Daí o interesse em inseri-las aqui, para além de uma imagem cartográfica. Foi importante traçar alguns encontros e transformá-los a partir das narrativas, as quais unem reflexões críticas, baseadas em histórias, natureza e estradas.

Figura 53: Mapa de localização das cidades do Vale da pesquisa – 2023.



Elaboração: Leonardo Teixeira Sousa.

A BR 420 atravessa uma natureza exuberante presente em suas bordas e nas serras próximas e longínquas. A vegetação cobre o solo das serras como um grande manto verde e, em outros pontos, o solo aparece exposto com seus tons de sépia. Despontam as cercas com o seu papel de barrar quem entra e quem sai, quem pode e não pode se conectar com a paisagem. Ao longe, a vegetação se impõe por vastos trechos, mas é vencida pelo desmatamento - sua principal ferida. O rio Jiquiriçá corre, se esconde, atravessa o Vale, some de novo e aparece imponente.

Por sua mobilidade, pelo salto soletrado da corrente ou pelo movimento ritmado das vagas, as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação. Há uma palavra que encanta, uma substância que atrai. Palavra

discreta ou turbulenta, acariciante ou ameaçadora, que dá ao rio ou ao mar uma personalidade (Dardel, 2015, p. 21).

Neste ritmo e nesta personalidade discreta e turbulenta, o rio Jiquiriçá segue seu curso. Contorna, alimenta, às vezes amedronta, por conta das interferências humanas em seu curso. O rio denomina lugares. Em Volta do Rio, povoado pertencente a Ubaíra, o rio tem um importante significado, mas a população vive um dilema: o vínculo administrativo com Ubaíra é precário e as demandas do cotidiano são acessadas em Santa Inês, logo convive com as dificuldades de atendimento de todos os tipos. O incômodo com esta situação gerou um movimento coletivo, no qual os (as) moradores de Volta do Rio ocuparam a BR com faixas com os seguintes dizeres: “Nossa identidade é santineense”, “Volta do Rio sente-se pertencente a Santa Inês”. Estas faixas e a manifestação tinham o intuito de exigir uma mudança territorial legalizada. A manifestação ocorreu em junho de 2021 e, de acordo com a reportagem do Midia Bahia,

População de Volta do Rio deseja pertencer a Santa Inês

Os moradores de Volta do Rio, em Ubaíra, no Vale do Jiquiriçá, desejam pertencer a outro município: Santa Inês. Numa postagem nas redes sociais, eles argumentam os motivos. Faixas foram espalhadas na localidade pedindo a mudança territorial. A população de Volta do Rio manifesta publicamente o seu desejo de legalmente pertencer ao município de Santa Inês, uma vez que a proximidade territorial, as questões identitárias e a atenção às políticas públicas estão diretamente relacionadas a este município. Ubaíra é muito extensa e há muitos anos atender os anseios da comunidade é inviável pelo Poder Público local. A população sofre com a carência de saneamento, água potável, atendimento à saúde, educação, infraestrutura, agricultura, desenvolvimento econômico, acesso a feira livre e outras políticas (<https://midiabahia.com.br/populacao-de-volta-do-rio-deseja-pertencer-a-santa-ines/>. Acesso em 30 de junho de 2021).

A manifestação não surtiu o efeito desejado pela população que segue vinculada a Ubaíra e continua passando pelas ausências do poder público no povoado. As problemáticas são muitas e, em alguns contextos, despontam aos nossos sentidos.

Na continuidade das expressões geográficas (Dardel, 2015), as fazendas apontam e marcam a estrada com suas cercas e porteiras. São latifúndios espalhados por todo o Vale³⁸ com

³⁸ De acordo como o Geografar – Geografia dos Assentamentos na área rural, em 2017, o índice de Gini para o Vale desta pesquisa é o seguinte: Santa Inês – 0,774; Cravolândia – 0,728; Jaguaquara – 0,782; Laje – 0,809; Mutuípe – 0,720; Jiquiriçá – 0,747; Ubaíra – 0,828; Itaquara – 0,838. Estes números indicam uma estrutura fundiária altamente concentradora na área estudada. O índice de Gini é um indicador utilizado para medir, dentre outras coisas, a concentração de terras. O seu cálculo varia de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, maior a concentração. A concentração presente nos municípios citados acompanha o ritmo dos dados fundiários da Bahia, o qual apresenta índice de 0,713 (Dados acessados na página do grupo em 2023).

apropriação de trechos do rio. Em outros pontos, o rio separa os lugares, não há pontes, há caminhos ora úmidos, ora secos. Na sequência, seu curso é remexido pelas ocupações em suas margens, pelas barragens e pelas chuvas. Some em meio à vegetação rasteira. Se aproxima da estrada, some novamente e surge mais distante. Em meio àquela mata, encontram-se casas isoladas, distantes umas das outras. Pela estrada não dá para definir qual caminho permite chegar ali, parece até que não existem, mas pessoas estão lá e percorrem longas distâncias para realizar suas atividades. A natureza esconde as mazelas. Nas cidades, a imponência das serras abre espaço para as ocupações que a cada dia sobem mais e mais as serras. Em Laje, um lado do rio é ocupado por muitas habitações e é também o trecho onde o rio Jiquiriçá aparece em sua maior dimensão e presença.

As expressões da natureza são integradas ao existir destas cidades, a partir das relações interpessoais originadas das trocas de experiências entre seus (suas) habitantes. São, portanto, produzidas a partir de trajetos vividos por pessoas que sentem e experenciam o Vale e, assim, o descrevem:

Eu digo que o Vale é uma região maravilhosa e que se tiver oportunidade de conhecer, de desbravar, a pessoa for curiosa, a gente vai ter muitas opções de coisas pra conhecer. Agora, infelizmente a gente sabe que os municípios não exploram essa questão de divulgar – “Ah! Tem a Cachoeira dos Prazeres. Ah! tem uma trilha que pode ser feita”, então essas coisas turísticas, pro nosso município, pro nosso Vale, são pouco desenvolvidas, que poderia ser mais. Mas, infelizmente os olhares dos governantes, não é sobre essa questão, é sobre ter só, pegar e dar o emprego. Mas, eu digo que nosso Vale é muito bonito, é muito verde, a gente tem a opção de conhecer vários biomas. A gente chega aqui em Laje e Mutuípe, a gente vê a Mata Atlântica e daqui a pouco a gente se depara com Santa Inês, né, com a caatinga que é aquela coisa assim, bem diferente e assim, e é tudo bonito, a gente não consegue ver nada feio, é muito bonito. Então o Vale tem muita coisa, muita coisa mesmo. Eu tenho amor pelo Vale do Jiquiriçá e tenho amor por Laje. Então, assim, minha mãe fala: - “Ó Moema, todo mundo sai e porque tu não sai?”, porque eu sou muito presa aqui, as minhas raízes. Então, assim, eu preciso as vezes, sair assim, dessa zona de conforto, mas não saio porque eu tenho uma afetividade muito grande com essas regiões (Moema – trecho de entrevista).

Poxa! Eu descreveria como uma região interessantíssima de se conhecer, porque a gente é da Geografia, a gente compreende algumas coisas que o senso comum não compreende, mas qualquer sujeito com leitura da Geografia ou não ou de qualquer área do conhecimento, vai compreender que existe uma paisagem diferente no Vale, olhando. A gente tem a possibilidade de enxergar neste pequeno trajeto que eu passo, elementos do que foi uma mata atlântica, elementos de uma vegetação de transição e elementos de uma caatinga. Então, eu descreveria para quem não conhece sobre essa diversidade que é visível a olho nu, não precisa ser letrado para compreender estas diferenças que

existem. Então eu acho que eu descreveria dessa forma, venha conhecer a beleza do Vale do Jiquiriçá a partir da diversidade de sua paisagem (Aline – trecho de entrevista).

As duas narrativas tratam, justamente, dessa natureza presente, assim como de sua beleza. A primeira entrevistada deseja o despertar da atenção dos (as) gestores (as) para a valorização desta beleza e, assim, transformá-la em atração turística. Demonstra, portanto, o anseio por avanços nas condições econômicas como possibilidade de manutenção das pessoas nestas cidades e, assim, evitar a tendência migratória no Vale. Já a segunda entrevistada constata que não é necessário o conhecimento científico para sentir a imponência da natureza. As narrativas seriam parte das

nossas confrontações espontâneas e diretas com o mundo-vivido, constantemente encontramos combinações dos artefatos feitos pelo homem e os aspectos naturais, e se as chamamos ou não de "paisagem", elas constituem uma presença que pode estar ligada ou ser estranha a nós, mas que é inevitável [...]. Similarmente devemos reconhecer que não há experiência ambiental que não seja, em algum sentido e em algum grau, uma experiência de paisagem (Relph, 1979, p. 13).

Logo, todos (as) temos experiências de paisagem, por isso, Lowenthal (1987) já pontuava que há maneiras pelas quais as paisagens aparecem para nós, uma aparição que depende “de todas as circunstâncias acompanhantes, porque cada sentido é afetado pelos outros [...]. Cada um de nós desvia o mundo a seu próprio modo e contempla as paisagens com suas imagens particulares” (Lowenthal, 1982, p. 134-135). E assim, fizeram as entrevistadas. No contexto das falas, foi possível sentir afetividade, construída ao longo de toda uma vida, chamada por uma delas como “*minhas raízes*”. Esta afetividade também transbordou em mim, a partir das trocas intersubjetivas, através da abordagem da Paisagem³⁹ e por meio das narrativas do mundo vivido e das expressões geográficas.

³⁹ Ponte (2019) realiza a sua reflexão sobre o conceito de paisagem, a partir de uma densa discussão teórica acerca dos caminhos pelos quais o conceito foi sendo consolidado no âmbito das relações entre a ciência geográfica e as abordagens filosóficas ao longo dos anos, destacando as influências das transformações sociais no contexto da renovação da nossa ciência, sobre as mudanças paradigmáticas do referido conceito. Após as contextualizações, a autora alcança a seguinte assertiva: “A paisagem seria, assim, a experiência imediata do espaço, sem artifícios que a encobririam. Uma experiência do corpo, dos sentidos, que corresponderia, nas palavras de Besse ‘à autenticidade e verdade do saber geográfico’ (2014, p. 76). Para o autor, a paisagem precede de toda orientação e referência e, por ser essa ausência de totalização, é experiência da proximidade das coisas (2014, p. 80). A presença e o envolvimento do homem na paisagem é o que une seus elementos e lhes dá significado, e, dessa forma, ‘a paisagem partilha da existência humana, colorindo e sendo colorida por ela’ (Relph, 1979, p. 14). Sendo assim, a ligação dos elementos de uma paisagem se dá no próprio homem, e não fora dele, não existindo critérios predeterminados para a identificação e a delimitação das paisagens, como se essas fossem entidades independentes, passíveis apenas de reconhecimento. A ‘delimitação’ de paisagens ocorre por meio do sentir, afirma Besse, citando Strauss, e esse processo, muitas vezes, não pode ser racionalizado, assim como acontece com as experiências estéticas e às obras

Trata-se de uma relação intersubjetiva com paisagens, assim como afirma Serpa (2019). O referido autor elabora uma análise das fenomenologias da paisagem, a partir dos profundos estudos de Bachelard, Merleau-Ponty e Sartre. Em sua abordagem constata que “a paisagem se constitui e oferece pelos/aos sujeitos como aparição singular e unitária, em situação, através de todos os sentidos humanos, não apenas da visão” (Serpa, 2019, p. 28) e, assim, nos leva à seguinte reflexão:

Se a paisagem é intersubjetiva e um dos aspectos mais visíveis, mais materiais e aparentes da espacialidade da presença, revelando o sentido (e as conjunturas espaço-temporais) do Ser-no-mundo e o sentido do Ser em geral, então as fenomenologias da paisagem são também ontologias. Essas fenomenologias/ontologias vão, portanto, elucidar, além de sua base intersubjetiva, também a essência intermonadária e histórica da paisagem: ajudam também a revelar morfologias e conteúdos outros da paisagem, sob a perspectiva de seres posicionados no mundo, se relacionando intersubjetivamente *em situação* (Serpa, 2019, p. 30).

Essa intersubjetividade consolidou os encontros ao passar por Laje, Mutuípe, Jiquiriçá, Ubaíra, Santa Inês, Cravolândia, Itaquara e Jaguaquara. Na estrada, ainda na BR 101, é possível identificar trechos de Laje, com pontos de parada para alimentação ou para comprar o artesanato típico da localidade. Ainda na BR 101, encontra-se uma referência da chegada em Laje - uma estrutura de pedra, escrito “Laje: A força da pedra, o verde do Vale”. Os marcadores são importantes para gestores (as) demarcarem a chegada suntuosa às suas cidades, principalmente ao centro. Após o marcador, a estrada continua com seus contornos, subidas tortuosas e descidas emocionantes que acompanham o Vale com suas serras e depressões. Foi necessário desbravar o desconhecido e ultrapassar a estrada para, assim, adentrar os lugares da experiência, pois

o homem torna-se também construtor de espaços, abrindo vias de comunicação: caminhos, pistas, estradas, vias férreas, canais são maneiras de modificar o espaço, de o recriar. A rota desfaz o espaço para recriá-lo, reagrupá-lo. Esse reagrupamento denota, as vezes muito firmemente, a sua marca, quando o relevo se impõe ao técnico em terraplanagens, os viadutos, os muros de sustentação, as trincheiras. Mesmo em terreno plano, a estrada reconstrói o espaço dando-lhe um “sentido” na dupla acepção do termo: um *significado* expresso em uma *direção*. No campo que ela atravessa o que, por contraste, continua mais imóvel, mais calmo, ela age como um apelo ao movimento, como uma fuga para o horizonte e para além dele; ela amplia o horizonte e dinamiza a paisagem (Dardel, 2015, p.29).

de arte. Mas, enquanto as obras de arte – incluindo a paisagem pictórica – estão no plano da representação, a paisagem é vivida, experienciada em nosso contato direto com a Terra: ‘muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido’ (Dardel, 2015, p. 30)” (Ponte, 2019, p. 60).

Na passagem pelo já construído, modificado e recriado, as vias de comunicação seguem suas direções e seus objetivos integrados às suas paisagens naturais, trajetórias históricas e em suas fontes de capital e consumo. Ao desacelerar e seguir por rotas mais calmas, entendi que a estrada que promove um apelo ao movimento, capaz de dinamizar a paisagem, é também

presença humana, como passagem, real ou possível. A intenção humana se inscreve na terra: a via romana, indiferente aos acidentes naturais do terreno, corta sempre reta, segundo a exigência estratégica que a suscitou. A estrada moderna, com função comercial, segue mais docilmente pelos vales onde estão as cidades e, para aumentar a comodidade, contorna os obstáculos mais do que contorna de frente. A via férrea, que não tem o que fazer na montanha, a evita com seus tuneis, para ligar-se da forma mais curta às planícies e aos vales. [...] Em todos esses casos, o movimento material ou possível implica na “via” que age como uma “abertura” do espaço, fenômeno de abertura que está na base de toda a geografia das comunicações e dos transportes. Desvelando uma possibilidade oculta do espaço, mobilização de sua imobilidade, exteriorização da mobilidade fundiária do homem em sua relação existencial com a Terra (Dardel, 2015, p.29-30).

No desvelar de trajetos e trajetórias, as cidades se estabeleceram a partir das decisões administrativas frutos de configurações históricas pautadas em questões políticas e econômicas, contextualizadas, inicialmente, a partir de falências e loteamentos de fazendas e por desmembramentos territoriais para atender as intenções dos agentes políticos da época em que foram fomentadas as emancipações municipais. As vias de comunicação são construídas a partir de uma diversidade de intencionalidades.

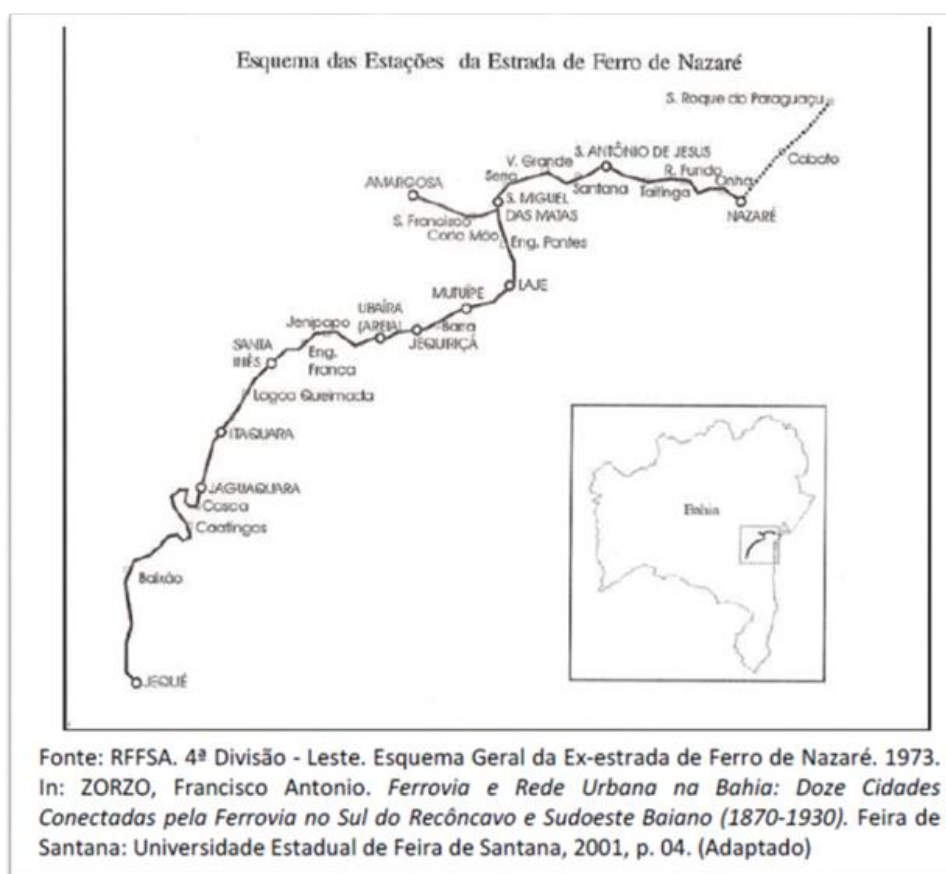
Zorzo (2001), ao interpretar as vias de comunicação que conformam a composição de alguns dos municípios do Vale do Jiquiriçá, se pautou em uma abordagem densa do território e dos processos que produzem dispositivos de poder para a constituição das cidades. Laje, Mutuípe, Jiquiriçá, Ubaíra, Jenipapo, Santa Inês, Lagoa Queimada, Itaquara e Jaguaquara compõem uma rede de doze cidades que foram articuladas a partir da implantação da estrada de Ferro Nazaré entre os anos de 1870 a 1930, a qual seguiu na maior parte por caminhos e trilhas dos (das) antigos (as) habitantes do Vale do Jiquiriçá.

A figura 54 mostra o esquema das estações da Estrada de Ferro - Nazaré, iniciando em São Roque do Paraguaçu e encerrando em Jequié. Zorzo (2001) demarca, com base em informações extraídas da Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA), os pontos de parada dos trens no trecho do Vale, a partir de São Miguel das Matas, passando por **Laje, Mutuípe, Barra, Jiquiriçá,**

Ubaíra (Areia), Jenipapo, Engenheiro Franca, **Santa Inês**, Lagoa Queimada, **Jaguaguara**, Casca e Caatingas.

É possível verificar na figura 54 que a via férrea tinha um traçado tortuoso, pois seus trilhos foram instalados a partir dos rastros criados por antigos (as) habitantes. O traçado da ferrovia e as estações que partiam desde o Recôncavo até o sudoeste baiano estabeleceram o Vale do Jiquiriçá. Das cidades da minha análise apenas Cravolândia não teve instalação de estação férrea, porque, à época, era parte integrante de Santa Inês.

Figura 54: Traçado da Estrada de Ferro de Nazaré - estações



Fonte: Francisco Zorzo, 2001.

A implantação da Estrada de Ferro de Nazaré foi um dos mecanismos que, para Zorzo (2001), auxiliou na composição de uma rede urbana articulada a partir dos fluxos agromercantis e de transporte de pessoas através das estações, as quais foram instaladas em caminhos interligados e próximos a assentamentos produtivos, aqui, no caso, destaca-se a produção de mandioca e de cacau, em Laje e em Mutuípe, respectivamente.

Foram cidades instituídas a partir da colonização europeia na Bahia do século XIX e decorrentes da apropriação e da expropriação de terras do Vale do Jiquiriçá pelos portugueses, proprietários de fazendas com grandes extensões territoriais. Por interesse da organização política local e regional, iniciaram-se os desmembramentos das fazendas - e Cravolândia, como já citado anteriormente, é um desses exemplos -, através de decretos oficiais. Daí formam-se as áreas de expansão de ocupação populacional, conforme citação a seguir:

receberam o controle administrativo das vilas de Cairu (1608), Cachoeira (1663), Jaguaribe (1693) e Minas do Rio de Contas (1724). (...) **da administração de Cairu foram originários os municípios de Ubaíra (Areia), Jequiriçá, Santa Inês, Jaguaquara, Itaquara e Mutuípe.** Da zona de Cachoeira nasceu Amargosa. **Da zona de Jaguaribe** nasceram Nazaré, **Laje**, Santo Antônio e São Miguel. Por fim, da zona de Minas de Rio de Contas nasceu Jequié. As zonas se relacionavam aos vales rios de Contas, Jiquiriçá e Jaguaribe (Zorzo, 2001, p.).

As cidades que compõem o Vale têm seu passado vinculado também à divisão administrativa das Vilas de Cairu e de Jaguaribe, a partir das quais se constituíram povoados, posteriormente transformados em cidades-entrepósitos articuladas pela estrada de ferro, sendo esta responsável pela ampliação da circulação de mercadorias e de pessoas. A ferrovia foi instalada nos caminhos mais conectados e de maior facilidade para a circulação de capitais, logo o percurso ferroviário de Laje a Jaguaquara serviu de entrepostos ou como pontos de parada entre o Recôncavo Sul e o Sertão da Ressaca. Porém, mantiveram-se e ampliaram-se as vias terrestres para a comunicação entre assentamentos (Zorzo, 2001).

Na região estudada do interior da Bahia, a colocação da rede de caminhos terrestres precedeu o desenvolvimento da rede ferroviária e o aparecimento de algumas cidades. A ferrovia foi instalada sobre os caminhos mais rentáveis e articuladores dos pontos mais ativos da rede urbana. Obviamente, todo caminho dava acesso a algum assentamento e todo assentamento se intercomunicava com outros por alguma via. A chegada da estrada de ferro, como se verá, não reduziu a utilização das vias terrestres, ao contrário produziu uma proliferação de caminhos intercomunicados (Zorzo, 2001, p. 05-06).

Também como já relatado aqui, o romancista Santa Inez (1982) não considerava uma via férrea e suas estações, mas sim, “as estradas da esperança”, denominação dada ao seu livro de contos que nos apresenta uma variedade de trajetórias trocadas e atravessadas pelos percursos da estrada de ferro e a parada do trem em cada estação. Ali, o autor faz questão de delimitar cada estação e sua localização em povoados e cidades. Como nos diz Santos (2011), Santa Inez narra

a estrada de ferro, ou melhor, “as estradas da esperança”, como expressão de crescimento econômico para o Vale do Jequiçá. Por isso, Santos (2011) faz questão de demarcar, a partir de Santa Inez, cada estação dessa linha.

A linha da EFN nasceu no Recôncavo Sul da Bahia e seguiu o traçado Nazaré –Onha–Santo Antônio de Jesus –Amargosa –São Miguel –Laje –Mutuípe (na época, Distrito de Paz de Mutum, que pertencia a Jequiçá) –Jequiriçá –Areia (atual Ubaíra) –Santa Inês –Itaquara –Jaguaquara –Jequié. Ainda vale ressaltar os nomes de estações (povoados que aparecem na obra *As estradas da esperança*) servidas pelo trem, como Corta-mão (Amargosa), Barra do Jaguaritu (entre Mutuípe e Jequiçá), Jenipapo e Volta do Rio (entre Ubaíra e Santa Inês), Lagoa Queimada (entre Santa Inês e Itaquara) e Caatinga e Baixão (entre Jaguaquara e Jequié) (Santos, 2011, p. 30).

Com essa localização das estações, percorremos por nomes que já não são tão familiares para os (as) habitantes desses lugares, pois fazem parte de um passado, a exemplo de Areia que atualmente se chama Ubaíra. O romancista Santa Inez apresenta, em sua narrativa, experiências que vêm à tona nas conversas trocadas nas lentas viagens de trem e em seus percalços. O conto 15 (Santa Inez, 1982) traz a seguinte narrativa:

Os homens da “prancha”: Enquanto Rosa escondia a barriga e o medo e enquanto Alípio se preparava para fugir, uma prancha, um trem arrastando cinco vagões abertos, partia de Jequiçá levando mais de cem trabalhadores que iriam construir a rodovia de Jequié a Conquista. O sol continuava sua dança de fogo, enquanto o trem apitava, sem motivo, e se arrastava, fumegando, por aqueles mundos humildes.

- Acho que de tardezinha a gente chega.

- Chega. E eu inda vou tomar um banho prá ir dançar com as morenas de Maracujá.

O outro começou a cantar, num tom monótono de sanfona:

“No camim da roça; Tem maracujá; Mas num tá maduro, maninha; Pra nem bem chupá”.

E, mudando de ritmo, para o estribilho:

“o café ta quente, Quelemente,; Tá pelano a gente”.

Alguns improvisam sombras com as camisas dependuradas em varas, que o vento teimava em levar. O sol fervia num céu de poeira. Na lentidão da manhã, o gado se aquietava na sombra das árvores e olhava, indiferente e acostumado, o trem que se arrastava do outro lado da cerca. Para trás, foi ficando Jequiçá e a saudade das mulheres e dos bons momentos [...]. E o trem continuava, lento, apitos perdidos naquelas caatingas de velame e gravatá, pela margem do riachinho que descia lá das serras de Maracás (Santa Inez, 1982, p. 23).

Neste conto e em muitos outros (são 150 ao todo) aparecem algumas “personagens” que perpassam todo o romance de Santa Inez. Os detalhes do “Vale” da época, apresentados pelo autor, nos permitem imaginar esse trem em trânsito, carregado de pessoas com trajetórias atravessadas por pressões sociais - como uma gravidez não planejada e a fuga de um pai para

não assumir um filho - que expressam as experiências das pessoas que utilizavam o trem. Além disso, observa-se uma crítica às condições da natureza. Há elementos que nos mostram a presença de calor e o desconforto causado até para os animais e o “riachinho que descia lá das serras de Maracás” é o próprio Rio Jiquiriçá, com seus 275 Km de extensão. O rio e estrada de ferro conduz as narrativas contidas nos contos. Neste contexto, Santos (2011) afirma que Santa Inez,

Ao criar suas personagens e relatar a viagem do trem, de estação em estação, falando das noites quentes em Jequié, do acidente em Lagoa Queimada, do aleijado, do sanfoneiro, da banana frita, do mingau de tapioca, de Jaguaquara (a toca da onça), da farinha de mandioca, dos beijos, dos umbus e licuris de Santa Inês, do Coronel e sua grandeza, de Areia (atual Ubaíra), da notícia da morte do trem em Mutuípe, de Laje, de São Miguel, Amargosa, enfim, de todas as estações ou cidades que o trem passava, Santa Inez constrói uma representação dessa estrada, revelando vários aspectos do cotidiano da ferrovia (Santos, 2011, p.18).

E, nesse ir e vir do trem, as histórias se cruzam em várias viagens, as quais se constituíam de encontros e desencontros. Na leitura dos contos, é possível sentir a não continuidade de alguma história, pois ela foi cessada na descida da estação. As vezes era retomada, porque a personagem pegava o trem em outra estação para retornar para casa e/ou para ir e não mais voltar, assim como na canção.

Mande notícias/ Do mundo de lá/ Diz quem fica/ Me dê um abraço/ Venha me apertar/ Tô chegando.../ Coisa que gosto é poder partir/ Sem ter planos/ Melhor ainda é poder voltar/ Quando quero.../ Todos os dias é um vai-e-vem/ A vida se repete na estação/ Tem gente que chega prá ficar/ Tem gente que vai/ Prá nunca mais.../ Tem gente que vem e quer voltar/ Tem gente que vai, quer ficar/ Tem gente que veio só olhar/ Tem gente a sorrir e a chorar/ E assim chegar e partir...
São só dois lados/ Da mesma viagem/ O trem que chega/ É o mesmo trem/ Da partida.../ A hora do encontro/ É também, despedida/ A plataforma dessa estação/ É a vida desse meu lugar/ É a vida desse meu lugar/ É a vida.../ Lá lá Lá Lá Lá.../ A hora do encontro/ É também, despedida/ A plataforma dessa estação/ É a vida desse meu lugar/ É a vida desse meu lugar/ É a vida... (Nascimento, Encontros e despedidas, 1985).

Os versos da canção permitem cantarolar a circulação de pessoas, “e assim chegar e partir”. Assim, como na letra da canção, a migração é uma situação muito presente nos contos ao longo do livro. O conto 24 retrata esta condição. As personagens migravam por necessidade econômica, já que é possível captar nos enredos de cada narrativa as precárias condições de vida dessa população do Vale do Jiquiriçá que entrava e saía do trem. Aquele trem que “apitava,

sem motivo, e se arrastava, fumegando, por aqueles mundos humildes” (Santa Inez, 1982, p. 23). Migravam também por questões de saúde ou por brigas entre famílias e vizinhos. O caso é que ainda hoje esses fluxos de partida e retorno são presentes nas cidades que compõem o Vale do Jiquiriçá.

Conto 24 – as cidades morrem de tristeza

O trem parou em caatingas. Apitos, esguichos de vapor, barulhos de rodagem chiados, um monstro fumegante, asmático, soltando fumaça e fagulhas. Mas era a vida, o sangue que alimentava aquelas pequenas e doces cidades do sudoeste baiano. Movido a lenha e água, arrastando cinco, seis vagões, levava e trazia gente, notícias e esperança. A morte do trem determinou o urbanicídio do Sudoeste. Porque sem sua janela para o mundo, os jovens fugiram para Salvador, para São Paulo e Rio de Janeiro, deixando pobreza, solidão e saudade nas cidades poéticas e no coração dos velhos que não tinham mais para onde ir, nem o que fazer, nem o que ver, nem mesmo o que falar. Para aquelas cidades foi como se alguém roubasse o único brinquedo de uma criança muito pobre. Morreram de tristeza. Em troca de coisa nenhuma (Santa Inez, 1982, p.30).

Santa Inez nos convida para uma viagem-memória a bordo de um trem cheio de histórias. Porém, sinaliza as debilidades técnicas, a precariedade da viagem e as condições de pobreza. O conto 16 descreve a situação de um acidente nos trilhos do trem:

Conto 16. O acidente aconteceu às 10h45m: Passou Jenipapo, passou Areia, passou Volta do Rio e Santa Inez e estava chegando a Lagoa Queimada quando houve o acidente. As rochas saíram dos trilhos, afundaram na terra e as pranchas do fim despejaram a sua carga humana nos espinhos dos cactos que margeavam a ferrovia. O trem parou súbito.

Alguns se assustaram, mas a maioria gritou de brincadeira.

- Chegou! Chegou! Chegou em Jequié!

Era ironia, a pressa com que desejavam que aquele dia passasse, que aquele sol desaparecesse, que aquele calor da fornalha virasse sombra da noite, vento de madrugada. Lá do alto o sol espiava aqueles homens, sedentos, suados, caminhando para a lagoa lodosa, que se alongava pela margem da ferrovia (Santa Inez, 1982, p. 24).

Além das marcas da deterioração dos trilhos do trem presentes no conto 16, Santa Inez aponta também as áreas de produção e a importância das práticas rurais para o Vale. Enfatiza o papel da produção de mandioca e suas particularidades. De acordo com Santos (2011), a estrada de ferro não foi construída de imediato e seu prolongamento se deu a partir de uma lei provincial de 1877, com seus trilhos chegando a Jequié em 1927. Assim, ainda refletindo sobre as práticas rurais, Santos afirma que a ampliação da ferrovia dependeu diretamente das condições econômicas do Vale do Jiquiriçá. Para o autor,

O café produzido nos vales dos rios Jaguaripe e Jequiçá era a principal riqueza agrícola, sendo considerado de excelente qualidade. O cultivo deste produto estendia-se por toda zona do chamado —Baixo Sudoeste da Bahial (hoje, denominado de Vale do Jequiçá) e constituiu o interesse central para a construção e ampliação da ferrovia. Porém, se por um lado, o café influenciava na construção da estrada, por outro, está também amplia o cultivo dos cafezais na região. Entretanto, vale destacar outros produtos transportados pela ferrovia, como o fumo, a farinha de mandioca, o cacau, a mamona, a banana, o sisal e outros de menor importância. Na obra *As estradas da esperança*, Santa Inez menciona alguns produtos agrícolas, quando o trem passava pelas estações de algumas cidades: licuri e umbu, em Santa Inês; farinha e cacau, em Mutuípe; e alambiques de cachaça, em Laje, São Miguel das Matas e Santo Antônio de Jesus. Alguns desses produtos eram de consumo local e outros seguiam até Nazaré, Salvador, e, de lá, para o mundo – o café e o fumo, por exemplo. Na Bahia e no Brasil, no final do século XIX e na primeira metade do XX, a ferrovia servia para transportar os produtos agrícolas, passageiros e fazer a conexão entre as cidades (Santos, 2011, p.34).

A linha de ferro se configurou na primeira metade do século XX como um mecanismo de integração do Vale do Jequiçá com a rede urbana baiana. Ainda neste período, as cidades estudadas com exceção de Jaguaquara, já davam sinais de frágil produção agropecuária, com pouco destaque para produção do café. As estações foram totalmente desativadas na década de 1960 (Zorzo, 2011). Para Lima e Calhau,

como pondera Antônio de Santa Inez, no romance “*As estradas da esperança*”, na década de 1940, a ferrovia foi substituída pelo sistema rodoviário “matando” o trem e as cidades do Vale. Além disso, como reitera Olalde et. al. (2009), o rodoviarismo reforçou os vínculos com outros centros regionais da Bahia, para além das cidades do Recôncavo e facilitou a comercialização de outros cultivos introduzidos a partir de 1960, como o cacau e os hortifrutigranjeiros. Estes últimos, são produzidos nas áreas de maior altitude e de precipitação intermediária, cuja expansão, no Vale, esteve associada à chegada de imigrantes italianos, na década de 1950, para os municípios de Jaguaquara e Itiruçu, transformando-os em polo regional de produção e comercialização de hortaliças (Lima e Calhau, 2012, p. 03).

As cidades estão então localizadas na BR 420, a qual proporciona a integração entre duas importantes vias de circulação do estado da Bahia que são as BRs 101 e 116. Tal fato insere esta BR 420 em uma rota de circulação e de distribuição de mercadorias. Jaguaquara é importante nesta rota, já que possui o CEASA como uma marca da comercialização de frutas, verduras e hortaliças com distribuição para as demais cidades do Vale e até para Salvador. Além do CEASA, a presença do IF Baiano em Santa Inês também promove uma circulação de pessoas em busca do acesso à educação, pois o Instituto atende estudantes de todo o Vale do Jequiçá e do Recôncavo e também recebe docentes e técnicos de várias partes da Bahia e do Brasil.

O Vale do Jiquiriçá é formado por suas muitas cidades, estabelecidas a partir das determinações administrativas do estado, as quais foram definidas por interesses dos Governos baianos desde a década de 1990, quando foram delimitadas as regiões econômicas do estado. Antes de 2007, os municípios tratados aqui compunham duas regiões econômicas no estado da Bahia, as quais seriam: o **Recôncavo Sul**, sendo as cidades polos Santo Antônio de Jesus e Santo Amaro; e o **Sudoeste**, sendo as cidades polos Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga. Em 2007 é então constituída a regionalização que denomina o agora Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá. Uma denominação complexa que gera conflitos conceituais de cunho geográfico, com a utilização e junção de conceitos/categorias tão caras à Geografia, as quais foram teorizadas ao longo de inúmeros debates e reflexões. Ao conversar com a geógrafa Aline Lima, esta apresenta a seguinte constatação:

Enquanto professora de Geografia, eu me deparo com vários estudantes que não conseguem compreender o que é o Vale. Eu acho que para nós que somos da Geografia, o processo de regionalização é algo fundamental e aí quando a gente chega na sala de aula, a gente diz para os estudantes: - “olha! A gente tá trabalhando no Instituto Federal Baiano e nós estamos localizados no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, esse território é composto por 20 municípios”, e os estudantes fazem certa confusão, porque eles ficam sem entender, - “aqui é o território de identidade ou aqui é o Sudoeste da Bahia?”. Bom, esse é um grande desafio para os nossos estudantes e os estudantes de Geografia precisam compreender esse processo e eu acho que essa regionalização em territórios de identidade causa uma confusão, na minha opinião, ele ajuda pouco e causa certa confusão, porque se a gente diz para os estudantes que um recorte espacial que agrega entes federativos com características homogêneas, semelhantes, a gente diz que se utiliza o conceito de região. Aí de repente, o governo do estado em 2007, cria uma região com o nome de território de identidade, então para tentar explicar isso para os alunos da graduação é extremamente complexo. Eles entendem “ora, mas território não perpassa por relação de poder, material e imaterial?”, - “sim, perpassa!” Mas, eu acho que é um desserviço colocar para o senso comum estas duas categorias como sinônimos, isso é muito complicado e volta e meia os alunos fazem essa pergunta para mim (Aline – trecho da entrevista).

A confusão é pertinente, uma vez que foram décadas realizando análises profundas sobre o território em sua diversidade e foram muitos constructos teóricos para conduzir as questões das identidades como possibilidade de estudo também para a Geografia. Logo, concordo com a professora que é um desserviço e um desrespeito a toda a bibliografia disponível sobre os temas e a pouca vontade de gestores (as) em acessá-las. Por isso, é importante levantar as fragilidades desta regionalização.

No contexto da análise sobre a divisão do território de identidade, Serpa (2015) também conduz a abordagem a partir de uma constituição regional/territorial para questionar que a

regionalização aplicada não atende efetivamente a critérios condutores de uma política que agregue e se preocupe com a perspectiva cultural. Denominar de territórios de identidade não resolve a questão, já que na prática ainda há concentração de recursos no território metropolitano de Salvador. A identidade não se configura efetivamente como um elo entre as cidades envolvidas no chamado território e, no caso do Vale do Jiquiriçá, a base de composição e junção das cidades é a bacia hidrográfica do rio, que em algumas cidades nem faz parte da percepção dos (das) cidadãos (as), em virtude do seu caráter intermitente.

A inspiração para elaboração dos critérios para regionalizar a Bahia, a partir de 2007, decorreu da regionalização do Brasil em territórios rurais elaborada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (2003). A crítica de Serpa (2015), a esta inspiração, encontra-se na ideia de região-personagem, pautada no pensamento do francês Paul Vidal de la Blache, o qual trata o conceito de região de forma harmônica. Serpa afirma que:

A região-personagem [...] tornou-se um poderoso conceito-obstáculo na Geografia acadêmica, porque impediu a consideração de outras representações espaciais e o exame de suas relações, como nos alertou Yves Lacoste em meados dos anos 1970, em obra hoje considerada um clássico da guinada dialética no âmbito da Geografia política e regional (Serpa, 2015, p. 20-21).

A análise desenvolvida por Serpa (2015) está pautada na aproximação com aqueles (as) que operacionalizam e executam as ações. No contexto das entrevistas, os (as) técnicos (as) refletem e admitem que a regionalização em territórios de identidade possui entraves significativos para o seu funcionamento e as demandas de execução estão vinculadas às questões econômicas em detrimento de uma regionalização pautada em uma identidade territorial, desde quando “a alteridade regional/territorial passa a ser o critério de fundo da regionalização institucional do estado da Bahia a partir de 2007” (Serpa, 2015, p. 22).

Na perspectiva das experiências da população, as cidades que compõem o Vale se relacionam, se conectam, a princípio, pela busca por serviços essenciais como saúde e educação, além do comércio e das atividades de lazer como bares, restaurantes e as cachoeiras existentes na região, que não são de fácil acesso e que, portanto, exigem algum contato com os (as) moradores (as) para localizá-las. Mas, intimamente, as conexões estão vinculadas às relações de parentesco e de amizade presentes no existir cotidiano, ampliando a circulação entre as cidades.

Ressalta-se também que, no contexto das cidades do Vale do Jiquiriçá, o processo de industrialização foi incipiente e esteve indiretamente ligado às produções agromercantis que induziram o crescimento socioeconômico das mesmas, especificamente, ao longo do século XX. Todas as cidades que compõem o Vale do Jiquiriçá estão inseridas em um contexto não-metropolitano e se enquadram nas condições de distanciamento das atividades industriais, já que no estado da Bahia há uma marcante concentração industrial na área metropolitana. Logo, nessas cidades, a atividade industrial é indiretamente presente na dinâmica de constituição das mesmas como entrepostos de circulação da atividade agromercantil no passado e no presente, que as relacionam e as integram com a rede urbana baiana.

Em suas análises sobre a perspectiva urbano-regional da Bahia, Lêda (2010) elabora uma abordagem histórica, pautada em periodizações que avaliam a unidade/a diversidade do Estado em um contexto de socioeconômico capitalista periférico. Seu objetivo foi apresentar recortes capazes de demonstrar a dinâmica descontínua e cíclica do desenvolvimento capitalista do Brasil e sua influência na configuração territorial da Bahia. Para tanto, delinea três grandes períodos, com um intuito de construir “um sintético mapeamento da organização espacial da economia e das tendências de reordenamento territorial induzidas por novos vetores de crescimento, ou frentes de acumulação do capital” (Lêda, 2010, p. 34), e, para além disso, discutir as relações entre as esferas políticas federais e estaduais com os agentes da política local (Lêda, 2010).

Neste sentido, o autor traça três períodos. O primeiro trata de uma Bahia colonial agroexportadora formada desde o século XVI até a primeira metade do século XIX, originária das regiões históricas, a exemplo do Recôncavo. O segundo trata da transição para uma Bahia urbano-industrial iniciada na segunda metade do século XIX até meados do século XX, a qual estava vinculada às práticas agromercantis e caracterizada pela presença de uma população marcadamente rural, fragilidade dos investimentos na infraestrutura viária, pela lenta formação de um mercado interno e de uma articulação inter-regional, questões que impactaram a constituição do processo de industrialização. O terceiro período parte de meados do século XX com uma formação a partir do “divisor de águas representado pela implantação da indústria petrolífera nos anos 1950” (Lêda, 2010, p.37), ampliada nas décadas de 1960 e 70, principalmente nas imediações da cidade de Salvador. Lêda (2010), ao tomar como referência Silva e Silva (1996), admite que:

As mudanças foram significativas no plano da reestruturação da base produtiva e da inserção competitiva no mercado nacional, mas foram muito mais restritas do ponto de vista da distribuição socioespacial dos ganhos ou benefícios do processo. A Bahia passou de uma situação de típica periferia de base colonial, pouco dinâmica e subordinada à região hegemônica do país, a outra na qual sua condição de periferia se “atualiza” e exhibe maior dinamismo vinculação mais estreita com a moderna economia nacional e sensíveis mudanças em suas relações com o resto do mundo (SILVA, 1996) (Lêda, 2010, p. 38).

As circunstâncias que atingem a Bahia perpetuam-se em virtude da manutenção das questões coloniais em meio aos processos de modernização da economia, os quais produziram/produzem as concentrações presentes no estado: centralizam-se os investimentos, os capitais, a produção industrial. Ações vinculadas aos interesses das classes hegemônicas também perpetuadas no Estado e com reflexos nas estruturas políticas de cidades pequenas. Neste contexto, Lêda entende que:

No período atual, verifica-se forte tendência à alocação seletiva de novos capitais em regiões (ou em localidades específicas) e setores onde se reconheçam condições de competitividade, seja pela qualidade dos fatores locais e das externalidades técnicas, ambientais e sociais disponíveis, seja pelas salvaguardas fiscais e outros mecanismos institucionais e financeiros oferecidas pelo Estado. Essa tendência se delineou nas últimas duas décadas do século passado conformando uma espacialização econômica que acentua a heterogeneidade regional da Bahia, (não somente sob o prisma dos “desequilíbrios” da distribuição do PIB), reforçando velhas e gerando novas questões. Entre elas, a conhecida “polarização” das áreas dinâmicas nos “quatro cantos” da Bahia, deixando o “miolo” territorial (Sertão) relativamente esvaziado/marginalizado (Lêda, 2010, p. 39-40).

Esta marginalização atinge diretamente as populações mais carentes do estado da Bahia e no âmbito das cidades estudadas aqui não é diferente. As desigualdades estão expressas e explícitas na existência das cidades do Vale. Nas narrativas, é presente a preocupação com a fragilidade das políticas públicas, as poucas oportunidades de trabalho e de condições dignas para a população. Os números também indicam o baixo quantitativo de pessoas ocupadas no ano de 2021 (quadro 02).

Quadro 02: Panorama da população

	População Total	% pessoas ocupadas
BAHIA	14.141.626	69,8%
LAJE	21,052	6,60%
MUTUÍPE	20,037	16,39%
JIQUEIRIÇÁ	13,629	6,78%

UBAÍRA	18,626	13,4%
SANTA INÊS	10,300	5,39%
CRAVOLÂNDIA	4,415	7,94%
ITAQUARA	8,153	6,79%
JAGUAQUARA	45,964	10,06%

Elaboração: Flávia Souza
Fonte: IBGE – 2021.

As narrativas demonstram este fato:

Trabalho aqui em Mutuípe não tá fácil. Assim como em outros lugares, no Brasil inteiro, 14 milhões de desempregados, aqui também não tá fácil. As opções que tem, como a maioria das pessoas conseguem trabalho aqui, é comércio, mercado, loja, nem sempre consegue pagar um salário ou se não conseguir um desses meios, aí, tentar trabalho autônomo. A maioria das pessoas tá fazendo isso, tenho vários colegas que abriu alguma lojinha ou loja de roupa ou tão vendendo hambúrguer, hamburgueria, tão tentando se virar, assim que tá acontecendo com a maioria das pessoas. Eu ainda consegui esse trabalho na Prefeitura, que eu tô lá desde 2017, né, mas é contrato, é aquela questão, saindo a gestão, ou seja, já fica um futuro indefinido ou a qualquer momento que não precisar mais do seu serviço, você é mandado embora né, tem essa questão. Na área de educação é a mesma coisa, tenho muitos colegas aqui que foi do IF lá, alguns ainda estão desempregados, a maioria posso dizer, e dois ou três mais ou menos que tão conseguindo atuar, mas de forma de regime contratual, nessa mesma questão (Marcos Paulo – trecho de entrevista).

Assim, por morar numa cidade pequena, de interior, a gente sabe que hoje é um tanto difícil você ingressar na rede, eu não digo nem de educação, no mercado de trabalho mesmo, existe uma grande dificuldade, e quando você fala dessas áreas de nível superior, restringe mais ainda, porque? Porque nas cidades aqui do interior, geralmente, os profissionais já são efetivos, não se abre mais concurso, então você fica meio que sem oportunidades (Juscinara – trecho de entrevista).

As condições apontadas pelos (as) entrevistados (as) são parte da vida cotidiana de muitas pessoas, pois as atingem diretamente, em virtude das dinâmicas de quase ausência de indústrias no contexto do Vale, fruto das condições desiguais de constituição do capital, ou seja, a pouca industrialização ou sua ocorrência tardia esteve vinculada à produção de processos de urbanização relacionados à dissolução de atividades agropecuárias, em virtude da competição acirrada e desigual nos âmbitos nacional e internacional e da migração rural-urbana que alteraram as cidades, na Bahia, no Brasil e na América do Sul.

O urbano interior é constituído de muitas histórias de vida, influenciadas por interesses, desejos e constituições relacionados a outras escalas. Portanto, é resultado de tensões e de forças que fomentam a sua estagnação. As condições são complexas. Mas, ainda cabe encontrar os

caminhos. Na perspectiva da conversa com os que habitam o Vale, há curiosidade, respeito e preocupação. Há a tentativa de aproximar-se desse Vale tão significativo para eles e elas e, em cada indagação, novas reflexões são postas e conduzem esta abertura (figura 55).

Figura 55: O Vale e seus adjetivos.



Croqui elaborado por Janari Souza.

A estrada e as palavras foram as bases para as construções lineares e tortuosas presentes nesta tese. O croqui expressa as palavras que marcam o Vale para os (as) entrevistados (as). Nesta questão, o destaque ficou para as belezas naturais do Vale. Foi uma solicitação considerada difícil. Como definir o Vale em apenas uma palavra? A questão muitas vezes ficou em suspenso e alguns minutos depois surgia a palavra. A dificuldade, a meu ver, está em refletir sobre uma relação tão profunda que não permite depositar tudo em uma única palavra, mas também por alguns (algumas) nunca terem sido questionados (as) sobre este tema antes.

E, assim, diante de um Vale lido, vivido, sentido e experienciado com profundidade por quem o habita, foi importante voltar a nossa atenção para este “substrato latente da experiência”

(Buttimer, 1982, p. 185) como um caminho profícuo para a Geografia, pois no mundo vivido “o comportamento no espaço e no tempo seria observado como os movimentos superficiais dos icebergs, cujas profundidades podemos sentir só vagamente” (Buttimer, 1982, p. 185). Logo, há uma profundidade do iceberg que está longe da nossa exposição, similar ao início de uma estrada que não sabemos de antemão o fim. Assim, para a autora, “se se fala da experiência individual ou coletiva, os padrões visíveis de movimento e as atividades podem ser elucidadas pela exploração das tensões de suas bases subjacentes” (Buttimer, 1982, p. 185). Desta maneira, buscar a exposição deste mundo vivido é um desafio, é provocativo e é um convite à análise da nossa própria experiência.

5.1 – Narrativas cruzadas em Laje, Mutuípe, Jiquiriçá, Ubaíra e Itaquara.

5.1.1. A curiosidade começou por Laje!

A partir daqui falarei sobre a cidade. Em Laje, caminhei por suas ruas, a partir das visitas às escolas municipais e estaduais, as quais abrigam os (as) estudantes/estagiários (as) da graduação em Geografia do IF Baiano, este foi o principal motivo, pelo menos o inicial: a curiosidade. A observação do urbano a partir de Laje aguçou o interesse pelas demais cidades, já que, neste percurso até Jaguaquara, adentramos cada uma delas rapidamente, em virtude das curtas distâncias entre as mesmas. A passagem por uma estrada mais rápida no campo passa a ser mais lenta quando chegamos na cidade.

Em Laje, ainda nos primeiros quilômetros existem duas paradas com três quebra-molas cada e que permitem observar o entorno da estrada composto por um conjunto de casas, pequenos comércios (mercado, bares e mercearias), com características humildes e com aspecto de atendimento de necessidades mais básicas e imediatas. Há pontos de parada para pessoas que pegam os ônibus escolares e os intermunicipais e visualiza-se trechos de estradas sem pavimento que se dirigem à zona rural de Laje. Percorro a estrada por aproximadamente cinco quilômetros até chegar ao centro da cidade de Laje.

Para além da viagem, as visitas as escolas favoreceram os meus percursos a pé e me permitiram conhecer as cidades para além do seu centro. As escolas foram acessadas através das informações dadas pelos (as) estudantes e por pessoas nas ruas que sempre nos ensinam caminhos, quando solicitadas. O fato de a BR 420 passar por dentro da cidade gera

possibilidades de ampliação do comércio, mas provoca pequenos congestionamentos e em alguns pontos o trânsito fica atravancado.

O rio Jiquiriçá é um outro referencial, pois seguindo o leito do rio em direção ao mar, há uma ocupação populacional da margem esquerda do rio e a margem direita é ocupada por uma vegetação de médio porte. Ao longo desses anos vi vários rios: ora cheio, ora seco e ora coberto de vegetação indicando poluição das suas águas. A ocupação habitacional da margem esquerda do rio é densa, tensa e ribeirinha. Visualiza-se edificações frágeis, do ponto de vista arquitetônico, acondicionadas em palafitas e em áreas de risco de ocorrência de enchentes e deslizamentos de terra. Em termos populacionais, demográficos, estruturais e sociais, estamos diante de uma área com 449,834 Km², população de 21,052 hab., que compõem uma densidade demográfica de 46,80 hab./Km²; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,586 é baixo e equivalente ao que acontece nas demais cidades (IBGE, 2022).

De acordo com a Enciclopédia dos municípios baianos (1958) não há registros oficiais sobre a origem histórica de Laje e a análise realizada ali para apresentar algo sobre o município foi pautada numa pesquisa de relatos da história oral com base nas falas de habitantes antigos (as). Esses (as) moradores (as) relatam que havia ali na margem direita do rio um pequeno povoado que foi devastado por uma enchente e, posteriormente, foi iniciada uma nova ocupação, agora na margem esquerda do rio, a partir da construção da capela de Nossa Senhora das Dores. Por ser uma área com muitos lajedos, o povoado passou a se denominar Nova Laje. Para o romancista Santa Inez (1982), Lage também era estrada do céu,

Conto 66: Lage chegou no calor da tarde. As casas, muito próximas do rio justificavam a pilhéria que contavam, que a cidade se chamava Nova Lage porque todo ano a enchente levava as casas, e o povo tinha que reconstruí-la. O que era quase verdade.

O trem atravessou o longo pontilhão, respirou o cheiro de cachaça dos alambiques, que ficavam à margem da ferrovia e parou na estação.

A tarde estava movimentada. Gente descalça, chapéu de palha na cabeça, gente humilde, vinda de Terra Preta e de Serra Grande, do Capim e do Canto Escuro, do Torre e de Terra Caída, do Bom Jardim e do Parafuso, do Ribeirão e da Jubeba, de Sete Voltas e do Cariri...Lugarejos que, como Lage viviam, também, do trem. Que lhes garantia um dia e uma hora para irem, e um dia e uma hora para voltarem. O trem era uma certeza, e a certeza dá tranquilidade.

Patrocínio já não sabia mais até onde iria. Lininha iria até Salvador. Em São Roque embarcaria num navio, junto com a família importante. Patrocínio iria até onde Lininha quisesse que ele fosse. E depois o deixaria órfão de sonhos, triste e alegre, mais rico e mais pobre.

- Um dia eu viajei um dia todo tocando para uma moça.
- Bonita, velho?
- Bonita. A coisa mais bonita do mundo.

E Patrocínio, o velho Patrocínio, descreveria os olhos, os cabelos, o sorriso, o vestido rendado, cor de rosa...

Mas isto seria no futuro, quando não houvesse mais trem e a sanfona de Patrocínio já não existisse mais. Hoje, fascinado, Patrocínio iria até onde sua rainha quisesse. As estradas do céu são forradas de seda. De seda cor de rosa (Santa Inez, 1982, p.68).

Este conto apresenta um pouco da Laje marcada pela presença da linha férrea e da estação e as vivências que as personagens somaram durante a longa viagem de trem. A formação de Laje resultou da anexação de Aratuípe e do desmembramento de Jiquiriçá. Como já falado anteriormente, a estrada de ferro atravessa Laje em 1901 com a construção da estação, a qual passou a compor o aumento populacional no entorno e a formar o que hoje é o centro de Laje. Sua municipalização ocorreu a partir da Lei estadual nº 595, de 20 de junho de 1905.

Até 1932, Laje compunha-se apenas do distrito-sede - Nova Laje; porém, em 1933, foram criados os distritos de Capão e Engenheiro Pontes, nos lugares denominados Capela de São João e Toca, respectivamente. O atual distrito de Engenheiro Pontes teve, também, antes da atual denominação, o topônimo de "Pontes". Esta última denominação foi-lhe dada em homenagem ao Engenheiro Frederico Pontes, encarregado da construção do trecho ferroviário que por ali passa. Esses Distritos fazem parte ainda da atual divisão territorial com os mesmos topônimos. Na vigência do quinquênio 1939-1943, da Divisão Territorial fixada pelo Decreto estadual número 11 089, de 30-11-1938, acontecendo o mesmo na de 1944-1948 estabelecida pelo Decreto estadual número 141, de 31-XII-1943 e ratificado pelo Decreto estadual número 12 978, de 1-VI-1944, permanecem os nomes dos citados distritos, devendo-se observar a mudança da grafia do topônimo da sede municipal, que passou a escrever-se LAJE em vez de LAGE, como erradamente se escrevia antes. No quadro da divisão em vigor, Laje conta com os seguintes distritos: Laje; Engenheiro Pontes e Capão, de acordo com a Lei número 628, de 30 de dezembro de 1953 (Enciclopédia dos Municípios Baianos, 1958, p. 385).

De acordo com a SEI (2014), Laje está enquadrada nas seguintes regionalizações: mesorregião geográfica: Centro Sul Baiano; microrregião geográfica: 24. Jequié; região Econômica: 03. Recôncavo Sul; região Administrativa: 29. Amargosa; eixo de Desenvolvimento: Grande Recôncavo; território de Identidade: 09. Vale do Jiquiriçá. Cada uma dessas regionalizações vincula Laje à oferta de serviços de saúde, educação, segurança e cultura. Quanto aos limites territoriais, no seu entorno temos Amargosa, Aratuípe, Jaguaripe, Jiquiriçá, Mutuípe, Santo Antônio de Jesus, São Miguel das Matas, Ubaíra e Valença. As pessoas no mercado de trabalho encontram-se nas seguintes áreas: extrativa mineral, indústria de transformação, construção civil, comércio, serviços, administração pública, agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca.

O comércio, os serviços e, principalmente, a administração pública abrigam a maior parte da mão de obra. No contexto do urbano interior, essa e todas outras cidades têm, assim como nos diz Brito (2011), uma história que precisa ser reconhecida, pois essa história está

embrenhada em cada rua, em cada praça, em cada canto escondido. Está no olhar, nas marcas do rosto, na poeira que cobre os muros, nos muros e portas, nas passagens, nos caminhos que nos levam para o interior profundo que podemos sentir quando estamos livres e abertos para o desconhecido (Brito, 2011, p.37).

Em Laje, as histórias estão nos rostos e são expostas a partir das relações de familiaridade, já que famílias inteiras residem nela. As relações de vizinhança são construídas a partir de uma rede de convivência consolidada por anos, interrompidas pela migração e reestabelecidas no retorno às origens ou nos períodos festivos, aproveitados para o reencontro das relações de carinho, amizades e, também, dos conflitos. As histórias de vida remontam a estas condições de afetividade, mas também às tristezas provenientes da escassez de condições dignas de vida para se manter na cidade. As queixas são muitas. Nas palavras de uma entrevistada:

Laje sempre foi a essência da minha vida, porque eu estava aqui, mas fui pra Santo Antônio, mas, mesmo estando em Santo Antônio, eu sempre estava presente em Laje e aí com o tempo fiz faculdade e tudo. E aí a questão que Laje existe bastante dificuldade na questão profissional. Existe a dificuldade na questão de ensino, mesmo porque, assim, a gente tem só as escolas municipais e estaduais. E, profissionalmente, Laje é bem complicada porque envolve questões políticas e aí se você é de um lado, você não consegue oportunidade na gestão municipal e aí o comércio acaba abraçando as questões políticas e aí acaba não oportunizando as pessoas. Então a gente fica na questão de uma política do assistencialismo. Então se a gente precisa de um médico, a gente tem que pedir a um vereador, pedir a uma pessoa para conseguir, né, um amigo, senão pelas formas legais é um pouquinho complicado pra gente conseguir. A questão de trabalho, da mesma forma, a questão de melhorias no município também, é a mesma coisa, a gente tem essas dificuldades (Moema – trecho de entrevista).

As dificuldades citadas pela entrevistada são a marca da existência das cidades do Vale e as pessoas precisam mesmo “se virar”, no sentido profundo do termo, para dar conta das necessidades básicas, realizando trabalhos autônomos por horas a fio. A população fica à mercê dos interesses dos (das) gestores (as) e, como dito anteriormente, as ofertas de trabalho estão vinculadas a um alinhamento com quem detém o poder, se algum coletivo não se alinha aos objetivos da gestão, logo fica de fora desta oferta de trabalho para obtenção de renda.

Nas questões vinculadas ao lazer também há a construção de estruturas como praças e quiosques para atrair a população para o lazer, baseado, principalmente, no consumo de bebidas alcoólicas. Nestes momentos de diversão nos bares, as pessoas se soltam, cantam, dançam, mas há uma fragilidade na diversificação das ações voltadas para atender uma coletividade com atividades lúdicas e o despertar para a brincadeira. Há o incentivo e investimentos para grandes eventos como shows com artistas conhecidos do grande público. Em uma observação mais próxima, há o interesse na construção de praças e largos, mas o que se nota é o seu esvaziamento. Na maior parte, são praças sem uso, pelo menos um uso mais constante e contínuo. Há artistas em Laje, mas o incentivo para o acontecer de atividades é rarefeito.

No quesito circulação da população de Laje, o percurso mais próximo é com as cidades de Mutuípe, Jiquiriçá, Amargosa, São Miguel das Matas e Santo Antônio de Jesus e os motivos estão vinculados às compras, aos serviços de saúde e à busca por lazer, este último porque alguns moradores (as) consideram Laje um “deserto humano” nos finais de semana. Das cidades pesquisadas aqui, é comum os (as) moradores de Laje se dirigirem até Jiquiriçá e os que vão até Santa Inês, se não tem parentes por lá, vão para estudar no IF Baiano ou para a festa da Padroeira em janeiro. O fato de ter que sair de Laje para estudar é uma demanda complexa, pois as distâncias são longas e as pessoas que trabalham só podem estudar à noite. Há conflitos para oferta de transporte para os (as) estudantes.

A migração também é marcante e alguns (algumas) moradores (as) clamam por uma migração espontânea, ou seja, que a pessoa saia de Laje porque assim deseja e não porque não pode mais ficar para não morrer de fome. É doloroso. A população se movimenta muito e, entre idas e vindas, há muito trabalho. Nas narrativas, aparece a vontade de ir embora, acompanhada de uma resistência, vinculada à afetividade. E, depois de ouvir tantas histórias, indago: como você descreveria Laje para alguém que não conhece e as respostas surgem com um ar pensativo e com um sorriso nos olhos.

Eu descreveria que Laje é uma cidade pacata, é uma cidade tranquila, as pessoas se conhecem. São pessoas que gostam de receber pessoas, né? É uma cidade muito hospitaleira, quando sabe “Ah! vem visitar”, todo mundo quer agradar, quer fazer bem, quer tornar o ambiente melhor possível, né. Também digo que em Laje, a população é bem observadora, então assim, se chega uma pessoa nova, eles: - “Quem é? Quem é?” e quer saber o que é que faz, é casada? Não é? É solteira? O que é que faz da vida? É filho de quem?” para poder ter aquela relação toda, muito assim, detalhada, para saber quem é a pessoa. Mas, Laje é uma cidade que se você quiser vim pra se aposentar, pra

descansar, Laje é uma cidade sim, é uma opção de cidade para descanso, Laje é (Moema – trecho de entrevista).

Laje é uma cidade pequena. Laje não tem prédios antigos. Laje é uma cidade antiga onde as pessoas não têm o hábito de preservar, eu costumo brigar com essas pessoas que não têm mania de preservar os prédios antigos, eles demolem e constroem outro. Então, Laje é uma cidade antiga, mas que tem cara de moderna, as pessoas não têm aquele hábito de manter a arquitetura antiga aqui. Então se você chegar aqui na cidade, você não vai encontrar um prédio que tenha uma arquitetura antiga, exceto o da antiga prefeitura que está como diz as pessoas, meio lá, meio cá pra ser derrubado. Mas, assim, é uma cidade onde as pessoas são acolhedoras, as pessoas te tratam bem, as pessoas se preocupam com você. Se você chega e pede uma informação, as pessoas são capazes de querer te levar no local, pra deixar você lá. Então, costumo dizer assim, quem bebe da água de Laje, não quer mais parar de beber da água daqui. Como toda cidade do interior as pessoas falam muito da vida alheia, né? (risos) (André – trecho de entrevista).

A cidade então vai se constituindo a partir de cada corpo situado que vive e experiencia as trocas que o cotidiano proporciona. Para ampliar estas trocas fui em busca de bibliografias que fizessem análises sobre o Vale e me deparei com a tese de Lima (2017), na qual a autora objetivou estudar a lavoura da mandioca em Laje. Em sua tese, Lima trabalha as questões do campo de Laje/BA e sua pesquisa me permitiu conhecer a amplitude das questões agrárias, um trabalho focado na territorialização da empresa COOPAMIDO e sua influência no campo de Laje. Realizei uma entrevista narrativa com a autora com o intuito de entender quais foram as suas intencionalidades para pesquisar Laje e nesta conversa ela também indicou a estrada como motivação inicial da sua curiosidade,

nesse processo de idas e vindas, eu observei a construção de uma empresa, de um fixo, de uma forma espacial na BR 101 que era a COOPAMIDO, que era uma empresa da ODEBRECHT que trabalhava no campo, no município de Laje e em outros municípios próximos com a produção de mandioca para a extração de amido. Com isso, aquela forma espacial, me causou inquietação, dúvidas [...]. Então, foi esse o momento que me provoca tentar refletir sobre o Vale do Jiquiriçá, daí eu fiz contato com o pessoal da UFBA, pessoal da Federal de Sergipe, para tentar entender essa COOPAMIDO, essa cooperativa que chegava no campo de Laje, mas tinha rebatimentos em outros municípios, em parte dos municípios que compõem o Vale do Jiquiriçá, mas não só no Vale, porque também tinha tentáculos para o Recôncavo com Santo Antônio de Jesus, Aratuípe e Jaguaribe e tentáculos para Valença no Baixo Sul, não era só Vale em termos dos Territórios de Identidade (Aline – trecho de entrevista).

A pesquisa estava voltada para as questões agrárias e, como Laje sediava a COOPAMIDO, acabou sendo este o contexto estudo. Assim, por conta das demandas e das trocas estabelecidas como pesquisadora, Laje passou a ser parte de sua história, a partir dos laços estreitos com as

comunidades, com o conhecimento compartilhado, com as aprendizagens no processo de produção da mandioca, momentos que também produzem ludicidade.

O plantio/colheita da mandioca e o fabrico de farinha são momentos de trabalhos que se transformam em diversão e socialização. É nesse momento que os camponeses se conhecem, se ajudam, que seus filhos se conhecem e que se iniciam os laços afetivos, de namoro e até de casamento. É o momento em que a comunidade se reúne para colaborar com o vizinho. É o momento em que o trabalhar se mistura com o brincar, o cantar e o contar histórias sempre buscando expor as experiências e retratar os acontecimentos diários (Lima, 2017, p 104).

Os laços foram parciais, porém integrados a um pouco das histórias, dos enredos e das trajetórias, as quais constituem o ser-e-estar-no-mundo outro que capta o meu corpo no viés da intersubjetividade. Nossos encontros aqui aconteceram no sentido de uma “interação social” capaz de “unir dimensões pessoais e coletivas da experiência humana” (Buttimer, 1982, p. 192). A caminho dessa interação, após alguns quilômetros e, principalmente, através da circulação das pessoas e de suas intencionalidades, Laje e Mutuípe se conectam.

5.1.2. A chegada em Mutuípe

A paisagem que integra Mutuípe e Laje é, majoritariamente, verde. No percurso entre as duas cidades, encontramos uma vegetação densa com seus vários tons de verde, com rochas encrustadas no relevo e, em alguns pontos, parecem soltas e rolando umas sobre as outras. A natureza está presente, potente em muitos sentidos. As sensações são mescladas por admiração, tensão e indignação diante de problemas sociais que também estão escancarados. Em Mutuípe, a BR 420 atravessa a Avenida Beira Rio, importante via de comércio e serviços, como escolas, centros comunitários e culturais e a previdência social. Essa via é central e concentra estas atividades em um vale, margeado por uma ocupação densa das serras da cidade. Trata-se de uma população de 20,037 hab., distribuída por uma área de 275,584 Km², a qual apresenta uma densidade demográfica de 72,64 hab./Km², considerada alta, se comparada com a distribuição da população nas demais cidades da pesquisa. IDH é de 0,601 (IBGE, 2022).

O comércio é diversificado, principalmente para atender as demandas com veículos automotivos e é visível que a comercialização do cacau ainda é presente. A prática é visível na presença das lonas repletas de sementes de cacau para secar em trechos das calçadas e espalhadas em várias ruas. A presença da Comissão do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC)

acrescentou o suporte técnico à produção cacaujeira, a partir da década de 1970, antes disso, eram os próprios produtores que conduziam a atividade, garantindo a manutenção da lavoura na cidade (Almeida, 2008). Fato é que as sementes de cacau secando no chão simbolizam as particularidades do urbano interior.

Mesclam-se o despontar do urbano, evidenciado na dinâmica que caracteriza a cidade e as marcas das práticas agrícolas, além das relações familiares, nas quais filhos (as) e netos (as) se mantêm na cidade, enquanto os (as) avós continuam com a vida e com o trabalho no campo, mas ainda precisando do apoio dos (das) filhos (as), os quais precisam ir e vir, praticamente todos os dias, para prestar esta atenção.

Nos aspectos da urbanização, as evidências são problemáticas. Já na entrada da cidade, as encostas estão expostas e as casas localizadas em áreas de risco, cobertas de lona (figura 56). É uma cidade marcada por deslizamentos de terra, já que alguns pontos da estrada ficam interditados por conta disso e há casos de desabrigo. A passagem por essa área expressa um perigo latente. A construção da encosta nesta área da figura 56 está em andamento com trechos em vias de finalização, mas, ainda assim, a sensação de perigo não diminui efetivamente, já que são obras paliativas, gestadas em curto prazo, as quais geram expropriação.

Figura 56: Encosta com trecho coberto de lona – Mutuípe/BA – 03/11/2022.



Foto: Flávia Souza

Além dos riscos eminentes de deslizamentos, Mutuípe também tem aparecido nos noticiários por conta dos abalos sísmicos que têm sido frequentes, de acordo com reportagem do Correio

da Bahia, de autoria de Marcela Villar, publicada em 30/08/2020 e intitulada, “Mutuípe foi epicentro de terremoto na Bahia: 'Trio elétrico balançando as paredes'. Moradores de diversas cidades relataram problemas com tremor de magnitude 4.6”, o tremor ocorreu e foi captado em muitas outras cidades. Um tremor desta proporção, numa cidade como Mutuípe, que não possui preparação para este tipo de evento, causa prejuízos e medo para a população. Ainda de acordo com a reportagem,

O tremor de terra que fez muitos baianos tremerem na base neste domingo (30), após um abalo sísmico de magnitude 4.6 na Escala Richter, teve como epicentro a cidade de Mutuípe, no sudoeste do estado, que fica a cerca de 50 km de distância da Ilha de Tinharé, no baixo sul. O terremoto (sim, terremoto mesmo!) aconteceu por volta das 7h30 e foi sentido em pelo menos 44 cidades do estado, incluindo a capital, Salvador. O prefeito de Mutuípe, Rodrigo Maicon de Santana Andrade, conhecido como Digão, descreveu o incidente como "muito assustador". Apesar disso, informou ao CORREIO que não chegou a ocorrer nada mais grave na cidade. "Nenhum deslizamento, nada de grande impacto. Apenas rachaduras em algumas casas e no solo, porém sem grandes prejuízos", comentou ele, que enviou à reportagem algumas fotos recebidas de moradores (CORREIO DA BAHIA, 2020).

Os tremores assustam a população de Mutuípe e de outras cidades do Vale, pois vêm ocorrendo ultimamente com mais frequência. De acordo com o Laboratório Sismológico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (LabSis/UFRN), os tremores de terra vêm acontecendo em várias partes da Bahia. Em Mutuípe (2020), após o tremor de 4,6 de magnitude na escala Richter, houve outros sismos de menor dimensão. As áreas mais atingidas encontram-se no Baixo Sul e no Recôncavo e as motivações são decorrentes de tensões geológicas resultantes de fraturas ocorridas em estruturas profundas da dinâmica interna da terra. As pesquisas têm se intensificado e os resultados apontam para a ocorrência de tremores há muitos anos na área, por isso, para avançar na identificação prévia dos tremores, foram instalados sismógrafos nas cidades de Amargosa, Brejões, Elísio Medrado, Laje, Mutuípe, São Miguel das Matas e Ubaíra, porém com fragilidades, em virtude das dificuldades técnicas com a rede de internet (LabSis, 2020).

Para os moradores de Mutuípe, os tremores tornam-se uma tensão a mais nos dias que já são complexos. Uma situação que assusta mesmo, por conta da falta de informação sobre as causas da ocorrência dos tremores, já que as explicações geológicas não chegam a todas as pessoas. Um entrevistado descreveu suas sensações:

Eu, presencialmente, só vim ver, ver não, sentir o último que teve aquele mais forte, foi de manhã cedo, por volta das seis horas da manhã, seis e vinte, mais ou menos esse horário, aí eu pude sentir o tremor de terra. Eu até pensei que fosse de começo, uma trovoadas, uma coisa assim, pelo estrondo que deu, aí eu saí de casa, o céu estava limpo e eu achei estranho, aí meu pai assustado que estava do lado de fora, meu tio, sentiram. Mas, assim eu não tomei um susto porque eu pensei que fosse outra coisa, tá, mas o momento é estranho. Recentemente, teve uma entrevista na rádio que o rapaz disse que poderia ser por conta da ação humana em alguns pontos, mas ainda falta um estudo pra dizer, tá são as placas tectônicas, é certo que pode voltar a acontecer, quando? Ninguém sabe, certo? Mas, pelo que eu entendo, eu acho que pode voltar a acontecer, mas não tão forte. Onde foi o epicentro em Amargosa, algumas casas racharam, mas quando eu fui olhar no jornal a estrutura das casas, são casas construídas mais fracas, geralmente no adobo, não tem como não destruir (Marcos Paulo – trecho de entrevista).

Assim, além dos episódios com os tremores de terra, Mutuípe apresenta algumas fragilidades pedológicas, associadas a práticas de construções equivocadas, pois muitos trechos foram aterrados e as áreas de ocupação estão susceptíveis a deslizamentos de terra como pode ser identificada na figura 56. Estas questões somam-se às condições de vida da população, as quais também estão baseadas nas relações de acolhimento, de tranquilidade, de um vínculo que justifica um amor e uma aceitação no que tange as mazelas. Algumas pessoas entendem os problemas, mas desacreditam em seu próprio potencial para alcançar as mudanças. Um dos respaldos para estas sensações estão nas abordagens comparativas com as grandes cidades, muitas das quais foram as áreas receptoras das correntes migratórias daqui e, nesta comparação, as cidades pequenas são tratadas como mais promissoras no sentido, principalmente, da segurança.

As condições de trabalho e de vida da população são complexas - as pessoas formadas não têm a garantia do emprego, pois não são realizados concursos públicos; há uma desigual distribuição da renda; uma expressiva dependência do trabalho no setor de serviços e no comércio. A rede comercial e os serviços apresentam uma diversificação e muitas pessoas das cidades de Laje, Jiquiriçá e Ubaíra costumam procurar a cidade em busca de algum atendimento. Há um destaque para Mutuípe neste sentido. A população se destina às mesmas cidades, porém com o intuito voltado para o encontro com os (as) amigos (as), visitas aos familiares e lazer.

Santa Inês é presente nesta circulação por viabilizar o acesso à educação técnica e tecnológica, bem como as graduações no IF Baiano, daí em diante, novas relações despontam e novos contatos com outras cidades passam a ser parte da vida de algumas pessoas que residem em Mutuípe. O rio atravessa o centro e nas suas proximidades foram instalados quiosques

frequentados pelos cidadãos, principalmente nos finais de semana. É a chamada “orla de Mutuípe”, a avenida beira rio, a mesma que, no episódio das chuvas de 2021, foi completamente devastada, mas que já passou por reformas e segue com os mesmos usos. Mutuípe é, assim, descrita:

Ah! Eu descreveria como uma cidade maravilhosa pra se viver, com boas pessoas, com boas opções de lazer pra quem gosta de cachoeira e de trilha, dá pra sair no final de semana. Uma cidade tranquila, na medida do possível, porque os casos de violência, nestes últimos anos aí, vêm aumentando gradativamente, mas assim, não é uma cidade violenta, tem aquele momento que você pode andar pela rua ainda até um certo horário da noite. Não é mais como antigamente, que eu já cheguei andar pela rua, duas, três da manhã com os colegas, mas hoje a gente não pode mais fazer isso. Mas, é uma cidade tranquila de se viver, na medida do possível, em comparação com as outras cidades, com Jiquiriçá mesmo, eu acredito que Mutuípe tem um potencial maior, até quando a gente fala em terreno, valor do terreno, aqui em Mutuípe, um terreno pequeno hoje, o pessoal tá pedindo 90 mil, 70 mil, quando você vai para as cidades vizinhas, com o valor do terreno aqui, você consegue comprar uma casa boa em Jiquiriçá ou uma casa boa em Laje, em Santa Inês (Marcos Paulo – trecho de entrevista).

Mutuípe é uma cidade assim, muito acolhedora. Eu acho as pessoas de Mutuípe, pessoas acolhedoras. Vamos dizer assim, uma cidade bonita também, uma cidade de interior, eu acho que Mutuípe é uma cidade bonita. Acolhedora, bonita, tem um São João legal, pra pessoas que gostam de festa, tem um São João legal. Então, uma natureza bonita, uma cidade muito acolhedora, tem o comércio que oferece um serviço bom (Juscinara – trecho de entrevista).

As duas descrições estão pautadas em um tempo de convivência extenso com a cidade. São histórias de vida, reconhecidamente vinculadas às transformações da cidade e à resistência em viver em outro lugar que não seja o seu. Para os (as) mais jovens há o interesse e a necessidade de mudar e essa vinculo de amor é bem mais efêmero. As relações cidade-campo-natureza são/estão imbricadas por afetuosidades e no momento que expressam os seus sentimentos os (as) entrevistados (as) deixam uma arte poética invadir seus corações. Com as interações realizadas, sigo a estrada e após alguns contornos despontamos em Jiquiriçá.

5.1.3. As placas anunciam Jiquiriçá e suas cachoeiras.

Aqui a cidade nos convida para visitar as cachoeiras⁴⁰ e a vegetação de aparência esverdeada permanece. Jiquiriçá é conhecida por suas cachoeiras e balneários, inclusive, este é um dos

⁴⁰ Há uma presença significativa de rios com quedas d’água, os quais formam as cachoeiras dos Prazeres, dos Amores, do Guigó, de Clóvis, das Cutias, a Alta, do Inferno, do Moinho, do Balcão, de Idelfonso, da Guabiraba, Alegria e Véu-da-Noiva, sendo assim, chamada - Cidade das Águas (Santos, 2017).

motivos para a ida das pessoas de Mutuípe e Laje para esta cidade. Além da natureza, destaca-se também pelas festas populares, principalmente os blocos de carnaval. É conhecida pela Cachoeira dos Prazeres⁴¹, uma das mais visitadas por conta dos muitos passeios turísticos, mas que vem já há muitos anos sendo alvo de questões judiciais entre os municípios de Jiquiriçá e Ubaíra. Em suas palavras, Aila indica a importância da cachoeira:

Eu nasci em Jiquiriçá, então a minha relação com a natureza é muito assim, de admiração, de me encontrar nela, porque na cidade que eu nasci, por exemplo tem muita cachoeira, minhas avós tinham barraca nessa cachoeira, a minha infância toda e até uma boa parte da minha adolescência, na verdade, até a cachoeira fechar, meus avós tinham barraca lá. Então, eu crescia muito indo pra cachoeira, apesar que eu ia pro trabalho né, cresci ali com a relação de trabalho com a cachoeira, pra mim, é o lugar que eu ia mesmo no lazer. Então o trabalho se tornava mais essa dimensão que era o lazer de tá aí na cachoeira e com isso fui crescendo assim com uma relação muito grande com as cachoeiras, eu amo (Aila – trecho de entrevista).

As cachoeiras compõem este vínculo com a natureza e afinam as relações com Jiquiriçá. A sua nomenclatura apresenta uma tímida referência à presença indígena na sua formação - JIQUIR: instrumento de pesca e IÇÁ: rio. O nome foi definido após a constituição do povoado, entre a extinção dos povos originários, a chegada dos que receberam terras da coroa Portuguesa para elevá-lo à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Timbós, depois à Vila de Jiquiriçá e, por fim, Jiquiriçá, em 1904. Assim como os demais municípios do Vale, teve a linha férrea como elemento difusor das primeiras atividades ocorridas em seu contexto. A estação ferroviária ainda se mantém na cidade como um registro desse passado. As atividades econômicas estão vinculadas, principalmente, às práticas agrícolas (cacau, mandioca, feijão, dentro outras). Os seus 13,629 hab. estão distribuídos por uma área de 238,602 Km² com densidade demográfica de 57,11 hab./Km² e IDH de 0,553 (IBGE, 2022).

⁴¹ A cachoeira foi interditada pelo Ministério Público Estadual (MP-BA) em 2014. A pesquisa realizada por Santos e Godinho (2020) teve a motivação de compreender os desdobramentos ocorridos pós interdição. Para tanto, realizaram entrevistas com os responsáveis pela interdição e com os (as) moradores (as) que trabalhavam e buscavam lazer na cachoeira. A justificativa dada para a interdição foi vinculada às questões ambientais, já que havia uma grande visitação que impactava a área e gerava transtornos para o Hotel Jiquiriçá localizado na borda imediata da cachoeira. Após o seu fechamento, foram executados projetos para avaliar a sua capacidade ambiental ainda em andamento. O que restou foi prejuízo para os (as) moradores (as) que viviam do trabalho ali e perderam a principal fonte de renda. Há uma disputa marcada pelo interesse dos detentores do poder e quem perde são os menos favorecidos, “os pequeninhos” como disse um dos entrevistados no contexto da pesquisa de Santos e Godinho (2020), já que o hotel se mantém na mesma área sem passar por interrupções de funcionamento. Assim, percebe-se “que conflitos socioambientais implicam relações de poder antagônicas”, as quais atuam “no sentido de coagir indivíduos, mutilar relações, ceifar vidas, destruir ecossistemas e interromper inúmeros processos ecológicos etc.” (Santos e Godinho, 2020, p. 209). Os autores afirmam que a interdição ocorreu sob forte protesto da população com queima de pneus e retirada da cerca, mas a cachoeira permaneceu/permanece fechada.

A cidade passou a ser parte do meu interesse quando conheci as suas manifestações populares, através da pesquisa desenvolvida por Santos (2017). Nesta pesquisa foram identificados os principais blocos carnavalescos (Cães, Mascaradas, Muquiranas e Caretas) que saem pelas ruas de Jiquiriçá já há muitos anos. Santos (2017) apresenta, brevemente, cada um deles através das entrevistas com seus (suas) idealizadores (as).

O Bloco dos Cães surgiu no ano de 1960, sendo composto por homens mascarados que pintam todo o seu corpo com uma mistura de óleo vegetal e carvão e saem pelas ruas da cidade, assustando e sujando as pessoas. Os integrantes deste grupo se encontram em uma localidade conhecida como “cascalheira”, na zona rural de Jiquiriçá, onde se fantasiam para, assim, iniciarem o desfile. Este é um bloco tradicional e é acompanhado por diversas pessoas tanto da cidade quanto dos municípios vizinhos que são atraídos pela curiosidade e acompanham de perto a tradição (Santos, 2017, p. 18).

A história do bloco está associada à chegada da linha férrea, já que os trabalhadores que construíram a estrada foram os primeiros a realizar o festejo. O grupo foi crescendo até alcançar um total de 400 integrantes. No último dia de carnaval, homens mascarados e pintados por inteiro de óleo correm pelas ruas da cidade, as quais já ficam com uma significativa quantidade de pessoas à espera da passagem do bloco. Com sua agitação têm a intenção de causar medo em algumas pessoas e sujar outras de óleo. Esta ação dá a partida para uma corrida da população que assiste, já que querem ver a brincadeira, mas não querem se sujar, e há também aqueles (as) que realmente não gostam, pois fazem alusão a coisas demoníacas, por conta da pintura preta e das máscaras. Para os organizadores, nada mais que uma forma de preconceito. Há relatos de que os brincantes passavam um pouco do ponto, daí, para organizar, os integrantes usam uma placa identificadora. Em toda a ação, a população acompanha o bloco que toma todas as ruas por onde passa (Santos, 2017).

O som automotivo, chamado paredão, é acompanhado por uma grande quantidade de pessoas fantasiadas, pelas ruas da cidade, esta turma dá forma ao bloco das mascaradas. Um bloco também antigo que durante o carnaval sai às ruas com uma diversidade de fantasias. Trata-se de um bloco majoritariamente feminino. De acordo com uma das participantes,

Bem, nossa cidade é bem diversa na questão cultural. Nós temos o carnaval que é formado por blocos carnavalescos aqui que são tradicionais, temos blocos centenários. Nós temos as festas juninas, nós temos a festa do Dois de Julho, nós temos a comemoração do padroeiro do município. Eu me envolvo na participação de estar lá, porque, na verdade, só tem um bloco que eu participava, que agora tá parado por conta da pandemia, que era o bloco das

mascaradas, um grupo de mulheres que a gente se organiza pela cidade e é um dia todo festivo, esse é o único bloco que eu participo diretamente ou outros blocos, eu participo indiretamente como o restante da população. Em 2020 ainda tiveram os blocos, porque foi bem no início da pandemia e por aqui ainda não tinha casos e teve todos os blocos. Ao participar, a gente se sente lisonjeada, porque assim, além da gente que tá participando, que tá ali na brincadeira, interagindo, a gente consegue levar centenas de pessoas até a rua, os que não acompanham ficam na porta de suas casas, aguardando a passagem, é muito bom, divertido. Bem antes do período a gente começa a se organizar, tem reuniões e aí a gente monta grupos no WhatsApp, aí começa a organizar a questão bebida, a gente sempre usa uma filarmônica para tá alegrando ou paredões pra tá acompanhando o bloco, aí tem todo o envolvimento de fantasias que a gente tenta fazer as mais diversas para ficar bem colorido e chamar bastante atenção da população. É gratificante, quando a gente tem todo esse preparo e no dia consegue fazer com que as pessoas vão, com que a pessoas tirem fotos, a gente sente a alegria nas pessoas, através desses gestos deles (Marta – trecho da entrevista).

Ainda com o intuito da diversão foi formado o bloco As Muquiranas, composto por homens que se vestem de mulher, assim como no bloco que sai no carnaval de Salvador; e o bloco das Caretas, formado por adolescentes e crianças que saem às ruas com roupas rasgadas e máscaras também com a intenção de assustar quem assiste. Ao tomar conta das ruas, estas ações são compartilhadas pela população de Jiquiriçá que também se espalha por suas ruas em busca da diversão que o período festivo passa a conformar. As expectativas pelo carnaval são grandes e visíveis na sociedade de Jiquiriçá. Fora dos períodos festivos, a cidade segue sua rotina com suas belezas naturais e com seus problemas cotidianos.

5.1.4. O portal de Ubaíra

Como pensar que uma cidade pode ser a extensão da casa do cidadão? Pelo que já foi tratado aqui nas páginas anteriores, isso é possível. Nas conversas em Ubaíra, ouvi essa relação algumas vezes e o principal motivo é a proximidade e a possibilidade de encontros com pausas para largos bate-papos. Esses corpos realizam a movimentação da cidade, conduzem o seu ir e vir e estabelecem a rede de familiaridade tão importante para as cidades pequenas. O primeiro pensar, quando chamados (as) a refletir sobre suas cidades é o acolhimento. São cidades acolhedoras, aqui relacionadas a uma sensação de proteção e, principalmente, de hospitalidade. À primeira vista, só situações de violência urbana, vinculadas às drogas e às armas, são capazes de quebrar esta sensação de refúgio. As demais violências estão nas nuances destas sociedades e são parte de um apagamento, vinculado ao que é escondido, íntimo e privado. A emoção não ausenta o conflito. O conflito também provoca emoções, tem a ver com empatia, mas tem também a ver com o medo e com as resistências.

São 18.626 hab. distribuídos por uma área de 659.138Km², uma extensão territorial relativamente grande que abriga esta rede social. O portal indica a chegada a esta cidade. Uma estrutura que tem a intenção de apresentar um ar de modernidade com uma iluminação que se destaca, mas do outro lado do contorno fica escancarado o corte realizado no relevo para construir este portal. Ao se passar por ele há uma sensação de perigo devido àquele rasgo gritante e íngreme. Esta busca pelo moderno se repete na construção das praças e dos largos, assim como nas outras cidades são instalados quiosques com o intuito do consumo direto e para o lazer voltado para o comércio de bebidas. Essas construções indicam um consumo dirigido e um lazer pré-definido, às vezes, ocorrem ações não planejadas, mas comumente são condições que se repetem e inibem o exercício da criatividade. Quem não gosta deste tipo de diversão não se dirige a estes lugares e o que se vê é o esvaziamento de praças e largos para os quais foram destinados muitos investimentos. Ainda assim, é importante sinalizar que a fragilidade de disponibilizar ações culturais diversas faz com que nos finais de semana, principalmente à noite, estas áreas passem a ser frequentadas, especialmente entre os mais jovens. Além destas possibilidades de lazer, Ubaíra possui os balneários e as cachoeiras. Nas narrativas acessadas por mim, a cidade se apresenta por suas referências, as quais são descritas a partir de laços e conexões construídas por muitos contatos. Neste contexto, destacam-se a feira livre, a rua da Igreja, a praça do coreto como lugares das boas lembranças e das recordações.

Essas relações de afetuosidade contrastam com as desigualdades sociais marcantes na paisagem destas cidades e em Ubaíra não é diferente. Questionei sobre as condições e relações de trabalho na cidade, uma questão que era importante para compreender justamente como as pessoas são tratadas e se há repetições nas fragilidades nas contratações ou na ausência de oferta de emprego, além dos investimentos em educação e acesso qualificado à geração de emprego e renda; e, nestes quesitos, cheguei à constatação da precariedade dessas condições:

Eu avalio que existe muito o campo do trabalho informal né, daquelas pessoas que estão trabalhando na informalidade. Isso acontece muito não só assim em, por exemplo, camelôs, pessoas nessas atividades mais informais mesmo, mas como também pessoas que trabalham em estabelecimentos, mas que não têm um vínculo empregatício correto, com registro, com carteira assinada e tal. As pessoas acabam aqui trabalhando muito, no sentido de trabalhar informal mesmo, ganhando menos do que era necessário e ocupações assim, muito daquela da necessidade né, tá precisando e vai exercendo aquela atividade. Então, eu vejo muito isso no campo da informalidade mesmo, essa questão do empreendedorismo, você vê muita gente se colocando nesse lugar de abrir um ponto para colocar alguma coisa ou montar uma barrquinha pra vender alguma coisa e isso com as praças, cresceram bastante também, porque depois dessas praças, muita gente que tinha atividade, acabou vendo ali a concessão

de praça como um lugar para conseguir sua reprodução social e acabam indo para ali mesmo indo vender o dogão, o acarajé, o bolo de pote e fazendo essas relações. Então eu vejo muito no campo da informalidade mesmo, seja nesses trabalhos, né, de rua, por assim chamar, como também nos próprios comércios. As pessoas aqui poucas conseguem ter seus direitos trabalhistas garantidos e tal, muita gente trabalha pra ganhar quinhentos reais o dia todo em uma loja e por aí vai (Aila – trecho de entrevista).

As condições descritas pela entrevistada, infelizmente, se repetem em todas as cidades dessa pesquisa e, para alguns empregadores, há ainda o discurso do apoio, pois pagando menos é possível contratar outras pessoas e, assim, ajudar mais famílias; e isso é falado com naturalidade. A outra questão é que são comércios familiares e, portanto, também é frágil a contratação de pessoas fora do seio familiar. Vale ressaltar que, mesmo sendo membros da família, ainda assim não há garantia de direitos trabalhistas.

Estas críticas aparecem no contexto dos questionamentos, pois o comum é uma defesa sobre a cidade, já que, na leitura dos cidadãos, as informações negativas já estão na mídia, aliás é comum Ubaíra aparecer na mídia apenas em situações de violência ou de desastres socioambientais, por exemplo: *Bahia: rio Jiquiriçá transborda e deixa cidades debaixo d'água. Em Ubaíra, ao menos 16 casas desabaram ou foram levadas pela água* (Correio24horas – 26.12.21); *Grupo armado explode agência bancária na cidade de Ubaíra* (Correio24horas - 16.04.2021); *Ubaíra: Ônibus que transportava romeiros de Milagres pega fogo na localidade da Jacuba* (Tribuna do Recôncavo - 14 de maio de 2023).

Com base nestas situações, há o interesse dos (das) moradores (as) em valorizar a importância de suas cidades, do ponto de vista do passado histórico, principalmente aquele heroico vinculado a uma prosperidade e uma riqueza que se perdeu. Há uma tristeza no discurso sobre uma descaracterização patrimonial que remete ao passado e, na atualidade, o anseio pelo progresso, inscrito no discurso do avanço turístico e no potencial agrícola:

Ubaíra é uma cidade hospitaleira tá, é uma cidade histórica, tem diversos locais, tem um povo hospitaleiro que recebe bem as pessoas. Tem diversos lazeres tanto rural quanto urbano, uma cidade próspera, tem uma feira livre que é bem diversificada, encontramos vários produtos, né. Porque Ubaíra é uma cidade que, na verdade, nós temos todo tipo de vegetação, né, de caatinga a mata, então é uma cidade bem próspera e que a gente vê diversas espécies diferentes né, de diferentes localidades. Uma determinada área de Ubaíra, nós encontramos a questão do cacau muito evidente, muito forte, em outra área, você vê a questão da produção de banana também muito forte, em outra área, você já vê a questão de produção de verduras também muito forte, então Ubaíra é isso aí, é um mix de tudo aí (Rodrigo – trecho de entrevista).

Um mix de muitas histórias, de muitas decisões políticas conduziram o desenvolvimento desta cidade com sua diversidade. É uma sensação de controle, vinculado a relações de poder enraizado nestas sociedades, as quais demonstram uma alienação. Um mix, pois esta tranquilidade e estes marasmo disfarçam vidas de muito trabalho e de cansaço por destinar horas a fio ao comércio, ao serviço público e ao trabalho autônomo. E ainda sentir que é pouco, pois ficar sem renda é uma ferida na dignidade, visto que há uma culpabilização direta àqueles (as) que encontram-se sem trabalho ou são andarilhos e pedintes.

5.1.5. Entre Santa Inês e Jaguaquara – Itaquara.

Aqui descrevo, brevemente, a cidade que menos apareceu como fenômeno nas andanças, pesquisas e conversas. Eu precisava chegar por e a partir das pessoas, mas, em cada ida, me via sozinha e sem jeito de estabelecer os primeiros contatos. Parti da feira, mas estabeleci relações rápidas e corriqueiras e a pandemia teve um papel de distanciamento, mas presente do que nas outras cidades já descritas e experienciadas por aqui.

Em seu acontecer histórico, houve um fato que relacionou Itaquara a Santa Inês. Em 1944, um decreto extinguiu a sua existência municipal e ela passou a ser parte do território de Santa Inês, mas ainda no mesmo ano foi recomposto o município através de um decreto de lei estadual como Itaquara⁴² - em tupi “cova da pedra”. A cidade compunha a chamada rede de doze cidades conectadas pela linha ferroviária, a qual ampliou as condições econômicas através das atividades relacionadas à ocorrência desta modalidade de transporte, que, como pode ser visto ao longo deste trabalho, proporcionou avanços, mas configurava-se sem alterar, significativamente, a história das cidades por onde passou.

Itaquara está entre Santa Inês e Jaguaquara. Sua população é um pouco menor do que a de Santa Inês e um pouco maior do que a de Cravolândia, na qual é possível chegar através de uma estrada de chão, já pela BR 420, 10 km depois, chegamos em Jaguaquara. São 8.153 hab. distribuídos por 344,093 Km². Uma população carente, em sua maioria, e assim como as demais cidades a principal fonte de emprego é a administração pública. O IDH é baixo (0,553) (IBGE,

⁴² Em 1913 era o povoado de Caldeirão e pertencia a Areia, atual Ubaíra. A chegada dos trilhos da Estrada de Ferro de Nazaré fez com que fosse construída a estação. Com a criação Santa Inês, desmembrado também de Ubaíra, Itaquara passou a pertencer a Santa Inês, até que, em 1926, a lei estadual nº 1873 o instituiu como município, foi desmembrado novamente, até ser restaurado como Itaquara em 1944 (IBGE cidades, 2017).

2022). Uma caminhada não muito longa já indica aspectos das ruralidades, no final de algumas ruas encontram-se porteiras de sítios e fazendas. A agricultura de subsistência também é muito presente e os principais produtos são hortaliças, maracujá, feijão, mandioca e tomate. Além disso, a natureza começa a se transformar e surge uma aridez marcada na mudança das espécies vegetais e na intermitência do rio Jiquiriçá. Essa intermitência é alterada quando as cidades passam pelos graves problemas ocasionados à sua população durante os episódios das chuvas. Quando chove a cidade fica com vários pontos de alagamento e correntezas. O rio ganha uma dimensão sem precedentes e ocupa as ruas. A água sobe com uma rapidez acompanhada de uma sensação de impotência e de devastação.

5.2. O Vale e o episódio das chuvas

Era 25 de dezembro de 2021, um dia que seria de festa em família foi interrompido por desolação e perdas (figura 57).

Figura 57: Rio Jiquiriçá após a inundação - Mutuípe/BA – 05/01/2022.

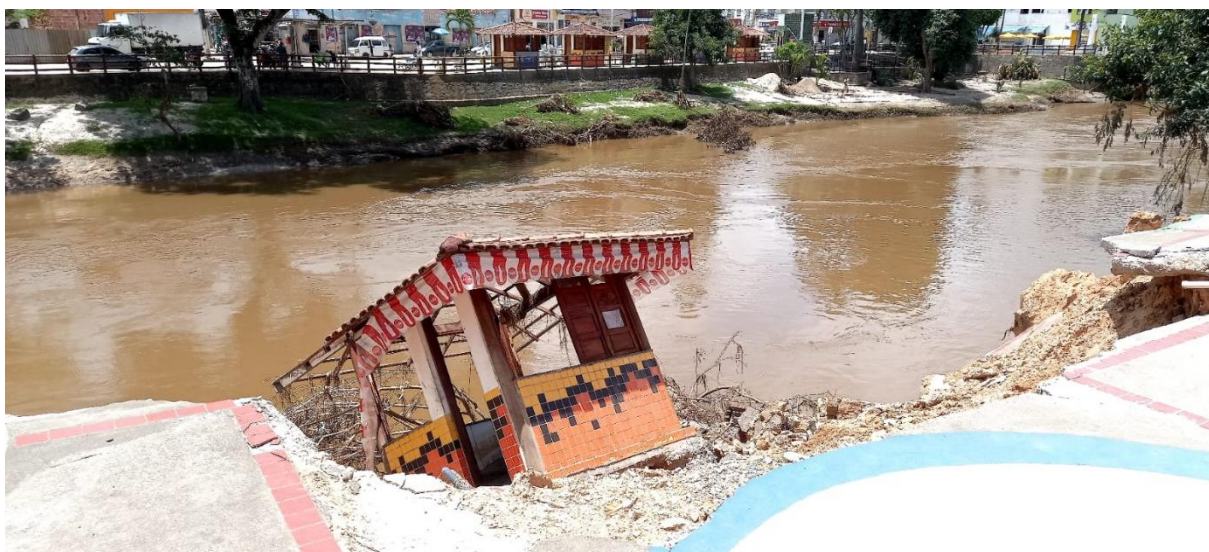


Foto: Flávia Souza

As chuvas de sábado para domingo deixaram as cidades do Vale em situação de caos e desabrigo. Tive medo de que estas cidades perdessem suas histórias de vida e sua continuidade. O rio, que em alguns lugares quase não se via, transbordou, derrubou casas e pontes e inundou as cidades. As casas comerciais foram atingidas, com muitas perdas materiais. Uma situação muito complexa. Quais é a sensação agora? Impotência.

A situação de calamidade que atingiu as cidades do Vale do Jiquiriçá foi muito preocupante. As pessoas perderam seus bens e suas histórias relacionadas às suas casas. A inundação passou e ficou o caos. Houve desolação, preocupação de alguns (algumas) e deboche de outros, pois em meio ao caos um senhor resolveu pegar o seu Jet ski para passear na enchente.

A estrada de Santa Inês até Ubaíra era pura devastação. A estrada tinha vários pontos de deslizamento e com queda da própria estrada. O rio continuava com o nível alto e com seu rastro visível por toda a estrada, principalmente nos povoados de Volta do Rio e Jenipapo, ambos em Ubaíra. Neste último, havia alguns destroços e o rio estava separando a população da via principal, ou seja, para passar era necessário atravessar por dentro do rio. Segundo relatos dos (as) moradores (as), a assistência da prefeitura de Ubaíra nos povoados ainda era escassa. As doações que chegaram, em sua maioria, eram de particulares.

A pesquisa tem outra perspectiva. O que resta de urbano, quando uma cidade fica destroçada debaixo d'água? Ou o urbano mal planejado grita numa tragédia como essa? Explode a falta de planejamento, o abrigo em áreas de risco, ocupação do centro e falha na construção do escoamento da água da chuva. O barramento da água do rio e a falta de manutenção das barragens desencadeiam uma série de problemas como os rompimentos, aumentando o volume de água do rio e atingindo em cheio as populações ribeirinhas. Para além disso, várias pessoas foram atingidas. O que sinto? Desespero e tristeza, e imagino a vontade das pessoas de desistir de tudo após a tragédia. Doído demais!

Uma semana depois e as marcas permaneciam nas ruas. Juntamente com um grupo de pessoas de Santa Inês, estive em alguns locais destroçados e em outros de doação. Em um desses, encontrei com pessoas diretamente atingidas e nos reunimos para conversar sobre a tragédia. Estávamos em círculos e a cada palavra ficávamos estarecidos e sem forças. Era uma verdadeira aura de tristeza e desolação que rebatia em mim, de uma maneira dolorida: eu tentava imaginar como estavam se sentindo as pessoas que foram vitimadas.

No meio da conversa, de repente, as palavras sumiram e o silêncio das nossas vozes foi nos enfraquecendo, parecia que estávamos em outra dimensão. Foi neste contexto que uma das integrantes do grupo bateu uma palma e como que em um voltar a respirar, despertamos. Ela enfatizou que não perdemos vidas e que não podíamos esmorecer. Essa sensação de angústia profunda e esse despertar ocorreu em frações de minutos, mas foi uma sensação tão profunda

que parecia realmente que faltou o ar e que ele retornou após um estalo de esperança – “uma necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática” (Freire, 1992, p.05).

Como é voltar ao imóvel após a tragédia? É uma sensação também devastadora. É uma devastação por dentro, na intimidade da vida. Agora a água que circulava dentro da casa baixou gradativamente, e o que restou? Será que é possível ir até lá? Retornar também é um ato de coragem, pois retornar é aumentar as feridas que ainda não foram tratadas, pois tudo aconteceu muito rápido e a razão priorizou as vidas. Agora a casa estava ali diante de nós e o cenário desolador apura todos os sentidos, sobe um arrepio dos pés à cabeça, fruto do que é visto, mas os cheiros também extrapolam os nossos sentidos e o pisar inseguro e escorregadio marca a permanente presença da lama espalhada por todos os cômodos da casa.

São muitas sensações imbricadas que para mim geram um desconforto, uma apreensão e chego a não acreditar que aquilo aconteceu. Foi muito desastroso! O nível da água baixou e a lama se espalhou. As marcas dos níveis de subida da água estão nas paredes em todos os cômodos, a água subiu cerca de um metro e meio e fez questão de riscar as paredes mostrando a sua circulação pela casa. O ambiente é inóspito, fétido e devastador. A moradora nos diz: - “*que cena de terror...acabou tudo*”. Os móveis que compunham um ambiente e definiam os cômodos = sala de estar, quarto e cozinha - agora estavam misturados, uns sobre os outros, destruídos. Nada pode ser recuperado.

O lar – espaço físico perdeu sua existência e a força para continuar vem da permanência da vida. Se a vida não se perdeu, o ideal é seguir, recuperando e questionando os porquês do ocorrido. Tais porquês são muitos e estão diretamente relacionados às decisões humanas pautadas nos anseios do capitalismo. Cidades mal planejadas – situações cotidianas que numa tragédia como esta extrapolam a vida urbana e atingem diretamente experiências diversas. Como não fui atingida diretamente por essas perdas, descrevo o que vi após a tragédia. Mas, para quem viveu intensamente aqueles momentos de pânico é algo que nem mesmo as palavras são capazes de determinar por completo, mas segue aqui algumas tentativas dotadas de terror, de medo, tristeza e poesia:

Uma das piores sensações do mundo. Impotência, angústia, tristeza, dor, desalento... os piores sentimentos. A princípio o desejo era manter todos vivos e conseguimos. Depois foi desolador ver as águas subindo e tomando todos os nossos sonhos, tudo que construímos durante anos, nossos documentos,

certificados, diplomas, fotos de família, livros, nossas conquistas. Um misto de sensações ruins e a que mais prevalecia era a tristeza. Não era perda de bens materiais, era a perda do nosso lar, do nosso canto. Como se não bastasse, as águas custavam a baixar o que só nos dava certeza de que perderíamos tudo. Quase 48h depois, foi possível olhar os danos. Todos choramos sem controle. Minha mãe não conseguiu olhar fotos, vídeos e nem ouvir como estava as nossas casas, ainda assim ela chorava. Minha filha foi e não suportou, o trauma já era real. Não se pensava em outra coisa senão em toda a tragédia. Lembrávamos que nossa última noite naquelas casas que nos abrigou por mais de 30 anos foi de alegria, de gratidão, de reunião familiar, de resenhas, foi o Natal. E buscávamos forças para entender que ali havia acontecido a despedida do nosso lar. Fomos abrigados por nosso ex-cunhado, pai de 2 dos nossos sobrinhos, onde ainda permanecemos. A minha mãe se recusa a voltar para as casas e nós concordamos, não sabemos quando e se isso vai acontecer de novo. Foram 30 anos residindo no mesmo lugar e não imaginávamos que isso fosse acontecer algum dia. O medo de viver tudo de novo nos fez alugar outras casas e refazer as nossas vidas em outra rua, outro bairro. Deixamos para trás todos nossos registros, só quem já "perdeu tudo" sabe a dor que estamos sentindo. Pior ainda é ver a dor no olhar de toda a cidade. Vizinhos, amigos, colegas, conterrâneos, vizinhos de cidades, todos na mesma situação que a gente, e não poderemos ajudar, pois também precisamos de ajuda. Contudo, diante de tanta coisa triste, de tanta dor, conseguimos provar do caloroso amor em forma de solidariedade de amigos, familiares, colegas e pessoas que nunca imaginávamos nos ajudando. Sentimos de pertinho o cuidado de Deus em nossas vidas. Tem sido fácil? Não. Mas estamos seguindo. Um dia cheios de fé e esperança, animados, no outro cansados, desanimados, tristes, sem chão, sem teto, ainda assim, seguimos lutando. Forças? Deus tem nos dado em forma de mensagens, orações, preces, temos sido ricamente abençoados. Mas ainda dói. Voltar naquela rua nunca foi tão doloroso, tão devastador. Ver casas sendo interditadas por risco de desabamentos, pessoas que não têm para onde ir, não têm como recomeçar, pessoas que perderam seus comércios, tudo isso dói muito. Mas todos os dias nos prometemos superar, vencer, lutar. E faremos isso por nós, por nosso povo, por nosso Vale do Jiquiriçá que sofre com tudo isso e também por todos que de algum modo nos ajudaram e estão emanando energias positivas que nos encorajam a seguir. Apesar de toda angústia, seguiremos! (Maricleia – Trecho de entrevista).

O seguir emana a força. A situação devastou o Vale e se repete todos os anos em Salvador, no interior do Rio de Janeiro, em São Paulo, tudo fruto do descaso e de uma preocupação seletiva com estas questões. O próximo depoimento é profundo e, marcadamente, vivido:

A água veio! É perturbador ouvir o barulho da chuva no telhado nestes últimos 30 dias. Hoje, 25 de janeiro, um mês após a histórica enchente de 21, lembranças boas da minha infância são transformadas em angústias dos dias em que minha comunidade, minha cidade, meu Vale do Jiquiriçá sofreram com os desdobramentos das fortes chuvas, não vividas aqui há muito tempo. Sempre vi a chuva de uma forma poética, romântica e reconheço que é necessária para os ciclos naturais. Reforça sua importância! Mas, no momento me assusto a cada gota que cai do céu levando, às vezes, à queda de lágrimas, por não conter as emoções. Chovia sem parar. Os primeiros sinais foram através do novelo da água dos rios, que começavam a aumentar. O primeiro ponto frágil foram os deslizamentos de barrancos. Casas foram atingidas e

assim as primeiras famílias desabrigadas. Nem imaginávamos que era apenas um sinal de alerta. Muita chuva, seguida de queda de energia e falta de comunicação. Por volta de 23h do fatídico dia de Natal, a luz volta, despertando toda comunidade de Jenipapo, que logo em seguida era invadida com a água do Rio de Brejões e do Rio Jiquiriçá. O medo, o susto, o inesperado, a angústia de não poder parar o subir da água. Era assustador! "Sai daí, a água tá chegando"; "Sai pra não morrer"; "Pega os documentos e sai logo"; "Cadê fulano"; "Desliga o contador"; "A água vai te carregar"; "Tem uma pessoa no muro"; "Segura na minha mão forte, e não solta!"; "Pula dessa laje que a água vai te levar. Joga essa menina"; "Oh gente, me ajuda". Essas foram algumas das frases ouvidas na primeira onda. Ao atingir o nível máximo, por volta de 1h da madrugada do dia 26, nada mais podia ser feito. Graças a Deus e do trabalho em equipe, arrumando a própria vida, retiramos todos, todas e todxs a tempo. 6h da manhã a segunda onda, ainda mais forte, invade com toda força e velocidade. Arrancando postes de iluminação, carregando não apenas bens materiais, mas levando ali histórias, sonhos e projetos de cada um de nós. O corpo parecia não ter mais forças, e não fazíamos noção do tamanho dos estragos. Das perdas. Era difícil encarar cada pessoa. Cada um externava a dor de uma forma. As lágrimas não se podiam controlar. Era impossível, pois a cada momento era o local de trabalho de João, o emprego de Maria, o meio de transporte de Mariele, o papo de cada dia de Jean, a moradia de Nelson, e tantas outras situações. Por cada pasta de documentos, certificados, diplomas, lamento muito. Lamento por cada escola que teve seus arquivos e todo patrimônio atingido, cobrindo de lama tantas histórias lindas, que só não serão esquecidas porque as melhores lembranças serão guardadas na nossa memória. Agradeço a cada pessoa que se arriscou para salvar a vida de alguém. Aos resgates feitos na sede de Ubaíra e demais cidades, através do helicóptero. A água começou a baixar e o cenário de destruição ia surgindo. Casas destruídas. Construções que foram levadas por inteiro, deixando espaços vazios. Reunindo forças, íamos limpando a lama, salvando o que era possível, e começando a entender que dali em diante iríamos ter que aprender a viver com a ausência de muita coisa antes tidas como fundamentais. Sem energia elétrica, sem comunicação, alojados em casas de amigos, parentes, prédios públicos, muitas vezes com a roupa do corpo, fomos surpreendidos com a falta de água, o desabastecimento dos supermercados, das farmácias e de outros tipos de comércios. A alternativa era ir em cidades vizinhas menos atingidas. Quem ficou na margem direita do Rio, ainda sofreu com a falta de acesso a BR, a hospitais e sem poder receber donativos. Aos poucos, com a diminuição do volume de água, era possível atravessar para o outro lado, com alimento, medicamentos e água potável. O lema da equipe de voluntários, em meio a estes, famílias também atingidas, "que todos tenham água e comida na mesa". Foram longos dias de escuridão por causa da falta de energia. Então, tudo tinha que acontecer até o pôr do sol. Após, somente a luz de velas e chamas de fogueiras. Nascente ressurgiram, possibilitando o uso para consumo. Era um retorno de hábitos passados. Sem equipamentos eletrônicos ou eletrodomésticos. A carne tinha que ser logo consumida. Alimentos de consumo rápido e não perecível. Para manter uma comunicação mínima, era necessário ir até a cidade de Santa Inês, para usar rede móvel e sinal de operadoras. Recordo que fui até o hospital da cidade para carregar o celular e poder então falar. Usei também a casa de amigos para isso. Hoje, estamos recomeçando. Aprendendo a lidar com as emoções. Entendendo que é normal não estar bem todos os dias. Que é preciso respeitar o tempo e espaços um do outro. As vezes a pergunta que nos toma é, será que teremos formas para recomeçar? E a confirmação vem através de cada pessoa que se coloca à disposição para ajudar, doar, colaborar, apoiar. De forma

voluntária. De modo discreto, e de maneira exemplar. Foram muitos os "amigos do Vale". Pessoas que se dedicaram a ajudar desconhecidos, conhecidos e, portanto, criando uma rede de ajuda. Donativos, primeiros socorros, alimentos, água, móveis e afins. Não é em nosso tempo, pois há tempo para que cada coisa possa acontecer. Mas acredito que é preciso recomeçar. Mesmo que em alguns dias as forças parecerem ter se esgotado, vamos seguindo. Descansa, respira, olha pra frente e segue. Não vai ser fácil, mas o jardim fica mais bonito e florido quando cultivado em solo fértil, e creio que toda essa lama tende a fertilizar, e fazer nosso jardim vigorar. Eu creio em dias melhores (Marcos Antônio - Nino professor, 25 de janeiro de 2022 – trecho de entrevista).

Os dias foram dolorosos. Momentos de desespero acompanhados de tristeza e solidariedade. As lembranças das perdas e da quase morte ferem a memória. Os cheiros amargam o existir e a lama expressa a instabilidade daqueles instantes de medo e de perigo. Estas situações marcaram o Vale e a tragédia sucumbiu a beleza da natureza, tão relatada por seus (suas) moradores (as). Mesmo no contexto da dor, a vida anima as existências. As pessoas viveram recomeços e as trocas intersubjetivas situaram como seria o retomar o habitar, a partir dos seus anseios, expectativas e sonhos, em um Vale, onde, para alguns (algumas), vale a pena viver!

6. TRILHAS: SÃO TUAS CURVAS QUE ME LEVAM

Uma canção para minha tese...

Eu danço a dança das tuas marés
 Eu danço a tua dança
 Eu danço a tua dança, ai, ai, ai
 Você maremoto, você maré mansa
 Você poça d'água, ai, ai, ai
 Me acalmo, espero, me afogo, você
 Um tsunami quando não quer saber (quer saber)
 De onda
 Me desespero
 São tuas ondas que me levam
 Me desespero
 São tuas ondas que me levam, ai, ai

Bom mesmo é estar debaixo d'água.

Fonte: Musixmatch

Compositores: Luedji Gomes Santa Rita /
 Francisco Modesto Muleka Ngoy

Presenteio a tese com esta canção, porque assim me senti em vários momentos do campo. As sensações eram dotadas destes híbridos que permeiam a nossa escrita (Apêndice E). Ora é maremoto, ora é maré mansa e eu buscava a poça d'água e me afogava nela. A canção me carregava para um espaço aquático. Mas, voltava à superfície e buscava alento na poesia das águas (movimento, vida e alegria),

O registro afetivo da alegria propõe seu vocabulário para qualificar um mundo aquático. O riso das águas, o trinado ou a canção do riacho, sonoridades alegres da cascata, a amplidão feliz do grande rio. Apelo à alegria, vivacidade material do espaço, juventude transparente do mundo (Dardel, 2015, p. 20).

Como “a água corrente, porque é movimento e vida, aplaina o espaço” (Dardel, 2015, p. 20), mergulhei nesta obra e fui surpreendida em cada página. Com sua ajuda, dancei uma dança que por aqui seguiu muitos contornos, aqueles vinculados ao espaço líquido como na literatura da canção e aqueles das trilhas da realidade geográfica de cidades abraçadas pela imensidão de suas serras e por vales que abrigam as experiências contadas por aqui, por isso, são suas curvas que me levam adiante. A estrada, literalmente e simbolicamente, me involucrou pelo urbano interior e foi, portanto, o ponto de partida e o ponto de chegada para a elaboração da pesquisa. “Toda pessoa deveria então falar de suas estradas, de suas encruzilhadas, de seus bancos. Toda pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos” (Bachelard, 1993, p. 31).

Como já foi indicado em outros trechos desta tese, essa é uma escrita vivida e conduzida a partir da interação entre memórias e existências, as quais lançaram o corpo-mente no campo de pesquisa. Deste modo, as trocas de experiências, as leituras bibliográficas e as trilhas metodológicas estiveram vinculadas a todo um processo formativo em construção, o qual constitui os caminhos delineados neste texto. Um texto, a princípio, difícil de ser conduzido sem pressa interpretativa, assim como indica Bachelard (1993), pois as ideias que povoavam a cabeça estavam em busca de articulação e almejavam caminhos teóricos seguros. A pandemia balançou essa busca por segurança e a pressa começou a perder sentido. A narrativa pautada no meu existir precisou de alinhamento para transbordar os sentidos pulsantes da cidade e do urbano como obra humana (Lefebvre, 2001). Assim, as trilhas, tortuosas como são, permitiram desacelerar as intenções de pesquisa para que fosse possível degustar as relações, as quais são efetivadas por corpos múltiplos, diversos e que produzem encontros dotados de empatia, solidariedade, intimidade, violências e desigualdades, inerentes as suas próprias geografidades e, portanto, são vividas (Relph, 1979).

A leitura fenomenológica de um urbano interior, materializada em cidades pequenas foi originada a partir da circularidade do meu corpo e da minha trajetória, na qual li e interpretei várias obras que em conjunto proporcionaram uma leitura poética da vida urbana. A relação entre autores e autoras ao longo do trabalho permitiu a conexão entre a minha geografidade acadêmica, a qual almejava o salto para o despertar da minha geografidade vivida e experienciada em encontros com outras geografidades. A liga entre geografidade e performance despontava a intimidade e a exposição, visitadas e revisitadas no contexto das cidades pequenas estudadas e descritas aqui. Uma liga que foi basilar para feitura desta tese geográfica que abraça e abarca caminhos profícuos e difíceis, pois integra e interrelaciona a geografia e a arte da performance como lastros para a análise, mas que se acalenta na literatura e na poesia para, seguramente, tratar de memórias, trajetórias e narrativas. Como dito no capítulo 1, o meu corpo é o primeiro a aparecer e a partir de todo o processo formativo afirma-se a condução proposta aqui emanada da importância de tratar a minha subjetividade e colocá-la em movimento para ao encontrar as outras geografidades poder situar esta pesquisa.

As palavras conectadas da figura 3 da página 31 foram sinalizadas para demarcar de maneira palpável o corpo que escreve a tese. Naquele contexto, era a base que impulsionava os encontros que estavam por vir. Neste final, no qual os encontros já foram consolidados, a mulher e as palavras já alçaram outros voos, ao fortalecer a conexão entre geografidade – performance

como presença no desenrolar das trocas intersubjetivas estabelecidas nestas cidades - pequenas nas dimensões populacionais e econômicas e grandiosas nas forças das relações. As histórias de vida e as narrativas expostas à minha escuta atenta foram basilares para que metodologicamente, as performances saltassem aos sentidos. Esta mulher precisava se conectar a uma coletividade diversa em existências, as quais dão forma-conteúdo urbano a Cravolândia, Jaguaquara e Santa Inês.

Ao longo deste tempo vivido foi triste e denso ouvir algumas histórias. A vida é complexa, as pessoas sofrem, principalmente por questões financeiras, as famílias se ajudam, mas não como uma responsabilidade própria, mas como uma obrigação. A vida de quem não tem autonomia financeira em uma cidade pequena ou em qualquer lugar é pesada, é dependente, porém, na cidade pequena, as pessoas com autonomia financeira se aproveitam. A subsistência torna-se o objeto de barganha para humilhação e as relações de dominação se baseiam na necessidade do outro. Quando alguém resolve contar seus traumas, problemas e o medo da crítica, é muito difícil ouvir e poder fazer muito pouco para ajudar. As pessoas contam com lágrimas nos olhos e a escuta é impotente.

A graça embutida na fofoca camufla as pressões sociais e os julgamentos marcam as pessoas que são vítimas dos falatórios. Algumas pessoas dançam e se divertem, literalmente, para esquecer os problemas que enfrentam todos os dias. O corpo exala e exalta a vida e contagia quem vê, mas esconde conflitos. O performar tem a intenção de mostrar ao mundo a vontade de ser livre, mas os outros corpos julgam a liberdade e as interações se dão por expressar uma luta para enfrentar o outro e o mundo. Somos mesclados (as) de amor e tensão. O ser geográfico quando interage está vulnerável/preparado para alegrias, motivações e tensões e, muitas vezes, me vi vulnerável por estar colocando em jogo o meu corpo e o meu pensar.

Viver e estar em uma cidade pequena quando se tem uma renda garantida é uma realidade confortável, porém a fragilidade de uma reflexão sobre aqueles (as) que não possuem esta condição é permanente. O desejo pela modernização é espalhado pela cidade e se constitui como um anseio, principalmente para gestores (as) e para a juventude. Há aqueles que almejam uma cidade tão desenvolvida como Salvador como um sonho utópico. Aí se encontra a ironia, pois os escritos indicam que, justamente, por ter seguido este caminho, as grandes cidades se perderam.

Para Relph, são cada vez mais híbridas – lugar e ausência de lugar. Para Serpa, cada vez mais fincadas na espetacularização e no consumo. Para Marandola Jr., cada vez mais distantes da potencialidade da vida cotidiana e de uma leitura fenomenológica da realidade. Infelizmente, quem planeja, almeja o progresso e expressa mais na paisagem e menos nos avanços educacionais e de renda da população. Faz parecer que o único caminho palpável para diminuir as mazelas da população é a reprodução do capital nos mesmos moldes da normatização urbana. Para Endlich (2019) o caminho precisa ser outro:

A oferta de serviços e equipamentos e a introdução da tecnologia precisam levar em conta as necessidades humanas e os alcances que poderiam proporcionar e que são imensos. A lógica deverá ser a de geração de emprego e renda valorizando, por exemplo, iniciativas cooperativas e de autogestão; a disponibilização de serviços e equipamentos públicos que podem ser viabilizadas por meio de cooperações entre entes locais; incrementar a acessibilidade dos meios de transportes e comunicação, além de promover uma dimensão educadora e de participação política que permita romper com a reprodução da política e da sociabilidade conservadora que costuma caracterizar essas áreas (Endlich, 2019, p. 31-32).

Há muito investimentos na construção de escolas, mas as relações de trabalho têm uma liberdade duvidosa. Os (as) que habitam são seduzidos a acreditar que este é o melhor caminho, pois está no discurso de alguns (algumas) este desejo de entender o que aconteceu com os tempos áureos de prosperidade, os quais foram definhando, fazendo com que estas cidades fossem perdendo status econômico. É presente o anseio pelo turismo, na inserção de elementos deste passado na paisagem com o intuito da visitação turística. O que se vê nas cidades é uma reorganização espacial, com a incorporação de novas áreas, uso do solo, deterioração de certas áreas e uma tentativa de renovação urbana, o que é visível na construção de habitação popular, de praças e de estruturas construídas nas margens e sobre os rios (Corrêa, 1989).

Em meio a estas intenções de modernizar a cidade, a população migra bastante com o objetivo de buscar melhores condições de emprego e renda. Em alguns casos, a vida fora não resulta nas expectativas criadas na ida. As questões familiares, na maioria dos casos, é o motivo do retorno, comumente, por condições vinculadas a saúde, pois os filhos vão e os pais ficam e estes últimos necessitam deste apoio, justamente porque à saúde pública por aqui tem suas fragilidades. As narrativas se repetem e se replicam. Para algumas das pessoas entrevistadas, as relações de familiaridade, às vezes, geram muitos ruídos e inibem a capacidade da população acreditar ser capaz, das mudanças sociais que precisa, mas a situação de subalternidade vem de longe e de outra escala. Para Josmar, um dos entrevistados, a sua cidade cresceu no cerne do machismo,

do sexismo, do patriarcado e, portanto, os preconceitos estão espalhados por toda parte. Imagine, então, uma cidade que credita grande valorização aos imigrantes estrangeiros. Quais são as bases que as formam?

São cidades que começam a ter estruturas repetidas, tendendo à normatização dos usos previamente definidos e com pouco incentivo para o despertar da ludicidade e para a criação, por isso, as performances geográficas coletivas foram captadas em momentos esparsados, quase uma caça a uma prática coletiva que não seja aquela do encontro com os (as) amigos (as) nos bares e restaurantes da cidade. Algumas das ações identificadas aqui nem deviam ter acontecido, porque os motivos foram dolorosos. Em alguns momentos a busca por poesia se deparou na dor e em outros a dor foi transformada em poesia.

A leitura fenomenológica do urbano, para a qual associei à palavra interior, foi fundada no meu percurso ontológico, no qual se dão experiências que performam as existências. Essas cidades têm muita coisa para contar e, por isso, performei como uma boa ouvinte. Me envolvi com paciência, com vontade de viver aqui e com as incertezas, traduzidas em “versos inquietos”

Ah, tem dias!
 Tem dias que os laços
 se desfazem com a poeira do dia cinza
 Tem dias que a poesia abraça
 em abraços indesejáveis de saudades
 Tem dias que a mente se anuvia
 e faz tempestades de desejos
 Tem dias sem lírios, sem cheiros, sem festejo.

Ah, tem dias!
 Tem dias que os raios de sol iluminam
 a camarinha de minhas agonias
 Tem água correndo para o mar e eu
 sem poder me banhar
 Tentando não represar, não deixar escapar
 filetes do meu sorriso iluminando o leito do rio
 Tem dias que as garças bailarinas
 enfeitam as minhas margens
 em seus voos de coragem libertando a dor

Ah, tem dias!
 Tem dias que são só de contemplação,
 dias de paralisar e ver o céu se enfeitar de um azul quase roxo
 Tem dias mais cinzas com borrões amarelos antes dele se pôr...

Mas tem dias que os vitrais se quebram e não há beleza para refletir.
 (Versos inquietos, Anajara Tavares, 2018, p. 22).

Nas três cidades, os dias são repetidos e também diferentes, porque se originam de encontros. Naqueles combinados, buscamos nos organizar em círculo para o contato ser mais direto e para que a mensagem desejada fosse transmitida. Ao juntar gente, somos levados (as) a emoções diversas e os caminhos abertos que a Geografia proporciona permitem plantar e colher conhecimento. Aqui expus minha ludicidade e ela foi compartilhada, brincamos juntos (as). As pessoas brincam, brigam e sonham. Expressam alegrias, emoções e tragédias. Compartilham a solidariedade e a desigualdade. Estas conexões estão atreladas às experiências, as quais conduzem a vida urbana. São três cidades integradas e em rede, em virtude das histórias, trajetórias de corpos que bailam, trabalham e persistem.

As experiências intersubjetivas também me proporcionam o respirar com calma e com tensão. Em uma roda de debate político e poético, o corpo que segura um livro na mão credita a este contato um alento de luta. As palavras escritas ali são declamadas com voz alta e firme e os poemas de dor expressam a resistência e a ação compartilhada com outras pessoas. Este corpo é público, seja no centro de um coreto ou em uma feira livre. Quem lê e quem escuta estão atrelados (as) pela sonoridade das palavras que os (as) unem a partir da emoção. Estas sensações resultam dos sinais da intimidade mais direta e presente que o corpo outro permite transbordar nos momentos das relações. Ao unir as sensações e aspirações, a poesia torna palpável as curvas reflexivas da memória, dos encontros e do saber geográfico.

Estas reflexões permitem inferir que o urbano interior, só se consolida a partir das experiências, as quais têm o corpo como materialidade – “ser corpo no mundo” (Serpa, 2019, p. 73). “O mundo, o espaço e a cidade são construções humanas plenas de relações entre sujeitos, construções radicalmente intersubjetivas” (Serpa, 2019, p. 74). Nas muitas relações intersubjetivas, os corpos ocupam e produzem a cidade e o urbano – corporificam as performances geográficas. Uma ocupação/produção presente nos corpos que se abaixam e levantam para limpar a cidade ou para retirar a vegetação que cresce nas frestas dos paralelepípedos; ou aqueles que sobem nas árvores para podá-las; ou os que emprestam o seu talento ao público nas noites do Desabafo (projeto em parceria, no qual artistas de Santa Inês, realizam apresentações diversas e ainda solicitam que a plateia apresente o seu desabafo artístico), na batalha do rap e nas apresentações escolares; ou na luta por um cotidiano menos desigual. Em todos esses encontros/situações, o urbano interior transbordou da vida que anima praças, ruas, feiras e largos.

Os encontros potentes proporcionaram momentos de reflexão e tensão. É imprescindível destacar as inúmeras relações expostas nesta escrita, as quais indicam novas estradas dialéticas: geograficidades - performances/ urbano interior - cidades pequenas/ pesquisadora-citadina/ geograficidade performática – performances geográficas/ espaço e lugar – vida que anima. Para todas essas conexões foram sinalizadas possibilidades de análises geográficas, porém vale ressaltar que o salto necessário para o aprofundamento das questões de raça e gênero, ainda foi baixo. Neste, e nos estudos geográficos, principalmente, nos que se embasam em corporeidades e na força das pessoas, não há como apagar estas questões, uma vez que a cidade e o urbano só podem ser expostos e analisados na esfera da diversidade.

As contribuições científicas desta tese encontram-se nas mediações teóricas, metodológicas e práticas, as quais foram construídas e embasadas por referenciais bibliográficos consolidados, a partir dos quais foi possível integrar as fenomenologias como método de abordagem para expor análises urbanas originadas das experiências produtoras do vivido, fenômeno nomeado nesta tese como urbano interior – para o qual apresentei detalhes narrativos com o intuito de proporcionar ao (a) leitor (a) o ato de imaginar pessoas, lugares e, principalmente, situações nas ruas, nas feiras, nas manifestações, na circularidade, nos fluidos, nas águas e nos textos.

Somos tentados (as) as definições e delimitações de conceitos, algo que considero importante para o nosso processo formativo, mas tais definições devem ser um ponto de partida, uma tentativa de esboço para o despertar da curiosidade de pesquisa. Ao longo da construção do texto, a cidade e o urbano formavam o alicerce do pensar - um fenômeno - um broto a se consolidar em meio as diversidades e adversidades. Neste sentido, o urbano interior foi sendo amadurecido ao longo desta construção e conexão com as experiências. Apesar de nomear o fenômeno, não há aqui a intenção enrijecer em um conceito. O que se espera é que o urbano interior seja refletido e constituído como um caminho – processo, diante do qual, seja possível pesquisar cidades para além das hierarquias, das classificações e das nomeações que ora reduzem os seus significados e poesias ou ora geram estigmas e explorações. A proposta é articular conceitos e traçar percursos metodológicos capazes de produzir uma aproximação com as experiências criadoras do vivido. Esta aproximação requer tempo, requer conversas, escuta atenta e trocas de saberes.

É necessário, portanto, muitos movimentos e articulações. O acontecer do campo teve uma relação direta com corpos que foram acessados e atravessados por e a partir das suas existências.

A existência ascende o meu corpo de maneira metodológica, geográfica e poética, para encontrar as cidades pequenas e suas histórias construídas por suas populações ao longo de gerações. Foi a partir dessas experiências que, originariamente, nos coloca em movimento de saída e de retorno em nós mesmos (as), que as circularidades das relações foram expostas e por sua dinamicidade são capazes de transformar, gradativamente, as realidades geográficas.

O que nos uniu foi a curiosidade.
Os encontros foram as aberturas,
por eles e com eles conhecemos a cidade
e, pelas pessoas vivemos fissuras e costuras.

O texto partiu de questões.
Na teoria e na prática são indicadas as respostas,
por isso, são necessárias as mediações
para o ser-e-estar-no-mundo criar geografias expostas.

Na exposição de corpos tudo está em jogo.
Na rua, na praça e no íntimo, as ações são factíveis.
No viver, é um trabalho que exige coragem e fogo.
Na ciência, fechar e abrir ciclos são situações possíveis.

Flávia Souza.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luciene Santos de. O Vale do Jiquiriçá no contexto do circuito espacial produtivo do cacau. Salvador, 2008.116f.
- AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do; SANTOS, Valdenor Silva dos. Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 54-73, dez. 2015. doi: 10.11606/issn.2316-901X.v0i62 p54-73.
- BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. A pequena cidade nas teias da aldeia global: relações e especificidades sócio-políticas nos municípios de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara – MG, 2008, 411f.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAUER, M. W; GASKEL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: ed. Perspectiva, 2015.
- BORGES, Rafael Henrique Meneghelli Fafá. Se expor à cidade: experiência cidadina e narrativas urbanas. Geograficidade | v.9, n. Especial, Outono 2019.
- BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro (org.). Cidades médias e pequenas: reflexões sobre dinâmicas espaciais contemporâneas. 1ª ed. Curitiba: Editora Appris, 2019.
- BRITO, Marcelo Sousa. A cidade um texto a ser descoberto, uma história para recontar. Geosaberes, Fortaleza, v.2, n. 4, p. 32-42, ago./dez. 2011.
- BRITO, Marcelo Sousa. O teatro invadindo a cidade. Salvador: EDUFBA, 2012. 187 p. il.
- BRITO, Marcelo Sousa. As vias e as veias da cidade. Pitágoras 500, v. 2, 10º número, 2016.
- BRITO, Marcelo Sousa. O teatro que corre nas vias. Salvador: EDUFBA, 2017. 208 p.
- BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, p. 165-193, 1982.
- BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e sentido de lugar. Geograficidade, v. 5, n.1, p. 4-19, 2015.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade. São Paulo: Contexto, 2008.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Crise urbana. São Paulo: Contexto, 2015.
- CASSANIGA, Tafarel. Nordestinos em Brusque/SC: estigma e preconceito em relação aos novos imigrantes do século XXI. 2018. 123 p.
- CHAVES, James Lima. Vinte e três anos de Assentamento Palestina: posse da terra, sonhos, possibilidades e desafios. 2022. 233 f.: il.
- CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.) Perspectivas da Geografia. DIFEL. São Paulo, 1982.
- COELHO, Suzana Oliveira. Meus olhos d'água, cadê? De Olhos d'Água a Cravolândia: A autora, 2014. 349 p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: editora Ática, 1989.
- COSTA, Jace Mari. O trabalho com a narrativa memorialística no processo de humanização do sujeito. Universidade Federal de Santa Catarina, 2022. 108p.
- DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica; tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DAWSEY, John Cowart. Schechner, teatro e antropologia. cadernos de campo, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011.
- DEMPSEY, A. Estilos, escolas e movimentos: guia enciclopédico da arte moderna. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- DIAS, Patrícia Chame. Trabalho e lazer na metrópole: lugares e fluxos das diferentes classes sociais na Região Metropolitana de Salvador - Salvador, 2016. 358 f.: il. + anexo.
- DUNKER, Christian. Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu editora, 2017.
- ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BAIANOS. 2 de julho de 1958. Laje. p. 385 a 388.
- ENDLICH, Maria Angela, FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. Aumento da violência em pequenas cidades, sentimento de insegurança e controle social. XIII Coloquio Internacional de Geocrítica El control del espacio y los espacios de control Barcelona, 5-10 de mayo de 2014.
- ENDLICH, Maria Angela. Entre as pequenas cidades concretas e utópicas: reflexões sobre o devir. In: BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro (org.). Cidades médias e pequenas: reflexões sobre dinâmicas espaciais contemporâneas. 1 ed. Curitiba: Editora Appris, 2019. p. 15-37.
- EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca nacional, 2016.
- EVARISTO, Conceição. Becos da memória. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Canção para ninar menino grande. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

EUGENIO, Benedito Eugenio, TAMBORRIELO, Milena Lima, NOBREGA, Rúbia Cristina, SANTOS, Juliana Brito dos. Memórias e histórias da comunidade Quilombola Orquídio Pereira. ODEERE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. ISSN: 2525-4715 – Ano 2020, Volume 5, número 9, janeiro – junho de 2020.

FEMINICIDIO: HOMEM ACUSADO DE MATAR EX-COMPANHEIRA. À tarde. <https://atarde.com.br/portalmunicipios/portalmunicipioscentrosul/feminicidio-homem-e-acusado-de-matar-ex-companheira-a-tiro-em-santa-ines-1117412>. Acesso em 20.12.2022.

FERNANDES, Henry Luydy Abraham. As lâminas de Machado Lascadas Aratu de Piragiba – BA. Salvador, 2011.

FRANÇA, Cremilda Barbosa Santana. A feira livre de Santa Inês Bahia: um estudo sobre as atividades e as relações socioespaciais. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, campus Santa Inês. 2021. 129 f.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONSECA, Antônio Angelo Martins; BRITO, Cristovão e LÊDA, Renato (org.) Dinâmica da reestruturação do espaço local e regional do estado da Bahia. Salvador, BA. JM Gráfica e Editora Ltda, 2010, 1ª edição.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALLO, P. M. D., & MARANDOLA JR., E. (2017). O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da geografia como ciência existencial. Revista Da ANPEGE, 11(16), 173–200. <https://doi.org/10.5418/RA2015.1116.0008>.

GEOGRAFAR – Geografia dos Assentamentos na área rural. 2023.

GOFFMAN, Erving. A representação do Eu na vida cotidiana. Tradução de Maria Celia Santos Raposo. 20ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOLDBERG, Roselee. A arte da performance: do futurismo ao presente; tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão da tradução Percival Panzoldo de Carvalho; revisão técnica Kátia Canton. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GLUSBERG, Jorge. A arte da performance. Editora perspectiva. São Paulo, 1987.

HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências I Martin Heidegger; Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Foge], Marcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

- HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; Bragança Paulista, SP: editora Universitária São Francisco, 2015). 7ª reimpressão, 2020.
- HOLZER, W. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. *Geographia*, v.5, n.10, 2003.
- HOLZER, W. A geografia Humanista: uma revisão. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, Edição Comemorativa, 2008, p. 137-147.
- HOLZER, W. A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990. Londrina: EDUEL, 2016. 392 p.
- HOOBS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: editora WWF Martins Fontes, 2017.
- HUSSERL, E. A ideia da fenomenologia. Lisboa. Edições 70, 2000.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- JAGUAQUARA. Recanto das letras.com.br. Publicado em 2018. Acesso em 08.05.23
- JESUS, Valdeck Almeida de (Org.). Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana. Vitória da Conquista: Galinha pulando, 2018, 152p.
- KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEFEBVRE, Henri. Lógica Formal/Lógica dialética. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. 4ª edição. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.
- LIMA, A. S., CALHAU, A, A. Estrutura fundiária e acesso à terra no Vale do Jiquiriçá-Bahia Perspectiva. ISSN 1981-4801. UNIOESTE v.7, n.8 2012.
- LIMA, Aline dos Santos, CALHAU, Ângela Andrade. Estrutura fundiária e acesso à terra no vale do Jiquiriçá-Bahia. Perspectiva geográfica. ISSN 1981-4801 UNIOESTE V.7, N.8 2012.
- LIMA, Aline dos Santos. A territorialização do capital na lavoura de mandioca: a educação pelo trabalho da Aliança Estratégica do Amido no município de Laje (BA). Salvador, 2017.

LIMA, Luciméa Santos. O corpo negro no candomblé e sua significação do sagrado ao profano: uma ontologia de novas temporalidades. In: *Tramas negras: história, antropologia e educação para as relações sociais/ organizado por Clássio Santos Santana, Fred Aganju, Santiago Ferreira, Jôsi Barcellos Miranda, Lumara Cristina Martins Santos, Ana Paula Cruz – Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino traço, 2016, 278p.*

LYNCH, K. *A Imagem da Cidade*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1997.

MARANDOLA JR., Eduardo. *Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência humana*. Campinas, São Paulo, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. *GEOGRAFIA*. Rio Claro, v, 37, n.1, p. 81-94, jan./abr. 2012.

MARANDOLA JR., Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em *Place and placelessness*, de Edward Relph. *Geografia*, Rio Claro, v. 41, p. 5-15, 2016.

MARANDOLA JR., Eduardo. Olhar encarnado, geografias em formas-de-vida - *GeoTextos*, vol. 14, n. 2, dezembro, 2018. 237-254.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas*. Organização e notas de Stephanie Menasé; tradução Fabio Landa, Eva Landa: revisão de tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOREIRA, Ruy. *Sociedade e espaço geográfico no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

MUTUÍPE FOI EPICENTRO DE TERREMOTO NA BAHIA. TRIO ELÉTRICO BALANÇANDO AS PAREDES. Fonte: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/>. Acesso em 08/05/2023.

NASCIMENTO, Milton. *Encontros e despedidas*. Álbum “encontros e despedidas”, 1985.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *O fenômeno do lugar*. In: Nesbitt Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> Acesso em 12/10/2022.

PENA, Patrícia Carla Alves; MALTA, Arlene Andrade; LIMA, Aline dos Santos [Orgs.] *Educação e diversidade: experiência de articulação do ensino com a pesquisa e a extensão na formação de educadores e educadoras do Vale do Jiquiriçá*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 214p.

PONTE, Patrícia. *Paisagens-grafite em São Paulo: reinvenções da vida urbana e do habitar as cidades*. Salvador, 2019. 288 f.

POLICIA CIVIL INVESTIGA CARTA QUE AMEAÇA BAIANOS NO VALE DO ITAJAÍ.
<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/11/policia-civil-investiga-carta-que-ameaca-baianos-no-vale-do-itajai.html>

QUEIROGA, E.; ROBBA, F.; MACEDO, S. S. et al. Espaços livres e espacialidades da esfera de vida pública: uma proposição conceitual para o estudo de sistemas de espaços livres urbanos no país. In: 1º Colóquio do Projeto Quapá/ Sistemas de Espaços Livres e a Construção da Esfera Pública Contemporânea no Brasil, 1., São Paulo, 2006. Anais... São Paulo: FAUUSP, 2006, CD ROM.

QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005.

RADAMBRASIL. Vegetação por Município-Bahia. 1981 – 1983.
http://sim.sei.ba.gov.br/side/frame_tabela.wsp?tmp.tabela=t81&tmp.volta=sg53. Acesso em 07/11/22.

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. Geografia, Vol. 4, N. 7, p. 1-25. Rio Claro: UNESP, abril de 1979.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

ROSA, Armando. História de Jaguaquara e suas paisagens humanas. 1ª edição, 2016. 468 p.

ROSA, Crislane Palma da Silva. “Beije sua preta em praça pública”: da apropriação do corpo à apropriação do espaço. Salvador, 2022. 373 f.

SANTA INEZ, Antônio Leal de. As estradas da esperança. São Paulo: Clube do livro, 1982.

SARAU DO ONÇA (org.). O diferencial da favela: dos contos à poesia de quebrada. Vitória da Conquista – BA: Galinha Pulando, 2019.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. Psicologia & Sociedade; 19, Edição Especial 1: 95-102, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SATO, Leny. Visitando a feira livre: notas sobre sua organização e seu trabalho. Mnemosine UERJ. Vol.5, nº2, p. 227-248, 2009.

SANTA INÊS: MULHERES PROTESTAM CONTRA FEMINICÍDIO APÓS ASSASSINATO DE MORADORA. Bahia notícias.
<https://www.bahianoticias.com.br/municipios/noticia/20746-santa-ines-mulheres-protestam-contra-feminicidio-apos-assassinato-de-moradora>. Acesso em 20.12.2022.

SANTOS, José Mario Peixoto. Breve histórico da “performance art” no Brasil e no mundo. Revista Ohun, ano 4, n. 4, p.1-32, dez 2008. ISSN 1807-595479.

SANTOS, Oscar Santana. Uma viagem histórica pelas estradas da esperança: representações literárias do cotidiano, da região e da desativação da Estrada de Ferro Nazaré (Bahia, 1960 - 1971) Santo Antônio de Jesus, 25 de abril de 2011.

SANTOS, Marcos Bandeira, GODINHO, Luís Flávio Reis. Conflitualidades socioambientais no Vale do Jiquiriçá. Pesquisa em educação do campo / Organizadora: Débora Alves Feitosa. _ Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2020. 340 p.; il. – (Coleção Pesquisas e Inovações Tecnológicas na Pós-Graduação da UFRB; volume 3).

SANTOS, Milton. Manual de Geografia Urbana. 3ª ed., 1ª reimpr.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Jânio. Contribuição teórico-metodológica aos estudos das pequenas cidades, com base em pesquisas sobre a Bahia. In: BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro (org.). Cidades médias e pequenas: reflexões sobre dinâmicas espaciais contemporâneas. 1 ed. Curitiba: Editora Appris, 2019. p. 15-37.

SANTOS, Marta Ise Alves. o Lugar como conceito norteador para uma aproximação com a realidade dos discentes na educação básica. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, campus Santa Inês, 2017.

SCARLATO, Francisco Capuano. População e urbanização brasileira. In: Ross, Jurandir L. Sanches (org.). Geografia do Brasil. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SCHECHNER, R. “O que é performance?”. In: Performance studies: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, 2006. p. 28-51.

SEAMON, David. A Singular Impact: Edward Relph’s Place and Placelessness. Environmental and Architectural Phenomenology Newsletter, v. 7, n.3, p.5-8, 1996.

SEAMON, D. (2013). Corpo-Sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar / Body-subject, time-space routines, and place-ballets. Geograficidade, 3(2), 4-18. <https://doi.org/10.22409/geograficidade>, 2013.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DA BAHIA. Estatística dos municípios do interior, 2018-2022.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DA BAHIA. <https://www.seplan.ba.gov.br/>

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO ESTADO DA BAHIA. Território de Identidade | Vale do Jiquiriçá. Estudo de Potencialidades Econômicas. Fevereiro 2017.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO ESTADO DA Bahia – SEDUR. Sistematização da Rede Urbana Atual do estado da Bahia, 2022.

SERPA, Angelo. O Espaço Público na Cidade Contemporânea. São Paulo: Contexto, 2007.

SERPA, Angelo. (Org.) Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade. Salvador: EDUFBA, 2015.

SERPA, Angelo. Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019. 128 p.

SOUZA, Flávia Silva de. Formação e consolidação de centralidades lúdicas no cotidiano das áreas populares de Salvador/BA. Salvador, 2008.141f.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Da “urbanização planetária” ao espaço geográfico complexo: multiplicidade de perspectivas e situacionalidade cultural da teoria sócio-espacial. In: Geografia urbana: desafios teóricos contemporâneos. Angelo Serpa e Ana Fani Alessandri Carlos (organizadores) – Salvador: EDUFBA, 2018. 511 p.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA - SEI.

TAVARES, Luis Henrique Dias. História da Bahia. São Paulo: editora UNESP: Salvador, BA: EDUFBA, 2001.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. (Trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Edue, 2013.

UM ÍNDIO. Fonte: <https://www.lettras.mus.br/margareth-menezes>. Acesso em 08.05.23

ZORZO, F. A. Ferrovia e rede urbana na Bahia: Doze cidades conectadas pela ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870 – 1930). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001, 264p.

VAZ, Caroline Bulhões Nunes. Reflexões sobre rua: tensões entre memória e imaginação em experiências nas ruas soteropolitanas. UFBA – Salvador, 2022. 679 f. 2 v.

VITÓRIO, Andreia. O que há por trás dos tremores de terra na Bahia e em outras regiões do Nordeste. educação ambiental e sismologia. <https://agenciaeconordeste.com.br/o-que-ha-por-tras-dos-tremores-de-terra-na-bahia-e-em-outras-regioes-do-nordeste/>. Acesso em 17.10.2020.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA

1. Nome
2. Idade
3. Rua e Bairro
4. Ocupação
5. Escolaridade
6. Quais são suas atividades cotidianas?
7. Em suas atividades cotidianas, como se relaciona com a cidade?
8. Quais são seus hábitos diários?
9. Descreva os seus percursos diários?
10. O que tem de Geografia em seus percursos diários?
11. Como é viver em _____?
12. Vive há quantos anos aqui, quais mudanças acompanhou e como participou de tais mudanças?
13. Trocaria a vida aqui para morar em outro lugar? Caso sim, porque?
14. Como se dá a sua atuação na cidade?
15. Como descrever _____ para quem não conhece?
16. O que você mudaria na sua cidade?
17. Como sua história de vida se relaciona com a história da cidade?
18. O que há de natureza em sua cidade?
19. Qual a sua relação com a natureza?
20. Em sua opinião, o que seria urbano?
21. Você considera que tem um modo de vida urbano? Como seria?
22. Você possui alguma relação como o campo?
23. Você prefere o campo ou a cidade? Porque?
24. O que faz para se divertir?
25. Conhece artistas em sua cidade?
26. O que fazem os artistas em sua cidade?
27. Você faria algo artisticamente? O que seria? Faria em público?
28. O que você entende por performance?

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO HÍBRIDO**

1. Nome
2. Sexo () M () F () outros
3. Idade
4. Rua e Bairro
5. Ocupação
6. Escolaridade
7. Há quanto tempo reside em Santa Inês?
8. Você recorre ou você se desloca para outras cidades para realizar alguma atividade?
Sim () Não ()
Para onde?
Para qual atividade?
Com que frequência?
9. O que você busca fora de Santa Inês, tem aqui na cidade? Caso sim, porque você se desloca?
10. O que você procura em outras cidades do Vale do Jiquiriçá e quais cidades procura fora do Vale?
11. Como estão as oportunidades de trabalho em Santa Inês?
12. Você já trabalhou em outra cidade? Sim () Qual? _____ Não ()
13. Possui alguma relação com Cravolândia, Itaquara e Jaguaquara? Sim () Qual cidade e que tipo de relação? _____ Não ()
14. O que você costuma fazer no seu dia a dia em Santa Inês?
15. Quais são os lugares de Santa Inês que você costuma frequentar e porquê?
16. Como você descreveria Santa Inês para alguém que não conhece?

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA – CIDADES DO VALE DO JIQUIRIÇÁ

01. Nome completo; idade; bairro, rua, cidade; escolaridade.
02. Me fale um pouco de você.
03. Me fale sobre sua relação com sua cidade.
04. Quais são as suas referências espaciais em sua cidade?
05. Quais são os espaços de lazer da sua cidade?
06. Como se dão as relações de trabalho/ocupação na sua cidade?
07. Descreva a sua relação com a natureza, com o comércio, os serviços e o campo.
08. Qual é o seu Vale do Jiquiriçá, ou seja, as cidades com as quais você estabelece algum tipo de relação por qualquer motivo?
09. Como sua história de vida se relaciona com a história de sua cidade?
10. Como você descreveria o Vale do Jiquiriçá para alguém que não conhece?
11. Como você descreveria a sua cidade para alguém que não conhece?
12. Você tem alguma relação com Santa Inês, Itaquara, Cravolândia e Jaguaquara?
13. O que você gostaria de falar sobre sua experiência com sua cidade e com o Vale que eu não tenha perguntado?
14. Me fale sobre o lúdico e a arte na sua cidade.

APÊNDICE D**SAMBA – POESIA:
Santa Inês e a amizade
Letra: Flávia Souza**

A história do samba - poesia
Que vamos lhe contar
Foi criado na Bahia
E lhe convido a escutar

Melodia criada de mão em mão
Ecoa o primeiro som
Surge a primeira vibração
E bem ali começa a ganhar tom

O samba canta encontros
Na cidade de Santa Inês
Bonita em muitos pontos
Ganhou espaço em nossos corações mês a mês.

Em Santa Inês - Bahia
Juntamos sonhos e sambas
Imaginando como seria
Sambar até as pernas ficarem bambas

Aqui a vida se refez
Sem querer pouco a pouco
A cidade pequena fez
Ecoar um samba rouco

De São Paulo a Curitiba
De Aracaju a Salvador
O samba teve caminho de partida
E aqui se transformou

O que acontece, Santa Inês?
Que em sua pequenez
Conseguiu tornar grande
A amizade de vocês

O que acontece, Santa Inês?
Que em sua pequenez
Conseguiu tornar grande
A amizade de vocês.

APÊNDICE E

CARTA PARA MINHA TESE

Para minha Tese com amor e dor...ou seria dor de amor?!

Fico aqui a me perguntar: porque pensei em você lá em 2017? O que me levou a fazer você ser parte da minha vida? Para que eu fui proporcionar este encontro efetivo em 2018? Foi um encontro ou foi um esbarrão? Quem sabe, né? Essas questões ainda não podem ser respondidas, nem por mim e nem por você, eu acho! você sabe por quê? Porque elas ainda estão martelando a minha cabeça após esses quatro anos.

Lá atrás, eu estava acabando de sair de uma vida de trabalho meio turbulenta. Eram várias demandas que provocava a minha circulação entre algo que era grande para algo que era pequeno. Quando acabo essa relação laboral com esse algo grande, surge uma emoção/intenção que não sabia e ainda não sei explicar direito de onde vinha. Talvez uma inquietude ou um anseio por estudar mais ou simplesmente um “fogo no rabo”.

Bom! ter esse fogo no rabo é algo bom ou ruim? Ah! vai depender do contexto, certamente. Porém, este caráter híbrido é o mais importante. Por isso, considero que foi a junção destas três vontades que me fizeram acreditar que nossa união poderia acontecer.

Após nos encontrarmos efetivamente em 2018, comecei a sentir com frequência um frio na barriga que me tomava por dentro ou as vezes aquela queimação que a minha gastrite nervosa me proporcionava, cada vez que nós nos aproximávamos mais. Estas temperaturas internas aconteciam e provocavam um turbilhão de coisas em mim, mas por fora estava ali a manutenção do meu corpo firme e seguro, para mostrar para o mundo que o nosso encontro foi possível, pois foi ao mesmo tempo leve e profundo. Talvez surgia ali um laço que fomentou uma nova trajetória de existência orgânica entre nós.

Mas, que conexão complexa é essa, dona Tese? Me diga! Por que você exige tanto de mim? São muitas mediações para dá conta. Para te atender, eu preciso que autores e autoras de diferentes áreas, lugares e epistemologias conversem entre si e, às vezes, eles e elas não estão afim, pois se fecham em suas bolhas, brigam muito, debatem, batem na mesa e marcam as suas reflexões como máximas verdades. Como sou mortal, eu fico no susto. Imagina, debater com

quem sabe todas as verdades? Mas, você apesar de muito exigente, às vezes, me acalma e diz: - Siga, pois eu quero mais desse nosso encontro. Eu quero que você me ajude a me construir também, para que eu possa somar as minhas reflexões a outras tantas que estão por aí, numa perspectiva de atuar também na interpretação desse mundo a partir de outras tantas possibilidades. Isso pode acontecer e você terá momentos de desespero, mas estamos aqui para nos apoiar. Por isso, siga para todos os lados e nós encontraremos um caminho em união.

Ao ouvir isso, eu respiro fundo...fecho meus olhos e entro em conexão com você. Eu fico sentida, porque eu sei que você quer ganhar forma, mas, ainda assim, te falo alguns palavrões. Porra! são muitos lados, você não vê? Você segurou a minha mão com força e saiu abrindo várias portas: as dos métodos, as das metodologias. Nas portas das teorias, me colocou diante de um monte de gente e disse: - Vá lá e converse com todas essas pessoas, pois elas mostrarão alguns caminhos.

Quando entro e vou conversar com estas pessoas, as dificuldades interpretativas explodem e, às vezes, a dificuldade do idioma trava o nosso bate papo. Tô ferrada, eu penso! Fico retada, porque você é boa, muito boa, para abrir estas portas e, às vezes, janelas e basculantes também, mas você precisa me ajudar a encostar cada porta, uma a uma, com respeito, coerência, horizontalidade, para que toda a nossa intersubjetividade seja potência.

Aí, lá vem você de novo e diz: - Respire, sinta a vida! Nós vamos encostar estas portas e vamos ser um só corpo! o seu ser-e-estar-no-mundo, está presente em cada linha escrita em mim. Por isso, a nossa união se baseia naquilo que Husserl chama de intencionalidade operante. E, como você já sabe, Merleau Ponty a explica como “aquela que forma a unidade natural e antepredicativa do mundo e de nossa vida, que aparece em nossos desejos, nossas avaliações, nossa paisagem, mais claramente do que no conhecimento objetivo, e fornece o texto do qual nossos conhecimentos procuram ser a tradução em linguagem exata. A relação ao mundo, tal como infatigavelmente se pronuncia em nós, não é nada que possa ser tornado mais claro por uma análise: a filosofia só pode recolocá-la sob nosso olhar, oferecê-la à nossa constatação (MERLEAU PONTY, 2006, p. 16)”.

Escuto isso e penso, tá bem, você me convenceu. Mas, Husserl e Ponty não são aqueles caras europeus, que escreveram sobre um mundo da vida outro que me fez vibrar quando li por muitas vezes e que agora você me diz que não posso “simplesmente” inseri-los no meu estudo? Que

eu preciso trabalhar uma “situacionalidade cultural de nossas teorias” (SOUZA, 2018)? E agora, dona Tese, como faço isso? Tá vendo que você não dá uma trégua? Quando nos encontramos, tinham momentos que eu só queria ter o grande prazer de construirmos uma história. Nossas experiências se cruzariam de maneira tão profunda e tão terna que muitas vezes, eu só sentia necessidade de te abraçar. Aí, você me diz: - Oxe! Abrace sim. Abrace as teorias, aconchegue as metodologias e se delicie como as interpretações!

Aí, eu penso: muito engraçada você. Eu queria muito compartilhar as minhas tensões com você, mas eu não tinha noção do quanto seria difícil. Mas, veja que loucura! Você não tem limites, dona Tese. Como você pode me jogar no fundo do poço e depois me levar às alturas? É sério isso? Mas, veja de novo. Para quem o fundo do poço é algo negativo, bom ou ruim? E quem disse que estar nas alturas é motivo de sucesso? Ferrou! Tô atordoada, tô enlouquecendo!

Aí você me diz novamente: - Não dá pino nessa cabeça! espera aí! Respire, observe, viva, sinta, descreva o fenômeno e respire de novo, pois o nosso método - as várias fenomenologias - clama por isso. Contextualize a realidade socioespacial e interprete o seu fenômeno como seu ser-e-estar-no-mundo.

Daí, inspirada nessa sua animação, na sua potência poética, eu começo a acreditar na possibilidade de muitos encontros para uma outra vida possível. Você me ensina uma transformação individual e coletiva. Você acredita ser possível e se mantém aí, ao meu lado, para provocar sentimentos, emoções, ilusões, imaginações e utopias. Você me permite sonhar.

Dona Tese, nosso encontro é fenomenológico! Ponto. Certamente, é a partir das inúmeras interpretações deste método que neste momento nós podemos ter esse “diálogo lúdico” (bell hooks). O meu entusiasmo está vinculado à minha autonomia neste diálogo, porque aqui posso te dizer o que penso sobre nossa relação.

Como em toda questão de familiaridade temos rugas, principalmente quando fico muitas horas olhando insistentemente para você e você fica de birra e não me diz nada, nada, nada, aí eu fico braba.

Como você tem coragem de me deixar com várias páginas em branco? Isso me irrita e me deixa com vontade de mandar você para o inferno. Mas, ainda bem que essa vontade passa, porque,

às vezes, também não sei viver sem você, por isso te escrevo agora com amor e dor...ou seria dor de amor?

Sua forma de lidar comigo, seu jeito de me fazer sentir e experienciar o meu campo é marcado por um amor que nem você consegue explicar. A sua relação comigo é a mais profunda. Sabe por quê? Porque você se entrega de corpo inteiro. Porque você sente, vive e entende que eu posso entregar o melhor mim. Quando nos encontramos compomos uma história unida, às vezes, singular, às vezes frágil, mas às vezes também potente em teorias e em metodologias.

Querida Dona Tese! Você com sua singularidade e potencialidade me fez e faz querer mais!

Que meu ser-e-estar-no-mundo resulta das conexões com outras experiências;

Que nossas trajetórias são/estão imbricadas por questões de gênero, raça e classe (ROSA, 2022) e que, por isso, importantes travessias se abrem e também se fecham;

Que nestes momentos, devemos refletir o mundo tal como ele é: somos corpos negros, gordos, deficientes, somos diversos. Mas, as relações de poder nos inserem em um mundo cruel que define um padrão eurocêntrico como verdade máxima e adoce quem não se enquadra nesta verdade;

Que necessitamos ser caminhanes e, assim, percorrer por portas abertas;

Que uma pesquisa que envolve corpo clama por teorias e metodologias que constituam a interpretação de um corpo-mundo vivido.

Enfim, considero que esta é a primeira de muitas cartas que trocaremos. Considero que nosso encontro tem a intencionalidade operante de nos mostrar, de nos exibirmos ao máximo. Nós estamos aqui para criar! Uma criação lúdica, poética e performática como expressão do mundo vivido.

Ah! Minha querida dona Tese, como imagino, quase chorando, que somos capazes de tornar essa criação uma realidade? Uma realidade que será materializada em você! Você sabe, né? eu vou te usar para manifestar nossa criação conjunta. É você que vai me exhibir, é através de você que mostrarei as minhas fragilidades e potencialidades. É junto com você que irei passar por arguições que me farão refletir os sentidos dos caminhos que trilhamos. Com você terei embasamento para promover debates e construir novos aprendizados.

Sinto que nossa conexão não foi à toa. Havia um sentido ali, aquele pelo qual nos aventuramos a investigar a realidade e ainda não sabemos o porquê. Foi o tal “fogo no rabo”, você não acha? Acha sim, né? Pois, estou certa que você me diria: - Eita! rapaz, nem me fale viu, se não fosse esse seu “fogo no rabo”, eu certamente não existiria!

Ah! Dona Tese, o fato é que nosso envolvimento sinaliza uma ternura, uma angústia, um medo e várias poesias. Seguiremos felizes e obrigada por tanto!

Por Flávia Silva de Souza.

